UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

ADAN PHELIPE CUNHA

**A Emergência da Hipótese do
Relativismo Linguístico em
Edward Sapir (1884-1939)**

São Paulo
2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

A Emergência da Hipótese do Relativismo Linguístico em Edward Sapir (1884-1939)

ADAN PHELIPE CUNHA

*Dissertação apresentada ao Programa de
Semiótica e Linguística Geral, do
Departamento de Linguística da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo,
como requisito para a obtenção do título
de Mestre.*

*Área de Concentração: Historiografia
Linguística*

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Fernandes Salles Altman

São Paulo
2012

EPÍGRAFE

*Scientists fight for their theories not because
they believe them to be true but because they
wish them to be so.*

*“Os cientistas lutam por suas teorias não
porque acreditam que elas sejam
verdadeiras, mas porque desejam que isto
elas o fossem”.*

Edward Sapir, *Symbolism* (1934: 567)

DEDICATÓRIA

*Aos meus queridos avós Senhorinha e Benedito,
este trabalho sempre se deveu a vocês.*

*E aos familiares e amigos,
para que a vida sempre valha muito a pena.*

AGRADECIMENTOS

Diversas são as pessoas a serem agradecidas, no momento em que voltamos a respirar, por a cabeça no lugar, e bater o martelo dizendo: terminei a dissertação! A confecção deste longo texto, que toma horas e horas, bom um por período de tempo, é uma atividade individual, mas nunca solitária: muitas são as pessoas que nos auxiliam, em diversos momentos. Além do mais, este é sempre o momento no qual lembramos que há um coração que pulsa por trás destas páginas que tentam ser sóbrias.

Agradeço, primeiramente, minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Cristina Altman, por tudo que aprendi com ela, por todo o apoio e incentivo que me deu ao longo deste Mestrado, pelos puxões de orelha na hora certa, e pelos seus sábios conselhos. Mas, principalmente, por ter sido sempre uma excelente leitora de meu trabalho. Com sua experiência e modelo a serem seguidos, seguramente posso afirmar que, as eventuais falhas desta dissertação são inteiramente de minha responsabilidade, pois ela sempre esteve presente quando solicitei. Meu sincero agradecimento a quem será sempre uma grande orientadora para mim.

Agradeço também aos professores das disciplinas que cursei. Cada um dos senhores me permitiu refletir sobre algum aspecto específico da obra de Sapir: Prof. Dr. Ángel Corbera Mori (IEL/Unicamp), Prof.^a Dr.^a Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (DL/FFLCH/USP), Prof.^a Dr.^a Margarida Maria Taddoni Petter (DL/FFLCH/USP). Gostaria de destacar a Prof.^a Dr.^a Olga Ferreira Coelho (DL/FFLCH/USP) e a Prof.^a Dr.^a Margarida Maria Moura (DA/FFLCH/USP), que foram como coorientadoras para mim: a primeira por também ser da Historiografia Linguística, e a segunda por ser especialista, dentre outras áreas, em Antropologia boasiana. Muito obrigado por toda a ajuda e pelo muito que me ensinaram.

Também devo meus sinceros agradecimentos aos professores que compuseram minha banca de qualificação: Prof. Dr. Marcos Lopes (DL/FFLCH/USP) – que sempre relembro, foi meu primeiro professor em Elementos de Linguística, o que certamente ajudou a tomar gosto pela disciplina – e a Prof.^a Dr.^a Evani de Carvalho Viotti (DL/FFLCH/USP). Estes dois professores leram atentamente o relatório, e fizeram comentários bastante apropriados, o que sem dúvida, auxiliou-me muito na etapa subsequente.

Não posso deixar de destacar os funcionários do DL/USP: Ben Hur Euzébio e Robson Dantas Vieira, meu “muito obrigado” pelas informações e auxílios, sempre quando precisei. E claro, Erica Flávia de Lima, também funcionária, que aguenta a nós, pós-

graduandos. Um muito obrigado, bem grande. Sem você, não há qualificação, não há depósito, e não haveria nem entrevista. Você foi fundamental em todas as etapas desta dissertação.

Agradeço aos amigos que fiz, no CEDOCH, amigos para a vida: Roberta Ragi (obrigado pelos conselhos, risadas e cafezinhos), Bruna, Stela, Julia, Patrícia, Mariana, Jéssica, Rebeca, Wellington; e os amigos mais experientes do grupo: Ceda, Beatriz e Ronaldo.

Agradeço também ao Prof. Dr. José Borges Neto e Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves, ambos da UFPR, e ao amigo Alessandro Beccari, do mesmo grupo de pesquisa.

E como se a lista já não estivesse grande o bastante, menciono as pessoas que ajudaram neste trabalho indiretamente, dando-me o apoio, o conselho, o sorriso ou o ombro necessário no momento certo. Início pela minha família, meus avós a quem dedico este trabalho, meu pai, minha mãe, minha madrastra, meu padrasto, meus queridos irmãos: Gabriel, Arthur, Juninho, Ana Clara e o mais novinho Brian. Meus tios e tias (em especial, Tia Dita, Tia Maria e Tia Gisele), meus padrinhos (Jânio e Goreti), meus inúmeros (mas muito queridos) primos (e se eu citar nomes, gero desavenças familiares, mas cada um tem um lugar especial no meu coração), com destaque para a Fernanda, minha prima-irmã. Também não posso esquecer a família Drago, meus vizinhos, que são e sempre serão parte da família.

E finalizo com os amigos, aquela família que a gente escolhe, ou é escolhido por eles, enfim. Bruna Lazarini e Elisabete Vieira, irmãs, mães, amigas para tudo. Obrigado pela paciência com o amigo mestrando, não é fácil. E meus muito e queridos amigos, por blocos: Da USP: Ligia X., Jo R., Alci P., Fernanda B., Tatiana A., Thiago O., Suellen D., Mari F., Vitor L., Vanessa P., Laura C., Dani R., Valéria R., Ana A., Renata C., Fábio R., Bruno S., Marcela M.; Da ETE: Alana M., Bruna Coelho, Rafael H., Jaqueline A., Pedro J., Ricardo K., Paola P., Deborah P., Letícia S., Michelle O., Raquel P., Vitor B., F. Munhoz, Victor J., F. Gouvêa; Vitor K., Vitor S., Rafael G. e Alessandro M.; Edivaldo (Presidente) e os amigos do curso técnico; e da vida: Samara B., Denise Silva, Rita, Larissa P., Poliana N. e irmãs, Dani Bonomi, Dani Gutilla, Sabrina C., Orlando B. e Ângela Torres. Aos amigos que estão pelo mundo. E aos amigos que estão no coração, mas que, no momento, a memória falha. Se eventualmente faltou alguém, e certamente faltou, sintam-se agradecido também. Meu carinho e meu muito obrigado.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao CNPq, agência que financiou esta pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação teve por objeto delinear alguns fatores relativos ao processo de emergência da leitura dos trabalhos do linguista e antropólogo norte-americano Edward Sapir (1884-1939) como um dos proponentes de um conjunto de afirmações acerca da natureza das línguas naturais, agrupadas sob o rótulo “relativismo linguístico”, cujo debate recebeu bastante atenção dos antropólogos linguistas estadunidenses, na primeira metade do século XX. Costuma-se afirmar que o “relativismo linguístico” seja uma hipótese, que alega que a língua pode moldar a percepção da realidade, o pensamento ou a cultura. Visto o nome de Sapir estar associado ao de Whorf, como o rótulo “hipótese Sapir-Whorf” indica, e que este rótulo tem sido bastante utilizado atualmente para se referir ao “relativismo linguístico”, efetuou-se o rastreamento de alguns conceitos fundamentais nesta discussão, dentro do quadro teórico proposto por Sapir, tal como suas concepções acerca da língua, da cultura e do pensamento, com vistas a avaliar a procedência de sua recepção como um relativista. Havido sido este trabalho conduzido sob a metodologia da Historiografia Linguística, buscamos também resgatar os fatores contextuais nos quais tais proposições teóricas emanaram. Por fim, propomos a discussão da configuração do termo “relativismo” no horizonte teórico do autor, visando fornecer uma perspectiva de leitura diferente da proposta, atualmente, por inúmeros manuais de História da Linguística.

Palavras-chave: Edward Sapir (1884-1939); Relativismo Linguístico; Hipótese Sapir-Whorf; Estruturalismo; Linguística do século XX.

ABSTRACT

This dissertation had as its objective to outline some factors related to the emergence process of reading the American anthropologist and linguist Edward Sapir's (1884-1939) papers as one of the proponents of a set of assertions about the nature of natural languages, grouped under the label "linguistic relativity", whose debate received much attention from American linguistic anthropologists, during the first half of the twentieth century. It is often said that the "linguistic relativity" is a hypothesis, which argues that language can shape the perception of reality, thought or culture. Since Sapir's name has been associated with Whorf's, as the label "Sapir-Whorf hypothesis" indicates, a term widely used today to refer to "linguistic relativity", we carried out tracking of some fundamental concepts in this discussion, within the theoretical framework proposed by Sapir, as his conceptions of language, culture and thought, in order to assess the merits of its reception as a relativist. As this research was conducted under the methodology of Linguistic Historiography, we have also sought to rescue the contextual factors in which such theoretical propositions have emanated. Finally, we propose to discuss the setting of the term "relativism" in the author's theoretical horizon, aiming to provide a reading perspective fairly different from the ones proposed currently by numerous handbooks on the History of Linguistics.

Key-words: Edward Sapir (1884-1939); Linguistic Relativity; Sapir-Whorf Hypothesis; Structuralism; XX-century Linguistics.

SUMÁRIO

EPÍGRAFE	i
DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO.....	v
ABSTRACT	vi
 CAPÍTULO I: TRÊS LEITURAS DE SAPIR.....	 7
1.1. Sapir como um ‘Estruturalista’	9
1.2. Sapir como um ‘Mentalista’	19
1.3. Sapir como um ‘Relativista’	23
1.4. Cram (2007) e a Vida Útil das Teorias	30
 CAPÍTULO II: PELA EMERGÊNCIA DE UMA HIPÓTESE: QUESTÕES METODOLÓGICAS	 36
2.1. Objetivos	37
2.2. Periodização: 1907-1954	38
2.3. Material de Análise	41
2.3.1. Fontes Primárias e seus Critérios de Seleção	41
2.3.2. Fontes Secundárias e seus Critérios de Seleção	46
2.4. Parâmetros de Análise.....	47
2.4.1. Parâmetros Externos.....	47
2.4.2. Parâmetros Internos.....	49
 CAPÍTULO III: EDWARD SAPIR E A LINGUÍSTICA NORTE-AMERICANA DO INÍCIO DO SÉCULO XX	 51
3.1. Sapir: do indivíduo ao linguista e antropólogo	52
3.1.1. Vida Familiar	52
3.1.2. Anos de Formação.....	53
3.1.3. Vida Profissional	56
3.1.4. Produção Intelectual.....	58
3.1.5. Falecimento	59
3.2. Sapir como um <i>Boasiano</i>	60
3.2.1. Franz Boas (1858-1942).....	60

3.2.2. A Escola Boasiana de Antropologia	62
3.2.3. A Questão do Homem Primitivo e a Superioridade das Raças	64
3.2.4. O Particularismo Histórico	68
3.2.5. A Linguística	71
3.2.6. Autonomia e Institucionalização da Linguística Norte-Americana	76
3.3. Caminhos pelo Surgimento do Termo “Hipótese Sapir-Whorf”	78
3.3.1. O Professor Sapir (1925-1939)	78
3.3.2. Benjamin Lee Whorf (1897-1941) e a hipótese conjunta	84
3.3.3. Acerca do Trabalho “ <i>The Relation of Habitual Thought and Behavior</i> ” (Whorf 1941)	90
3.3.4. A Cunhagem do Termo “Hipótese Sapir-Whorf” (1954)	93

CAPÍTULO IV: RELAÇÕES ENTRE A LÍNGUA, O PENSAMENTO E A CULTURA NA OBRA DE SAPIR96

4.1. O Conceito de Língua em Sapir	97
4.1.1. ‘Língua/Linguagem’ (<i>Language</i>)	97
4.1.2. ‘Fala’ (<i>Speech</i>)	107
4.1.3. ‘Comunicação’ (<i>Communication</i>)	110
4.1.4. ‘Gramática’ (<i>Grammar</i>)	112
4.1.5. ‘Padrão’ (<i>Pattern</i>)	114
4.1.6. ‘Comportamento’ (<i>Behavior</i>)	122
4.2. As Relações entre Língua e Pensamento	126
4.2.1. ‘Pensamento’ (<i>Thought</i>)	127
4.2.2. ‘Simbolismo’ (<i>Symbolism</i>)	131
4.3. As Relações entre Língua e Cultura	134
4.3.1. ‘Cultura’ (<i>Culture</i>)	135
4.3.2. ‘Gênio’ (<i>Genius</i>)	143
4.3.3. Interface ‘Língua’ e ‘Cultura’	147
4.4. Relativismo (<i>Relativity</i>)	153
4.4.1. Sapir 1929: “ <i>The Status of Linguistics as a Science</i> ”	154
4.4.2. Sapir 1924a: “ <i>The Grammarian and his Language</i> ”	160
4.4.3. Sapir 1931f: “ <i>Conceptual Categories in Primitive Languages</i> ”	164

CAPÍTULO V: SAPIR, RELATIVISMO E A HISTORIOGRAFIA DA LINGUÍSTICA	167
5.1. Retomando o Sapir ‘relativista’	168
5.2. Vida Útil, Rótulos e Recepção de Teorias: a hipótese Sapir-Whorf	178
CONCLUSÃO.....	183
Sapir como um ‘Humanista’	184
BIBLIOGRAFIA	186

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Uma investigação sobre um grande autor nunca é tarefa fácil. E certamente, Edward Sapir merece ser reconhecido como um grande autor. Se seu nome muitas vezes tem parecido mais história que ciência, de maneira absoluta isto se relaciona à falta de qualidade de seu trabalho, ou à superação de suas ideias pelo momento atual. Embora haja falecido 73 anos antes deste trabalho, suas ideias são impressionantemente atuais à nossa geração. Sapir parece ter antevisto, mesmo que em poucas linhas, boa parte da discussão que a Linguística Ocidental efetuará ao longo do século XX. Entretanto, nosso objetivo não é caracterizar a ciência contemporânea enquanto agentes participativos eventualmente inseridos neste processo, muito menos confeccionar mais outro trabalho no qual se lamente o “presentismo” de nossa geração. Além do mais, também não é proposta nossa reconstituir o percurso de um herói, cujas proposições sejam infalíveis. Nosso autor é tão humano quanto os demais, e deste modo, passível de erros enquanto qualquer cientista. Nada disto é parte do escopo desta pesquisa.

Enquanto historiógrafos, nossa missão parece ser retomar um autor esquecido, seja para apresentar ao pesquisador contemporâneo outra possibilidade de resposta a um problema ainda não resolvido, se há, de fato, questões plenamente superadas dentro de um campo do saber, seja resgatar, ao debate, ideias que não se encontrem tão evidentes em um dado momento. E não que Sapir não tenha sido lido em seu tempo, muito pelo contrário. O ponto é que seus textos, de certo modo, deixaram de ser lidos atualmente.

Observe que o mesmo não se aplica a suposta discussão de suas ideias. A simples existência de uma alegada ‘hipótese Sapir-Whorf’, mesmo que já estando plenamente imbricada e diluída, pelo processo de recepção das ideias, processo este que muitas vezes gera circularidades e deturpações em relação ao conteúdo original dos trabalhos que visam a discutir.

Neste ponto, é preciso esclarecer que este trabalho não é a reconstituição do pensamento original do autor. A intencionalidade deste em relação a seus trabalhos jamais é acessível ao pesquisador, por razões um tanto óbvias. O fato do autor não estar mais vivo parece uma delas. Não porque este tenha plena consciência do que haja afirmado, isto é, da implicação de suas teorizações, sendo assim autoridade em relação a aquelas, mas simplesmente porque desta maneira, não há qualquer possibilidade de

rebate e/ou refutação no desenrolar de suas conjecturas. Não é possível a nenhum cientista, desta época afirmar, Sapir diria isto quando diante deste problema, ou esta seriam suas considerações ao refletir sobre tal temática. Debruçando-nos sobre o passado, apenas nos é lícito relatar o que foi dito pelo autor, ou seja, o que se encontra registrado em seus trabalhos. Mais que isto seria especulação pura.

Certamente, este trabalho, assim como outros, é sempre uma interpretação efetuada diante de dados recolhidos em fontes, selecionadas através de critérios, estes últimos nem sempre absolutos. A narrativa aqui delineada é sempre um constructo humano, pois nos parece impossível reproduzir toda a realidade, sempre muito mais ampla que nossas verdades estão dispostas a representar, e este texto é sempre um recorte sobre um conjunto de acontecimentos muito mais amplo.

Assim como quando observamos um quadro, verificamos que alguns detalhes são mais salientes que outros, a interpretação historiográfica elenca alguns fatos considerados mais proeminentes que os demais, com objetivo de reconstituir a realidade, estabelecendo com ela uma relação de iconicidade.

Esta historiografia, portanto, não é necessariamente linear, muito menos absoluta. Intitulada “A Emergência da Hipótese do Relativismo Linguístico em Edward Sapir”, já ressaltamos que um nome mais preciso substituiria este título por “a emergência de uma hipótese”: outras seriam possíveis, elencados outros fatores.

A motivação de nossa pesquisa, deste modo, se inicia pela existência de um rótulo “hipótese Sapir-Whorf” para a “hipótese do relativismo linguístico”. Segundo diversos trabalhos, dos quais passaremos a exposição em seguida, a hipótese Sapir-Whorf, seria uma proposta teórica sob a qual se afirma que a língua é um dos agentes restritores, ou mediadores, da realidade.

Construído este breve panorama, temos que este trabalho, portanto, procurou investigar a inter-relação entre três temas: (i) o linguista norte-americano Edward Sapir; (ii) seu papel e inserção no quadro Estruturalista, da Linguística do início do século XX, nos Estados Unidos; e (iii) o desenvolver de sua proposta teórica em conjunção com a temática do relativismo linguístico. O entrecruzamento destes temas foi realizado sob a perspectiva da Historiografia da Linguística.

De imediato, cabe lembrar, novamente, que este trabalho concentra seu olhar sob os primeiros anos do século XX. É nesta época que se observa o surgimento de uma disciplina acadêmica intitulada Linguística, no contexto dos Estados Unidos.

Edward Sapir (1884-1939) foi um dos mais reconhecidos linguistas em seu tempo. Formado inicialmente na Filologia Germânica, foi pela Antropologia de sua época que entrou em contato com uma área denominada Linguística, através do antropólogo Franz Boas (1858-1942). Seu contato com Boas faz o filólogo Sapir abandonar sua exclusiva atenção às línguas indo-europeias, para dedicar-se ao estudo de outras famílias linguísticas, e assim discutir uma teoria sobre as línguas humanas. Esta dedicação a outras línguas, menos prestigiadas, como as línguas indígenas da América do Norte, as línguas africanas e as asiáticas, dentre algumas das línguas que ele teve a oportunidade de estudar, fez com que Sapir fosse um grande defensor de uma Linguística separada de outras disciplinas, que se proporia a fazer generalizações sobre seu objeto de investigação, com base no maior número possível de línguas. Esta Linguística não se interessaria apenas pela forma ou pelas estruturas gramaticais, mas também pela contribuição com outras ciências sociais, na discussão sobre o objeto “ser humano”.

Esta discussão ocorreu nos Estados Unidos, entre o final do século XIX e início do século XX, época e local onde Sapir viveu a maior parte de sua vida. Neste mesmo período, exatamente em 1916, na França, é apresentado à comunidade acadêmica ocidental o livro que ficará consagrado na história da Linguística como seu precursor, pelas gerações posteriores, o famoso *Cours de Linguistique Générale*, de Ferdinand de Saussure (1857-1913). Junto ao Curso, emerge em nossa disciplina um movimento teórico debatendo do conceito de ‘sistema’, posteriormente denominado Estruturalismo.

O Estruturalismo foi uma escola linguística que enfatizou a diversidade das línguas do mundo. E no contexto norte-americano, este Sapir estruturalista, acabou entrando para o cânone de sua disciplina como um dos maiores proponentes da hipótese do relativismo linguístico, através do atrelamento de seu nome ao de seu aluno Benjamin Lee Whorf (1897-1941).

Esta dissertação é, portanto, uma discussão sobre este autor e seu envolvimento com a temática do relativismo linguístico. Esta exposição encontra-se dividida em 5 capítulos, os quais explicamos um pouco neste momento.

O primeiro capítulo, “*Três Leituras de Sapir*”, é uma tentativa de construção do problema, através da apresentação de algumas leituras sobre Sapir, contidas nos manuais de história da Linguística. Os manuais são interessantes por demonstrarem claramente determinadas visões já cristalizadas, de uma época específica sobre um determinado tema, dado seu caráter introdutório, de divulgação de uma determinada

disciplina ou tema. Selecionamos manuais de fácil acesso à nossa comunidade acadêmica, e portanto, bastante acessíveis aos estudantes de Linguística.

Nestes manuais, buscamos as leituras sobre Sapir, e às agrupamos sob três designações: ‘Sapir estruturalista’, ligado a esta escola do pensamento linguístico; ‘Sapir mentalista’, leitura está realizada dentro do tema do Estruturalismo norte-americano, em polarização com seu colega Leonard Bloomfield (1887-1949), e o ‘Sapir relativista’, objetivo específico de investigação deste trabalho. Através desta leitura extraída dos manuais, conseguimos estabelecer um primeiro interlocutor para esta dissertação aqui apresentada. A última seção deste capítulo, ‘Cram (2007) e a Vida Útil das Teorias’ resenha nossa fundamentação teórica de base, o modelo historiográfico de David Cram, acerca das dinâmicas sobre como teorias e autores são lidos em diferentes épocas.

O segundo capítulo, *“Pela Emergência de uma Hipótese: Questões Metodológicas”* apresenta o quadro metodológico utilizado neste trabalho, isto é, nossos objetivos, a periodização desta pesquisa, as fontes selecionas, e os parâmetros de investigação que nortearam nossa leitura destas fontes, com vistas à confecção dos capítulos analíticos subsequentes.

O capítulo três, *“Edward Sapir e a Linguística Norte-Americana do Início do Século XX”*, cujo enfoque foi a análise de dados contextuais, organizou-se em três eixos fundamentais. Primeiramente, observamos Edward Sapir enquanto indivíduo, apresentando informações sobre sua vida familiar, seus estudos, sua profissionalização, sua produção intelectual, e um breve comentário sobre sua morte. Depois, seccionamos o eixo temporal da vida de Sapir em dois eixos: um no qual pudemos observá-lo enquanto aluno; e um segundo, no qual pudemos analisá-lo como professor. Enquanto aluno, observamos Sapir enquanto membro da escola *boasiana* de Antropologia; já como professor, é que recontamos a construção do termo hipótese Sapir-Whorf.

Intitulado *“Relações entre a Língua, o Pensamento e a Cultura na obra de Sapir”*, o quarto capítulo buscou apresentar as ocorrências dos doze termos que foram rastreados nos trabalhos de Sapir, a saber: ‘língua’, ‘fala’, ‘comunicação’, ‘gramática’, ‘padrão’, ‘comportamento’, ‘pensamento’, ‘simbolismo’, ‘cultura’, ‘gênio’ e ‘relativismo’. Através do levantamento em diversos textos do autor, nosso objetivo foi apresentar sua concepção acerca destes termos, com o objetivo de clarificar sua eventual proposta relativista.

No quinto capítulo, efetuamos algumas considerações acerca de um possível “*relativismo sapiriano*” e retomamos a proposta de Cram (2007), para a leitura dos rótulos “hipótese Sapir-Whorf” e “relativismo linguístico”. A presente discussão encerra-se apresentando Sapir como um humanista, em nossa conclusão.

CAPÍTULO I

CAPÍTULO I

Três Frequentes Leituras de Sapir

A investigação sobre Sapir nos manuais gerais de história da Linguística nos revela um pouco a maneira como seus textos têm sido recebidos ao longo dos anos. Ainda que estejamos, em diversos momentos, enfatizando que nosso objeto de reflexão não seja a problematização desta recepção, sem dúvida, os manuais nos permitem ter uma ideia do *status quo* sobre como Sapir vem sendo apresentado às gerações em formação, seja nos cursos de introdução à Linguística, seja nos materiais de referência. Diante dos muitos “-ismos” com os quais nos deparamos nestas leituras, optamos por agrupá-los em três leituras mais salientes.

Observaremos que os temas aqui separados em três agrupamentos estão, até certo ponto, dissolvidos em quase todos os textos apresentados, a despeito de suas especificidades. Esta apresentação inicial não se pretende, de maneira alguma, exaustiva. Nosso objetivo, neste momento, é apenas observar o que se tem dito sobre Sapir, em manuais e textos de fácil acesso ao estudante de Linguística no Brasil. Certamente, a disponibilidade e acessibilidade aos textos foi o critério de seleção para os manuais que apresentaremos em seguida.

Iniciaremos pela exposição de algumas ocorrências acerca da visão de Sapir como um estruturalista, abordagem esta mais recorrente, e aparentemente pouco controversa, cujo uso, muitas vezes, parece levar em consideração mais a época na qual o autor viveu [por encaixar diferentes pesquisadores em distintas “escolas de pensamento”, estas correlacionadas ao tempo cronológico, no qual a disciplina se desenvolve] que ser resultada de uma discussão aprofundada sobre o que venha a ser o Estruturalismo, de fato. Para encontrarmos o “Sapir estruturalista”, basta buscarmos um manual de Linguística, que aborde a temática do Estruturalismo, e logo, na maioria dos casos, encontraremos o nome de Sapir.

Em seguida, discorreremos brevemente sobre a leitura de Sapir como um “mentalista”, leitura esta que o coloca em oposição a seu colega linguista Leonard Bloomfield (1887-1949), considerado mecanicista, e que foi coetâneo de Sapir. Esta já é uma discussão menos ampla que a anterior [Sapir estruturalista], pois se delineia ao observar o momento inicial da Linguística, enquanto disciplina institucionalizada, no

contexto norte-americano. Tem-se que Sapir e Bloomfield foram as principais lideranças (Murray 1993) desta época, e esta leitura visa a apreender, então, características dos dois autores, observadas em contraposição.

Baseado ainda nos manuais, as últimas considerações a serem feitas são sobre o “Sapir relativista”, leitura esta mais intrinsecamente ligada a nosso objeto de investigação, o relativismo em Sapir. É com base nestes trabalhos [=manuais] que estabelecemos um “interlocutor” inicial, uma vez que estes textos demonstram claramente a cristalização de uma leitura sobre o que se considera hoje como o “relativismo de Sapir”, a qual podemos denominar como “leitura canônica”. Nosso objetivo, nos demais capítulos deste trabalho, será justamente expor alguns outros fatores, que frequentemente têm sido omitidos por outros autores. Será com base neste conjunto de dados, por nós levantados, que poderemos reavaliar a viabilidade destas leituras aqui brevemente expostas, extraídas dos manuais.

Encerramos o capítulo com a apresentação de proposta de Cram (2007), e sua discussão sobre a vida útil das teorias científicas, discussão esta que retomaremos no último capítulo desta dissertação.

1.1. Sapir como um ‘Estruturalista’

Nos manuais de história da Linguística, a leitura de Sapir como um estruturalista parece ser a mais frequente, e todos os demais “-istas” que se aplicam, aparentemente, serão decorrência deste enquadramento. Como reconhecem os autores aqui a serem brevemente expostos, “*o termo estruturalismo tem sido usado como um rótulo para qualificar certo número de diferentes escolas de pensamento linguístico*” (Weedwood 2002: 126). Os manuais de História da Linguística, frequentemente, costumam agrupar os autores cujos trabalhos se desenvolveram na primeira metade do século XX sob esta designação, falando-se assim de uma Linguística Estruturalista. Encontraremos o nome de Sapir nesta seção dos manuais, na maior parte [senão na totalidade] das vezes.

Considera-se o marco inicial deste período a publicação, em 1916, do *Cours de Linguistique Générale*, de Ferdinand de Saussure (1857-1913), autor este tido pelas gerações posteriores como o precursor da Linguística contemporânea. Nosso objeto de investigação, entretanto, não é Saussure ou o Estruturalismo dele advindo.

Edward Sapir, como sabemos, viveu e publicou na América do Norte. Os manuais que aqui consultamos afirmam que esta tradição, na qual Sapir está inserido, se

desenvolveu paralelamente às ideias de Saussure: fala-se então de um ‘Estruturalismo norte-americano’. Ainda que tenha se desenvolvido paralelamente, os autores reconhecem que “o estruturalismo americano e o europeu compartilham um bom número de características” (Weedwood 2002: 129).

Reconhecem os autores, como Weedwood, que mesmo separadas por um oceano, tanto a Linguística estruturalista norte-americana quanto a Linguística estruturalista europeia se caracterizaram pela utilização da noção de sistema em suas investigações sobre o objeto de análise ‘língua’, enfatizando a diversidade estrutural dos sistemas linguísticos existentes, e a descrição destes sistemas em bases sincrônicas, como proposto em Saussure (1916):

Ao insistir na necessidade de tratar cada língua como um sistema mais ou menos coerente e integrado, os linguistas europeus e norte-americanos daquele período tenderam a enfatizar, senão a exagerar, a incompatibilidade estrutural das línguas individuais. (Weedwood 2002: 129).

O nome ‘Estruturalismo’ implica necessariamente o termo ‘estrutura’. O problema que se coloca é que quase toda a produção de conhecimento nas ciências da linguagem, até certo ponto, se interessa por estruturas [linguísticas]. É fato que nem todo pensamento que fale sobre ‘estruturas linguísticas’ seja estruturalista: isto seria, de maneira geral, Linguística estrutural¹, e não necessariamente estruturalista. Até hoje inúmeros linguistas se interessam pela descrição e análise de estruturas, sem serem considerados estruturalistas.

Lepschy (1975: 12) afirma que o conceito fundamental para se caracterizar um autor como estruturalista, em Linguística, parece então ser haver operado com a noção de língua enquanto um sistema autocontido e autônomo que “*exerce sua função comunicativa graças ao fato de ser formada por elementos que mantêm entre si determinadas relações e que vêm definidos, precisamente, com base em tais relações*”.

A Linguística estruturalista norte-americana, deste modo, será concebida como o período dos estudos linguísticos, na América do Norte, que se interessou pela investigação de diferentes línguas tais como se encontravam no período em que eram descritas, enxergando estas línguas como sistemas autônomos, cujos elementos se

¹ Mesmo o termo ‘Linguística estrutural’ pode adquirir uma utilização terminológica diferente. Lepschy (1975), por exemplo, opõe em seu manual o termo ‘Linguística estrutural’, que caracterizaria a Linguística norte-americana *pós-bloomfieldiana* à ‘Linguística funcional’, uso mais ligado aos trabalhos de Roman Jakobson (1896-1982) e André Martinet (1908-1999), e advindos destes, mais restrito ao contexto europeu (cf. op. cit.: 129).

constituíam através de relações opositivas entre si. Embora seja Ferdinand de Saussure o autor reconhecido como o formulador desta ideia, afirma-se (cf. Ivić 1965, por exemplo) que os estruturalistas norte-americanos chegaram a esta conclusão por vias próprias.

E é de fato na seção “Estruturalismo” que encontraremos então, na maior parte das vezes, a apresentação de algumas ideias sobre o autor aqui em questão. Outros “ismos” também surgem em nosso caminho. Ilustremos nossa discussão com alguns trechos, que nos permitirão delimitar melhor a questão.

Nesta primeira passagem, observamos a retórica da semelhança entre os Estruturalismos norte-americano e europeu, ainda que surjam posteriores diferenças. Destaca-se também o interesse pela sincronia, nesta escola, além da menção ao nome de Sapir, junto ao de Leonard Bloomfield:

A linguística, nos Estados Unidos, não apresentava, mesmo depois da primeira guerra mundial, diferenças importantes em relação à linguística europeia (de tradição anglo-saxônica em particular). [...]. Mas é sobretudo depois de 1920 que, na linguística estadunidense, vêm-se desenvolvendo características específicas com relação à linguística europeia. De um lado, temos a predominância da direção estruturalista (nos diferentes aspectos representados pelas concepções de Sapir e Bloomfield); de outro, no interior das colocações estruturalistas, temos a clara predominância dos interesses sincrônicos pelos diacrônicos. (Lepschy 1975: 79-80).

No segundo trecho, observa-se além da vinculação do pensamento de Sapir ao nome de seu professor Franz Boas (1858-1942), um exemplo de uma leitura mais “heroica” do nosso autor, cuja ênfase recai sobre sua alegada genialidade e pioneirismo:

O representante clássico da linguística [norte-]americana, o pioneiro do estruturalismo nos Estados Unidos e o professor de muitas gerações de pesquisadores da linguística foi o discípulo de Boas, Edward Sapir. Um homem de excepcionalmente amplos interesses científicos e cultura geral, Sapir começou, independentemente de Saussure, a espalhar ideias sobre a linguagem como um sistema organizado, e lançou-se com entusiasmo na linguística descritiva, da qual a primeira tarefa foi examinar os tipos de estrutura linguística. (Ivić 1965: 4)².

² The classic representative of American linguistics, the pioneer of structuralism in America and the teacher of many generations of linguistic scholars was Boas' disciple Edward Sapir. A man of exceptionally wide general culture and scientific interests, Sapir began, independently of De Saussure, to spread abroad ideas of language as an organized system, and threw himself enthusiastically into descriptive linguistics, the first task of which was to examine types of linguistic structure.

O terceiro trecho volta a situá-lo junto de Bloomfield, retomando a discussão sobre a antecedência das ideias de Sapir em relação à publicação do Curso de Linguística Geral de Saussure, e também, abordando parcialmente a questão da amplitude de interesses de Sapir, em relação aos temas sobre os quais se dedicou ao longo de sua carreira, não havendo se limitado apenas à Linguística:

*Os dois pioneiros da linguística estrutural[ista] nos Estados Unidos foram Edward Sapir e Leonard Bloomfield. Sapir, de fato, tinha trabalhado os princípios básicos do estruturalismo, mesmo antes que o ‘Cours’ de Saussure houvesse sido publicados, como é evidenciado pela sua gramática Takelma de 1911 (publicado como Sapir 1922). Os interesses de Sapir eram de longo alcance; além da análise gramatical, ele se preocupou com os aspectos humanísticos e culturais da língua e publicou artigos sobre o funcionamento da linguagem na literatura criativa, mitologia e religião. Na verdade, o escopo de seus interesses estendeu muito além da linguagem, e ele ainda é considerado como um dos maiores antropólogos culturais norte-americanos (Newmeyer 1986: 4)*³.

Observamos que, quando os autores dos manuais filiam Sapir ao Estruturalismo, estes parecem destacar o fato de o autor haver se consagrado por abordar a temática dos padrões linguísticos, conteúdo este que desenvolveremos mais exaustivamente no quarto capítulo. Embora a noção de padrão, aparentemente muito se assemelhe à definição de sistema apresentada anteriormente, e este seja o termo utilizado pela geração de Sapir, preferencialmente a sistema, a cunhagem do termo não é exclusiva de Sapir. Os trabalhos de Boas (cf. Boas 1911, por exemplo) já utilizam o termo ‘padrão’, e outros autores *boasianos*, tal como os chamados “*culturalistas*” da Antropologia, dentre os quais destacamos Ruth Benedict (1887-1948) e Margareth Mead (1901-1978), o que pode ser rapidamente confirmado pela observação do título de alguns trabalhos, como o famoso livro *Patterns of Culture* (Benedict 1934) e *Cultural Pattern and Technical Changes* (Mead 1953). Inferimos aqui que o estruturalismo norte-americano, deste modo, será uma investigação sobre os padrões linguísticos, no caso da Linguística, e dos padrões culturais, na Antropologia. Ainda assim, com estas poucas informações, não nos é lícito dizer que Sapir seja o mentor do Estruturalismo norte-americano: muito menos os manuais aqui utilizados abordam este problema.

³ The two pioneers of structural linguistics in America were Edward Sapir and Leonard Bloomfield. Sapir, in fact, had worked out the basic principles of structuralism even before Saussure’s Cours had been published, as is evidenced by his Takelma grammar of 1911 (published as Sapir 1922). Sapir’s interests were far-ranging; in addition to grammatical analysis, he concerned himself with the humanistic and cultural aspects of language and published papers on the functioning of language in creative literature, mythology, and religion. Indeed, the scope of his interests extended far beyond language, and he is still regarded as one of the greatest American cultural anthropologists.

Em retrospecto os autores dos manuais costumam esquematizar, ao menos, a seguinte sequência de autores, no que tange o desenvolvimento de uma Linguística estruturalista norte-americana: primeiramente, William Dwight Whitney⁴ (1827-1894) e Franz Boas, considerados estes dois pré-estruturalistas; seriam Sapir e Bloomfield os precursores desta escola⁵. A posição de Sapir dentro deste Estruturalismo norte-americano, nestas leituras, fica dúbia, certamente, isto é, dependendo do manual utilizado, um [Sapir] ou outro [Bloomfield] autor receberá um papel de maior destaque, quanto ao surgimento de um Estruturalismo norte-americano.

Dois outros termos são recorrentes ao se discutir uma escola estruturalista estadunidense: o descritivismo e o distribucionalismo. Parece-nos lícito afirmar que o momento ‘descritivista’ é antecedente ao ‘distribucionalista’, ao menos pelo modo como a narrativa se constrói nestes manuais (cf. Fought 1995, mais adiante). Notaremos uma ambiguidade da posição de Sapir, novamente: este será ora dito descritivista, e às vezes, ora precursor do distribucionalismo, a depender do autor lido.

Ilustrando o ponto acima efetuado, temos que o termo ‘descritivismo’ nos parece mais bem explorado por Sampson (1965: 54-79), ainda que todos os autores afirmem que a descrição das línguas indígenas, dentre outras, tenha sido a tarefa desta geração de pesquisadores. Uma ressalva importante é que Sampson aborda as ideias de Sapir especificamente em um capítulo a parte, no qual discorre sobre a leitura de Sapir como um relativista, juntamente às ideias de Benjamin Lee Whorf (1897-1941), embora ressalte que tal leitura não constitua uma escola, e poderia muito bem ser abordada no contexto do descritivismo (Sampson 1965: 80). Seu capítulo sobre a ‘escola descritivista’ centra-se mais em Boas e Bloomfield. Mas Sapir também é, a seu ver, igualmente um descritivista:

[...] Por isso o nome ‘descritivista’: para esta escola, de uma forma que é verdadeira sobre nenhum outro grupo discutido neste livro, a descrição de uma língua individua era um fim em si mesmo, ou um passo necessário para a compreensão da cultura mais ampla de uma determinada comunidade. [Seguindo a tradição iniciada por Boas, os departamentos de linguística das universidades norte-americanas têm geralmente brotado de departamentos de antropologia, em vez de,

⁴ Este inclusive citado no Curso de Linguística Geral de Saussure (cf. Saussure 1972 [1916]: 17).

⁵ A maioria dos autores opta por afirmar que Sapir e Bloomfield, ainda que separados, desenvolveram o Estruturalismo norte-americano. Veremos que alguns manuais destacarão a “genialidade” de Sapir, atribuindo-lhe o título de pioneiro (cf. Ivić 1965, por exemplo), enquanto outros se centram mais nas ideias de Bloomfield, apenas mencionando brevemente Sapir (cf. Paveau & Sarfati 2006).

como na Europa, a partir dos departamentos de línguas modernas].
(Sampson 1965: 59)⁶

O descritivismo estará associado, deste modo, a prática de descrição de línguas ágrafas, em sua maioria, e não estudadas até aquele momento, com riscos de desaparecimento em inúmeros casos, como ocorreu com muitas línguas indígenas. O descritivismo tenta também concretizar a uma teorização sobre os fenômenos linguísticos, com base nos dados obtidos não apenas nas línguas indo-europeias, mas também em línguas de outras famílias, como o caso das línguas descritas por estes antropólogos-linguistas:

Os descritivistas tendiam a pensar a teorização linguística abstrata como um meio para a finalidade da descrição prática bem sucedida de línguas particulares, ao invés de (como Chomsky faz, por exemplo) pensar as línguas individuais como fontes de dados para a construção de uma teoria geral da linguagem. É verdade, claro, que os mais eminentes dos descritivistas são bem conhecidos, porque de fato teorizaram sobre a linguagem, no geral; mas em todos os casos, as suas teorias gerais foram apoiadas por uma intensa pesquisa sobre a estrutura detalhada de várias línguas exóticas, e muitos de seus colegas menos famosos e seguidores preferiram não discutir as teorias e se concentrar nos dados. (Sampson 1965: 59)⁷

O rótulo ‘descritivista’ parece se aplicar à Linguística ‘sapiriana’: este foi um grande descritor de línguas, como veremos mais a frente, e suas generalizações indubitavelmente tem estes dados, das línguas descritas, como ponto de partida, ao menos no que se refira a seus estudos linguísticos.

O uso do rótulo ‘distribucionalista’, não obstante, parece um pouco menos aplicado a Sapir, já que nos manuais consultados apenas Ivić (1965) relacionou Sapir ao distribucionalismo, explicitamente. Este último rótulo – distribucionalismo – costuma ser mais empregado à geração de linguistas filiadas ao pensamento *bloomfieldiano*, na maior parte dos manuais, como Fought (1995) bem representa:

⁶ [...] Hence the name ‘Descriptivist’: for this school, in a way that is true of no other group discussed in this book, the description of an individual language was an end in itself, or a necessary step towards understanding the wider culture of a particular community. [Following the tradition initiated by Boas, linguistics departments in American universities have usually budded off from departments of anthropology, rather than, as in Europe, from modern-languages departments.]

⁷ The Descriptivists tended to think of abstract linguistic theorizing as a means to the end of successful practical description of particular languages, rather than (as Chomsky does, for instance) thinking of individual languages as sources of data for the construction of a general theory of language. It is true, of course, that the most eminent of the Descriptivists are well known because they did theorize about language in general; but in all cases their general theories were backed up by intensive research on the detailed structure of various exotic languages, and many of their less famous colleagues and followers preferred to take the theories for granted and concentrate on the data.

Depois de 1945, uma nova geração de linguistas emergiu enquanto líderes das disciplinas. [...]. Eles discordaram em muitas questões teóricas, mas compartilhavam um compromisso para com alguma forma de distribucionalismo, sustentando que os critérios de análise com base na distribuição de formas linguísticas eram preferíveis em teoria a testes de uniformidade ou diferença semântica. A distribuição de um elemento linguístico é a soma dos ambientes nos quais o elemento ocorre. (Fought 1995: 303)⁸

O distribucionalismo, enquanto corrente, afirma que os elementos linguísticos ocorrem em contextos específicos, ou seja, possuem uma distribuição. O linguista deve se preocupar em estudar os elementos linguísticos em busca de tais contextos. Se em Fought (1995), e em outros autores, esta seria uma fase mais tardia do Estruturalismo norte-americano e/ou advinda principalmente dos trabalhos de Bloomfield, a leitura de Ivić (1965) será neste sentido um pouco diferente:

Mantendo consistentemente a sua teoria dos padrões, Sapir designou o fonema como um complexo de associações psicológicas que se fundem em um “som ideal” [...]. Mas ao definir o fonema, Sapir introduziu um critério muito importante – o critério da distribuição. Ele acreditava que um fator decisivo na determinação da natureza do fonema eram as possibilidades de combinações na cadeia discursiva: ou seja, todas as posições que um fonema pode ocupar em relação a outros fonemas – membros do mesmo sistema linguístico. A aplicação do critério distributivo logo se tornou a base da metodologia linguística norte-americana. (Ivić 1965: 155-156).⁹

Ivić argumenta, como visto, que Sapir, ao instaurar o fonema enquanto unidade de análise no estudo dos sons, já antecipava os *pós-bloomfieldianos*, preocupando-se com a distribuição das unidades fonéticas em relação ao fonema, unidade psicológica ideal reconhecida pelos falantes de uma língua (Sapir 1925, Sapir 1933b). Se tomássemos apenas a interpretação de Ivić sobre a Linguística norte-americana,

⁸ After 1945 a new generation of linguists emerged as disciplinary leaders. [...]. They disagreed on many theoretical issues but shared a commitment to some form of distributionalism, holding that analytic criteria based on the distribution of linguistic forms were preferable in theory to tests of semantic sameness or difference. The distribution of a linguistic element is the sum of the environments in which the element occurs.

⁹ Keeping consistently to his theory of patterns, Sapir designated the phoneme as a complex of psychological associations which merge into an ‘ideal sound’ [...]. But in defining the phoneme, Sapir introduced a very important criterion – the distributional criterion. He believed that a decisive factor in determining the nature of the phoneme was the combinational possibilities in the speech chain: i.e. all the positions which a given phoneme can occupy in relation to other phonemes – members of the same linguistic system. The application of the distributional criterion soon became the basis of American linguistic methodology.

seríamos imediatamente levados a reconhecer que Sapir parece mesmo se caracterizar como o precursor de tal escola.

Já Murray (1993), parece discordar desta leitura [de Sapir como precursor do distribucionalismo], por exemplo, apresentando-nos um contra-argumento, nesta direção:

A metodologia de distribuição relativamente positivista em Sapir (1925a) não é uma generalização dos métodos próprios de Sapir. Como McCawley (1967: 110) observa: “Não há nenhuma evidência de que Sapir tenha investigado sistematicamente uma língua e estabelecido classes com base nestes critérios [de distribuição e alternância]”, e algumas de suas representações não poderiam ter sido obtidas ao seguir tal metodologia (Murray 1993: 93).¹⁰

A alegada antecipação de Sapir em relação aos distribucionalistas pós-bloomfieldianos, parece ser mais teórica que prática, já que o autor em si não haveria se dedicado a aplicar as descobertas a ele aqui atribuídas por Ivić. Além disso, Murray (1993: 63) dissolve um pouco a questão, recuando-a mais ainda, ao firmar que os boasianos [e não apenas Sapir] já eram distribucionalistas: “as metodologias de distribuição foram empregadas nas dissertações de boasianos, e eles reconheceram a importância do trabalho de campo”¹¹.

Embora não tenhamos feito um estudo aprofundado sobre a obra de Boas, a afinidade de ideias entre professor e aluno é saliente nos textos de Sapir. Nesse sentido, ler Sapir como um *boasiano*, no espírito de seu grupo, não só não nos parece de maneira alguma um caminho ruim, como também parece deixar um pouco mais humanizado “o gênio” em questão. Ao final, até Ivić (1965: 159) parece se render à ideia de que o distribucionalismo, embora iniciado teoricamente por Sapir [a seu ver], tenha sido desenvolvido pelos pós-bloomfieldianos:

Por isso, o novo método linguístico foi baseado em observar e descrever todas as posições que as unidades de um determinado sistema poderiam ocupar - ou seja, [baseou-se] na determinação da distribuição das unidades linguísticas. O termo distribucionalismo se

¹⁰ The relatively positivist distributional methodology in Sapir (1925a)¹⁰ is not a generalization of Sapir's own methods. As McCawley (1967: 110)¹⁰ notes, “There is no evidence that Sapir ever went systematically through a language and set up classes on the basis of these criteria [distribution and alternation],” and some of his representations could not have been derived by following this methodology.

¹¹ Distributional methodologies were employed in the dissertations of Boasians, and they recognized the importance of fieldwork.

refere à tendência linguística baseada na elaboração deste princípio metodológico de Bloomfield. (Ivić 1965: 159)¹²

Um último dado que nos chama atenção no texto de Ivić (1965: 158), é que segundo este autor, foi Morris Swadesh (1909-1967), discípulo de Sapir, quem popularizou o uso do termo ‘distribuição’¹³, ao expor os “*princípios metodológicos da pesquisa fonêmica, no espírito da concepção do distribucionalismo de Sapir*”.¹⁴ Indagamo-nos por qual razão nenhum pesquisador resolveu até o momento intitular o distribucionalismo de ‘hipótese Sapir-Swadesh’, como é feito com a leitura relativista, que fala em uma ‘hipótese Sapir-Whorf’, cuja história, a nosso ver, é parecida. Caso alguém se sentisse inclinado a responder que o termo não foi cunhado porque não se trata de uma hipótese, e muito menos fora desenvolvida por Sapir e Swadesh, seríamos automaticamente levados a responder: o mesmo acontece com a chamada hipótese Sapir-Whorf. Não estamos defendendo que seja cunhado outro termo para o distribucionalismo, mas refletindo inicialmente sobre a perenidade dos rótulos que utilizamos, e como muitas vezes eles não parecem fazer jus à obra dos autores envolvidos em uma determinada questão, como procuraremos demonstrar ao longo deste trabalho.

Até aqui, observamos que tanto o traço ‘descritivismo’ quanto o traço ‘distribucionalismo’ se aplicam, de maneira geral, ao que se concebe por Linguística estruturalista norte-americana, e estes dois traços são uma diferença em relação à versão europeia do Estruturalismo. Também fica evidente que parece bastante difícil caracterizar esta escola, sem mencionar Boas, Sapir e Bloomfield.

Um último comentário que nos resta é se Sapir leu Saussure. De fato, ao lermos diversas passagens de seu manual “*Language: an introduction to the study of speech*” (Sapir 1921), em diversos momentos relembramos o autor genebrino, principalmente pelo rumo no qual Sapir delineia sua argumentação, como na discussão sobre a arbitrariedade do signo¹⁵ linguístico, dentre outras similaridades. Tais semelhanças

¹² Hence the new linguistic method was based on noting and describing all the positions which units of a given language system could occupy – i.e. on determining the *distribution of linguistic units*. The term *distributionalism* means the linguistic trend based on the elaboration of this methodological principle of Bloomfield’s

¹³ cf. Swadesh 1934, *The phonemic principle*.

¹⁴ “methodological principles of phonemic research in the spirit of Sapir’s conception of distributionalism”

¹⁵ Na metalinguagem de Sapir, símbolo linguístico. Signo é o termo utilizado no *Cours de Linguistique Générale*, na realidade.

levam Bloomfield a ser um pouco irônico e lançar a pergunta, em sua resenha ao manual de Sapir (Bloomfield 1922: 142):

Não é uma questão de momento científico, estamos certos, mas de algum interesse externo, se o Dr. Sapir tinha em mãos ou não, por exemplo, este último livro [o Curso de Linguística Geral], o que dá uma base teórica para a nova tendência de estudo linguístico” [intercalação nossa].¹⁶

Aparentemente, não é possível afirmar que Sapir tenha ou não tenha lido Saussure, pois como Bloomfield e outros autores apontam, Sapir não nos oferece a bibliografia da maioria de seus trabalhos. Mesmo assim, há razões para se acreditar que o desenvolvimento tenha sido de fato paralelo. Em primeiro lugar, como o próprio Bloomfield reconhece nesta mesma resenha, Boas já traçava rumos semelhantes em seu *“Introduction to the Handbook of American Indian Languages”*, e talvez até mesmo em trabalhos anteriores (cf. Boas 1911; Bloomfield 1922). E tanto Franz Boas quanto Ferdinand de Saussure tiveram contato com o capital de ideias germânico do século XIX, isto é, ainda que o desenvolvimento da Linguística nos EUA tenha ocorrido paralelamente ao da Europa, seu capital subjacente vem do Velho Continente também, mas não de Saussure, pois em relação a ele, ambos são coocorrências de uma mesma matriz. No caso específico de Sapir, nos parece um pouco irrelevante, desta maneira, descobrir se ele leu Saussure para a confecção de seu manual ou não, já que, como mencionado, o capital de ideias disponível, a estes autores, é basicamente o mesmo.

Como Newmeyer (1986: 4)¹⁷ alega, sua tese de doutorado sobre o Takelma, cuja data de apresentação é 1909, já revela a aplicação de diversos princípios estruturalistas na descrição de uma língua [além de, obviamente, ser uma descrição sincrônica]. Sua descrição gramatical do Paiute do Sul seria outro contraexemplo nesta mesma direção, produzida entre 1909 e 1916 (Newmeyer 1986: 4). Outro fato é que talvez seja muito provável que o Curso de Linguística Geral não tenha chegado à América do Norte durante a Primeira Guerra Mundial, e Bloomfield escreve em dezembro de 1919 para Truman Michelson (1879-1938) que havia encomendado o livro, mas que este não havia

¹⁶ It is a question of no scientific moment, to be sure, but of some external interest, whether Dr. Sapir had at hand, for instance, this last book, which gives a theoretic foundation to the newer trend of linguistic study

¹⁷ Ao se referir a este trabalho, Newmeyer afirma que a gramática do Takelma é de 1911, mas de fato, sua data é 1909, ano em que Sapir defende seu doutorado [a gramática em questão é sua tese apresentada]. No entanto, a data de publicação [1922] está correta.

chegado (Hocket 1987 apud Murray 1993: 90). Nesta época, Sapir encontrava-se no Canadá (cf. Darnell 1990).

Nota-se em linhas gerais que o exato papel de Sapir no paradigma estruturalista, pode ser observado sob diferentes perspectivas, não sendo as interpretações dos autores aqui apresentados uniformes, desta maneira. Passemos à segunda caracterização.

1.2. Sapir como um ‘mentalista’

A leitura de Sapir como um mentalista é um desdobramento da leitura anteriormente apresentada, isto é, ainda está diretamente relacionada à temática do Estruturalismo. Sendo colocado pelos manuais ao lado de Bloomfield, como um dos principais desenvolvedores da Linguística estruturalista norte-americana, a classificação ‘mentalista’ serve, pois, para diferenciar um determinado posicionamento teórico dos dois autores, em relação à psicologia subjacente a suas práticas descritivas, e em especial no que se refere à atual Fonologia. Mattoso Câmara nos oferece um exemplo desta leitura:

[...] Nessa interpretação da produção vocal da língua, como na interpretação geral da forma linguística, Sapir segue o caminho psicológico e é essencialmente ‘mentalista’. Não só não dissocia nunca a manifestação linguística do seu conteúdo mental, mas procura compreender esse conteúdo ao explicar a manifestação linguística. (Câmara Jr. 1969: 190 – Grifos nossos)

Considera-se ‘mentalismo’ a defesa que os fenômenos físicos e psicológicos devam ser interpretados e explicados em relação a sua operação na ‘mente’, e não necessariamente como constatados em análises que se pretendem mais objetivas e/ou empíricas, quando como relacionados, por exemplo, à suposta realidade física, dita objetiva, como defendido pelo ‘mecanicismo’. E assim se tem que Sapir seria um mentalista, em oposição a Bloomfield, mecanicista. Bloomfield utiliza os dois termos em seu manual *Language*, de 1933, como se observa a seguir:

A teoria mentalista que é muito mais velha, e sempre em vigor na concepção popular e entre os homens de ciência, pretende que a variabilidade da conduta humana é derivada da intervenção de um fator não físico, de um espírito, de uma vontade, ou de uma consciência (em grego psique, de onde vem o termo psicologia), presente em cada ser humano. Esse espírito, segundo a concepção mentalista, se diferencia totalmente daquilo que é material e, por

consequente, segue um outro tipo de relação casual ou talvez nenhum [...]. A teoria materialista (ou melhor, mecanicista) pretende que a variabilidade da conduta humana que implica o discurso, provém somente do fato de que o corpo humano é um sistema muito complexo. As ações humanas, segundo a concepção materialista, são uma parte das sequências de causa e efeito, exatamente como aquelas que observamos no estudo da física ou da química. (Bloomfield 1933: 35-36)

O trecho acima demonstra como a leitura de Bloomfield defende que o mentalismo é pouco científico. E será neste sentido que sua crítica será direcionada, afirmando que o mecanicismo é o posicionamento teórico que pode realmente preencher os critérios de uma verdadeira prática científica em relação à tarefa do linguista, ligando a Linguística às “ciências *de fato*”, como a Física e a Química. A questão da cientificidade da Linguística é central para estes autores, que estão, no contexto norte-americano, institucionalizando a disciplina, isto é, defendendo que ela é uma prática científica autêntica, merecedora de especialistas, cursos de formação, periódicos especializados e associações científicas.

Nos manuais, a leitura mais recorrente sobre o período é a de Bloomfield como o cientista responsável por desenvolver um método de trabalho confiável, e científico, que pudesse ser aplicado por outros linguistas, como os dois trechos abaixo evidenciam. Nesse sentido, Sapir será lido como um “filósofo”, em um sentido relativamente pejorativo, como alguém que disserta sobre diversas temáticas, desapegado dos rígidos critérios da Ciência, ou seja, operando na “liberdade” da Filosofia:

As diferenças de estilo pessoal foram além do contraste entre o virtuosismo e o agrupamento paciente. Sapir era intuitivo e especulativo e (cada vez mais ao longo dos anos) dado ao pronunciamento profético, enquanto Bloomfield foi muito no asceta, moldado sacerdotalmente. Ele poderia muito bem ter dito “hypothesis non fingo”, enquanto Sapir atirava especulações, arrogantes, às vezes. Sapir escreveu para periódicos não-especializados, sobre uma ampla gama de tópicos, e esforçou-se para [também] produzir poesia publicável; Bloomfield mostrou pouco interesse em literatura e arte e se sentia desconfortável em círculos literários auto-conscientes, embora pareça-me que Bloomfield escreveu em um estilo modernista grampeado, bem diferente do lirismo, por vezes hiperbólico, e às vezes antiquado e meretrício, mas geralmente vívido, de Sapir. (Murray 1993: 114)¹⁸

¹⁸ Differences in personal style went beyond contrast between virtuosity and patient collation. Sapir was intuitive and speculative and (increasingly over the years) given to prophetic pronouncement, while Bloomfield was very much in the ascetic, priestly mold. He could very well have said “hypothesis non fingo”, while Sapir threw out speculations, cavalierly at times. Sapir wrote for non-specialist journals on a wide range of topics, and struggled to produce publishable poetry; Bloomfield showed little interest in

Mattoso Câmara novamente ilustra tais posicionamentos, do Sapir “filósofo” e do Bloomfield “cientista”¹⁹:

Sapir desempenhou, ao lado de Leonard Bloomfield, um papel fundamental para o desenvolvimento da escola linguística norte-americana. Eles têm de comum a concepção antropológica da linguística, que lhes foi sugerida por Franz Boas e tão expressivamente caracteriza os estudiosos norte-americanos em face da ciência europeia, de maneira geral mais estreitamente filiada na tradição da filologia indo-europeia. Ambos procuram incorporar na linguística o exame das línguas indígenas da América do Norte, e dessa experiência ampliaram o campo da filosofia da linguagem e da metodologia de seu estudo. Enquanto Bloomfield, porém, se concentrava neste último setor, dando aos seus discípulos uma técnica extraordinariamente precisa e eficiente para as pesquisas e a apresentação interpretativa dos resultados, Sapir se interessou mais de perto com os problemas filosóficos que a linguagem envolve, e lançou linhas de exploração nos mais variados sentidos, de uma maneira singularmente estimulante. (Mattoso Câmara, 1961: prefácio)

O que tais trechos nos demonstram não é uma crítica direta ao nosso autor em foco, mas sim o fato de que parecia ser pouco científica, para o clima intelectual da época e de sua geração [de Sapir], a discussão sobre a mente, diante da necessidade em estabelecer bases científicas sólidas para a recém-criada Linguística. Não que o conceito de mente não pudesse existir. O ponto é que para Bloomfield e a geração a ele filiada, tal discussão seria mais metafísica que científica de fato, não sendo, portanto, tarefa da Linguística lidar com tal conceito ou controvérsia, uma vez que há um objeto concreto que pode ser verificado e demonstrado empiricamente: o material sonoro de uma língua, que indubitavelmente se configura em outras unidades, estas registráveis. Assim, Bloomfield buscará a psicologia behaviorista como sustentação para a sua Linguística (cf. Bloomfield 1935 e 1938):

A acusação contra o mentalismo feita por aqueles que citam Bloomfield, em apoio à sua destituição do mentalismo, então, é que as teorias mentalista tratam de eventos que não atendam as exigências

literature and art and was uncomfortable in self-consciously literary circles, although it seems to me that Bloomfield wrote in a clipped, modernist style quite unlike the sometimes hyperbolic, sometimes old-fashioned and meretricious, but often vivid lyricism of Sapir.

¹⁹ Ainda que ele próprio esteja neste momento avaliando Sapir positivamente, considerando o mentalismo algo positivo no autor.

*metodológicas do behaviorismo, mecanicismo, operacionalismo e fisicalismo. Eles acreditam que ser a acusação justificada, porque eles acreditam que uma teoria da estrutura linguística que lida com esses eventos é baseado em metodologia científica ruim. (Katz 1964: 126)*²⁰

É interessante, também, observar que, mesmo com a disputa retórica sobre qual seria o mais importante aspecto a ser observado nos estudos “verdadeiramente” científicos sobre a língua, se os mecânicos ou os mentais, a concretização da ciência, operada pelas análises oferecidas tanto por Bloomfield quanto por Sapir são deveras semelhantes, pelo menos até a publicação do “*Language*” de Bloomfield como sugere Silverstein (1973²¹ *apud* Murray 1993). Segundo Murray (1993: 130), até aquele momento, ninguém contestara tal leitura oferecida por Silverstein, de que a fonologia dos dois autores “*era essencialmente a mesma*”.

Já para Sapir, além de ser a *Gestalt* sua teoria psicológica mais apreciada (cf. Sapir 1926), a realidade do fonema é sempre mental, nunca física, fisiológica ou mecânica, como sugerido no título de seu trabalho “*A realidade psicológica dos fonemas*” (cf. Sapir 1933b). A realidade objetiva, nessa perspectiva, está sempre à mercê do modo como a mente opera, funcionando como uma espécie de filtro, que ao reconhecer tal realidade, agrupá-la em conjuntos ideais: tem-se assim a diferença entre fones, os sons da realidade objetiva, e fonemas, agrupamentos cuja realidade existiria apenas mentalmente (cf. Sapir 1925). A língua é sempre mental²² e sempre inconsciente:

O que o psicologismo de Sapir tem de novo é situar-se na base ‘inconsciente’ da atividade linguística. É uma sua ideia em comum com Boas, que via até na inconsciência do fenômeno linguístico a sua característica essencial em face dos demais fenômenos da cultura, visto que esses outros, com suas raízes no inconsciente também, acabam sempre, não obstante, por aflorar mais ou menos na consciência humana e ser objeto de um processo de racionalização. (Câmara Jr. 1969: 190)

²⁰ The charge against mentalism made by those who cite Bloomfield in support of their dismissal of mentalism, then, is that mentalistic theories deal with events that do not meet the methodological demands of behaviorism, mechanism, operationalism, and physicalism. They believe the charge to be justified because they believe that a theory of linguistic structure which deals with such events is based on bad scientific methodology.

²¹ Silverstein 1973, Distinctive Features in Bloomfield’s Phonology.

²² As ideias de Sapir serão expostas mais a frente. Por ora, tenhamos em consideração que Sapir considera o indivíduo como o *locus* tanto da mente quanto da cultura. Assim, o funcionamento da cultura, por exemplo, socialmente, é o mesmo que individualmente. Essa é a razão pela qual nos referimos à língua na mente, tendo em vista que no autor aqui estudado, ela não se opõe nunca a uma língua social.

Decidir qual é realmente a realidade do fonema não é uma questão tão simples. O interessante é observar esta discussão, no processo de consolidação da Fonética e da Fonologia contemporâneas, como este debate evidencia. Neste sentido, os manuais não se posicionam, mesmo porque esta talvez nem seja sua incumbência, restringindo-se apenas a descrever a discussão. Se a questão acerca do mentalismo é bastante pacífica, a terceira leitura que apresentamos a seguir é bem mais polêmica.

1.3. Sapir como um ‘relativista’

A leitura de Sapir como um relativista também pode ser vista como um desdobramento da perspectiva estruturalista, mas mais especificamente correlacionada ao processo de institucionalização da Linguística enquanto uma disciplina acadêmica, nos Estados Unidos.

A investigação desta leitura é que constitui nosso ponto de partida específico nesta análise, por ser nosso objetivo tentar reconstituir o relativismo latente na obra de Edward Sapir. E assim, os manuais foram os textos pelos quais iniciamos a investigação aqui apresentada. Além do mais, os manuais, apesar das críticas, são excelentes instrumentos ao historiógrafo, pois costumam cristalizar as opiniões mais recorrentes sobre uma determinada temática, isto é, o lugar-comum de uma comunidade acadêmica sobre uma variedade de temas em um determinado campo do saber.

Diversas podem ser as formulações sobre o que vem a ser a chamada ‘hipótese Sapir-Whorf’, dependendo do texto na qual aparece. Em comum, estas formulações costumam afirmar que esta hipótese foi desenvolvida por Sapir e Whorf, como o próprio rótulo sugere. Crystal (1997) é um bom exemplo desta conceituação:

O idealismo romântico do final do século 18, como encontrado na visão de Johann Herder (1744-1803) e Wilhelm von Humboldt (1762-1835), colocou grande valor na diversidade de línguas do mundo e culturas. A tradição foi retomada pelo linguista americano e antropólogo Edward Sapir (1884-1939) e seu aluno Benjamin Lee Whorf (1897-1941), e resultou em uma visão sobre a relação entre linguagem e pensamento, que foi amplamente influente nas décadas centrais deste século [século XX]. (Crystal 1997: 217 – intercalações nossas)²³

²³ The romantic idealism of the late 18th century, as encountered in the views of Johann Herder (1744-1803) and Wilhelm von Humboldt (1762-1835), placed great value on the diversity of the world's

Crystal define o relativismo como a influência da língua sobre o pensamento. Observemos outro exemplo, no qual a hipótese Sapir-Whorf é definida em termos de língua e cultura, como em Marcondes (2010):

Segundo a hipótese Sapir-Whorf, a língua de uma determinada comunidade organiza sua cultura, sua visão de mundo, pois uma comunidade vê e compreende a realidade que a cerca através das categorias gramaticais e semânticas de sua língua. Há portanto uma interdependência entre linguagem e cultura. Um povo vê a realidade através das categorias de sua língua, mas sua língua se constitui com base em sua forma de vida. (Marcondes 2010: 78).

O contraste dos dois trechos nos permite demonstrar os quatro metatermos mais recorrentes na composição da chamada hipótese Sapir-Whorf: língua, pensamento, cultura e visão de mundo. Assim colocada, a hipótese Sapir-Whorf é bastante ousada, por abarcar amplos domínios das Ciências Humanas, via linguagem, ao envolver simultaneamente a Psicologia (visão de mundo e pensamento) e as Ciências Sociais (visão de mundo e cultura).

Crystal (1997: 217) novamente exemplifica o rumo que a hipótese toma:

A “hipótese de Sapir-Whorf”, como passou a ser chamada, combina dois princípios. O primeiro é conhecido como determinismo linguístico: afirma que a linguagem determina a nossa maneira de pensar. O segundo decorre desta, e é conhecida como o relativismo linguístico: afirma que as distinções codificadas em uma língua não são encontradas em qualquer outra língua.²⁴

Os “-ismos” que emergem na discussão, como visto, são ‘determinismo’ e ‘relativismo’²⁵. Em síntese, através dos trechos, chega-se à seguinte definição: a hipótese do relativismo linguístico é a ideia de que a língua que falamos influencia a maneira como vemos e percebemos a realidade. Sua versão mais extrema é conhecida por *determinismo linguístico*, pela qual afirmamos que a linguagem que usamos

languages and cultures. The tradition was taken up by the American linguist and anthropologist Edward Sapir (1884-1939) and his pupil Benjamin Lee Whorf (1897-1941), and resulted in a view about the relation between language and thought which was widely influential in the middle decades of this century.

²⁴ The ‘Sapir-Whorf hypothesis’, as it came to be called, combines two principles. The first is known as linguistic determinism: it states that language determines the way we think. The second follows from this, and is known as linguistic relativity: it states that distinctions encoded in one language are not found in any other language.

²⁵ A opção por ‘relatividade’, não é neutra: remete a Whorf (1941)

determina de modo absoluto nosso pensamento e a maneira como enxergamos a realidade.

Ao sustentarmos estas asseverações, de imediato percebemos algumas consequências, e nos deparamos, então, com outros tantos pontos problemáticos. Primeiramente, como muitos interpretam a hipótese, se de fato a realidade construída pelos sistemas linguísticos é incomensurável, o exercício da tradução é impossível. Sabemos que embora haja muitas dificuldades na realização desta prática, diversos textos são traduzidos diariamente, nas mais distintas partes do mundo.

Se a visão de mundo à qual se referem os autores for literal, falantes de diferentes línguas rigorosamente veem [isto é, enxergar algo utilizando órgãos sensoriais, neste caso os olhos] o mundo diferentemente. A primeira refutação logo surge: ao falar “*cat*”, em inglês, continuo enxergando este referente assim como o faço quando falo “gato”, em português. E falantes bilíngues não sofrem de nenhuma patologia, tal como uma forma de “esquizofrenia linguística”, por serem forçados a se posicionar em realidades distintas, dependendo do código que utilizam. Tais fatores nos permitiriam, em princípio, afirmar que a suposta hipótese assim colocada é totalmente falaciosa.

O termo ‘visão de mundo’, aqui, parece bastante problemático, devido a sua amplitude e a sua implicatura: ‘visão de mundo’ pode estar relacionado ora à percepção literal da realidade, aos estímulos que os olhos enxergam e o cérebro processa, ora à uma realidade que é construída socialmente, e que discute a existência de fantasmas, fadas, anjos, Deus(es) e outros inúmeros exemplos. Até onde se confie “cientificamente”, não estes entes sem referencialidade, existentes apenas no universo cultural, não podem ser enxergados, ou percebidos sensorialmente, integrando, assim, o sistema de crenças dos seres humanos. Embora metodologicamente sejamos forçados a admitir esta duplicidade no tangente à visão de mundo, em nosso dia-a-dia, não vivemos apenas em uma ou outra dimensão: a visão de mundo, para os seres humanos, é sempre uma só, simultânea, coocorrente. Retomaremos esta discussão novamente bem mais adiante. A despeito da digressão, nos parece interessante definir o termo ‘relativismo’ isoladamente. Segundo Foley (1997: 169-170):

O relativismo é uma posição filosófica que afirma que a experiência, na forma de interesses humanos culturalmente mediados, desempenha um papel crucial e determinante no funcionamento cognitivo, que deve ser contrastado com o racionalismo universalista, que ao contrário, enfatiza o determinismo biológico e psicológico inato. O relativismo afirma que o conhecimento é obtido através esquemas

*conceituais culturalmente mediadas [...]. Estes são feitos de folclore e teorias científicas, categorias linguísticas e culturais, e práticas sociais que adquirimos como resultado da trajetória da nossa experiência de vida, situado em uma determinada cultura, linguagem, espaço e tempo.*²⁶

O autor aqui exposto novamente parece nos direcionar ao problema da visão de mundo: fala em experiência mediada pela cultura que influencia a cognição. Ainda assim, outro aspecto nos é mais interessante neste momento, isto é, a polarização aí exemplificada entre ‘relativismo’ e ‘universalismo’. Hoje, o que se concebe por universalismo, como parece estar sugerido na passagem acima, melhor se assemelha ao ideal de Ciência em nossa época, mais relacionado às chamadas Ciências Naturais.

Uma infeliz decorrência de tal polarização será uma aparente marginalização da leitura dos autores classificados como ‘relativistas’, no momento em que até mesmo algumas das inúmeras correntes das Ciências Humanas voltam suas atenções ao aspecto biológico [ou biologizante] do ser humano. A mídia parece nos oferecer bons exemplos do que estamos classificando por ‘dimensão biologizante das Ciências Humanas’. É muito comum nos dias de hoje abrirmos o jornal ou ligarmos a TV e nos depararmos com reportagens falando sobre instintos dos seres humanos, a suposta localização cerebral de determinados comportamentos, sua origem genética, ou até mesmo a relação a comportamentos dos homens em outras etapas de sua evolução. Assim, fornecendo alguns pequenos exemplos do cotidiano, cuja veracidade ou verificabilidade não conferimos, mesmo porque nosso objeto não é discutir cientificamente tais ideias, mas ilustrar brevemente a construção de um ideal de cientificidade pela mídia, para o senso comum, constantemente temos ouvido que as pessoas costumam gostar [e até mesmo se viciam] de chocolate porque este libera uma determinada substância que “faz com que seus cérebros as deixem felizes”. As fobias, como medo de aranhas, palhaços, fantasmas e/ou outra coisa qualquer ocorrem porque determinada região cerebral ou substância são responsáveis por tais reações. As palavras de baixo calão nos causam uma sensação boa porque uma determinada região do cérebro parece comandar este uso. A observação do

²⁶ Relativism is a philosophical position which claims that experience in the form of culturally mediated human interests plays a crucial and determinative role in cognitive functioning; it is to be contrasted with universalist rationalism, which contrarily emphasizes innate biological and psychological determinism. Relativism claims that knowledge is obtained through culturally mediated conceptual schemes [...]. These are made up of folk and scientific theories, linguistic and cultural categories, and social practices which we acquire as a result of the trajectory of our life experience, situated in a particular culture, language, space, and time.

caderno intitulado “Ciência” em qualquer jornal de qualquer porte pode confirmar nosso ponto, sobre o que o senso comum considera atualmente como fazer científico.

Independente dos argumentos utilizados, o que desejamos ilustrar é que estas reportagens sempre correlacionarão práticas [ou comportamentos] humanas a partes específicas do cérebro e/ou a ação de substâncias químicas. E isso é transmitido pela mídia sempre como “a última descoberta da ciência”. Nossa discussão não visa desqualificar este tipo de pesquisa, o que fugiria inteiramente do escopo desta dissertação, ainda que fôssemos capazes de fazê-lo. O ponto é apenas testemunhar, e assim deixar registrado, um aspecto do nosso próprio momento científico. Com os avanços tecnológicos conquistados nos últimos séculos, devido em grande parte pelas descobertas concretizadas pelas pesquisas nas Ciências Naturais, hoje, quando se fala em Ciência, o imaginário popular pensa no modelo de Ciência Natural, não de Ciência Humana. O cinema ilustra bem isso: um filme de ficção científica jamais aconteceria no gabinete de um professor de Sociologia ou de Linguística [ou qualquer outra Humanidade], mas sim, em um laboratório, com inúmeras invenções e experimentos.

A Ciência contemporânea, no imaginário do senso comum, necessita de modelos altamente formalizados, como os da Matemática, e experimentos traduzíveis nestas linguagens, e sempre “deságua” na Química, na Física, na Biologia, e nas demais Ciências Naturais. As Ciências da Informação e as Engenharias também possuem um espaço privilegiado no imaginário popular. Já as Ciências Humanas não soam muito científicas, parecem filosofar demais, dissertar demais, e concretizar muito pouco. Deste modo, veremos inúmeras tentativas no século XX, para mencionar apenas até onde investigamos, de tornar as Ciências Humanas “mais científicas”, aproximando-as de práticas consideradas mais científicas, isto é, que possuem mais prestígio. De certo modo, se nos é lícito afirmar, o que presenciamos é a reconfiguração do eterno debate sobre o estatuto epistemológico da cientificidade das Ciências Humanas. Este modelo de ciência ideal também não tem revelado muito apreço por seu passado, como pode ser confirmado por qualquer historiógrafo. Nesse sentido, crê que o processo de produção de conhecimento é unilinear, unidimensional e unidirecional, e por consequência, tudo aquilo que foi produzido antes é ultrapassado. Esta questão está mais bem problematizada e dissertada em Kuhn (2000 [1962]), e certamente é um dos fortes pontos de partida das práticas historiográficas na discussão sobre o que é fazer ciência. Nesta disputa, como colocado por Foley, a definição de “universalismo” nos parece um pouco “mais científica”, por enfatizar a dimensão biológica inata, e o determinismo

psicológico, comandado pelo cérebro. O relativismo também mexe com o imaginário popular. Ao conversar com inúmeras pessoas sobre o objeto de nossa pesquisa, dizendo que “*parece haver uma formulação que alega que a língua parece moldar a maneira como vemos a realidade*”, inúmeras pessoas não hesitaram em dizer que sim, especialmente quando falam mais de uma língua. Assim colocado, o relativismo parece uma teoria muito atraente.

Se o senso comum parece achar a proposta muito interessante, academicamente, o termo ‘relativismo’ parece não ser ultimamente muito apreciado, sendo mais interpretado como “tudo é válido” ou “tudo é verdadeiro”. E logo surgem inúmeras críticas, que terminam por revestir o termo de conotações negativas. Dos vários pensadores “relativistas”, o mais feliz parece ter sido Albert Einstein (1879-1955), que por coincidência ou não, consegue justificar seu relativismo em um modelo matemático, e dentro da Física, desconsiderando, é claro, as críticas que seu trabalho pode haver recebido em seu domínio do saber.

Percebe-se que inúmeras questões subjacentes envolvem o debate sobre o relativismo linguístico. Centramo-nos então no linguista Edward Sapir, uma vez que há uma “hipótese Sapir-Whorf” na literatura acadêmica em Linguística.

Quanto a seu nome relacionado ao relativismo linguístico, o problema sempre presente é que mesmo a utilização do rótulo “hipótese Sapir-Whorf” parece ser desorientadora. Hill e Mannheim (1992: 386) defendem que “*No entanto, assim como o Sacro Império Romano não era nem santo, nem romano, e nem um império, a ‘hipótese Sapir-Whorf’ não é nem coerente com os escritos de Sapir e Whorf, nem uma hipótese*”²⁷. Os autores citados sustentam sua afirmação primeiramente por não existir, até onde se sabe, na literatura, nenhum trabalho publicado por Sapir e Whorf em conjunto e, por conseguinte, em nenhum texto há uma formulação explícita da chamada hipótese. Além do mais, ao afirmarmos serem tais ideias uma hipótese, implicamos também a intencionalidade daquele que teoriza em confirmar (ou rejeitar) sua proposta através de verificação empírica (Leavitt 2006), por exemplo. Neste sentido, nem Sapir e nem Whorf realizaram tais experimentos, e talvez nem pretendessem.

Marcondes (2010) reconhece mais adiante, em seu texto, que a discussão sobre a hipótese Sapir-Whorf, portanto, não se calca em nenhum trabalho específico dos dois autores, mas sim em trechos esparsos de suas obras. Acreditamos, com base em nosso

²⁷ Yet, just as the Holy Roman Empire was neither holy, nor Roman, nor an empire, the ‘Sapir-Whorf Hypothesis’ is neither consistent with the writings of Sapir and Whorf, nor a hypothesis.

levantamento bibliográfico, que boa parte da discussão consagrada pela Linguística, e em seus manuais, ao longo do século XX, centra-se apenas no texto “*Relation of thought and behavior to language*”, de Whorf, escrito em 1939, para o livro “*Language, culture, and personality, essays in the memory of Edward Sapir*”, editado por Leslie Spier (1893-1961), em 1941. Nesse texto, Whorf apresenta algumas comparações entre categorias gramaticais do Inglês e do Hopi, língua indígena da família Uto-Asteca. Visto que não desejamos cometer a mesma injustiça com as ideias de Whorf, como muitos têm feito, não discutiremos suas ideias em nosso trabalho: uma investigação mais verticalizada se faz necessária²⁸.

Apenas mencionamos que em sua defesa, Darnell (2006: 89), por exemplo, afirma que o contraste de sua visão sobre a HRL em relação a Boas e Sapir pode ser esclarecido se entendido que Whorf não propõe “*uma nova teoria ou metodologia, mas um esforço pedagógico para traduzir os trabalhos linguísticos de Sapir e seus estudantes, para que fossem compreensíveis a não linguistas*”. Como é amplamente destacado, Whorf foi engenheiro de formação e trabalhava como corretor de seguros. Mesmo não sendo “um linguista profissional”, Whorf realizou trabalhos de descrição de línguas indígenas, havendo se interessado por esta temática através do contato com Sapir (Carroll 1956). Isso talvez justifique sua necessidade em esclarecer as ideias de seu mestre aos não linguistas.

A cunhagem do termo “hipótese Sapir-Whorf” parece ter sido realizada em 1954, até onde pudemos verificar, por Harry Hoijer (1904-1976), ao apresentar o trabalho intitulado “*Sapir-Whorf hypothesis*”, na Conferência sobre as relações entre a linguagem e outros aspectos da cultura (*Conference on the interrelations of language and other aspects of culture*), realizada em Chicago (Koerner 1999). Entretanto, John B. Carroll (1916-2003) parece ter sido seu maior difusor, uma vez que vários textos (Sampson 1965; Joseph 1996; dentre outros) o apontam como o criador do rótulo. Carroll, a propósito, foi o editor da coletânea póstuma de textos de Whorf, publicada pela primeira vez em 1956, pela *MIT Press*. Abordaremos esta questão novamente mais adiante.

Sampson (1965: 82) relembra que “[...] a ocorrência de seu nome (Sapir) no termo “hipótese Sapir-Whorf” é talvez mais devido ao fato de que Whorf levou sua abordagem geral à linguística de Sapir do que em ser Sapir um dos defensores mais

²⁸ Trabalhos sérios como Lee (1996) têm sido exceção, ao discutir os trabalhos do autor em profundidade, não apenas baseados em um único trabalho para a refutação/aceitação de suas ideias.

ativos essa hipótese”²⁹. Esta é uma dos lados da discussão, que almeja ser um pouco menos agressiva com Whorf.

Se tratarmos as teorias científicas como “mapas”, cujo objetivo é de algum modo depreender a realidade, ainda que por diferentes rotas, somos levados a concordar com Hill e Mannheim (1992), ao declararem que tais críticas não “partem” do quadro epistemológico do autor, ou seja, utilizam rotas diferentes, e ainda sim, o criticam, mesmo que com leituras demasiadamente “simplistas”. Um exemplo desse reducionismo no qual muitas vezes nos aventuramos – ao discorrermos sobre assuntos para os quais não realizamos uma investigação em profundidade – pode ser exemplificado pelas afirmações contidas em Newmeyer (1986: 4)³⁰: “[...]. *Ele (Sapir) também acreditava que a estrutura linguística desempenha um papel na formação da nossa percepção da realidade, uma ideia que foi desenvolvida por seu aluno Benjamin Whorf (daí a hipótese de Sapir-Whorf)*”³¹.

Diante de tantas questões envolvidas na exposição de Sapir como um relativista é que justificamos o foco de nossa investigação. Como afirmado em outro momento, nosso objetivo é, através do rastreamento de ocorrências nas fontes documentais, resgatar alguns conceitos básicos do autor, tentando reencenar seu conceito de relativismo (Cap. 4), e inserindo estas leituras em seu quadro histórico mais amplo (Cap. 3).

1.4. Cram (2007) e a Vida Útil das Teorias

‘Evolução’, ‘desenvolvimento’, ‘continuidade’, ‘descontinuidade’, ‘ruptura’ e ‘emergência de um novo paradigma’ parecem ser rótulos recorrentes não apenas ao historiógrafo da ciência, como também têm sido bastante utilizados pelos pesquisadores das demais subáreas de uma disciplina acadêmica. O problema é que há que se analisar com certa calma e paciência, além de dentro de uma proposta metodologicamente viável, estas supostas alegações.

²⁹ [...] The occurrence of his name (Sapir) in the term ‘Sapir Whorf hypothesis’ is perhaps due more to the fact that Whorf took his general approach to linguistics from Sapir than to Sapir’s being one of the most active proponents of that hypothesis

³⁰ Ainda que Newmeyer seja um dos autores que fala sobre a genialidade de Sapir. Nosso trecho apenas ilustra o que temos considerado uma “generalização apressada”, por parecer permitir a inferência que Sapir e Whorf tenham desenvolvido a hipótese em conjunto.

³¹ [...] He (Sapir) also believed that linguistic structure plays a role in shaping our perception of reality, an idea that was further developed by his student Benjamin Whorf (hence the Sapir-Whorf hypothesis)

Neste quarto tópico, abordamos a questão da dinâmica dos rótulos. Em nosso entendimento, um rótulo é um metatermo que cristaliza uma leitura específica, ao privilegiar determinados traços característicos de uma obra, autor e/ou período e, por conseguinte, excluir outros. Com base neste estudo de caso, isolamos, portanto, dois rótulos, os quais almejamos analisar: o termo ‘relativismo’, e o termo ‘hipótese Sapir-Whorf’, cujas considerações serão apresentadas no capítulo final (Cap. 5).

Cram (2007) fornece-nos um bom modelo explicativo para o fenômeno que aqui desejamos ilustrar. O objetivo deste autor, neste trabalho, é evidenciar como as teorias linguísticas parecem possuir uma ‘data de validade’, uma espécie de vida útil, relativa ao seu contexto específico:

O objetivo deste trabalho é traçar um quadro para a historiografia linguística que tenha suas bases na análise linguística das dêixis temporais. É um princípio da teoria pragmática moderna que a importância de um evento ou enunciado é determinado pelo contexto cognitivo dentro do qual ele é interpretado, e que tais contextos cognitivos são ancorados deitivamente dentro de um conjunto de acontecimentos históricos e, os textos devem necessariamente envolver não um, mas dois destes conjuntos de horizontes de tempo. O trabalho pretende ser um contributo para o debate sobre o método historiográfico, que tem vindo a se desenvolver nos últimos anos, um debate que tende a se concentrar na narratividade e noções sobre a escrita das ideias linguísticas relacionadas. (Cram 2007: 189)³²

O ponto principal da discussão de Cram, deste modo, é discorrer sobre a aplicação do conceito de dêixis às leituras das teorias linguísticas de etapas anteriores. Assim como a palavra “ontem” só faz sentido em relação à “hoje”, e ontem na data de hoje não se refere ao mesmo dia que ontem, há um dia, a contribuição metodológica deste autor defende que a maneira como lemos uma teoria no presente não é necessariamente a mesma como a teoria era lida em seu contexto original. Para tanto, Cram faz uso das metáforas ‘data de validade’ e ‘data de expiração’, assim como os produtos em um supermercado:

³² The purpose of this paper is to outline a framework for linguistic historiography which has its underpinnings in the linguistic analysis of temporal deixis. It is a tenet of modern pragmatic theory that the significance of an event or utterance is determined by the cognitive context, within which it is interpreted, and that such cognitive contexts are anchored deictically within a set of historical events and texts must necessarily involve not one but two such sets of time horizons.

The paper is intended as a contribution to the debate concerning historiographical method which has been developing over recent years, a debate which has tended to focus on narrativity and related notions in the writing of linguistic ideas.

Mais informalmente, os horizontes cognitivos que definem um contexto dêitico podem ser ilustrados pelas datas de validade [sell-by date] estampadas nos bens perecíveis e que demarcam a sua vida útil [shelf life]. A vida útil é de fato uma metáfora apropriada em conexão com a historiografia linguística, já que os livros ficam nas prateleiras, e os livros também têm seus horizontes cognitivos temporais, a sua vida ativa de prateleira. (Cram 2007: 190)³³

O autor assim consegue trazer um interessante dado na discussão sobre a impressão que se tem de que as teorias linguísticas vão e vem. Elas estão, de certo modo, sempre disponíveis às gerações presentes. A opção por uma ou por outra se dá através da data de validade desta. Se a data de validade for considerada boa, isto significa que os pesquisadores de uma geração específica consideram que aquela teoria consegue responder a um número satisfatório de questões, e a teoria se encontra em alta. Se a data de validade for expirada, tem-se que a teoria já não dá mais conta das necessidades dos pesquisadores naquele momento específico. A definição da data de validade de uma teoria não costuma ser um valor absoluto; como com os produtos, apenas faz sentido se soubermos a data de hoje. Ao historiógrafo, isto significa saber o que é dito sobre uma teoria em sua época, com vistas a contrapor esta visão ao que era enfatizado na época em que a data de validade da teoria ainda era boa:

A vida útil de um item é o período de tempo que se pode deixá-lo na prateleira e ainda ser bom para a venda. É um período de tempo que é demarcado por uma data de validade [sell-by date], que é marcada no item quando produzido e que termina quando a data de validade é atingida. Note-se que as noções de vida útil [shelf-life] e data de validade são conceitos dêíticos; eles não têm qualquer significado real, a menos que você também saiba a data de hoje, contra a qual a combinamos. (Cram 2007: 193 – grifos nossos)³⁴

Cram destaca que a Historiografia de maneira alguma acontece em um ‘vácuo temporal’, como parece pretender, ou seja, o ponto de partida do historiógrafo é sempre o momento presente. É esta a primeira leitura que lhe é imposta, como seu ponto de partida. Cabe a este pesquisador, tendo esta informação em mente, buscar as fontes

³³ More informally, the cognitive horizons which define a deitic context can be illustrated by the sell-by dates which stamped on perishable goods and which demarcate their shelf life. Shelf life is indeed an appropriate metaphor in connection with linguistic historiography, since books sit on shelves, and books too have their cognitive time-horizons, their active shelf-life.

³⁴ The shelf life of an item is the length of time it can be sit on the shelf and still be good for sale. It is a duration which is demarcated by a sell-by date which is marked on the item when produced and which expires when the sell-by day is reached. Note that the notions of shelf-life and sell-by dates are deitic concepts; they don't have any real meaning unless you also know today's date, against which to match them.

necessárias que lhe viabilizem tentar reconstruir a maneira como tal teoria era percebida em seu contexto de produção. Sua análise historiográfica será necessariamente a correlação entre estas duas percepções:

Um conjunto de horizontes de tempo é aquele dos agentes e pensadores no período passado, que é o objetivo de reconstrução da narrativa histórica, como acabamos de ver. Mas a historiografia não está escrita em um vácuo cognitivo. Ela é escrita para um público contemporâneo, com seus horizontes temporais próprios e sua própria agenda de questões, que definem o que é relevante para o presente. O primeiro conjunto de horizontes temporais é inevitavelmente aninhado com o segundo. (Cram 2007: 202)³⁵

Em termos de missão, o historiógrafo deve tanto narrar o evento sobre o qual sua investigação se debruça, como traduzi-la à sua própria geração. Resgata-se assim o ponto de vista do passado, visando essencialmente tornar possível o diálogo entre as duas instâncias temporais. Assim como a tradução presume a adaptação de um discurso em uma língua diferente a uma língua conhecida, o trabalho do historiógrafo é essencialmente realocar a discussão sobre o passado, visando torná-la acessível aos demais pesquisadores de seu tempo:

[...] partindo de uma perspectiva linguística, a historiografia deve envolver não apenas questões de narração, ou seja, contando a história do evento passado, mas também de tradução. Exceto no caso improvável de que os dois horizontes cognitivos sejam isomorfos, deve-se mapear entre os horizontes de tempo do evento passado e as do leitor contemporâneo. (Cram 2007: 204)³⁶

Obviamente, esta tradução não se dá sem problemas. Enfatizar mais o ponto de vista do passado, ou aquele do presente, é uma decisão a ser tomada pelo historiógrafo ao produzir sua análise. O trabalho ideal certamente enfatiza as duas perspectivas, igualmente:

³⁵ One set of time horizons is that of the agents and thinkers in the past period, which is the objective of historical narrative to reconstruct, as we have just seen. But historiography is not written in a cognitive vacuum. It is written for a contemporary audience, with their own time horizons and their own agenda of issues which define what is relevant to the present. The first set of time horizons is inevitably nested with the second one.

³⁶ [...] from a linguistic perspective, historiography must involve issues not just of *narration*, i.e., telling the story of the past event, but also of *translation*. Barring the unlikely event that the two cognitive horizons are isomorphic, one must map between the time horizons of the past event and those of the present-day reader.

Um dilema que se apresenta centralmente na atual teoria da tradução, e que tem paralelos claros na historiografia, é a tensão entre a domesticação e a estrangeirização: deve uma transportar o texto-fonte para o mundo do leitor, ou transportar o leitor para o mundo do texto de origem? [...] Como todos os dilemas genuínos, não há uma resposta simples. Devemos, é claro, fazer um pouco de ambos, e a arte está em conseguir o equilíbrio certo. (Cram 2007: 204)³⁷

A adequação historiográfica ocorre em três etapas:

Níveis de Adequação em Historiografia	
Cronografia [recolher os fatos certos]	Adequação observacional
Reconstrução [recontar a história]	Adequação descritiva
Interpretação [mapeamento entre horizontes temporais]	Adequação explanatória

Reproduzido de Cram (2007: 205)

O primeiro procedimento metodológico a ser efetuado pelo historiógrafo é a cronografia: o levantamento dos fatos e dados que são relevantes na discussão almejada, distinguido dos fatos que podem ser descartados. Este procedimento visa à adequação observacional, ou seja, a seleção do que é importante para a análise que se deseja. O segundo procedimento metodológico é a reconstrução dos fatos, com vistas à produção de uma narrativa acerca deles. Com isto, chega-se à adequação descritiva, que é a confecção de uma história acerca do evento, teoria ou problema investigado. O terceiro e último procedimento é a interpretação da narrativa pelo historiógrafo, objetivando resgatar aquilo que era afirmado no passado, dissociada de ideias impostas pelo presente, para então se estabelecer um ponto de conexão entre as duas óticas, visando o subsequente diálogo. Assim, se tem a adequação explanatória, é dizer, o historiógrafo realiza sua contribuição à comunidade acadêmica.

Nota-se que a missão do historiógrafo é mesmo tentar tornar acessível algumas ideias de um autor ou período, que não se encontra(m) tanto em foco geralmente em sua época [atual], que é aquela na qual sua investigação acontece, às gerações contemporâneas e posteriores, se possível, resgatando tais leituras, ao trazê-las

³⁷ One dilemma which features centrally in current translation theory, and which has clear parallels in historiography, is the tension between *domestication* and *foreignisation*: should one transport the source text into the world of the reader, or transport the reader into the world of the source text? [...] Like all genuine dilemmas, there is no simple answer. We must of course do a bit of both, and the art lies in getting the balance right.

novamente à discussão, por uma comunidade acadêmica não obrigatoriamente dedicada à prática historiográfica, como já afirmado anteriormente.

O fazer historiográfico sempre parte da premissa que as ideias do passado não são necessariamente ultrapassadas, apenas por serem anteriores às atuais, visto não ser a História, seja ela da [ou de uma] Ciência, seja de outros fatos humanos, unilinear ou unidimensional. Tal disciplina, portanto, não visa apenas à erudição acadêmica, já que almeja, até certo ponto, poder trazer argumentos à discussão, sobre objetos de estudo das diferentes práticas científicas. Para a concretização desta operação, o historiógrafo se utiliza do recuo histórico que lhe é permitido, por estar situado em um momento temporal geralmente diferente daquele que constitui seu objeto de investigação. Na exposição de Cram, ainda que haja um recuo histórico, sempre nosso ponto de partida é o presente, no qual nos encontramos inseridos.

CAPÍTULO II

CAPÍTULO II

Pela Emergência de uma Hipótese: Questões Metodológicas

Procuramos, neste segundo capítulo, apresentar as diretrizes metodológicas que guiaram nossa investigação. Iniciamos pela delimitação dos objetivos, passando à explicação da periodização adotada, e em seguida apresentando nossas fontes. A última sessão explica os parâmetros de análise utilizados.

2.1 Objetivos

Este trabalho visou a ser uma discussão historiográfica sobre determinadas ideias de Sapir acerca de uma temática específica, temática esta colocada por gerações anteriores ao largo do século XX, cujo debate chega até nossa geração. Delineia-se desta maneira nosso objetivo central:

(1) tentar reconstituir parte do processo de ‘emergência’ das reflexões ou proposições de Sapir sobre as relações entre ‘língua-pensamento-cultura’, retomadas por gerações posteriores como *Hipótese do Relativismo Linguístico* ou *Hipótese (de) Sapir-Whorf*, através do estudo verticalizado de um conjunto de textos produzidos por este autor.

Por ‘emergência’, entendemos a maneira como suas ideias sobre (a) as relações entre ‘língua-pensamento-cultura’ foram propostas em seus textos, e (b) circularam pela sua produção intelectual, e (c) foram percebidas pela sua geração. Tem-se uma ‘emergência’ principalmente pelo fato de até onde pudemos ter verificado, não haja o próprio autor em texto algum formulado expressamente qualquer hipótese nos termos que vieram a ser consagrados na História da Linguística.

Para que pudéssemos materializar este objetivo central, propusemos outros objetivos específicos:

(2) Propusemo-nos a levantar e estabelecer este conjunto de textos de Sapir que, por hipótese, pudessem nos demonstrar a configuração de suas concepções sobre as relações entre a tríade [por nós estabelecida] como ‘língua-pensamento-cultura’;

(3) Efetuada a seleção, procedeu-se ao levantamento e a descrição das formas que tais concepções sobre as relações entre ‘língua-pensamento-cultura’ assumiram nestes textos, ou seja, se através de enunciados hipotéticos ou enunciados programáticos, se pela construção de uma nova metalinguagem ou ainda se pela apresentação de dados linguísticos;

(4) Do rastreamento destas formulações, neste conjunto de textos selecionados, buscamos a correlação entre estas e seu contexto externo de produção: os fatos acerca da vida do autor, enquanto indivíduo, que está inserido em um círculo acadêmico ou grupo de pesquisa, que por sua vez discute ideias em um momento específico da trajetória da humanidade, momento este que os especialistas denominam ‘clima intelectual’ (Koerner 1996a).

(5) Em relação ao indivíduo, tentamos correlacionar suas proposições às instâncias de sua biografia e trajetória intelectual, relativas à sua carreira acadêmica, tais como os fatos relacionados à sua idade profissional e posições ocupadas nas instituições em que trabalhou.

(6) Quanto ao círculo acadêmico, levou-se em consideração aquele do qual fazia parte e também de alguns dos quais se excluía, perguntando-se assim em quais meios seus trabalhos circulavam, quem eram seus contemporâneos, e como suas ideias foram percebidas e recebidas, ou percebidas e excluídas neste(s) círculo(s).

(7) A correlação com o clima intelectual de sua época se fez através do levantamento e investigação de algumas ideias que estavam em evidência e foram debatidas pelo seu círculo acadêmico, e se seria apropriado pensarmos em inovação, permanência, ruptura ou ainda a emergência de um novo paradigma, através das proposições do autor.

Estes objetivos são os fatos geradores dos parâmetros de análise, que exporemos em seguida, após a breve discussão sobre a periodização adotada, e a indicação dos textos selecionados e dos critérios adotados para tal seleção.

2.2 Periodização: 1907-1954

Por resultar do recorte que o historiógrafo efetua sobre seu objeto, a História, a periodização em Historiografia é o procedimento metodológico que visa ao estabelecimento de uma unidade discreta de análise, isto é, à elaboração de um quadro

de trabalho provisoriamente ‘fechado’, que possibilite ao historiógrafo a descrição, hierarquização e interpretação consistente dos fatos relacionados ao seu objeto de interesse (Swiggers 1983).

Assim, tomando como exemplo o objetivo central desta análise, diferentes períodos pode[ria]m ser enfocados, em um estudo historiográfico, como a figura 1 procura evidenciar:

Processo de temporização/ periodização em na Historiografia da ‘Hipótese Sapir-Whorf nos textos de Sapir

- A. Horizonte de Retrospecção: ideias disponíveis e anteriores ao autor;
- B. Horizonte do Autor: ideias do e contemporâneas ao autor;
- C. Horizonte de Prospecção: ideias posteriores, a partir do autor.

Fig. 1 – Possibilidades de recorte das ideias em Historiografia

Levado em consideração que desejamos reconstituir o processo pelo qual as ideias de Sapir sobre as relações entre língua-pensamento-cultura foram propostas em seus textos, circularam pela sua produção intelectual, e foram percebidas pela sua geração, ou seja, abordar sua emergência, nosso período de investigação inicia-se em 1907, ano de publicação do trabalho “*Herder’s Ursprung der Sprache*”, dissertação de mestrado sobre a origem da língua em Herder, defendida por Sapir anteriormente em 1905, e se encerra em 1954, ano da realização, em Chicago, da *Conference on the Interrelations of Language and Other Aspects of Culture*, na qual Harry Hoijer (1904-1976) apresentou o trabalho *The Sapir-Whorf Hypothesis*, que é a primeira menção ao rótulo ‘hipótese Sapir-Whorf’, que cristalizaria a leitura de Sapir como um relativista às gerações posteriores.

Com a figura 1, pretendemos salientar de alguma maneira que não constitui objetivo desta pesquisa discutir, por exemplo, possíveis influências sobre Sapir, como

fizeram Joseph (1996) ou Koerner (1999), e nem o provável rumo que estas ideias percebidas como ‘relativistas’, pelas gerações posteriores, tomaram ao longo da segunda metade do século XX, ou seja, a problemática de sua recepção, como fizeram Hill e Mannheim (1992), dentre outros trabalhos.

Na figura 2, correlacionamos o período de vida do autor (Eixo I) à periodização adotada nesta investigação (Eixo II):

Fig. 2 – *Datas Relevantes*

Instituem-se, assim, dois marcos temporais para a secção determinada por esta periodização: em 1907, Sapir publica sua dissertação de mestrado, seu primeiro trabalho que consideramos relevante nesta análise, dentro de seu conjunto de textos, ou, ao menos, o mais antigo que selecionamos; e em 1954, temos o reconhecimento documentado, por parte de uma geração imediatamente seguinte, de que o autor é um “relativista”, através da cunhagem do termo *Sapir-Whorf hypothesis*, isto é, a consagração de Sapir como um relativista.

O período adotado estabelece, deste modo, a delimitação para a orientação do mapeamento de textos e periódicos selecionados, e levantamento de fatos e fatores relevantes, com vistas à tentativa de reencenação do contexto de emergência das reflexões abordadas.

2.3. Material de Análise

A tarefa de estabelecimento das fontes primárias e secundárias, em curso desde as primeiras formulações do presente projeto, tem obedecido aos seguintes critérios:

2.3.1. Fontes Primárias e seus Critérios de Seleção:

- a) Fontes primárias do autor sobre a relação ‘língua-pensamento-cultura’:

Como critério inicial de seleção das fontes primárias propusemos a utilização de textos publicados do autor, em sua língua original, que abordassem de alguma forma a relação entre língua-pensamento-cultura. Partindo de publicações mais recentes sobre o relativismo linguístico, como Lucy (1990) e Gumperz & Levinson (1999), e referências bibliográficas mais específicas sobre Sapir, tais como Darnell (1990) e Koerner (1999), procedemos à consulta das coletâneas de Mandelbaum (1949), Darnell, Irvine & Handler (1999) e Swiggers et alii (2008), levando em conta as publicações indicadas pelos autores.

Visto que as referências se centravam essencialmente em Sapir (1929), e outras poucas em Sapir (1924), passamos a utilizar em um segundo momento os títulos como critério de seleção, almejando ampliar nosso *corpus*. Posteriormente, da leitura destas fontes, resultou a seguinte seleção:

Quadro 1.1. – Fontes Primárias

ANO	TÍTULO	PERIÓDICO/ LIVRO – (EDITORIA) ORIGINAL	VOLUME: PÁGINAS	NÚMERO PÁGINAS ³⁸	COLETÂNEA UTILIZADA
1907	<i>Herder's Ursprung der Sprache</i>	<i>Modern Philology</i>	5: 109-142	34	Swiggers 2008
1911	<i>The history and variety of human speech</i>	<i>Popular Science Monthly</i>	79: 45-67	23	Swiggers 2008
1912	<i>Language and environment</i>	<i>American Anthropologist</i>	14: 226-242	15	Mandelbaum 1949
1917	<i>Do we need a 'superorganic'?</i>	<i>American Anthropologist</i>	19: 441-447	6	Darnell, Irvine & Handler (1949)
1921	<i>Language: an introduction to the study of speech</i>	Manual escrito pelo autor	-	192	-
1923	<i>An approach to symbolism</i>	<i>The Freeman</i>	7: 572-573	3	Swiggers 2008
1924a	<i>The grammarian and his language</i>	<i>American Mercury</i>	1: 149-155	10	Mandelbaum 1949
1924b	<i>Culture, Genuine and Spurious</i>	<i>American Journal of Sociology</i>	29: 401-429	24	Mandelbaum 1949
1925a	<i>Sound Patterns in Language</i>	<i>Language</i>	1: 37-51	15	Mandelbaum 1949
1925b	<i>Memorandum on the Problem of an International Auxiliary Language</i>	<i>The Romanic Review</i>	16: 244-256	13	Swiggers 2008
1926	<i>Philology</i>	<i>Encyclopaedia Britannica (Supplementary volumes)</i>	13: 112-115	8	Swiggers 2008
1927a	<i>Language as a form of human behavior</i>	<i>The English Journal</i>	16: 421-433	13	Swiggers 2008
1927b	<i>Anthropology and Sociology</i>	<i>The Social Sciences and their Interrelations</i> [livro]	Cap. 9: 97-113	15	Mandelbaum 1949

³⁸ Em relação à coletânea e/ou publicação utilizada

1927c	<i>Speech as a Personality Trait</i>	<i>American Journal of Sociology</i>	32: 892-905	11	Mandelbaum 1949
1927d	<i>The Unconscious Patterning of Behavior in Society</i>	<i>The Unconscious: A Symposium</i> [livro]	114-142	16	Mandelbaum 1949
1929a	<i>The status of Linguistics as a science</i>	<i>Language</i>	5: 207-214	8	Mandelbaum 1949
1929b	<i>A Study in Phonetic Symbolism</i>	<i>Journal of Experimental Psychology</i>	12: 225-239	15	Mandelbaum 1949
1930	<i>Totality</i>	LSA, Language Monographs 6	-	26	Swiggers 2008
1931a	<i>Communication</i>	<i>Encyclopedia of Social Sciences (Macmillan)</i>	4: 78-81	3	Mandelbaum 1949
1931b	<i>Custom</i>	<i>Encyclopedia of Social Sciences (Macmillan)</i>	4: 658-662	8	Mandelbaum 1949
1931c	<i>Dialect</i>	<i>Encyclopedia of Social Sciences (Macmillan)</i>	5: 123-126	4	Mandelbaum 1949
1931d	<i>Fashion</i>	<i>Encyclopedia of Social Sciences (Macmillan)</i>	6: 139-144	9	Mandelbaum 1949
1931e	<i>The Function of an International Auxiliary Language</i>	<i>Psyche</i>	11 (4): 3-15	12	Mandelbaum 1949
1931f	<i>Conceptual Categories in Primitive Languages</i>	<i>Science</i>	74: 578	1	Swiggers 2008
1932a	<i>Group</i>	<i>Encyclopedia of Social Sciences (Macmillan)</i>	7: 178-182	9	Mandelbaum 1949
1932b	<i>Cultural Anthropology and Psychiatry</i>	<i>Journal of Abnormal and Social Psychology</i>	27: 229-242	12	Mandelbaum 1949
1932c	<i>Wanted: a world language</i>	<i>The American Mercury</i>	22: 202-209	8	Swiggers 2008
1933a	<i>Language</i>	<i>Encyclopedia of Social Sciences (Macmillan)</i>	9: 155-169	15	Mandelbaum 1949
1933b	<i>The Psychological Reality of Phonemes</i> [originalmente “La réalité psychologique des phonèmes”]	<i>Journal de Psychologie Normale et Pathologique</i>	30: 247-265	15	Mandelbaum 1949
1934a	<i>Personality</i>	<i>Encyclopedia of Social Sciences (Macmillan)</i>	12: 85-87	3	Mandelbaum 1949

1934b	<i>Symbolism</i>	<i>Encyclopedia of Social Sciences (Macmillan)</i>	14: 492-495	5	Mandelbaum 1949
1934c	<i>The emergence of the concept of personality in the study of cultures</i>	<i>Journal of Social Psychology</i>	5: 408-415	8	Mandelbaum 1949
1936	<i>The application of Anthropology to Human Relations</i>	<i>The American Way: A Study of Human Relations among Protestants, Catholics and Jews [livro]</i>	121-129	8	Darnell, Irvine & Handler (1949)
1938	<i>Why Cultural Anthropology needs the Psychiatrist</i>	<i>Psychiatry</i>	7-12	9	Mandelbaum 1949
1939	<i>Psychiatric and Cultural Pitfalls in the Business of Getting a Living</i>	<i>Mental Health (AAAS³⁹)</i>	237-244	11	Mandelbaum 1949
1944	<i>Grading: a study in Semantics</i>	<i>Philosophy of Science</i>	11: 93-116	24	Mandelbaum 1949
1947	<i>The Relation of American Indian Languages to General Linguistics</i>	<i>Southwestern Journal of Anthropology</i>	3: 1-4	4	Swiggers 2008
VOLUME DE PÁGINAS ANALISADAS:			615		

³⁹ AAAS – American Association for the Advancement of Science

b) Fontes primárias de outros autores sobre a relação ‘língua-pensamento-cultura’:

Embora este seja um trabalho sobre as proposições de Sapir, alguns outros textos são igualmente importantes na reconstrução do clima intelectual da época. Da leitura destas fontes, em correlação com algumas das afirmações de Sapir sobre a relação entre ‘língua-pensamento-cultura’, para o mapeamento do círculo acadêmico imediato e dos temas relevantes ao grupo de trabalho de Sapir, selecionamos, através de indicações bibliográficas, alguns *trabalhos publicados sobre o autor*, tais como artigos em periódicos, prefácios, resenhas, referências, comentários, obituários e trechos de manuais contemporâneos ao autor, que nos permitam perceber *quem* foi Sapir na visão de seus contemporâneos, *qual* foi o impacto de suas proposições em sua época e, espera-se, como eles perceberam e/ou receberam as reflexões de Sapir sobre língua-pensamento-cultura. Tendo em mente o cumprimento destes objetivos, resultou-se a seguinte seleção:

- textos programáticos da época: a introdução ao *Handbook of American Indian Languages*, de Boas (1911) e o texto *On alternating sounds* (Boas 1889);
- resenhas e trabalhos sobre o autor de pesquisadores contemporâneos a ele: Bloomfield (1922), Harris (1944, 1945 e 1951), Newman (1951), e alguns trabalhos de Whorf (como Whorf 1941)⁴⁰, além dos trabalhos reunidos na conferência de 1954, na qual surge o título “hipótese Sapir-Whorf”, editados por Hoijer (1954);
- relatos sobre o autor: de seu filho J. David Sapir (1985) e de alunos, contidos nos anais da conferência em homenagem ao centenário de nascimento de Sapir, realizada em 1984, em Ottawa, Canadá, cujos anais encontram-se publicados, em edição de Cowan, Koerner e Foster (1986);
- obituários sobre o autor: Swadesh (1939) e Boas (1939);
- artigos programáticos: nos periódicos *American Anthropologist*, *International Journal of American Linguistics*, *Word* e *Language*, dentro da periodização estipulada para esta pesquisa (1905 a 1954).

⁴⁰ Embora este trabalho não almeje estudar Whorf em profundidade, mas sim Sapir, não é possível ignorar o fato de, justamente, o texto *whorfiano* mais discutido, “*Relation of thought and behavior to language*”, haja sido escrito para uma coletânea de textos em homenagem ao então recém-falecido Edward Sapir. Por outro lado, visto ser este ter este texto recebido bastante atenção de diversos pesquisadores, seu estudo exaustivo constituiria outro trabalho historiográfico, escapando do escopo de nossa pesquisa neste momento. Deste modo, para efeitos metodológicos, os trabalhos de Whorf serão considerados fontes primárias apenas no sentido de nos fornecer pistas sobre as proposições de Sapir.

2.3.2. Fontes Secundárias e seu Critério de Seleção

Indubitavelmente, seria impossível ignorar a extensa literatura posterior a Sapir acerca de sua obra, seja a discussão contida em trabalhos especificamente historiográficos, seja o debate de suas ideias por comunidades acadêmicas com as mais diversas orientações teóricas. Neste trabalho, todas as demais fontes não apresentadas acima foram consideradas secundárias. Seleccionamos os trabalhos que nos permitissem considerar não apenas as diferentes concepções sobre a relação ‘língua-pensamento-cultura’ e de outros fatos linguísticos dos quais o autor se ocupou, quanto também os dados acerca da biografia, das relações interpessoais e do meio intelectual de Edward Sapir e seus contemporâneos, e até mesmo um pouco sobre sua recepção:

- prefácios e introduções das coletâneas de trabalhos do autor: edições de Mandelbaum (1949), Darnell et alii (1999), Pierre Swiggers et alii (2008);
- manuals historiográficos e biografias sobre o autor e/ou seu período: Andresen (1990), Darnell (1990) e Murray (1993);
- manuals historiográficos gerais: Ivić (1965), Sampson (1965), Leroy (1971), Câmara Câmara Jr. (1975), Newmeyer (1986), Fought (1995)⁴¹, Weedwood (2002), Paveau & Sarfati (2006), Marcondes (2010).
- trabalhos apresentados na conferência em homenagem ao centenário de nascimento de Sapir: edição de Cowan, Koerner e Foster (1986);
- trabalhos relevantes sobre Sapir: Mattoso Câmara Jr. (1954; 1961), Sampson (1965), Landar (1966), Lepschy (1966), Beaugrande (1991), Hill e Mannheim (1992), Leavitt (2006);
- trabalhos relevantes sobre Sapir encontrados no periódico especializado *Historiographia Linguistica*: como Joseph (1996), Koerner (1999);
- trabalhos relevantes sobre a hipótese do relativismo linguístico: Langacker (1976), Lucy (1992a e 1992b); Gumperz e Levinson (1996), Jourdan e Tuite (2006);
- teses e dissertações sobre a temática: Lee (1996), Gonçalves (2008), dentre outros.

⁴¹ In: KOERNER, E. F. K. & ASHER, R. E. [eds.] (1995). *Concise History of the Language Sciences: from the Sumerians to the Cognitivists*. Oxford: Pergamon Press

2.4. Parâmetros de Análise

No intuito de mapear o contexto de produção e recepção das ideias de Sapir, viabilizando a reconstrução do clima intelectual do período selecionado, estabeleceram-se quatro parâmetros de análise:

2.4.1. Parâmetros Externos

No intuito de mapear o contexto de produção e recepção das ideias de Sapir, viabilizando a reconstrução do clima intelectual do período selecionado, estabeleceram-se quatro parâmetros de análise:

Quadro 1.5. – Parâmetros Externos de Análise

1.	Nome, biodatas e grau de profissionalização dos membros da ‘ <i>tradição boasiana</i> ’;
2.	Temas recorrentes [“ <i>hot points</i> ”] a este grupo;
3.	Dados biográficos do autor;
4.	Dados biobibliográficos dos textos do autor sobre a relação língua-pensamento-cultura.

Os parâmetros externos fundamentaram-se em duas diretrizes específicas:

a) a apreensão do arranjo contextual determinado pela relação entre os agentes do grupo de trabalho de Edward Sapir, partindo de seu orientador, Franz Boas, até seu aluno Benjamin Lee Whorf, cujo nome encontra-se agregado no rótulo “hipótese Sapir-Whorf” (parâmetros 1 e 2); e b) o mapeamento da trajetória científica exclusiva do autor e de sua obra (parâmetros 3 e 4).

O parâmetro ‘**nome, biodatas e grau de profissionalização dos membros da ‘tradição boasiana’**’ visou a mapear a geração de pesquisadores contemporâneos a Sapir, através do levantamento dos nomes e período de vida profissional dos agentes que conviveram com o autor em sua formação intelectual e em sua carreira científica, na então chamada ‘escola Boasiana’ e, subsequentemente, a forma de organização destes pesquisadores, além de seu grau de profissionalização, possibilitando-nos o rastreamento do modo como os pesquisadores do círculo de Sapir se percebiam em relação a outros grupos de especialidade e como também eram percebidos.

Além disto, o parâmetro “**temas recorrentes (‘hot points’) a este grupo**” visou evidenciar os principais conceitos e discussões sobre os quais a escola Boasiana se

ocupou enquanto grupo científico, e a metodologia de pesquisa por eles utilizada em seus trabalhos, ou seja, aquilo que foi considerado relevante ou não para o estudo científico do momento, por eles produzido. Portanto, o propósito deste parâmetro foi permear o levantamento das ideias consideradas científicas, além do debate ideológico subjacente, em evidência naquele período, e as diretrizes metodológicas desta comunidade acadêmica.

O estudo dos **“dados biográficos e biobibliográficos do autor”** visa a destacar o processo de formação intelectual do autor e sua trajetória enquanto cientista reconhecido pelas gerações posteriores como um dos precursores da Linguística norte-americana, juntamente com Bloomfield. A análise da bibliografia de Sapir em correlação com momentos específicos da sua vida pessoal e profissional, ou seja, o exame dos textos selecionados em correlação com o estágio profissional do autor (início ou fim da carreira); com o grau de reconhecimento (enquanto autor renomado ou desconhecido); ou com seu grau de prestígio, deverá permitir o mapeamento da evolução de suas reflexões sobre ‘língua-pensamento-cultura’ em perspectiva cronológica.

O **‘dados biobibliográficos dos textos do autor sobre a relação língua-pensamento-cultura’** visa a salientar fatores envolvidos no processo de produção e divulgação dos textos por nós selecionados na obra de Sapir, e que discutam a relação entre língua-pensamento-cultura, tais como a localidade na qual o autor se encontrava na ocasião; o periódico no qual o trabalho foi publicado e ainda se o texto resultou de uma conferência e/ou palestra, ou se era destinado exclusivamente à publicação; o público ao qual o autor se dirigia naquele momento, e o impacto das proposições por seus receptores, como, por exemplo, se o texto foi resenhado, recebeu elogios e/ou críticas.

Sintetizando, nossa parametrização externa parte do grupo de trabalho no qual Sapir se inseria (parâmetro 1), refletindo depois acerca da temática da qual este grupo se ocupava (parâmetro 2), chegando ao levantamento de informações específicas sobre a vida de Sapir (parâmetro 3), e finalmente analisando características particulares sobre suas publicações consideradas relativistas (parâmetro 4). Assim, o gráfico abaixo almeja demonstrar a intersecção entre a parametrização adotada, evidenciando sua inter-relação:

Figura 1.2. – Parâmetros Externos

Efetuadas tais considerações sobre os parâmetros de carácter mais externo, passemos a exposição dos parâmetros internos.

2.4.2. Parâmetros Externos

Para a análise dos textos produzidos por Sapir que seleccionamos nesta análise, cujo foco é a investigação de seu pensamento 'relativista', estabeleceram-se os seguintes parâmetros internos:

Quadro 1.6. – Parâmetros Internos de Análise

1.	Metaterminologia do autor
2.	Definições centrais

O parâmetro '**metaterminologia do autor**' tem por objetivo resgatar algumas definições fundamentais propostas por Sapir, mas que não estão diretamente ligadas especificamente à questão do 'relativismo linguístico', em nossa hipótese de trabalho interpretado como decorrente das relações entre 'língua-pensamento-cultura', e que se justificam essencialmente para o entendimento vertical da rede metalinguístico-conceitual proposta pelo autor em sua trajetória científica, ao confeccionar trabalhos em Linguística. Enfocando, portanto, na apreensão de seus conceitos acerca de certos fatos linguísticos, este parâmetro almeja levantar definições como 'língua' (*language*), 'Linguística' (*Linguistics*), 'padrão linguístico' (*pattern*), 'simbolismo' (*symbolism*), 'comportamento' (*behavior*), 'culture' (cultura), e análogos, de modo tal que se possa explicitar:

a) a visão geral do autor sobre o objeto ‘língua’, ou seja, se esta é um objeto autônomo, ou correspondente às estruturas mentais, ou até mesmo se correlacionável a estruturas sociais;

b) os procedimentos analíticos a serem considerados na descrição deste objeto;

c) as estruturas linguísticas preferenciais sobre as quais deve recair a descrição.

Já o parâmetro ‘**definições centrais**’, essencial para esta análise interna, tem por meta a tentativa de deflagração do conceito de relativismo subjacente em sua obra, uma vez que este conceito encontra-se disperso em vários trabalhos do autor, não havendo texto único e específico no qual este visasse a discorrer notadamente sobre o tema pelo qual ficou famoso. Este parâmetro visa nos permitir reconstituir o modo como Sapir compreende, ou ao menos apresentou a nós leitores, as relações entre ‘língua-pensamento-cultura’, de modo tal que nos leve, possivelmente, a resgatar seu conceito de relativismo linguístico através das seguintes questões:

a) a maneira como o autor caracteriza a relação entre ‘língua-pensamento-cultura’;

b) os argumentos utilizados na descrição desta relação;

c) os dados linguísticos utilizados pelo autor ao discorrer sobre o assunto.

Os dois parâmetros internos aqui envolvidos constroem-se, portanto, sobre duas diretrizes epistemológicas: a) a tentativa de demonstração mais exclusiva de nosso objeto de análise: a relação entre ‘língua-pensamento-cultura’ (parâmetro 2); e b) a inserção desta análise na rede metalinguístico-conceitual do autor, que por sua vez se encontra incluída em uma visão mais geral sobre o objeto ‘língua’ (parâmetro 1). Isto é, em nossa hipótese de investigação, a questão exclusiva do relativismo linguístico se encontra relacionada ao rastreamento dos metatermos ‘língua’, ‘pensamento’ e ‘cultura’, ou seja, como o autor define estes três conceitos, e como desenvolve a argumentação sobre sua inter-relação. Entretanto, a discussão toda se faz dentro da Linguística, e assim sendo, o metatermo ‘língua’, indubitavelmente, possui papel central no desenvolvimento de sua teoria. Assim, o rastreamento de outros metatermos foi necessário, tais como ‘padrão’ e ‘simbolismo’, por exemplo, para que pudéssemos melhor caracterizar sua concepção sobre o que é uma ‘língua’.

Exposta nestas breves linhas nossa metodologia, passaremos então a uma breve apresentação sobre alguns rótulos e leituras mais comuns sobre Sapir, quando consultamos a literatura secundária acerca do autor.

CAPÍTULO III

CAPÍTULO III

Edward Sapir e a Linguística Norte-Americana no Início do Século XX

Este capítulo procura expor alguns fatores sobre o contexto externo de surgimento da temática do relativismo linguístico nos trabalhos de Sapir, através da coleta de dados em trabalhos relevantes sobre a vida do autor, seu grupo de trabalho e o clima intelectual do momento no qual este agente viveu.

Iniciamos a exposição desta análise discorrendo sobre quem foi Edward Sapir, em quais locais estudou e trabalhou, e sobre quais temas se dedicou ao longo de seus anos. Em seguida, focamos em seus anos de formação profissional, enquanto membro da escola Boasiana. Nesta etapa, destacamos com Franz Boas, seu orientador de doutorado, e renomado antropólogo naquele momento, e seu grupo de trabalho, reconhecido posteriormente como ‘escola *boasiana* de Antropologia’. Veremos que este grupo operava sob uma metodologia denominada [também posteriormente] de ‘particularismo histórico’, que tinha por premissa considerar cada trajetória histórica construída pelos diferentes agrupamentos humanos de modo exclusivo, alegando serem os diferentes percursos trilhados por cada agrupamento humano incomensurável em termos evolutivos. Observamos também o interesse desta escola de Antropologia nos estudos linguísticos.

Na terceira e última seção do capítulo, nossa atenção se dirige a fatores relativos à construção da “hipótese Sapir-Whorf”. Discorreremos sobre a vida de Sapir, na etapa em que foi professor, e sobre seu relacionamento com Benjamin Lee Whorf. Trazemos então alguns fatores sobre a leitura de Whorf, e por fim, chegamos à cunhagem propriamente dita do termo, em 1954.

3.1. Sapir: do indivíduo ao linguista e antropólogo

3.1.1. Vida Familiar

Edward Sapir nasceu em 26 de janeiro de 1884, no que em sua época era considerado território alemão, na cidade de *Lauenburg*, antiga Pomerânia. Hoje, esta

mesma cidade chama-se *Łębork*, e situa-se na Polônia, por conta da sucessão dos fatos da 2ª Guerra Mundial (1939-1945). Ainda assim, Sapir era originalmente alemão, embora hoje, quando procuramos sua cidade no mapa da Alemanha, não a encontramos⁴². Curiosamente, até mesmo sua origem ou nacionalidade poderiam, em princípio, ser objeto de disputa, uma vez que ele nasceu em uma cidade anteriormente alemã, hoje polonesa, tendo imigrado para os Estados Unidos, e vivido no Canadá por quinze anos. Assim, fala-se também do linguista norte-americano Edward Sapir.

Segundo Darnell (1990a: 1-4), sua família, de judeu-lituanos, nunca aceitou a nacionalidade alemã. A língua materna de Sapir era [inicialmente] o iídiche, língua utilizada em sua casa, embora também falasse alemão. A língua inglesa, Sapir veio a dominar por conta da imigração e do longo período nos Estados Unidos, e vem cronologicamente mais tarde. Ao considerá-lo norte-americano, leva-se em consideração, portanto, a imigração ainda criança, com sua família. Antes de chegarem aos Estados Unidos, em 1890, a família de Sapir passou pela Inglaterra, em 1888.

Tendo passado por *Richmond*, no estado norte-americano da Virgínia, sua família se mudou para Nova Iorque, no estado de mesmo nome. Darnell (1990a) descreve este período como de bastante pobreza para a família Sapir, visto que seu pai não conseguia se estabelecer em seus empregos, e sua mãe acabava sendo responsável por sustentar a família. Seus pais acabaram por se divorciar por volta de 1910.

Especificamente, sobre a influência de seus pais em sua personalidade, a autora destaca que sua mãe enfatizava a importância em estudar, para conseguir um bom emprego e poder ascender socialmente; já seu pai seria quem realmente ensinou Sapir a ter apreço pela cultura [aqui em sentido amplo, não restrito à Antropologia] e pelas artes, como a música e a literatura.

3.1.2. Anos de Formação

Por conta de sua origem humilde, provavelmente sua família não teria condições de lhe financiar os estudos superiores. Então, com quatorze anos e vivendo em Nova Iorque, Sapir ganhou uma bolsa de estudos da Fundação Pulitzer, que lhe dava direito a frequentar por quatro anos um prestigiado colégio privado [*Horace Mann High School*];

⁴² Atualmente, no território alemão, existe outra cidade [e também seu distrito] chamada Lauenburg, no estado de Schleswig-Holstein. Alguns dados na internet podem direcionar o leitor a esta cidade, mas esta não é a mesma na qual Sapir nasceu.

Sapir optou, no entanto, por estudar em um colégio público, guardando o dinheiro e utilizando-o para seus estudos superiores, realizados na prestigiada *Columbia University*, a partir de 1901 (Darnell 1990a: 4).

Destaca-se que nesta instituição, em 1904, o autor conclui seu bacharelado, estudando Filologia Germânica, em apenas três anos, em um programa realizado geralmente em quatro anos. Durante tais anos, ainda que institucionalmente na área da Filologia Germânica, Sapir pode estudar a Linguística Indo-europeia daquele tempo, [que posteriormente viria a se tornar uma disciplina autônoma também]. Era nesta área – Filologia Germânica – que os alunos interessados em Linguística acabavam cursando seus estudos, uma vez que não havia um departamento específico de Linguística na Universidade Colúmbia naquele momento (Darnell & Irvine 1997).

O estudo das línguas foi o grande foco da atenção de Sapir ao longo de seu bacharelado, havendo cursado inúmeras línguas, como o Latim, o Grego, o Francês, o Sânscrito além de diversas línguas germânicas. Sapir também teve contato com o estudo da música, e alguns cursos em Antropologia (Murray & Dynes 1986).

Cursando Antropologia Avançada, Sapir encontra o antropólogo Franz Boas (1859-1942), cuja importância será enfatizada mais adiante. Sapir surpreende-se com o fato de Boas conseguir “balançar” suas pressuposições sobre as línguas, através da apresentação de exemplos advindos das chamadas línguas primitivas (Lowie 1984 [1956]).

Tal surpresa leva Sapir a trocar, mais tarde, a Filologia pela Antropologia, por perceber que o estudo destas línguas, consideradas inferiores naquela época, inclusive por muitos pesquisadores, seria de grande valia a uma área do conhecimento que se dedicasse a versar sobre o que é, de fato, a natureza das línguas humanas, instituindo o que posteriormente viria a ser conhecida como a disciplina “Linguística”.

Sapir cursa diversas disciplinas e seminários ministrados por Boas, sobre as línguas indígenas norte-americanas (Murray & Dynes 1986: 126-127). Neste momento, o autor apresenta sua dissertação de mestrado, ainda na área da Filologia Germânica, intitulada “*Herder’s ‘Ursprung der Sprache’*” [“A origem da língua” de Herder], em 1905. Ainda que em sua dissertação de mestrado já seja possível detectar certas influências de Boas, através da inclusão de exemplos em Inuit⁴³ (Murray 1985), é

⁴³ Nas diversas fontes secundárias deparamo-nos com o termo *Eskimo*, atualmente em desuso, cujo significado na língua destes povos é “comedor de carne crua”; por conseguinte, optamos por utilizar *Inuit*,

principalmente pelos trabalhos de campo, realizados a partir de 1905, que Sapir começou a se dedicar mais consistentemente às línguas indígenas norte-americanas (Murray 1993: 77-111), resultando na obtenção de seu título de “doutor em Antropologia”, em 1909, com a tese “*The Takelma language of Southwestern Oregon*”, decorrente da coleta de dados em uma reserva indígena no Oregon, Estados Unidos. É pelo contato com Boas, e através dos trabalhos de campo, que se vê a passagem do ‘Sapir filólogo’ ao ‘Sapir antropólogo-linguista’:

A transição da [filologia] germânica para a antropologia foi suave. A dissertação de mestrado de sobre a teoria de Herder da origem da linguagem, [já] incluindo exemplos [das línguas] esquimó, já refletiam a influência de Boas. Neste momento, como em anos posteriores, Sapir defendeu a equivalência funcional de todas as línguas humanas, incluindo explicitamente a dos povos “primitivos”. Mas seu aprendizado real como um linguista de campo, na tradição antropológica, começou em 1905, quando Boas mandou-o para a Reserva Yakima em Washington, para trabalhar com o Chinook Wasco e Wishram. Havia muitas línguas implorando por descrição. Em 1906, Sapir retornou ao campo, para sua pesquisa de dissertação, trabalhando com Takelma e Chasta Costa, na Reserva Siletz, em Oregon. (Darnell & Irvine 1997)⁴⁴

Mesmo que seus títulos tivessem sido oficialmente obtidos na Filologia e na Antropologia, Sapir considerava-se linguista, nomeadamente, e antropólogo apenas por acidente (J. David Sapir 1985: 291).

ao invés, sempre que necessário, cujo significado (povo) é mais neutro e o uso mais recorrente atualmente.

⁴⁴ The transition from Germanics to anthropology was a smooth one. Sapir's M.A. thesis on Herder's theory of the origin of language, by including Eskimo examples, already reflected the influence of Boas. At this time, as in later years, Sapir defended the functional equivalence of all human languages, explicitly including those of "primitive" peoples. But his real apprenticeship as a field linguist, in the anthropological tradition, began in 1905 when Boas sent him to the Yakima Reservation in Washington to work on Wasco and Wishram Chinook. There were many languages begging for description. In 1906 Sapir returned to the field for his dissertation research, working on Takelma and Chasta Costa at Siletz Reservation in Oregon.

3.1.3. Vida Profissional

Sobre sua carreira profissional, consta que Sapir trabalhou em diversas instituições: em 1907, foi pesquisador assistente na Universidade da Califórnia (Berkeley, EUA); em 1908, ganhou uma bolsa de estudos por mérito para a Universidade da Pensilvânia (EUA); de 1910 a 1925, trabalhou como etnólogo chefe da divisão de Antropologia no *Geological Survey of Canada* (Ottawa, Canadá); de 1925 a 1931 foi professor na Universidade de Chicago (Illinois, EUA); e de 1931 a 1939, foi professor na Universidade de Yale (Connecticut, EUA) (cf. Darnell 1990a; Murray 1993).

Na Universidade da Califórnia, em 1907, Sapir pode trabalhar com Alfred Louis Kroeber (1876-1960), primeiro professor de Antropologia desta universidade. Kroeber fora também orientando de Franz Boas, tendo defendido seu doutorado em 1901. Juntamente com Boas e Sapir, Kroeber é considerado um das lideranças intelectuais de uma escola *boasiana* (Murray 1993: 65), como observaremos mais adiante.

Nesta época, Sapir estudou alguns dialetos do Yana [língua isolada], de um grupo indígena em desaparecimento naquele momento [e hoje considerado extinto], e também o Kato [língua Na-Dene, atabascana, hoje também extinta]. O problema é que os antropólogos se interessavam em descrições linguísticas mais superficiais, para que pudessem classificar geneticamente tais línguas, enquanto Sapir desejava um estudo gramatical mais aprofundado, que incluísse a produção de uma gramática, dicionário e conjunto de textos de tais línguas (Darnell 1990a).

Em 1908, Sapir vai para a Universidade da Pensilvânia, onde entra em contato com Frank Speck (1881-1950), outro colega *boasiano*. Até 1910, Sapir esteve vinculado à Universidade da Pensilvânia, onde pode estudar o Catawba (Sioux), o Ute (Uto-Asteca) e o Paiute (Uto-Asteca), dentre outras línguas indígenas norte-americanas. Novamente interessado em estudos mais aprofundados, Sapir se depara com a escassez em financiamentos para suas pesquisas. Ainda assim, sua descrição do Paiute é considerada a melhor descrição de uma língua indígena norte-americana produzida por um discípulo de Franz Boas (Darnell & Irving 1997). É também nesta época que Sapir pode ter contato com o Hopi (Uto-Asteca), língua que posteriormente seria ligada a Benjamin Lee Whorf, e conseqüentemente à controvérsia que aqui analisamos, sobre a hipótese Sapir-Whorf.

Em 1910, Sapir é contratado como antropólogo-chefe [etnologista] para a divisão de Antropologia do *Geological Survey* do Canadá, aos seus 26 anos. Esta posição de destaque no Canadá lhe permite desenvolver pesquisas e publicações neste território, durante os 15 anos que aí permaneceu, havendo sido este um período de intensa atividade científica na vida do autor. Dentre seus feitos, destaca-se sua participação na criação do atual *Museu Canadense das Civilizações*, em Ottawa. Em sua época, o museu era denominado *Galerias Nacionais do Canadá*, e posteriormente [já em um momento no qual Sapir já não vivia mais no Canadá] recebeu a denominação atual. É durante este período no Canadá que foram produzidos alguns de seus trabalhos mais importantes, como seu manual *Language*, ou seu texto *The Grammarian and his Language*, primeira menção ao termo ‘relativismo’, de acordo com nosso levantamento, além de inúmeros estudos sobre os povos nativos daquela região. A vida em Ottawa naquele momento não era fácil, em sua dimensão pessoal, bastante turbulenta no período, e Sapir passou a desejar um emprego mais acadêmico, no qual pudesse lecionar e ter contato com outros pesquisadores e alunos.

Então, em 1925, Sapir parte para a Universidade de Chicago, onde foi professor no departamento de Sociologia e Antropologia⁴⁵. Na época, os estudos de Sociologia desta universidade eram bastante prestigiados, e Sapir convive em uma atmosfera bastante interdisciplinar, podendo ter contato com estudos em Sociologia e Psicologia/Psiquiatria, além de sua própria produção intelectual em Linguística/Antropologia. Dentre seus contatos neste período, os especialistas destacam o convívio com o psiquiatra Harry Stack Sullivan (1892-1949), com importantes trabalhos em psicanálise, e com o cientista político Harold D. Lasswell (1902-1978), considerado um dos fundadores da psicologia política. Os estudos de Sapir nesta época concentram-se na reflexão sobre a metodologia das ciências humanas, a cultura e a psicologia, além dos trabalhos com línguas indígenas.

É também, a partir de 1925, até um período que chega a 1933 (Swiggers 2008: 245), que vemos Sapir escrever sobre os problemas relacionados à criação de uma língua universal artificial.

Em 1931, Sapir parte para a Universidade Yale, onde permanece até sua morte, em 1939. Sua ida para Yale, junto com muito de seus alunos em Chicago, representa o que afirmam ser a “Primeira Escola de Linguística de Yale”. A segunda será em torno

⁴⁵ Darnell (1999a) destaca que, em 1929, o departamento de Antropologia se torna autônomo.

de Leonard Bloomfield. Sapir é chamado nesta universidade para que pudesse desenvolver um programa interdisciplinar, no então recém-criado departamento de Antropologia. Durante este período, observa-se o interesse de Sapir pela problemática das relações entre personalidade e cultura. Além disso, em 1933, Sapir foi presidente da *Linguistic Society of America*, cuja fundação, em 1924, representa o marco institucional da Linguística enquanto disciplina acadêmica nos Estados Unidos. O desdobramento da Grande Depressão Econômica de 1929, e problemas institucionais, como desgastes com colegas da Sociologia, e um ambiente considerado antisemita (cf. Darnell 1990a: 383-397) frustram os planos de Sapir nesta universidade.

3.1.4. Produção Intelectual

A produção intelectual de Sapir foi ampla e variada, tendo o autor sido considerado pelas gerações posteriores como um dos principais agentes consolidadores da metodologia de trabalho *boasiana*, além de um dos precursores do Estruturalismo norte-americano. O autor consagrou-se pelo desenvolvimento de conceitos como padrão linguístico (*'pattern'*) e deriva (*'drift'*), além de haver sido genealogista das línguas indígenas norte-americanas, e proponente de um interessante modelo de classificação tipológica, embora aparentemente de difícil aplicabilidade (Whaley 1997).

Dentre seus trabalhos, destacam-se: seu único manual *Language* (1921); seus textos programáticos *Time Perspective* (1916), em Etnologia, e *Sound Patterns in Language* (1925), na Linguística, e ainda suas descrições gramaticais do Takelma (1922) e do Paiute do Sul (1930).

Poderíamos também agrupar seus inúmeros artigos nas seguintes grandes áreas: a) linguagem [Linguística Geral]; b) a cultura [Etnologia/Antropologia]; c) a personalidade [Psicologia/Psiquiatria]; d) línguas indígenas [especialmente as norte-americanas], indo-europeias, africanas e asiáticas [Linguística Descritiva]; e) artes [Literatura/Música].

Por seus amplos interesses intelectuais, Sapir publicou seus trabalhos em periódicos de inúmeros campos do saber. Abaixo, listamos os principais periódicos nos quais seus trabalhos foram divulgados, durante sua vida:

Tabela 3.1 – Principais Periódicos nos quais Sapir publicou

Área do Saber	Periódico/Revista
Filologia	<i>Modern Philology; Journal of English and Germanic Philology; The Romanic Review; American Journal of Philology; The Classical Weekly; Journal of the American Oriental Society.</i>
Linguística	<i>International Journal of American Linguistics; Language; The English Journal.</i>
Antropologia	<i>American Anthropologist ; Journal of American Folklore ; Current Anthropological Literature; Journal de la Société des Américanistes de Paris ; The American Indian.</i>
Sociologia	<i>American Journal of Sociology.</i>
Psicologia/Psiquiatria	<i>American Journal of Psychiatry; Journal of Experimental Psychology; Journal de Psychologie Normale et Pathologique; Journal of Social Psychology; Psychiatry; Journal of Abnormal and Social Psychology; Mental Health.</i>
Ciências (Interdisc.)	<i>Science; The University of Chicago Magazine; American Journal of Science; The Yale Review.</i>
Estudos Judaicos/Semíticos	<i>The Jewish Quarterly Review; The Menorah Journal; The American Hebrew; American Journal of Semitic Languages and Literatures.</i>
Divulgação/ Interesse Geral	<i>Popular Science Monthly; The New Republic; The Ottawa Citizen; Queen's Quarterly; The Nation; The Freeman; Canadian Historical Review; The World Tomorrow; American Mercury; New York Herald Tribune; Current History.</i>
Literatura	<i>The Dial; Poetry; The Dalhousie Review; The Double Dealer; Modern Language Notes.</i>
Música	<i>The Music Quarterly.</i>
Enciclopédias	<i>Encyclopaedia Britannica; Encyclopaedia of Social Sciences.</i>

3.1.5. Falecimento

Em 1937, Sapir sofre seu primeiro ataque cardíaco, durante o Instituto de Verão da *Linguistic Society of America*, o que o leva a se afastar das atividades acadêmicas no momento, retomando-as em 1938. Por fim, em 4 de fevereiro de 1939, aos 55 anos,

Sapir faleceu, na cidade de New Haven, Connecticut, nos Estados Unidos, cidade na qual a Universidade Yale se encontra até hoje.

3.2. Sapir como um ‘boasiano’

Sapir troca a Filologia pela Antropologia, em seu doutorado, orientado por Franz Boas. Esta troca faz com que Sapir se interesse pela Linguística, em meados do século XX, e troque as línguas indo-europeias pelas línguas indígenas norte-americanas. É a partir deste momento, quando os dois pesquisadores já estão em contato, que surgem as primeiras publicações de Sapir, acessíveis a nós. O impacto do pensamento de Franz Boas em Sapir é tão saliente, que Câmara Jr. (2004 [1967]: 207) chega ao ponto de dizer ser “*impossível, todavia, descobrir a influência de Boas nas próprias raízes do pensamento de Sapir*”.

Dentre as grandes contribuições de Boas para o desenvolvimento da Linguística norte-americana do século XX, e sua subsequente institucionalização, a mais significativa talvez seja a ampliação do escopo da disciplina, não centrada somente nas línguas indo-europeias, mas buscando dados em línguas de outras famílias. Esta ampliação, certamente, é decorrência do fato desta Linguística norte-americana surgir vinculada à Antropologia, ciência que estudava o homem primitivo.

Não é possível pensar em uma emergência do relativismo linguístico nos trabalhos de Sapir ignorando o impacto das proposições de Boas, em seu pensamento, e de sua participação como membro ativo do programa *boasiano* de investigação, especialmente no que diz respeito às línguas, e à Linguística.

Sem entrarmos no mérito das possíveis discontinuidades no pensamento de Boas e Sapir, avaliaremos a partir deste momento, alguns fatores relativos aos anos de formação de Sapir, na escola *boasiana* de Antropologia.

3.2.1. Franz Boas (1858-1942)

Franz Boas nasceu em Minden, Alemanha, no atual estado da Renânia do Norte-Vestefália, no ano de 1858. De uma família de comerciantes judeus, ricos e intelectuais, Boas pode estudar em algumas das melhores universidades da Alemanha. Nos seus anos de estudo, passou pelas universidades de Heidelberg e de Bonn, nas quais se dedicou ao

estudo da matemática, e por último, na universidade de Kiel, onde realizou seus estudos de doutoramento, na área de Física, obtendo o título em 1881 (Castro 2004: 7-11).

Seu interesse por questões ligadas às Humanidades é evidente ao menos desde o início de seus estudos superiores: cursando disciplinas ligadas à história natural e filosofia, além da obtenção de um *minor* em Geografia, o então futuro antropólogo produziu sua tese de doutorado em Psicofísica, acerca de efeitos da luz na água. Intitulada *Beiträge zur Erkenntniss der Farbe des Wassers* [Contribuição ao estudo da cor da água], esta tese problematizou a percepção sensorial da cor da água do mar pela visão humana (Moura 2004:19-41).

Em razão de seu interesse por questões ligadas ao ser humano, e motivado especialmente pelo contato com o geógrafo e etnógrafo Friedrich Ratzel (1844-1904), Boas decide partir para seu primeiro trabalho de campo, na Terra de Baffin, no Canadá. Esta era a região onde habitavam os povos *Inuit*, popularmente conhecidos como Eskimós. Boas permaneceu com eles no período entre 1883 a 1885 (Castro 2004). Nesta época, Boas começa a perceber que conceitos muito em voga na Europa, como raça ou a primitividade dos povos, não parecem se confirmar, ao observamos mais atentamente os hábitos destes agrupamentos humanos, como, por exemplo, quando ele se surpreende com o extenso conhecimento dos *Inuit* sobre a geografia de sua região, sem auxílio dos instrumentos e/ou da metodologia da ciência europeia. Além do respeito pelas diferentes culturas, esta conversão da Geografia à Etnologia demonstra ao jovem Boas à importância do trabalho de campo *in loco* (Moura 2004: 136).

Além do convívio com os *Inuit*, em seu trabalho de campo, importantes contribuições na formação intelectual do pensamento de Boas são o médico e antropólogo Rudolf Virchow (1821-1902), de quem Boas foi aluno, e pensadores como o filósofo italiano Giambattista Vico (1668-1744), o filósofo alemão Johann Gottfried Herder (1744-1803), e os também alemães irmãos Humboldt: o geógrafo e explorador Alexander von Humboldt (1769-1859) e Wilhelm von Humboldt (1767-1835), destacado diplomata, estadista, filósofo, estudioso de línguas não indo-europeias, e fundador da Universidade de Berlim⁴⁶ (Moura 2004).

Assim, o físico [de formação] Boas dedicou suas pesquisas à Antropologia, ao longo de sua carreira acadêmica. Boas foi, seguramente, uma das grandes lideranças responsáveis pela institucionalização da Antropologia enquanto disciplina acadêmica

⁴⁶ Hoje “*Humboldt-Universität zu Berlin*”

autônoma, nos Estados Unidos (Murray 1993). Por haver considerado o estudo das línguas parte da Antropologia, Boas acabou abrindo precedentes para a investigação das línguas indígenas norte-americanas, sob escopo de uma (sub)disciplina nomeada Linguística.

Seu interesse nestas línguas deve-se, dentre outros fatores, pela premissa de não ser possível estudar a cultura de um grupo humano sem levar em conta sua língua, pela simples razão de não se entender o que falam, e perdendo-se muito da vida social daquela comunidade, desta maneira.

Sob a metodologia de Boas, o trabalho antropológico consistiria, destarte, em uma abordagem centrada em quatro áreas de investigação, para o estudo de qualquer sociedade humana: a arqueologia, a linguística, a cultura e a evolução histórica dos seres humanos (Duranti 2006).

3.2.2. A Escola Boasiana de Antropologia

Embora os autores que orbitavam na esfera de Boas não reconhecessem a existência de uma escola ‘*boasiana*’, alguns grupos rivais, tais como os ‘evolucionistas’ assim os reconheciam. Nas palavras de Murray, isto se deve porque “[os] *forasteiros hostis, muitas vezes são os únicos a perceber e rotular grupos científicos*” (1993: 67)⁴⁷. Foram membros desta escola os autores Leslie Spier (1893-1961), Robert H. Lowie (1883-1957), Melville J. Herskovits (1895-1983), Ruth Benedict (1887-1948), Margaret Mead (1901-1978), Alfred L. Kroeber (1876-1960), Paul Radin (1883-1959), e claro, Edward Sapir (1884-1939).

Mesmo não havendo o inter-reconhecimento, por parte dos agentes *boasianos*, a avaliação dos trabalhos destes autores, que estudaram sob orientação de Boas, revelam-nos o compartilhamento⁴⁸ de seu conceito subjacente de “cultura” (Stocking 2004 [1999]: 35), em contraste com os trabalhos de outros grupos do período, assim como o compartilhamento de ideias rotuladas pelas gerações posteriores como ‘relativistas’ [cultural e linguisticamente]. São considerados bons exemplares, no campo da Antropologia, desta “escola”, os manuais “*Primitive Society*”, de Lowie (1920), e o “*Anthropology*”, de Kroeber (1923) (in Murray 1993: 65).

⁴⁷ [the] hostile outsiders often are the ones to perceive and label scientific groups.

⁴⁸ Stocking (2004 [1999]) fala em boasianos “estritos” (Spier, Lowie e Herskovits), boasianos “evoluídos” (Benedict e Mead) e boasianos “rebeldes” (Kroeber, Radin e Sapir), mas se resguarda, informando que esta é uma hipótese que merece mais estudo.

Além do mais, havia uma agenda programática comum: a descrição de culturas sem referências anteriores ou esquemas previamente estabelecidos (Murray 1993: 65), o combate ao evolucionismo, o estudo de áreas culturais, pelo mapeamento da distribuição de determinadas características comuns e a distribuição de traços culturais, e também a questão da aculturação e dos padrões de cultura (Stocking 2004 [1999]: 35).

Os *boasianos* publicaram seus trabalhos em diversos periódicos, dos quais mencionamos o *American Anthropologist* (da *American Anthropological Association* - AAA), *Journal of American Folklore* (da *American Folklore Society* – AFS, na época), e a famosa *Science* (da *American Association for the Advancement of Science* - AAAS), além de outras publicações tanto do *Bureau of American Ethnology* quanto da *American Anthropological Association* (AAA). Na Linguística, Boas criou o *International Journal of American Linguistics* (IJAL), em 1917, que é publicado pela Universidade de Chicago, até os dias atuais.

Indubitavelmente, um dos maiores legados dos trabalhos de Franz Boas e de seus alunos foi a defesa incondicional da igualdade das diferentes culturas, e da ingenuidade e fragilidade do conceito de raça, para o entendimento do ser humano.

No tangente à linguística, os boasianos não estavam muito preocupados “*com a construção de uma teoria geral da estrutura da linguagem humana*”, mas sim “*na prescrição de firmes princípios metodológicos para a análise de línguas poucos familiares*” (Weedwood 2002: 150), visto terem por principais objetivos a documentação das línguas indígenas norte-americanas, especialmente aquelas sob risco de desaparecimento, e também de outras línguas ágrafas, considerando a língua uma janela para a apreensão dos fatos culturais, já que é pela língua que mitos e narrativas podem tomar forma (Duranti 2006: 3).

A ‘*tradição*’ ou ‘*escola boasiana*’, desta maneira, esteve preocupada não apenas em produzir descrições etnológicas sobre diversos agrupamentos indígenas, como também produziu inúmeras descrições gramaticais destas línguas, que na época já corriam o risco de desaparecerem.

Talvez por haver recebido treinamento formal em Linguística, ainda que através da Filologia, diferentemente dos demais autores da escola Boasiana, que se interessavam pela Linguística apenas secundariamente, Sapir se interessou em ir além da simples descrição gramatical, buscando analisar os dados mais profundamente, e por fim, desenvolver uma teoria geral da linguagem.

E então, liderados intelectual e institucionalmente por Boas (Murray 1993) este grupo dominava o cenário das pesquisas em Antropologia, nos contexto norte-americano do início do século XX.

3.2.3. A questão do homem primitivo e da superioridade das raças

O doutorado de Sapir, como já mencionado, foi orientado pelo pensador Franz Boas. Diante disto, a leitura de Sapir como um membro de uma escola *boasiana* de pensamento, dentre as diversas leituras que procurarmos apresentar no primeiro capítulo, parece-nos ser a mais convidativa, especialmente na discussão mais específica sobre o relativismo linguístico. A calorosa refutação sobre uma versão forte e exagerada da “hipótese Sapir-Whorf”, ao menos no que diz respeito a Sapir, é em alguma medida neutralizada, quando se analisa o contexto de surgimento destas ideias, dentro de seu paradigma, isto é, elucidando-se tanto para quem tais textos se dirigem quanto o caráter que a discussão tem em seu momento. Além disso, se nota também o quanto a questão acabou sendo reduzida por leituras mais simplistas, posteriormente efetuadas.

Um dos argumentos muitas vezes apresentados como uma refutação da suposta “hipótese Sapir-Whorf” tem sido a possibilidade de tradução dos conteúdos nas mais diferentes línguas. Assim, ainda que confirmado que as línguas expressem visões de mundo diferentes, esta visão de mundo pode ser traduzida, isto é, expressa, em outros sistemas linguísticos também. O problema deste suposto contra-argumento é que ao observarmos aquilo que os *boasianos* – ou ao menos Sapir – estão defendendo na realidade, perceberemos que nenhum deles negaria o fato. Muito pelo contrário, visto que seus trabalhos estão justamente defendendo a inexistência da alegada superioridade racial, ou seja, a igualdade dos povos, de suas línguas e de suas culturas é uma de suas mais fortes bandeiras.

Entretanto, nenhum destes argumentos parece ainda justificar plenamente o porquê a leitura de Sapir como um *boasiano* nos parece a mais adequada. Em nossa perspectiva, como também a de outros trabalhos (cf. Koerner 1999), não se pode falar de uma “hipótese Sapir-Whorf” sem mencionar o antropólogo Franz Boas. Esta é a fonte mais imediata do pensamento *sapiriano*, como menciona Koerner, no título⁴⁹ do

⁴⁹ The immediate and not so immediate sources of the “Sapir-Whorf Hypothesis

trabalho mencionado, e um dos seguros casos ao qual podemos nos referir utilizando o termo ‘influência’.

Além disso, é Boas quem está desenvolvendo estudos sobre as línguas, na América do Norte, sob o rótulo “Linguística”, naquele momento. Durante os anos de formação de Edward Sapir, é lícito retomar novamente, a Linguística não era uma disciplina autônoma nos Estados Unidos. O tipo de estudo que hoje consideramos linguístico, naquela época se encontrava dispersado nos departamento de Antropologia e Filologia, especialmente Germânica (Darnell 1990a: 262). E esta Linguística, do paradigma *boasiano*, se desenvolve dentro da Antropologia, inicialmente. Os filólogos ocupavam-se do estudo das “línguas de cultura”, dedicando-se ao exame de suas gramáticas e literaturas; por outro lado, à Antropologia, cabia a descrição das então chamadas “línguas primitivas”, dos povos indígenas norte-americanos, considerados, por muitos naquele período, inferiores. Um exemplo desta interpretação pode ser extraído de Otto Jespersen (1860-1943), de seu livro *Growth and structure of English language*, publicado em 1938:

Há uma expressão que continuamente me ocorre quando penso na língua inglesa, e a comparo a outras: ela parece ser positivamente e expressamente masculina, é a língua de um homem adulto e tem bem pouco de infantil e feminino [...].

Para evidenciar um desses elementos, seleciono ao acaso, para fins de contraste, uma passagem da língua do Havai: “I kona hiki ana aku ilaila ua hookipa ia mai la oia ke aloha pumehana loa”. Assim ela prossegue, sem uma única palavra terminada em consoante e nunca encontrando duas ou mais consoantes agrupadas. Alguém pode ter dúvida de que, mesmo que essa língua soe agradável e seja repleta de música e harmonia, a impressão geral é de uma língua infantil e efeminada? Não se espera muito vigor ou energia de um povo que fala uma língua assim; ela parece amoldar-se apenas a habitantes de regiões ensolaradas onde o solo requer pouquíssimo trabalho do homem que o cultiva para produzir tudo o que ele quiser, e portanto onde a vida não traz a marca de uma luta árdua contra a natureza e os semelhantes. Em menor grau, encontramos a mesma estrutura fonética em línguas como o italiano e o espanhol; porém muito diferente são nossas línguas setentrionais. (Jespersen 1938: 4-5)⁵⁰

No trecho acima, verificamos considerações sobre o atrelamento do ambiente como fator caracterizador da inferioridade cultural de um determinado povo. Não apenas se percebe que o ambiente pode levar um povo a ser “mais preguiçoso” que outros, na visão de Jespersen, como também fica evidente sua visão sexista de

⁵⁰ Tradução de Laura T. Motta, extraído de Rosa (2010: 20). O original em inglês foi conferido.

linguagem, já que a língua de um povo que batalha, como a sua língua inglesa, é dotada e valores adultos e masculinos, enquanto as línguas indígenas, por sua vez, são infantis e femininas, ficando isto evidente em sua fonética. Boas, Sapir, e os demais boasianos, refutaram este tipo de pré-concepção (cf. Boas 1911a; Sapir 1912a, Sapir 1921, dentre outros).

Esta cisão nos estudos linguísticos do início do século XX, nos Estados Unidos e Europa, resultava, em certa medida, de uma percepção do universo humano etnocêntrica, do homem europeu, no século XIX e início do século XX.

Tal visão basicamente anteparava a crença na inferioridade das culturas “não-industrializadas”. Filologia e Linguística, como opostas no período em questão, refletem, em parte, esta crença, pois a primeira estuda línguas de civilização, e a segunda as demais línguas. Esta divisão também pode ser constatada inicialmente na delimitação do escopo da Sociologia e da Antropologia:

Enquanto à sociologia cabia o estudo da sociedade europeia, à antropologia cabia o estudo dos povos colonizados na África, Ásia e América. A primeira procurava descobrir leis gerais que regulamentavam o comportamento social e as transformações da sociedade, por meio de análises qualitativas e estudos estatísticos que pudessem dar a maior amplitude possível às suas descobertas. A antropologia, por sua vez, desenvolvia um método mais empirista e qualitativo, voltado para a descoberta de particularidades das sociedades que estudava. (Costa 2005: 138)

Portanto, a Antropologia “foi sempre a ciência da alteridade, isto é, a ciência que busca investigar o outro, aquele que é essencialmente diferente de mim” (Costa 2005: 140), estudando o exótico, o primitivo. E assim temos que no século XIX, atrelada a interesses econômicos europeus, devido principalmente à necessidade de expansão do Capitalismo, a ciência antropológica que se desenvolvia em algumas partes do continente europeu afirmava haver estágios evolutivos nas sociedades humanas, sendo os povos primitivos considerados exemplares vivos de etapas anteriores da complexa e superior sociedade europeia. A apresentação e a divulgação das teorias evolucionistas, para as quais se têm tido Darwin como um dos maiores expoentes, na Biologia, neste momento parece corroborarem mais ainda com a visão etapista da evolução das sociedades:

A antropologia desenvolveu-se tardiamente em relação às outras ciências humanas. Seus primórdios começaram a florescer quando da primeira metade do século XIX. Anteriormente, compreendia-se por

antropologia o estudo das questões metafísicas da relação entre vida mental e o mundo envolvente. Trata-se de um dos temas discutidos por Immanuel Kant em especial com relação à história e ao direito (...).

Foi Jean-Baptiste Lamarck quem exerceu uma influência importante na construção de uma antropologia física e quanto à centralidade que a noção de raça nela passou a ocupar. Formulada meio século antes da famosa obra de Charles Darwin, The Origin of Species, a concepção dos caracteres adquiridos. A teoria lamarckiana é fundamentalmente uma teoria do comportamento evolutivo, ou melhor ainda, uma teoria comportamental biológica. Lamarck fez das respostas comportamentais do organismo biológico às mudanças ambientais o próprio mecanismo da evolução. O lamarckismo descreve o mecanismo pelo qual as atividades culturais humanas poderiam afetar e afetavam, dependendo do caso, a evolução física posterior do homem. (Moura 2004: 117).

Para esta Antropologia, física e biologizante, o conceito de raça é determinante, a ponto de considerar que a cultura é produto da raça, ou seja, nos permite pensar em um determinismo biológico da cultura humana. As pesquisas em antropologia física neste período se ocupavam em efetuar medições da anatomia humana, especialmente dos crânios, classificando-os, com vistas a provar a superioridade do homem europeu diante dos demais povos (cf. Moura 2004: 117-129):

As questões predominantes de tal campo intelectual que emanavam das palestras e textos do período são as que se seguem. Primeiramente, que as diferenças culturais são produto direto das diferenças raciais, de natureza física. Daí ser a exigência científica primeira a questão das diferenças raciais, quer antropofísicas (como as antropometrias o exigiam), quer morfológicas e fisiológicas (como o fazem as anatomias das massas cerebrais). Depois, a ideia de que sob a heterogeneidade das populações subsistem troncos puros de características biológicas, cujas características mais importantes são a cor da pele (melanodermia, xantodermia e leucodermia), o formato do crânio (dolicocefalia, mesocefalia e braquicefalia) e a cor dos olhos. Por essa lógica, chegou-se à tese da superioridade absoluta dos leucodermos, dolicocefalos, de olhos azuis; o nórdico, naturalmente. (Moura 2004: 127)

Neste contexto, certamente um dos mais importantes cientistas foi Boas, ao extrair o conceito de raça do cerne os estudos antropológicos, reconhecendo a igualdade cultural e linguística dos chamados “povos primitivos”. Basicamente, Boas defendeu que o conceito de raça é infeliz enquanto instrumento explicativo para o entendimento da ação humana, ou seja, a cultura.

Sua alegação se assenta no fato de, ao considerarmos os diversos agrupamentos humanos em seu percurso histórico, vermos, primeiramente, que desde muito tempo a miscigenação acontece, tendo sido mais a regra que a exceção – fato este que contraporia a noção de pureza racial. Boas também afirma que as diferenças culturais, entre os diversos grupos humanos, se devem, novamente, a razões de ordem históricas, isto é, trajetórias individuais distintas ao longo do tempo, mais que por alguma espécie de determinação biológica:

Raça passou a ser uma noção de amplitude explicativa bem mais reduzida, uma vez que seu ponto de partida é que os estoques humanos já estão modificados pela mestiçagem há milhares de anos. Boas, em vez de referir-se à raça, passou a falar em tipos físicos e tipos humanos, em que enfatizou a sua plasticidade e instabilidade. A cultura é o principal condicionante dos atos humanos. [...] Cultura e língua devem ser pensadas e analisadas em correlação; em cada antropólogo deverá existir o linguista estudioso de pelo menos uma língua. (Moura 2004: 175)

A metodologia de Boas entra deste modo para o cânone da História da Ciência sob o rótulo de ‘Particularismo Histórico’.

3.3.4. Particularismo Histórico

No contexto da profissionalização da Antropologia, enquanto disciplina acadêmica, nos Estados Unidos, Boas seguramente possuiu papel de destaque, havendo sido o responsável por remodelar a disciplina, definindo suas principais linhas de investigação temática até a metade do século XX (Stocking Jr. 2004: 9). Como afirma Harris (2008 [1979]: 218), a Antropologia norte-americana liderada por Boas se caracteriza pela “*evitación programática de todas las síntesis teóricas*” anteriores, cuja formulação certamente se deve a ele, uma vez que “*Boas y la primera generación de sus discípulos se vieron obligados a construir una antropología profesional, universitaria, prácticamente desde sus cimientos*”.

A Antropologia de sua época calcava-se essencialmente no método do evolucionismo cultural, chamada por Boas de “método comparativo” (Boas 1896). Assentada em uma analogia com a teoria da evolução biológica de Charles Darwin (1809-1882), o evolucionismo cultural “*buscava descobrir leis uniformes de evolução biológica, partindo do pressuposto fundamental de uma igualdade geral da natureza*

humana” (Castro 2004: 15). Esta “igualdade” pressupunha um determinismo evolutivo, já que todos os agrupamentos humanos deveriam progredir seguindo estágios obrigatórios, sucessivos e unilineares. A diversidade dos povos, desta maneira, reduz-se a apenas uma “cultura humana” e também uma única “sociedade humana” (Castro 2004: 15). São autores representativos desta corrente de pensamento Lewis Henry Morgan (1818-1881), Edward Burnett Tylor (1832-1917) e Daniel G. Brinton (1837-1899), dentre outros.

Igualmente, o paradigma *boasiano* rejeitava as ideias difusionistas, que por sua vez pressupunham que a diversidade cultural humana baseava-se na difusão de elementos culturais entre regiões geográficas (Castro 2004: 17). Levado ao extremo, houve quem defendesse um *hiperdifusionismo*, alegando que a existência de grandes centros de cultura, como o Egito ou a Grécia Antiga, seriam responsáveis por difundir a “civilização” para o resto da humanidade. Sob o difusionismo, podemos mencionar os autores Grafton Elliot Smith (1871-1937), William James Perry (1887-1949), Fritz Graebner (1877-1934) e Wilhelm Schmidt (1868-1954), para citarmos alguns.

Boas refutava ambas as correntes por entender que “*antes de supor que fenômenos aparentemente semelhantes pudessem ser atribuídos às mesmas causas (...) era preciso perguntar, para cada caso, se eles não teriam se desenvolvido independentemente*” (Castro 2004: 16). E ainda que admitisse a possibilidade de difusões culturais, ao avaliar o resultado dos trabalhos dos difusionistas, percebia a mesma defesa de uma evolução etapista dos seres humanos.

Boas e seus alunos visavam a combater a tão disseminada mentalidade acerca da inferioridade dos povos, pois a consideravam etnocêntrica, centrada na história europeia, ao privilegiar justamente o homem branco como o mais evoluído. A refutação se dava principalmente pela defesa que o estágio no qual cada grupo social se encontrava era o resultado de um processo histórico exclusivo e, por conseguinte, suas culturas e línguas eram equivalentes, do ponto de vista evolutivo, frente às línguas europeias. Mereciam, portanto, igualmente a atenção dos cientistas.

O agrupamento destas ideias, rotulado ‘*particularismo histórico*’ pelos especialistas atualmente, orbita em função da ênfase na necessidade em se compreender cada agrupamento humano em relação à sua história exclusiva e incomensurável em relação às demais. A história dos diferentes grupos humanos, a seu ver, é de modo algum dotada de estágios evolutivos unidirecionais e unilineares. O relativismo cultural decorrente deste posicionamento particularista tinha por finalidade a aceitação da

diversidade “*acatada de forma pacífica*” (Moura 2004: 145), sob forma de um humanismo, agora sim justificadamente igualitário:

A concepção boasiana de cultura tem como fundamento um relativismo de fundo metodológico, baseado no reconhecimento de que cada ser humano vê o mundo sob a perspectiva da cultura em que cresceu (...). O antropólogo deveria procurar sempre relativizar suas próprias noções, fruto da posição contingente da civilização ocidental e de seus valores. Mas o relativismo cultural não era, para Boas, apenas um instrumento metodológico. A percepção do valor relativo de todas as culturas – a palavra agora aparece no plural, e não no singular, como no caso dos evolucionistas – servia também para ajudar a lidar com as difíceis questões colocadas para a humanidade pela diversidade cultural. (Castro 2004: 18).

Esta corrente antropológica, sob as ideias de Boas, percebia que a trajetória histórica de cada grupo era única, pois no universo humano, é falso supor que “*como na natureza em toda parte, causas semelhantes produzem efeitos semelhantes. Sob a mesma pressão e com os mesmos recursos, surgirão as mesmas criações*” (Stocking Jr. 2004: 16). A evidência histórica necessária para a prática antropológica faz uso de dados empíricos que viabilizem a reconstrução do percurso de uma determinada cultura, pois é a História “*a dinâmica cultural de uma sociedade tomada in flux, o que quer dizer, em sua condição de processo, com o tempo se manifestando presente de forma constitutiva*” (Moura 2004: 210), isto é, “*para compreender a história não basta saber como são as coisas, mas como vieram a ser o que são*” (Boas 1940: 58). As fontes de cultura são múltiplas, e não apenas única como criam difusionistas e evolucionistas, e decorrem da história de cada grupo humano. Sendo a Antropologia a ciência que se debruça sobre o objeto “cultura”, e sendo a História parte fundamental deste processo, a metodologia boasiana posiciona claramente o fazer antropológico como uma “*Geisteswissenschaft*”, uma ciência do espírito, uma Humanidade, cujo método difere das “*Naturwissenschaften*”, ciências da natureza, desta maneira (cf. Hymes & Fought 1981 [1975]: 81). Certamente, a História é o principal fator que diferencia estas duas abordagens científicas aqui colocadas, pois, as Humanidades, ao colocar o homem no centro de suas reflexões, possuem um percurso histórico que tem de ser avaliado, uma vez que as trajetórias humanas não são causadas por leis gerais determinísticas, como se observa nas Ciências Naturais:

Na antropologia de Franz Boas a noção de história é epistemológica, a de cultura é metodológica e a de culturas etnograficamente tomadas é empírica e particularista. A antropologia é histórica, porque toma a cultura humana como campo intelectual, fundamental e privilegiado, sendo baseado nesse campo que se debruça sobre as culturas como casos individuais. (Moura 2004: 264)

E chega-se então a uma noção de cultura diferente de erudição ou refinamento. Tem-se que a cultura é tudo aquilo que os seres humanos fazem e podem fazer, seja físico, material ou mentalmente. Na concepção *boasiana*, a cultura envolve e permeia todos os aspectos da vida de todos os seres humanos, não se restringindo apenas à cultura material, enquanto critério para a classificação de sofisticação ou primitividade dos povos. A cultura de diferentes agrupamentos não é um valor, passível de comparação ou hierarquização, mas sim, uma propriedade da natureza humana, sendo, portanto, incomensurável em relação às demais:

A cultura pode ser definida como a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam a conduta de indivíduos que compõem um grupo social, coletiva ou individualmente, em relação ao ambiente natural, a outros grupos, aos membros do próprio grupo e a cada indivíduo consigo mesmo. Ela também inclui os produtos dessas atividades e seu papel na vida dos grupos. (Boas 1911b: 159)⁵¹

3.2.5. Linguística

Boas não possuía treinamento acadêmico em Linguística⁵², tendo sido autodidata neste campo do saber, como destaca Jakobson (1944: 188). Como mencionado anteriormente, seu contato com a Antropologia [e a Linguística a ela vinculada, por conseguinte] foi decorrente da realização de trabalhos de campo na América do Norte, no final do século XIX. Boas, desta maneira, desenvolveu seu próprio método de trabalho, cuja consistência se baseava em descrever as culturas particulares sem nenhum critério *apriorístico* (Murray 1993: 65). O mesmo movimento se aplicaria às línguas: estas deveriam ser descritas, sem se levar em consideração às categorias de outras línguas.

⁵¹ Original em inglês, tradução esta extraída de Moura (2004: 139).

⁵² Sapir também não estudou em um Departamento de Linguística, mas diferentemente de seu orientador, cujos conhecimentos em Linguística são mais autodidatas, pode frequentar cursos em Linguística, ainda que sob o rótulo de Filologia e/ou Antropologia.

Em 1889, Boas já vinha se interessando pela Linguística, havendo publicado, nesta ocasião, um de seus mais importantes trabalhos, “*On alternating sounds*” (Boas 1889), no qual defendeu que a percepção de sons em outras línguas perpassa pelos sons da língua materna do descritor [já que estes em sua maioria, eram falantes não-nativos daquelas línguas], podendo então o analista ser influenciado, desta maneira. A questão que se colocava era que alguns alegavam haver nas línguas primitivas alguns sons confusos, indistinguíveis, que pareciam alternar ora entre um som, ora entre outro. Boas percebeu que muitas vezes se tratava de um som diferente, não presente na língua do analista. Por essa razão, o descritor teria a impressão de que o som alternava, quando na realidade, era o analista que não havia percebido a especificidade fonética da língua em questão.

Sendo o estudo linguístico de interesse do antropólogo, como uma forma de acesso às culturas, Boas concebeu um projeto de descrição do maior número possível de línguas indígenas norte-americanas, dando continuidade a propostas anteriores de classificação destas línguas, a serem publicadas em uma série, intitulada “*The Handbook of American Indian Languages*”, pelo Bureau de Etnologia, em Washington D.C., capital dos Estados Unidos. O primeiro volume da coleção foi publicado em 1911. Apesar da participação desta instituição, o Bureau, todo o trabalho era controlado pessoalmente por Boas, inclusive a decisão sobre quem poderia participar e ter acesso ao material (Murray 1993: 51).

O principal objetivo destas gramáticas, no entanto, não era apenas descrever e preservar informações sobre estas línguas, mas criar um banco de dados para sua posterior comparação (Darnell 1990b: 128). Além disso, como já mencionado, o estudo linguístico viabilizaria o estudo das sociedades consideradas exóticas, demonstrando aos cientistas que estas não eram nada primitivas, uma vez que “*o objeto essencial na comparação de diferentes tipos de homens deve ser a reconstrução da história do desenvolvimento de seus tipos, seus idiomas e suas culturas*” (Boas 1911a: 10)⁵³. Todos os povos, a seu ver, eram iguais do ponto de vista biológico, tendo somente trilhado caminhos distintos em seu percurso histórico, como discorrido na seção anterior:

O Handbook ainda tentou fornecer um modelo para a descrições gramaticais curtas, que poderia ser adotado por linguistas não-profissionais, muitas vezes, missionários, comerciantes ou etnólogos

⁵³ the essential object in comparing different types of men must be the reconstruction of the history of the development of their types, their languages and their cultures

amadores, com um mínimo de treinamento. Em teoria, Boas se comprometeu a elaborar o que hoje seria chamado de categorias 'emic', usando um mínimo de aparato gramatical externo. Na prática, porém, a urgência de gravar línguas em extinção - na ausência de observadores devidamente treinados - obrigou-o a procurar um formato padronizado para as descrições gramaticais. (Darnell 1990b: 129)⁵⁴

O método de coleta dos dados consistia em trabalhos de campo, realizados em aldeias e/ou reservas indígenas. Seleccionava-se um informante, e então se analisavam os sons da língua, procedendo posteriormente a uma análise morfológica do material, por meio da coleta de textos e narrativas mitológicas das tribos, como modo de constituição dos *corpora*. Não havia, em um primeiro momento, preocupação alguma com eventuais variações dialetais, nem tampouco com a Sintaxe⁵⁵ destas línguas. Segundo Murray (1993: 60) a análise morfológica era o foco das descrições gramaticais, pois “*as descrições de línguas no Handbook [...] negligenciavam análises de sentenças em favor de tipos de catalogação de partículas e afixos*”⁵⁶.

É deste projeto que resulta o principal trabalho de Boas sobre Linguística, a famosa “*Introduction to the Handbook of American Indian Languages*”. Neste texto, Boas discorre sobre quais seriam as principais características das línguas humanas, e fala sobre possíveis universais linguísticos, discorrendo neste ponto sobre o problema das categorias gramaticais. Segundo Mackert (1993), as raízes da visão de Franz Boas sobre as categorias linguísticas estão baseadas no conceito de *inner form* (forma interna) de Heymann Steinthal (1823-1899), e por essa razão, alegaria Boas que cada língua estabelece dentro de si as categorias que lhe são necessárias. Tendo isto em vista, adverte Boas, sobre a metaterminologia linguística a ser utilizada:

Devido às diferenças fundamentais entre famílias linguísticas, pareceu aconselhável desenvolver a terminologia de cada uma, independentemente das demais, e procurar pela uniformidade apenas

⁵⁴ The Handbook further attempted to provide a model for brief grammatical description which could be adopted by non-professional linguists, often missionaries, traders or amateur ethnologists with minimal training. In theory, Boas was committed to devising what would now be called ‘emic’ categories, using a minimum of external grammatical apparatus. In practice, however, the urgency of recording dying languages – in the absence of adequately trained observers – forced him to seek a standardized format for grammatical descriptions.

⁵⁵ Embora não fossem inexistentes, as análises sobre as sentenças limitavam-se a uma ou duas páginas, nas gramáticas que contivessem alguma menção à Sintaxe.

⁵⁶ the descriptions of languages in the Handbook [...] neglect analyses of sentences in favor of cataloging kinds of particles and affixes.

nos casos em que esta pode ser obtida sem ampliar artificialmente a definição dos termos. (Boas 1911a: 83)⁵⁷

Segundo o mesmo autor [Mackert], Boas era particularmente contra qualquer tipo de classificação prévia, sem analisar os dados primeiramente, além de detestar generalizações apressadas. Deste modo, rejeitava forçar a descrição destas línguas no modelo das partes do discurso, como realizado nas descrições dos séculos anteriores, visto as línguas categorizarem diferentemente as formas gramaticais, não implicando, porém, superior ou inferioridade, já que não há qualquer correlação entre a língua, a evolução, e o progresso das sociedades. As línguas (e também as culturas) deveriam ser descritas em sua unidade, antes de serem comparadas a outras, especialmente porque *“each language has a peculiar tendency to select this or that aspect of the mental image”* (Boas 1911a: 29) e, assim, nas diferentes línguas, diferentes categorias seriam encontradas (Boas 1911a: 39).

Interessantemente, os universais linguísticos de Boas eram mais funcionais que substanciais (Hymes & Fought 1981 [1975]: 81), isto é, eram mais características ou propriedades das línguas, que um corpo fechado de categorias ou regras gramaticais, como outras correntes costumam pensar. Dentre os universais *boasianos*, mencionamos o fato de *“todas as línguas possuírem um grupo definido e limitado de sons”* (Boas 1911a: 16), e de todas as línguas refletirem a história e a cultura de seu povo, dissociadas de sua biologia, entretanto (Boas 1911a: 12), além de variarem estruturalmente (Boas 1911a: 24). Além disso, todas as línguas esquematizam conceitos e são inconsciente a seus falantes, refletindo assim nosso funcionamento mental enquanto espécie humana (Boas 1911a: 67), servindo como prova da *“unidade dos processos psicológicos fundamentais”* (Boas 1911a: 75) nos seres humanos.

O papel de Boas para o florescimento de uma Linguística norte-americana, foi essencial, institucional e intelectualmente, como destacam Hymes e Fought (1981 [1975]: 82):

“Institucionalmente, Boas foi uma grande força para definir, organizar e apoiar o trabalho de descrição linguística em grande parte do século [XX]. Intelectualmente, uma tradição efetiva,

⁵⁷ Owing to the fundamental differences between linguistic families, it has seemed advisable to develop the terminology of each independently of the others, and to seek for uniformity only in cases where it can be obtained without artificially stretching the definition of the terms.

sustentada de descrição de línguas pode ser apontada por começar com ele”⁵⁸

No entanto, se Boas foi um dos precursores da Linguística norte-americana, sendo o mentor do projeto do *Handbook*, coube a Sapir consolidar esta metodologia de trabalho, superando o trabalho de seu mestre, sendo suas duas gramáticas os melhores exemplares das descrições boasianas (cf. Hockett 1954; Murray 1993):

*Apenas um dos alunos de Boas, da primeira geração, no entanto, mostrou qualquer talento real para linguística. Edward Sapir estava sendo preparado pelo Departamento de [Filologia] Germânica da [Universidade] Columbia, para uma carreira em filologia indo-europeia, quando foi desviado por Boas, para a tarefa mais premente e urgente de registrar as línguas indígenas americanas. (Darnell 1990b: 130)*⁵⁹

Em seu tempo, Sapir era o único “linguista” com bases sólidas nas áreas de Filologia (Germânica) e Antropologia (línguas indígenas); Leonard Bloomfield (1887-1949) era especialista principalmente na primeira, e Franz Boas, na última (Darnell 1990a: 262⁶⁰). A gramática do Takelma (Isolada/Penutiana [controverso]), tese de doutorado de Sapir, defendida em 1909, entretanto, não pode fazer parte da primeira edição do *Handbook*, por ser excessivamente detalhada, na visão de Boas, desviando-se do projeto original (Darnell 1990; Murray 1993). Assim sendo, ela só foi publicada em 1922, em uma segunda edição. A gramática do Paiute do Sul nem chegou a fazer parte do *Handbook* em momento algum, e embora tenha sido concluída por volta de 1917, só foi publicada em 1930. Tais divergências, com seu mestre Boas, levaram Sapir a se recusar em participar do projeto, posteriormente:

Hoje em dia, quando os estudantes das línguas americanas se contentam, no geral com determinação, de seus meros esboços fonéticos e morfológicos, uma gramática curta e um número limitado de textos ilustrativos parecem suficientes. No entanto, pode haver pequena dúvida que, no estudo mais intensivo de línguas americanas, os detalhes de variação fonética, estrutura da palavra e construção de sentenças receberão maior atenção. A necessidade de materiais

⁵⁸ Institutionally, Boas was a major force in defining, organizing and supporting the work of linguistic description throughout much of the century. Intellectually, an effective, sustained tradition of description of languages can be said to begin with him

⁵⁹ Only one of Boas's first generation of students, however, showed any real flair for linguistics. Edward Sapir was being groomed by the Columbia Germanics Department for a career in Indo-European philology when he was sidetracked by Boas into the more compelling and urgent task of recording American Indian languages.

⁶⁰ Darnell (1990: 26) também relembra que se as descrições gramaticais de Sapir eram excepcionais, desde o início de sua carreira, suas interpretações etnográficas eram rudimentares, neste mesmo período.

linguísticos extensos, na forma de textos nativos, então, se tornará aparente. A psicologia verdadeira da língua, como a de qualquer outra forma de pensamento e empreendimento humano, só é possível com base em um estudo aprofundado de suas minúcias (Sapir 1912b: 194)^{61/62}.

Os antropólogos interessavam-se pelas línguas por estas serem parte da cultura, e uma das tarefas da descrição etnográfica, na Antropologia boasiana. Mas este interesse era secundário, pois seu objetivo maior era, de fato, a construção de uma teoria mais geral da cultura. Já Sapir, talvez por sua formação, tinha interesse em se aprofundar nas descrições gramaticais, visando ao melhor entendimento dos fenômenos linguísticos, e posteriormente, à construção de uma teoria geral da linguagem (Darnell 1990b). Os interesses entre [futuros] linguistas e seus colegas antropólogos deixam de ser plenamente coincidentes, e começa-se a sentir a necessidade de uma Linguística autônoma, institucionalizada e profissional.

3.2.6. Autonomia e Institucionalização da Linguística Norte-Americana

Com a fundação da *Linguistic Society of America (LSA)*, em 1924, a Linguística se institucionaliza nos Estados Unidos (Andresen 1990). Neste primeiro momento, é objetivo dos “linguistas” (Andresen 1990: 2):

- i) a conquista de um espaço teórico para a língua, objeto de trabalho do linguista e;
- ii) tornar a Linguística uma disciplina acadêmica autônoma e profissional.

Como visto, entretanto, boa parte das pesquisas e publicações de Boas, Sapir, e seu grupo ocorreram em décadas anteriores. A própria criação desta instituição se deve, entre outros fatores, ao sucesso do empreendimento *boasiano*, já que Boas ministrava Linguística na Universidade Colúmbia desde 1894 (Koerner 1990: 112).

Na época de sua fundação [e também a criação do hoje renomado periódico *Language*], a maior parte dos membros eram filólogos, e outra parte, antropólogos. No

⁶¹ A indicação do trecho desta resenha é de Darnell (1990b: 133).

⁶² At the present day, when students of American languages content themselves on the whole with determination of their mere phonetic and morphological outlines, a short grammar and a limited number of illustrative texts seem sufficient. Yet there can be small doubt that in the more intensive study of American languages, the details of phonetic variation, word-structure and sentence-building will receive increased attention. The necessity of extensive linguistic materials in the form of native texts will then become apparent. A true psychology of language, as of every other form of human thought and endeavor, is possible only on the basis of a close study of its minutiae

período “entre guerras”⁶³ a escassez de recursos atingia as pesquisas em Humanidades, sendo também relativamente raros os empregos para os antropólogos (cf. Andresen 1990, Darnell 1990a, Murray 1993).

Em 1906, apenas a Universidade Colúmbia oferecia cursos de línguas indígenas norte-americanas [ministrados pelo próprio Franz Boas], e somente em 1930 seria criado o primeiro programa de doutoramento em Linguística, na Universidade de Yale, universidade esta que já contava com um Departamento de Linguística^{64/65}.

Os *boasianos* tinham por missão não apenas descrever as línguas e culturas indígenas, mas também justificar seu próprio empreendimento para a comunidade científica. Por essa razão, hoje se avalia serem os conteúdos de alguns textos de certa forma propagandísticos (cf. Darnell 2006; Leavitt 2006), especialmente os de Sapir considerados relativistas.

Os financiamentos eram obtidos junto aos antropólogos, que por sua vez, não estavam muito interessados em estudos puramente linguísticos: o estudo das línguas era um meio de acesso às culturas, e não uma finalidade. Portanto, além de descrições gramaticais resultadas do trabalho de campo, alguns financiadores desejavam a confecção de descrições etnográficas.

Por outro lado, muitas línguas certamente desapareceriam, visto terem um número muito limitado de falantes nativos, havendo línguas com apenas um ou dois falantes, já em idade avançada, sobreviventes do descaso do processo colonizador do continente americano em relação aos autóctones.

Para Sapir, o estudo linguístico permitiria, através de comparações genealógicas e tipológicas, rastrear a pré-história destes povos, desvendando o “mistério” de sua chegada neste continente e, por conseguinte, não era importante apenas por preservar a memória destas culturas, já que a seu ver, as informações sobre a história destes povos não era apenas arqueológicas, mas também linguísticas, e ao desaparecerem, levariam

⁶³ Entre a I (1914-1918) e II (1939-1945) Guerras Mundiais.

⁶⁴ Em 1946, seria criado outro na Universidade Cornell (Murray 1993: 71).

⁶⁵ Uma consulta na internet, no entanto, revela que diversas universidades afirmam “ser” o primeiro Departamento de Linguística, nos Estados Unidos. A Universidade da Califórnia em Berkeley afirma que seu departamento é o mais antigo, fundado em 1901. Mas esta, de fato, antecede ao marco institucional da Linguística, em 1924, e Murray (1993: 71-72) permite-nos ir contra essa afirmação. A Universidade de Chicago também alega ser o primeiro departamento, dizendo que seu departamento foi fundado nos anos 1930. Há ainda a Universidade da Pensilvânia, que afirma ser o departamento mais antigo de “Linguística moderna”, de 1947. O site da Universidade Yale afirma que o primeiro doutorado em Linguística é do departamento, outorgado em 1930.

consigo preciosas informações sobre seu processo histórico subjacente, ou seja, a maneira como aquelas sociedades se desenvolveram.

No entanto, colocada a questão da profissionalização para os antropólogos e para os linguistas, decorrência esta de suas institucionalizações, é certo que seria necessário optar pela especialização em uma ou em outra área. Ainda que houvesse diálogos possíveis e necessários entre a Linguística e as demais Humanidades, alguns pesquisadores, dentre os quais Sapir, acreditavam que era preciso ir além, isto é, formar especialistas em Linguística, desenvolvendo programas de pesquisa exclusivos, cujo enfoque fosse apenas a língua. É principalmente levando isto em consideração – a necessidade em se explicar a razão de ser da Linguística – que muitos dos trabalhos de Sapir emergiam. Seu diálogo é geralmente com um leitor [ou um ouvinte] não especializado, formado em outra área do saber, e para quem é essencial justificar o porquê de uma nova disciplina científica. E então, a Linguística começa a trilhar seus caminhos sem a anterior vinculação à Antropologia.

3.3. Caminhos pelo surgimento do termo “hipótese Sapir-Whorf”

Formado em um grupo de especialização (Murray 1993) de elite, Sapir também foi responsável pelo treinamento de uma geração de alunos, que depois viria a dar suas próprias contribuições à Linguística e/ou à Antropologia do século XX. O treinamento destes alunos visava dar continuidade à agenda temática proposta ao longo de sua vida: o estudo do homem primitivo, sua língua, sua cultura, não somente porque provavelmente isto não fora feito até momento, quando fosse o caso, mas essencialmente por ser esta também uma forma de entendimento do ser humano de modo global. Em nossa visão, que deverá ficar mais clara no próximo capítulo (Cap. 4), para Sapir, o entendimento do outro é também uma maneira de entender a si próprio. O estudo do homem primitivo não é apenas uma erudição acadêmica, portanto, mas também uma maneira de explicar de modo mais extensivo o próprio fenômeno humano.

3.3.1 O Professor Sapir (1925-1939)

Em 1925, Sapir se muda de Ottawa para Chicago, após haver trabalhado por quinze anos como chefe da Divisão de Antropologia, no *Geological Survey of the Canadian National Museum* (Darnell 1984), período no qual, como anteriormente

mencionado, se dedicou à continuação do desenvolvimento de um paradigma *boasiano*, isto é, efetuando trabalho de campo com tribos indígenas canadenses, e trabalhando com a classificação das línguas indígenas norte-americanas, ainda que sua abordagem fosse mais genética que a de Boas (Darnell 1986a). O longo período de isolamento no Canadá, os cortes no financiamento de seus empreendimentos, causados pela escassez de verbas por conta da I Guerra Mundial, e o desencantamento com o trabalho que ali vinha sendo desenvolvido, além da vontade de ministrar aulas e vincular-se a universidades, podem ser apontados como alguns dos fatores que levaram Sapir ao desejo de se mudar, no aspecto profissional (Darnell 1986b: 158). Durante todo este período no Canadá, Sapir não formou alunos que mantivessem sua linha de pesquisa (Darnell 1990a: 195). Ainda que Sapir preferisse a Universidade Columbia, universidade esta na qual havia estudado, e onde Boas trabalhava, com a perspectiva de concretização de outros projetos e, principalmente, de financiamento, Sapir aceita a vaga na Universidade de Chicago (Murray 1993: 96).

Embora Darnell (1986b: 158-159) considere que a virada em direção a um “pensamento maduro” de Sapir, em relação à Linguística, se dê na metade de sua estadia no Canadá, é fato que sua ida ao departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Chicago representa um importante marco em sua trajetória intelectual, por, ao menos, duas razões: o contato (novamente) mais próximo com acadêmicos de diversas áreas do saber e o treinamento de alunos. Como afirma a mesma autora, “*na passagem de Ottawa para Chicago, Sapir veio da periferia etnológica para o centro da ciência social americana*” (Darnell 1986b: 159)⁶⁶.

No período em que permaneceu em Chicago, de 1925 a 1931, Sapir buscou a interdisciplinaridade como foco de suas reflexões, “*tornando-se o homem das palavras que permitiam aos colegas de sociologia e psicologia/psiquiatria compreender as ligações comuns de suas obras*” (Darnell & Irvine 1997: 3)⁶⁷. É nesta época que se observa, assim, uma maior atenção por parte de Sapir sobre a problemática da relação entre a cultura e a personalidade. Sua defesa do indivíduo como locus da cultura, a despeito da visão dos demais boasianos [como sua discordância sobre a visão de Kroeber, sobre a separação entre indivíduo e cultura; cf. Sapir 1917], além do contato intenso com o psiquiatra Harry Stack Sullivan (1892-1949) e o cientista político Harold

⁶⁶ in moving from Ottawa to Chicago, Sapir came from the ethnological periphery to the center of American social science.

⁶⁷ becoming the man of words who enabled colleagues from sociology and psychology/psychiatry to understand the common links of their works

D. Lasswell (1902-1978), provavelmente são fatores mais relevantes para a contribuição de sua tentativa de desenvolvimento de um programa sobre a “psicologia da cultura”, que o contato com os sociólogos, em Chicago, como Darnell (1986b) observa a seguir:

Embora ele fosse, em princípio, um membro do mesmo departamento, não é claro o quanto Sapir foi diretamente influenciado pelos sociólogos de Chicago. [...]. Sua própria ênfase no indivíduo como um jogador e criador de cultura pode ter sido reforçada por seu contato com a sociologia, na medida em que a ‘sociedade’, ao oferecer um meio termo entre o ‘indivíduo’ e ‘cultura’, permitiu-lhe resistir à tendência entre alguns outros Boasianos para a reificação do último termo. Por outro lado, havia aspectos da sociologia que eram essencialmente incompatível com Sapir - particularmente o tipo de abordagens quantitativas [...].(Darnell 1986b: 161)⁶⁸

Não apenas a Linguística, portanto, é objeto primário de interesse de Sapir, neste momento. Em colaboração com Sullivan, o problema da personalidade atrai o linguista, interessando-se pela Psiquiatria, Psicologia, Sociologia e Antropologia, igualmente. E assim, além de ministrar cursos em Etnologia e em Linguística, Sapir também oferece seu curso de “Psicologia da Cultura” (Darnell 1986b: 162). Em 1928 e 1929, Sapir também participa de encontros patrocinados pela *American Psychiatry Association*, cujo enfoque foi a reflexão sobre as relações entre a Psiquiatria e as Ciências Sociais (cf. Darnell 1990a: 309-319). Destes encontros, resultou a defesa por parte de Sapir sobre o diálogo entre disciplinas aparentemente com escopos antagônicos [Psiquiatria e Sociologia], haja vista o aspecto simbólico do comportamento humano (Darnell 1986b: 164), e também reflexões mais teóricas, ligadas à metodologia das Ciências Sociais. Desta fase, podemos mencionar como relevantes os trabalhos “*Speech as a personality trait*” (Sapir 1926⁶⁹), “*Anthropology and Sociology*” (Sapir 1927b), “*The unconscious patterning of behavior in society*” (Sapir 1927d), dentre outros.

Embora haja uma ampliação no enfoque das reflexões de Sapir, é certo que o autor neste período não abandonou seus trabalhos em Linguística, inclusive tendo feito trabalho de campo com os Hupa e os Navajo (Darnell & Irvine 1997: 3). Além dos trabalhos de campo, neste período Sapir orientou diversas investigações sobre línguas

⁶⁸ Although he was at first a member of the same department, it is not clear how much Sapir was directly influenced by the Chicago sociologists. [...]. His own stress of the individual as a sharper and creator of culture may have been reinforced by his contact with sociology insofar as ‘society’, by offering a middle term between the ‘individual’ and ‘culture’, allowed him to resist the tendency among some other Boasians toward reification of the latter term. On the other hand, there were aspects of sociology that were essentially uncongenial to Sapir – particularly the sort of quantitative approaches [...].

⁶⁹ A publicação do trabalho completo se dá apenas em 1927, entretanto. (Darnell 1990: 467).

indígenas norte-americanas. Dentre seus principais alunos, destacam-se: Harry Hoijer (1904-1976), Stanley S. Newman (1905-1984), Mary Haas (1910-1996), Walter Dyk (1899-1972), Morris Swadesh (1909-1967), Charles F. Voegelin (1906-1986), Murray B. Emeneau (1904-2005) e Charles F. Hockett (1916-2000). Todos estes alunos descreveram alguma língua indígena⁷⁰, orientados por Sapir, ou participando de cursos ministrados por ele (Murray 1993: 101), e depois desenvolveram suas carreiras na Linguística ou na Antropologia (Caroll 1956: 16). Se pudermos, então, pensar em uma “*escola sapiriana*”, neste momento, é lícito ponderar que seu foco haja sido a descrição estrutural de línguas nativas norte-americanas, fazendo uso de dados comparativos e/ou históricos (Murray 1993: 111). E é com este grupo de pesquisadores que surgirá a posteriormente denominada “Primeira Escola Linguística de Yale” (Darnell 1990a: 365-374), já que no período de 1931 a 1939, Sapir passará a trabalhar na Universidade Yale, levando consigo boa parte destes pesquisadores.

Com a Grande Depressão Econômica de 1929, nos Estados Unidos, as pesquisas nas Humanidades novamente enfrentam dificuldades de financiamento. Então, em 1931, Sapir decide partir para a Universidade Yale, uma vez que esta universidade lhe forneceria “*tanto prestígio quanto dinheiro*” (Murray 1993: 102). Seguindo o financiamento pela *Rockefeller Foundation*, nesta universidade, a Sapir lhe é oferecida a vaga de “*Sterling Professor*”, mais alto grau acadêmico nesta instituição (Darnell 1986b: 167), fazendo parte de seu Departamento de Antropologia, pelo qual seria responsável. Ministrando aulas de Antropologia e Linguística, além de um aumento salarial e uma posição acadêmica prestigiada, em Yale, Sapir teria a oportunidade de participar de um programa de pesquisa interdisciplinar, no qual ofereceria o seminário “*The Impact of Culture on Personality*” (Darnell & Irvine 1997: 4), no “*Institute of Human Relations*”, programa de pesquisa este essencialmente interdisciplinar, como almejava o autor. O seminário tinha por objetivo “*cobrir o significado da cultura, a sua relevância para a psicologia da personalidade, sua valor relativo e o problema das em reconciliar as variações da personalidade às variações culturais*” (Darnell 1986b: 168)⁷¹.

Na Linguística, Sapir ministrava cursos como o de “Línguas Primitivas”, no qual apresentava a seus alunos dados de línguas africanas e indígenas norte-americanas; ou

⁷⁰ M. Emeneau seria uma exceção. Havendo estudado em sua graduação e mestrado Sânscrito, descreveu a língua Toda, língua tribal da família Dravídica, por sugestão de Sapir (Bright 2006: 411).

⁷¹ cover the meaning of culture, its psychology relevance to personality, its value relativity and the problem of reconciling personality variations and cultural variations

ainda “Línguas do Mundo”, no qual dava palestras sobre as línguas semíticas, sino-tibetanas, austronésias e até mesmo sobre as extintas línguas tocharianas, do ramo indo-europeu (Murray 1993: 104).

As condições de trabalho aparentemente favoráveis a Sapir, no entanto, não se revelaram tão atraentes, ao longo dos anos. Primeiro, o “*Institute of Human Relations*” se caracterizava por uma “*strongly scientific, behaviorist approach that ran sharply counter to Sapir’s more intuitive, mentalistic psychology and anthropology*” (Darnell 1986b: 168). Em seguida, o desenrolar da Grande Depressão leva a *Rockefeller Foundation* a reorientar seus financiamentos, o que dificulta a obtenção de fundos para o projeto de Sapir. O seminário “*The Impact of Culture on Personality*” falha na missão de angariar discípulos para o incipiente programa de investigação *sapiriano* sobre a questão da personalidade na cultura, ainda que Sapir o continuasse a oferecer como disciplina de pós-graduação (Darnell 1986b: 170). Os interesses acadêmicos no departamento, por sua, dificultavam a política acadêmica em relação aos projetos de Sapir: o departamento era, em essência, “*superorganic in culture, behaviorist in psychology, evolutionist in diachronic assumption, positivistically comparativist in method*” (Darnell 1986b: 173), antagônico à ênfase de Sapir na “*individuality of behavior, the specificity of cultural pattern, and the study of symbolic form*” (ibidem). Para finalizar, com a ascensão e consolidação de Hitler, na Alemanha nazista, um clima antissemita se instaura na Universidade Yale. (Darnell & Irvine 1997: 4). Essa série de contrapontos leva Sapir a jamais concluir seu projeto de investigação sobre a Personalidade e a Cultura. (In)felizmente, o mais próximo que temos destas reflexões, é a reconstrução de Irvine (1999), intitulada “*The Psychology of Culture*”, baseado em um esboço de Sapir, para um livro de mesmo título, de 1928, e nas notas de aula de seus alunos (cf. Sapir 1999 [Darnell, Irvine & Handler, org.]: 385-686).

Apesar dos revezes, Murray (1993: 105) afirma que a influência do professor Sapir extravasava sua atuação nas universidades de Chicago e Yale, ao mencionar sua participação no *Linguistic Institute* de 1937. Nesta oportunidade, Sapir ministrou cursos para alunos que posteriormente dariam importantes contribuições para a Linguística norte-americana do século XX, e alguns dos quais viriam a se organizar, posteriormente, na terminologia de Murray, na escola *neo-Bloomfieldiana*: Bernard Bloch (1907-1965) [2º editor do periódico *Language*, da LSA], John B. Carroll (1916-2003) [também psicólogo, editor da coletânea póstuma com os trabalhos de Whorf], J Milton Cowan (1907-1993) [presidente da LSA, em 1966], Jack Dabbs, Zellig Harris

(1909-1992) [famoso por seu *Methods*, e por ser orientador de Noam Chomsky], Fred Householder, Norman McQuown, Kenneth Pike (1912-2000) [e sua Tagmêmica], Henry Lee Smith, e também o já mencionado Morris Swadesh.

Ainda que fosse um professor de Linguística prestigiado, a falha na tentativa de prosseguimento de seus projetos deixa Sapir bastante desiludido e frustrado (Sapir, J. 1967: 12/4 *apud* Darnell 1986b). E como já mencionado na seção 3.1., um primeiro ataque cardíaco em 1937, e um segundo, este último fatal, em 1939, levam Sapir a falecer, no início de 1939, aos cinquenta e cinco anos de idade, pondo um fim definitivo em seus projetos (Darnell 1990a: 398-419).

O respeito pelo linguista Edward Sapir pode ser mensurado, dentre outras maneiras, pelo número de obituários publicados acerca de seu falecimento. Aqui mencionamos onze, apresentados em Darnell (1990a):

Boas escreveu para o *International Journal of American Linguistics*, Benedict para o *American Anthropologist*, Edgerton para o *American Philosophical Society Yearbook*, Jenness for the *Proceedings of the Royal Society of Canada*, Sullivan for the *Psychiatry*, Spier for *Science*, Swadesh for *Language*, Mandelbaum for *Jewish Social Studies*, Voegelin for *Word Study*, Loius Hjemlslev for *Acta Linguística*, and Ernest Hooton for the *Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences*. (Darnell 1990a: 418)

Murray (1993: 109) relê a trajetória de Sapir como a de um líder organizacional [aquele que consegue financiamento, instalações e outros meios necessários para a condução de pesquisas, por um grupo de pesquisadores por este agente liderados (Murray 1993: 23)] não tão bem-sucedido quanto tenha sido como líder intelectual [aquele que consegue desenvolver as bases conceituais para uma linha de pesquisa, explicando estas ideias a outros pesquisadores, que se convencem que tais conjecturas são interessantes cientificamente, e que enquanto liderança, é capaz de validar os trabalhos que considera relevantes naquele paradigma, além de produzir textos programáticos e pesquisa exemplar, fornecendo as bases sobre como aquela pesquisa deve ser conduzida, e também treinando pesquisadores no paradigma em formação (Murray 1993: 22)]. Em outras palavras, Sapir foi um excelente pensador, mas um gestor não tão eficiente, ao vender suas ideias, mas não concretizá-las em uma linha de pesquisa após sua morte. Na defesa de sua leitura, Murray afirma essencialmente que “Ele [= Sapir] não foi capaz de transformar a alta consideração com a qual ele foi

percebido, em apoio ao programa que ele achava digno”⁷² (Murray 1993: 109), além do fato de que após sua morte, “*os laços entre os que viam a si mesmos como ‘estudantes de Sapir’ não foram particularmente mantidos. Não havia nenhum sucessor como líder organizacional e muitos dos que se orgulhavam em se rotular ‘estudantes de Sapir’ não prosseguiram*”⁷³ com a Linguística de Sapir (Murray 1993: 109).

3.3.2 Benjamin Lee Whorf (1897-1941) e a Hipótese Conjunta

A pergunta que nos resta neste momento, no entanto, é tentar entender como este autor [Sapir] com tantos feitos no campo da Linguística de sua época chega até nós, principalmente, como um relativista, senão “o pai” do relativismo na Linguística contemporânea, conforme procuramos demonstrar no capítulo 1. Se Sapir praticamente dissertou sobre boa parte dos temas nos quais a Linguística do século XX direcionou suas investigações, em ao menos algum trecho de sua obra, como a leitura que se cristaliza sobre ele é a de um autor relativista? Dirigimos então nosso foco neste momento para a questão do surgimento de uma ‘hipótese Sapir-Whorf’.

Esclarecemos aqui que mais adiante refutaremos a leitura do rótulo ‘hipótese Sapir-Whorf’, ao menos como vem sendo feita atualmente pelos manuais, como demonstrado no capítulo 1, que afirmam haver uma hipótese desenvolvida em conjunto por Sapir e por Whorf. Ao longo do presente trabalho, em momento algum encontramos qualquer texto escrito em conjunto pelos autores referidos, ou indicação bibliográfica que nos levasse a tal. Pelo contrário, o que observamos é uma certa cautela por parte dos pesquisadores que realmente se dedicaram a discutir a questão, ao menos no que seja tangente à afirmação que Sapir e Whorf tenham desenvolvido uma hipótese em conjunto.

Salientamos também que nossa refutação, ainda assim, será feita sem nos centrarmos nos trabalhos de Whorf, e talvez seja fundamental justificarmos nossa opção analítica:

- (i) entrar em uma avaliação sobre o mérito do trabalho de Whorf, isto é, suas continuidades e descontinuidades em relação a Sapir, constituiriam um

⁷² “He [=Sapir] was unable to transform the high regard in which he was held into support for the program he thought worthy”

⁷³ “ties among those who saw themselves as ‘Sapir’s students’ were not particularly maintained. There was no successor as an organizational leader and many of those proud to label themselves ‘Sapir’s students’ did not pursue ‘Sapirian’ linguistics”

novo trabalho, mesmo que desejáveis, por certamente fugirem do escopo desta dissertação, essencialmente centrada nos trabalho de Sapir [e em algum grau também naqueles sobre Sapir];

- (ii) não haver a necessidade, neste momento, de uma avaliação interna de suas ideias [=de Whorf], haja vista que ao observar outras fontes, de natureza mais contextual, como os prefácios dos livros, os quais exporemos adiante, tentaremos demonstrar que a construção do rótulo “hipótese Sapir-Whorf” certamente se deve mais a fatos de natureza “extratextual”, do que resultada de um debate aprofundado sobre as continuidades entre o pensamento de Sapir e Whorf.

Feitas as devidas ressalvas, observemos nas próximas seções alguns fatores que contribuíram para o surgimento do termo ‘hipótese Sapir-Whorf’ e a construção de uma leitura relativista de Sapir ao largo do século XX.

Benjamin Lee Whorf jamais publicou qualquer trabalho com Sapir, até onde sabemos. Whorf foi aluno de Sapir, talvez o mais famoso, dentro da *Primeira Escola de Linguística de Yale* (Darnell 1990a: 365-374; Murray 1993: 102-111), que continha também dentre seus membros, alguns outros alunos vindos com Sapir da Universidade de Chicago, em 1931, como analisado na seção anterior (cf. 3.3.1 – Sapir Professor).

Embora Whorf houvesse conhecido Sapir em 1928, no *International Congress of Americanists*, suas relações se intensificam com a ida de Sapir para Yale, em 1931 (Caroll 1956: 16). Em Yale, segundo Caroll (1956: 16-17), Whorf se matriculou no curso de Linguística das línguas indígenas norte-americanas, e obteve menção A em seu trabalho apresentado, intitulado *The structure of Athabaskan languages*. Caroll destaca ainda que Sapir parece haver gostado muito deste texto apresentado por Whorf.

Whorf e Sapir mantinham uma excelente relação professor-aluno, e conforme aumentava a participação de Whorf nos cursos de Sapir, crescia a admiração do professor pelo aluno. Mas ainda que fossem apreciadas as habilidades intelectuais de Whorf, Sapir sempre o viu apenas como um aluno, dentre os demais, e nada além, como se observa neste trecho, extraído de uma correspondência com Kroeber:

Whorf é um homem muito bom, em grande parte auto-construído, e com um traço de genialidade. Ele é muitas vezes inclinado a sair do problema central e entrar em especulações marginais, mas que apenas mostra a originalidade e qualidade aventureira de sua mente ... Ele é um dos mais valiosos linguistas das línguas indígenas norte-americanas que temos no momento. (In Darnell 1990a: 375)⁷⁴

Ao menos conscientemente, este breve trecho de Sapir nos leva a ponderar que muito provavelmente não fossem Sapir e Whorf unânimes em todas as suas reflexões. Entretanto, o não-alinhamento do pensamento e o desenvolvimento de trajetórias individuais, por parte de seus alunos, parecia ser também o objetivo do professor Sapir, como veremos adiante.

Benjamin Lee Whorf era engenheiro químico de formação, e trabalhou boa parte de sua vida como inspetor de incêndios em uma companhia de seguros. Seu interesse pela Linguística, segundo Carroll (1956: 6) iniciou-se por volta de 1924, quando Whorf entrou em contato com escritos sobre os Maias, fator este que o levou a querer investigar os hieróglifos deste povo. Whorf também se interessou pelo embate entre a visão cosmológica colocada pela Bíblia e as teorias da evolução, propostas pela ciência, e por hipótese, acreditava que uma exegese do Antigo Testamento pudesse resolver tal conflito, e então suas atenções se voltaram naquele momento ao Hebraico (Carroll 1956: 7).

No campo da Linguística, já em contato com Sapir, foram seus estudos sobre o Hopi, língua indígena norte-americana da família Uto-asteca, que levam Whorf a construir uma boa reputação junto aos demais alunos de Sapir. Darnell (1990a: 377) diz que Whorf afirmava para Sapir que se atraía pela Linguística pelo “problema fundamental do significado”.

Ainda que um excelente aluno, que jamais tenha buscado qualquer titulação na área, um ponto bastante suscitado sobre Whorf seria seu “amadorismo”, diante de sua não profissionalização dentro da Linguística: Whorf embora tenha feito diversos cursos em Linguística jamais se doutorou (Carroll 1956: 17; Darnell 1990a: 375-376).

Mesmo sem haver defendido um doutorado, Whorf foi muito respeitado por seus colegas, ao ponto de, com o afastamento de Sapir, no período de 1937-1938, por conta de sua saúde débil, Whorf ser indicado por Leslie Spier para substituir Sapir no curso de

⁷⁴ Whorf is an awfully good man, largely self-made, and with a dash of genius. He is sometimes inclined to get off the central problem and indulge in marginal speculations but that merely shows the originality and adventuresome quality of his mind... He is one of the most valuable American Indian linguists that we have at the present time.

Linguística norte-americana (Darnell 1990a: 380). E assim, Darnell acredita, com base em trechos da correspondência de Whorf os quais reproduzimos abaixo, que é deste curso que surge sua proposta relativista:

Whorf (para Carroll, Agosto 1937: YU) se concentraria principalmente na “direção psicológica, e os problemas do significado, pensamento e ideia, nas chamadas culturas primitivas”, com o objetivo de “revelar fatores psíquicos ou constantes” e a organização “da experiência crua em um universo consistente e facilmente transmissível de ideias, por meio de padrões linguísticos”. Estes documentos deixam claro que a famosa hipótese de Whorf cristalizou-se de seus esforços em traduzir a linguística indígena norte-americana dentro do quadro de trabalho Sapiriano para o não-linguista. (Darnell 1990a: 381)⁷⁵

Tem-se, dessa maneira, que muito provavelmente a intenção de Whorf tenha sido divulgar a Linguística ao público geral de seu tempo. Sejam boas ou ruins as ideias de Whorf, é fato que seu trabalho foi bastante comentado, especialmente na segunda metade do século XX, havido sido alegado que Whorf é um ‘determinista’, por supostamente defender que a linguagem molda a maneira como pensamos. Não entraremos no mérito da questão. Relembremos apenas que se há quem afirme ser o autor Whorf um “determinista”, também há quem resguarde seus trabalhos, costumeiramente afirmando que o autor tem sido mal-interpretado:

O papel de Benjamin Lee Whorf (1897-1941) na etnolinguística contemporânea é excepcionalmente complexo, do ponto de vista das histórias da Antropologia, Linguística e Psicologia, para não falar da Filosofia. É discutível que Whorf foi mal-interpretado mais profundamente do que qualquer outro cientista social de sua geração. E, no entanto, suas reflexões sobre as relações entre linguagem, pensamento e realidade continuam a ser citados [...]. (Darnell 2006: 82)⁷⁶

O que a autora afirma no trecho acima, e nós também pudemos constatar em algumas fontes secundárias (cf. capítulo 1), é que, de fato, há certa circularidade em

⁷⁵ Whorf (to Carroll, August 1937: YU) would focus largely on “a psychological direction, and the problems of meaning, thought and idea in so-called primitive cultures”, aiming to “reveal psychic factors or constants” and the “organization of raw experience into a consistent and readily communicable universe of ideas through the medium of linguistic patterns”. These documents make it clear that Whorf’s famous hypothesis crystallized out of his efforts to translate American Indian linguistics in the Sapirian framework for nonlinguist”.

⁷⁶ The role of Benjamin Lee Whorf (1897–1941) in contemporary ethnolinguistics is an unusually complex one from the standpoint of the histories of anthropology, linguistics, and psychology, not to speak of philosophy. It is arguable that Whorf has been misread more thoroughly than any other social scientist of his generation. And yet, his musings on the relationships among language, thought, and reality continue to be cited [...].

termos de citação das alegadas ideias de Whorf. Muitos trabalhos apenas reproduzem um ou dois trechos mais famosos, e assim afirmam estar discutindo as ideias de Sapir e Whorf, cristalizando assim a leitura deste autor, sem uma análise mais atenta ao quadro epistemológico no qual este se desenvolve.

Fora o problema da circularidade registrado por Darnell, Gonçalves (2008: 88-) aponta que Whorf foi um crítico árduo da ciência de seu tempo, em sua sóbria análise sobre este autor:

Os ensaios sobre linguística e ciência que ele [=Whorf] escreve são como manifestos contrários ao epistemologismo ocidental, do universalismo irrefletido e mal-digerido, ao positivismo lógico jamais identificado por Whorf, mas sempre combatido. A arrogância da ciência moderna tem um dos seus combatentes mais fortes no RL [= relativismo linguístico] proposto por Whorf. (Gonçalves 2008: 112)

Darnell (2006: 84-85) aponta alguns fatores que geralmente têm sido utilizados para se desqualificar as ideias de Whorf, podendo estes ser resumidos em dois pontos:

- (1) Geralmente Whorf é menosprezado por não possuir um diploma em Linguística ou Antropologia, pois era engenheiro químico, como já mencionamos;
- (2) Seus trabalhos foram publicados em jornais não diretamente focados em Linguística, ou seja, suas publicações tinham por objetivo tornar a Linguística acessível às pessoas cultas de sua época;

Este tom crítico, atrelado ao encantamento pela Linguística, diante da necessidade de divulgá-la enquanto objeto de saber relevante, dá um

Esta autora termina por defender que:

Apesar de todas estas coisas serem verdadeiras, elas não contribuem para um retrato exato da estatura profissional de Whorf, como foi percebido por seus contemporâneos. A carreira de Whorf era, de fato, anômala, mas é curioso que essas questões surjam no contexto de avaliar suas ideias sobre o relativismo linguístico, com praticamente nenhuma atenção à estrutura de suas ideias como um todo (o que Penny Lee [1996] chamou de “o complexo da teoria de Whorf”), sua

reputação entre seus contemporâneos, ou o grau de cumplicidade de Sapir, em suas formulações místicas ou mentalista sobre a relação entre linguagem e cultura. (Darnell 2006: 85)⁷⁷

Temos então que, por ora, apenas fazemos essa breve discussão sobre Whorf pela necessidade de endosso de alguns fatores de ordem contextual, como pelo fato de haver sido um dos mais famosos alunos de Sapir, seus trabalhos também se inserirem no quadro mais amplo dos interesses da tradição boasiana, e o esforço de Whorf em transmitir as ideias de Sapir ao público não especializado em Linguística, de sua época (cf. Darnell 1998).

A despeito dos problemas que a menção ao nome de Whorf nos coloquem, e mesmo que não tenhamos abordado o conteúdo de seus trabalhos, ao menos a verificação do contexto de produção [ou talvez de veiculação] de um de seus trabalhos nos é necessária para a análise que aqui delineamos, visto que a maior parte dos trabalhos consultados não vem analisando este dado. Estas breves notas sobre Whorf então são devidas, para que possamos clarificar nosso posicionamento contrário ao rótulo ‘hipótese Sapir-Whorf’, deixando claro que o fazemos sem necessariamente desmerecer o trabalho de Whorf.

O principal do argumento deixa de ser “não falarmos em uma hipótese Sapir-Whorf porque as ideias de Whorf são ruins”, como até poderia ser inferido, e passa a ser “não falarmos em uma hipótese Sapir-Whorf por sua inconsistência com os fatos acerca da produção destas ideias”. Não se refuta a possibilidade de diálogo ou o estabelecimento de continuidades entre os escritos dos dois autores, o que certamente requereria mais espaço às ideias de Whorf; se refuta apenas alegarmos que Sapir e Whorf hajam construído uma hipótese, ao menos no que se refira a Sapir, como nos é lícito afirmar.

⁷⁷ Although all of these things are true, they do not add up to an accurate picture of Whorf’s professional stature as it was perceived by his contemporaries. Whorf’s career was indeed anomalous, but it is curious that such issues arise in the context of assessing his ideas about linguistic relativity, with virtually no attention to the structure of his ideas as a whole (what Penny Lee [1996] has called “the Whorf theory complex”), his reputation among his contemporaries, or the degree of complicity of Sapir in his mystical or mentalist formulations about the relationship of language and culture.

3.3.3 Acerca do trabalho “*The Relation of Habitual Thought and Behavior*” (Whorf 1941)

Sempre que se discute a hipótese Sapir-Whorf se recorre ao talvez mais difundido trabalho de Whorf, intitulado “*The relation of habitual thought and behavior to language*” (Whorf 1941). E neste trabalho, de fato, Whorf fala em uma ‘*linguistic relativity hypothesis*’ (Whorf 1941: citar páginas).

O artigo “*The relation of habitual thought and behavior to language*” foi originalmente publicado no livro “*Language, culture and personality. Essays in memory of Edward Sapir*”, organizado por Leslie Spier, A. Irving Hallowell e Stanley S. Newman, e publicado em 1941, ou seja, dois anos após a morte de Sapir. A leitura do prefácio desta obra nos elucida um pouco a intenção dos autores nos trabalhos apresentados, e por essa razão, exporemos alguns trechos. O ano de 1941 também é marcado pela morte de Whorf, dois anos após a morte de Sapir. Nunca saberemos, então, de modo absoluto, se estes dois agentes aqui envolvidos concordariam com a tal hipótese, tal como consagrada posteriormente.

O prefácio deste livro, ainda assim, é bastante esclarecedor sobre as motivações dos autores, ao redigirem seus trabalhos. Optamos por citar integralmente os trechos na análise que se segue, por consideramos que este prefácio, embora seja fundamental no debate sobre a alegada “hipótese Sapir-Whorf”, tem sido negligenciado e ignorado pela comunidade acadêmica, isto é, este foi um dado ignorado em toda a discussão. Desta maneira, por mais enfadonha que seja a leitura de longos trechos de citação, reproduzimo-nos na íntegra, por este ser um texto de relativo difícil acesso material.

Como de costume, por se tratar de uma homenagem ao autor, este prefácio inicia enfatizando as inúmeras virtudes de Sapir enquanto cientista, ao descrevê-lo através de uma série de adjetivos elegantes, em tom heroico:

Edward Sapir, a cuja memória este volume é dedicado, tinha dons excepcionais: uma intuição artística, uma agudeza e erudição de um estudioso, uma capacidade perspicaz de síntese, uma extraordinária clareza de expressão e uma fertilidade de sugestividade e entusiasmo que se transmitiam por si mesmas aos seus alunos e colegas. (Spier, Hallowell & Newman 1941: vii)⁷⁸

⁷⁸ Edward Sapir, to whose memory this volume is dedicated, had exceptional gifts: an artistic intuition, a scholar's acuteness and erudition, a shrewd synthesizing capacity, an extraordinary clarity of expression and a fertility of suggestiveness and enthusiasm that communicated itself to his students and colleagues.

Seus alunos reafirmam a amplitude dos interesses de Sapir, ao longo de sua trajetória acadêmica, e sua tentativa de estabelecimento de correspondências entre a personalidade e a cultura, tema ao qual se dedicou em seus últimos anos de trabalho:

Sua originalidade e ousadia de espírito levaram-no para além dos limites convencionais de um único departamento de estudo. Embora ele seja frequentemente considerado primariamente como um estudante da linguagem, ele estava igualmente preocupado com a análise do comportamento cultural e a interação de ambos no desenvolvimento da personalidade. Certamente, ele era particularmente adepto da linguística descritiva, mas sua rapidez de percepção levou a uma coordenação de línguas aparentemente distantes e, ainda mais importante, para novas formulações sobre a essência da linguagem. Ele via a língua como o símbolo verbal das relações humanas. Daí seus registros de outros tipos de comportamento cultural, derivados em grande parte de uma abordagem através da língua, que enfatizaram frequentemente o pensamento e a expressão assim como na forma. Ele sustentou que a compreensão do comportamento cultural era difícil ou impossível, a menos que seu curso de desenvolvimento fosse minuciosamente traçado. O que lhe interessava mais do que estabelecer uma base factual sólida - no que ele foi insistente - foram as nuances da inter-relação entre a personalidade, a expressão verbal e comportamento socialmente determinados. E, especialmente, estava ciente do equilíbrio sutil entre ditames sociais e os objetivos e satisfações do indivíduo. Em suma, a língua, a cultura e personalidade eram para ele coordenadas. (Spier, Hallowell & Newman 1941: vii)⁷⁹

Os autores também comentam a decisão de publicar um volume em homenagem a Sapir, diante de sua enfermidade, em seus últimos anos de vida. A intenção primária era que o volume saísse antes que Sapir viesse a falecer, objetivo este que não pode ser alcançado:

Sabendo que ele estava gravemente doente, decidimos contar-lhe do nosso plano. Com a modéstia característica, ele negou a significância que nós sabíamos ter seu trabalho, mas ainda assim expressou seu profundo prazer, apreciação e agradecimento. Nós desejávamos

⁷⁹ His originality and boldness of mind led him beyond the conventional limits of a single department of study. Although he is often thought of primarily as a student of language, he was equally concerned with the analysis of cultural behavior and the interplay of both on the development of personality. To be sure, he was peculiarly adept at descriptive linguistics, but his quickness of insight led to a coordination of languages seemingly far apart and, even more important, to novel formulations of the essence of language. He saw language as verbal symbol of human relations. Hence his records of other types of cultural behavior, derived largely from an approach through language, have emphasis as frequently on thought and expression as on form. He held that the understanding of cultural behavior was difficult or impossible unless its course of development was minutely traced. What interested him even more than establishing a solid factual basis – on which he was insistent – were the nuances of interrelation between personality, verbal expression, and socially determined behavior. And especially was he aware of the subtle balance between social dictates and the aims and satisfactions of the individual. In short, language, culture, and personality were for him coordinate

saudar o Dr. Sapir com um volume concluído em sua homenagem, mas para nossa tristeza profunda, ele morreu em 04 de fevereiro de 1939, antes que o livro estivesse relativamente em curso. (Spier, Hallowell & Newman 1941: viii)⁸⁰

E afirmam que foi intenção dos autores, em sua maior parte ex-alunos de Sapir, mostrar possíveis influências, ou seja, o impacto das proposições *sapirianas*, em seus próprios trabalhos:

É nossa intenção, neste volume, mostrar um pouco da influência do Dr. Sapir, bem como prestar homenagem à sua memória. [...] A nossa escolha tem sido não só entre aqueles que haviam sido estudantes formais do Dr. Sapir, mas também entre outros profundamente influenciados por ele e, portanto, seus ‘alunos’ no sentido mais amplo, mais vital. (Spier, Hallowell & Newman 1941: viii)⁸¹

Visto haver sido o intuito deste volume apresentar trabalhos originais que tomassem Sapir por base, advertem os autores que não era exigência haver concordância entre Sapir e o autor, ou com as ideias de Sapir, já que Sapir ele próprio incentivava o pensamento autônomo de seus alunos:

Pedimos a cada colaborador para escrever sobre um tema de sua escolha, utilizando seus próprios dados, mas tendo em conta que nós esperamos ver a influência do Dr. Sapir, sobre si [=colaborador] e seus companheiros, refletidas em seu artigo. Ficou bem entendido que os autores não tinham necessariamente que concordar com ele [=Sapir] nem nas opiniões quanto nas conclusões. Dr. Sapir teria insistido em suas independências, seu direito de avançar para novos pontos de vista. Estas contribuições são discretas, ainda que estejam amarradas entre si, em alguma medida, pelas interconexões que o Dr. Sapir viu entre a língua, a cultura e a psicologia. (Spier, Hallowell & Newman 1941: viii – grifos nossos)⁸²

O que a sequência de trechos acima apresentados nos permitem afirmar, portanto, é que o volume então não é de modo algum uma análise direta sobre a obra de

⁸⁰ Knowing he was gravely ill, we decided to tell him of our plan. With characteristic modesty, he disclaimed the significance which we knew attached to his work but nonetheless expressed his deep pleasure, appreciation, and thanks. We wished to greet Dr Sapir with a completed volume in his honor, but to our profound sorrow he died on February 4, 1939 before it was fairly under way.

⁸¹ It is our intention in this volume to show something of Dr. Sapir's influence, as well as to pay tribute to his memory. [...] Our choice has been not only among those who had been formal students to Dr Sapir, but also among others profoundly influenced by him and hence his 'students' in the wider, more vital sense.

⁸² We asked each contributor to write on a topic of his own choice, using his own data, but bearing in mind that we expected to see Dr Sapir's influence on himself and his fellows reflected in his article. It was distinctly understood that the authors were not of necessity to agree with him either in views or conclusions. Dr Sapir himself would have insisted on their independence, their right to move on to new viewpoints. These are discrete contributions, yet threading through them in some measure are those interconnections which Dr Sapir saw between language, culture and psychology.

Sapir, mas um desdobramento de suas ideias, pela apresentação de estudos efetuados por seus alunos, dentre os quais Whorf.

Um último e bastante importante comentário sobre a citação extraída de Sapir (1929), sempre apresentada nas publicações do texto, fora do livro original, “*The relation of habitual thought and behavior to language*”, de Whorf, e apresentada como a contribuição de Sapir para a hipótese. O livro divide-se em quatro seções (I. Problems of Linguistic Classification; II. Linguistic behavior and thought; III. The development of culture patterns; IV. Culture norms and the individual) e na página de abertura de cada seção há uma citação de algum texto de Sapir. Não sabemos se foi Whorf quem escolheu a citação que abre a seção no qual seu trabalho se insere (a segunda seção), mas é interessante observar que tal citação não é exclusiva para o trabalho de Whorf, já que seu texto começa uma página depois, e outros trabalhos também foram incluídos nesta seção. Assim, se a mais famosa citação de Sapir é válida como contribuição ao trabalho de Whorf especificamente, ela também o é para os demais trabalhos. Se há uma ‘hipótese Sapir-Whorf’ com base neste dado, há tantas outras ‘hipóteses Sapir-pesquisador participante do livro’ também.

A coletânea de trabalhos de Whorf, editada por John B. Carroll, intitula-se *Language, Thought and Reality*, e segundo Carroll (1956: 23), este era um livro que Whorf pretendia escrever, e que seria dedicado à memória de Sapir e do escritor francês Antoine Fabre d’Olivet (1767-1825)⁸³, como reconhecimento da importância destes dois autores em seus trabalhos.

3.3.4. A Cunhagem do Termo “Hipótese Sapir-Whorf” (1954)

Visto ser o rótulo “hipótese Sapir-Whorf” bastante utilizado nos dias atuais, pelo público geral, para se referir a hipótese do relativismo linguístico, procedemos a busca pelo primeiro registro de uso. É fato que, do ponto de vista da autoria, entretanto, um problema que se coloca é o fato de não haver, até onde sabemos, qualquer trabalho realizado em coautoria entre Sapir e Whorf. Além disso, não existe um texto, ao menos no que diz respeito a Sapir, no qual esteja a formulada a suposta hipótese, pronta a ser examinada e discutida.

⁸³ Segundo Carroll (1956: 23), Whorf interessou-se por Fabre d’Olivet ao tentar verificar teorias sobre o misticismo francês e a tradição hebraica, já que o autor francês propunha que determinadas letras do alfabeto hebraico ou suas combinações continham algumas ideias fundamentais e misteriosas.

O pesquisador que desejar conhecer a ‘hipótese Sapir-Whorf’ nos trabalhos dos autores, deverá passar algum tempo lendo diversos textos, já que as passagens consideradas pelas gerações posteriores ‘relativistas’ estão dispersas em diversos trabalhos, e se inserem em um quadro epistemológico mais amplo, como vimos mostrando até aqui. Complicando ainda mais a questão, cabe retomar que Sapir morreu em 1939, Whorf em 1941, e Boas em 1942.

Mesmo não havendo o tal texto no qual uma ‘hipótese Sapir-Whorf’, com a colaboração ativa de Sapir, isto é, um texto de sua vontade com a colaboração de Whorf, ainda assim facilmente nos deparamos com o termo, nas publicações contemporâneas, ao buscarmos fontes sobre o relativismo linguístico.

A cunhagem do rótulo “hipótese Sapir-Whorf” ocorreu posteriormente ao falecimento dos autores envolvidos, apenas em 1954, por Harry Hoijer (1904-1976), quando este ex-aluno de Sapir apresentou o trabalho intitulado “*Sapir-Whorf hypothesis*”, na Conferência sobre as relações entre a linguagem e outros aspectos da cultura (*Conference on the interrelations of language and other aspects of culture*), realizada em Chicago (Koerner 1999). Entretanto, John B. Carroll (1916-2003) parece ter sido o maior difusor do termo, havendo até mesmo alguns trabalhos (cf. Sampsom 1965; Joseph 1996) que chegam a apontá-lo como o criador do rótulo. Carroll, a propósito, foi o editor da coletânea póstuma de textos de Whorf, publicada pela primeira vez em 1956, pela *MIT Press*.

Hoijer (1954: 92-105) não deixa claro em seu trabalho a razão pela qual o intitula ‘hipótese Sapir-Whorf’, enquanto os demais participantes mencionam apenas uma ‘hipótese de Whorf’, seja nos demais artigos, seja inclusive no debate publicado após os trabalhos apresentados (Hoijer 1954: 235-246).

Basicamente, o que Hoijer faz é mencionar a mais famosa citação de Sapir acerca do relativismo, extraída do texto “*The Status of Linguistics as a Science*” (cf. Sapir 1929), e então passa a discutir as ideias de Whorf, expostas no artigo de 1941 (Whorf 1941). Hoijer abre o trabalho alegando que “*The Sapir-Whorf hypothesis appears to have had its initial formulation in the following two paragraphs, taken from an article of Sapir’s, first published in 1929*” (Hoijer 1954: 92).

Em seguida (cf. Hoijer 1954: 92-93), reconhece que a noção de “língua como um guia para a realidade social” não é exclusiva de Sapir, e em certa medida, já poderia ser detectada em Boas também, mencionando algumas passagens de sua “*Introduction*”

(Boas 1911a). Após mencionar mais um trecho de Sapir, de um trabalho de 1931 (cf. Sapir 1931f), Hoijer passa a discutir Whorf, sem expor a razão do título.

Na discussão publicada, tampouco há quaisquer esclarecimentos. Apenas ocorre a menção a “hipótese de Whorf”, por alguns pesquisadores. Nenhum deles se remete a Sapir. A cunhagem do termo é um constructo realizado posteriormente à vida dos autores, e parece ser uma homenagem de Hoijer a Sapir, quando ao retomar as ideias de Whorf sobre o Hopi, língua com a qual ele [Hoijer] também trabalhava.

A inicial homenagem de Hoijer, no entanto, parece haver levado as gerações posteriores à consagração da leitura relativista como uma, senão a mais saliente, característica exclusiva da obra de Sapir.

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO IV

Relações entre a Língua, o Pensamento e a Cultura na Obra de Sapir

Se a leitura descompromissada de alguns manuais de Linguística contemporâneos poderia nos levar a crer que há apenas um trabalho elaborado por Sapir e Whorf, em conjunto, versando acerca da hipótese do relativismo linguístico, e consagrando o termo ‘hipótese Sapir-Whorf’, nossa análise procurou se situar em outro ponto de partida, como discorrido no capítulo anterior.

Neste capítulo, procuraremos investigar alguns conceitos que nos permitissem, de algum modo, tentar resgatar o conceito de ‘relativismo linguístico’ subjacente aos trabalhos de Sapir, por meio do rastreamento de ocorrências textuais dos conceitos de ‘língua’, de ‘pensamento’, e de ‘cultura’. Para tanto, concentramo-nos exclusivamente no mapeamento de seus trabalhos, cujos critérios de seleção foram expostos no segundo capítulo.

Visando uma melhor compreensão do quadro teórico desenvolvido por Sapir, rastreamentos também alguns outros termos. Ao total, procedemos à busca e análise de onze termos: língua, fala, comunicação, gramática, padrão, comportamento, pensamento, simbolismo, cultura, gênio e relativismo.

4.1. O Conceito de Língua em Sapir

As concepções de Sapir acerca da língua são muitas e variadas, o que levou a um número bastante elevado de ocorrências em nosso levantamento. Seleccionamos aqui as que consideramos mais significativas, para a tentativa de apreensão da concepção de Sapir acerca do ‘relativismo linguístico’. É certo que pelo contexto histórico no qual viveu, buscando concretizar o projeto de uma Linguística científica e autônoma, observaremos que Sapir ora fornecendo indicações sobre a língua cujo maior interessado é o linguista, analista que se debruça sobre as formas linguísticas, e em outros momentos, procurando ponderar sobre a língua em correlação com os demais atributos da vida humana. Nesta primeira seção procuramos isolar os casos que são de interesse exclusivo do linguista, ou seja, permita-lhe discorrer sobre seu objeto de

reflexão aos demais cientistas, ainda que na defesa de Sapir, a língua seja sempre um fato cultural, por um lado, e a dimensão exterior do pensamento, por outro, e interessando desta maneira à Antropologia e à Psicologia, igualmente.

4.1.1. ‘Língua/Linguagem’ (*Language*)

A língua é vista por Sapir, ao longo de sua carreira (abaixo, em 1911 e em 1933a) como a característica que diferencia os seres humanos dos demais animais, seja ela falada por um homem culto cidadão europeu, seja por um silvícola selvagem da América ou Oceania. A existência da cultura, da língua e do pensamento convergidos no ser humano independe do avanço material de uma comunidade, e está presente em todos os povos:

Talvez nenhuma única característica tão marcante retire o homem do resto do mundo animal, como o dom da fala, que só ele possui. Nenhuma comunidade de seres humanos normais, seja o seu avanço cultural leve, ainda não foi encontrada, ou será sempre susceptível de ser encontrada, que não se comuniquem entre si por meio de um complexo sistema de símbolos sonoros, em outras palavras, que não fazer uso de uma língua falada definitivamente organizada. (Sapir 1911 [CW-ES-1]: 45)⁸⁴

O dom da palavra e uma linguagem bem ordenada são característicos de cada grupo conhecido de seres humanos. Nenhuma tribo nunca foi encontrada, que estivesse sem a língua, e todas as declarações ao contrário podem ser descartadas como mero folclore. (Sapir 1933a [SW-ES]: 7)⁸⁵

O ser humano é o animal que possui o “dom da fala”, possibilitada pela capacidade de fazer uso de um “sistema complexo de símbolos sonoros”, isto é, “uma linguagem oral organizada”. Ou seja, a língua é uma capacidade universal dos seres

⁸⁴ Perhaps no single feature so markedly sets off man from the rest of the animal world as the gift of speech, which he alone possesses. No community of normal human beings, be their advance in culture ever so slight, has yet been found, or is ever likely to be found, who do not communicate among themselves by means of a complex system of sound symbols, in other words, who do not make use of a definitely organized spoken language.

⁸⁵ The gift of speech and a well ordered language are characteristic of every known group of human beings. No tribe has ever been found which is without language, and all statements to the contrary may be dismissed as mere folklore.

humanos, resultada da coexistência da cultura no âmago da sociedade, e da habilidade cognitiva individual dos seres humanos, para sua interação.

Podemos prosseguir o raciocínio do autor, e pensarmos que a língua é o meio pelo qual um indivíduo se transforma genuinamente em ser humano, pois é através dela que nos tornamos membros de uma comunidade, isto é, começamos a falar, e consequentemente, a compartilhar hábitos, valores e crenças que nos distinguirão dos demais membros de nossa espécie, e dos grupos destes membros. E não apenas nos tornarmos seres humanos, em termos de comportamento, pela linguagem, como também é por ela que nos tornamos membros de um grupo específico, dentro de nossa própria comunidade.

Nossa língua não só nos diferencia dos falantes de outras línguas como também nos diferencia dos falantes de nossa própria língua, pelo fato de fazermos parte de subgrupos, no interior de nosso próprio grupo. Para Sapir, a linguagem é a grande força de socialização e endoculturação:

A língua é uma grande força de socialização, provavelmente a maior que exista. Por esta razão tem-se em vista não apenas o fato óbvio de que as relações sociais significativas sejam quase impossíveis sem a língua, mas que o simples fato de a fala comum servir como um símbolo particularmente potente da solidariedade social daqueles que falam a língua. O significado psicológico desta vai muito além da associação de línguas particulares com nacionalidades, entidades políticas, ou menores grupos locais. Entre o dialeto reconhecido ou a linguagem como um todo e a fala individualizada de um determinado indivíduo encontra-se um tipo de unidade linguística que não é muitas vezes discutida pelo linguista, mas que é da maior importância para a Psicologia Social. Este é o subforma da língua que esta, atualmente, entre um grupo de pessoas que estão unidas por laços de interesse comum. [...]. Cada um deles tende a desenvolver peculiaridades de fala que têm a função simbólica, em alguma medida, de distinguir o subgrupo do grupo maior no qual seus membros possam ser também completamente absorvido. (Sapir 1933a [SW-ES]: 15)⁸⁶

⁸⁶ Language is a great force of socialization, probably the greatest that exists. By this is meant not merely the obvious fact that significant social intercourse is hardly possible without language but that the mere fact of a common speech serves as a peculiarly potent symbol of the social solidarity of those who speak the language. The psychological significance of this goes far beyond the association of particular languages with nationalities, political entities, or smaller local groups. In between the recognized dialect or language as a whole and the individualized speech of a given individual lies a kind of linguistic unit which is not often discussed by the linguist but which is of the greatest importance to social psychology. This is the subform of language which is currently among a group of people who are held together by ties of common interest. [...]. Each of these tends to develop peculiarities of speech which have the symbolic

A importância da linguagem não se restringe ao aspecto sociocultural da vida humana. É pela linguagem também que se percebe a individualidade de cada um dos seres humanos. Sapir leva-nos a perceber a variabilidade da linguagem no nível individual, denotando uma série de características que fazem com que nosso estilo de proferir enunciados seja exclusivo. Nosso estilo individual é gerado por diferenças nos diversos níveis linguísticos, variando fonético-fonologicamente [diferenças na fonação, entoação, e velocidade de fala], ou gramaticalmente [construção das sentenças, seleção lexical] e ainda em sua adequação ao momento de enunciação, variação esta construída na relação com outro o interlocutor:

Apesar do fato de a linguagem atuar como uma força de socialização e uniformização, ela é ao mesmo tempo o mais potente fator conhecido para o crescimento da individualidade. A qualidade fundamental da voz, os padrões fonéticos do discurso, a velocidade e suavidade relativa de articulação, o comprimento e a construção das frases, o caráter e o alcance do vocabulário, a consistência escolar das palavras usadas, a prontidão com que palavras respondem às exigências do ambiente social, em particular a adequação de sua língua para os hábitos linguísticos das pessoas abordadas - todos estes são tantos indicadores complexos da personalidade. (Sapir 1933a [SW-ES]: 17)⁸⁷

A seu ver, é possível pensar desta maneira a língua, enquanto o elo entre a sociedade e o indivíduo, pelo fato de que a língua marca tanto nosso papel social dentro do grupo no qual vivemos, quanto nossos hábitos específicos e individuais, ao falar, como nossa voz e nosso estilo de proferir enunciados.

Tem-se, portanto, que pensar o ser humano é ora assentá-lo sobre suas semelhanças, ora sobre suas diferenças. Ao passo que somos plenamente capazes de reconhecer o que uma língua é, e se esta é a nossa língua, ou outra língua, se este indivíduo que a fala [=nossa mesma língua] pertence a nosso grupo, ou a outro, ao

function of somehow distinguishing the group from the larger group into which its members might be too completely absorbed.

⁸⁷ In spite of the fact that language acts as a socializing and uniformizing force, it is at the same time the most potent single known factor for the growth of individuality. The fundamental quality of one's voice, the phonetic patterns of speech, the speed and relative smoothness of articulation, the length and build of sentences, the character and range of the vocabulary, the scholastic consistency of the words used, the readiness with which words respond to the requirements of the social environment, in particular the suitability of one's language to the language habits of the persons addressed – all these are so many complex indicators of the personality.

analisá-la concretamente, percebemos que as variações são tantas que nenhum ser humano fala da mesma maneira que os demais. Se inúmeras são suas diferenças, quando observada a manifestação concreta da linguagem, sua plenitude formal é o fator que nos leva ao reconhecimento e distinção da língua enquanto fato humano único, diferente das demais instituições sociais e/ou condutas individuais:

Se efetuarmos uma observação panorâmica sobre as línguas do mundo, descobriremos que há certas coisas que as caracterizam como um todo e que tendem a marcá-las um tanto separadamente das outras formas de comportamento cultural. Em primeiro lugar nós ficamos chocados com a integridade maravilhosa do desenvolvimento formal de toda e cada língua sobre a qual temos conhecimento. (Sapir 1927b [CW-ES-1]: 204)⁸⁸.

A língua pode ser vista como uma semelhança entre todos os membros de nossa espécie, e assim, passível de ser contraposta a outros fenômenos de ordem psicossocial, relacionadas às demais condutas humanas. Mesmo com inúmeras diferenças nas numerosas línguas do mundo, é possível estudar suas características essenciais.

Assim, o estudo da Linguística é interessante por seu escopo se espalhar em uma problemática de ordem psicológica, e porque sua plenitude formal também nos habilita a verificar suas propriedades inerentes dissociadas das particularidades encontradas nas línguas naturais. Há um grupo de características que lhe são essenciais, cuja abstração é lícita ao analista:

É claro que se quisermos relacionar os problemas fundamentais da ciência linguística aos do comportamento humano em geral - em outras palavras, para a psicologia - temos que aprender a ver a língua como possuidora de algumas características essenciais, a parte daquelas de línguas particulares, às quais podemos estar familiarizados, por estarem enraizadas em algum solo geral de comportamento que dá origem a outras formas de expressões estritamente linguísticas. (Sapir 1927b [CW-ES-1]: 204).⁸⁹

⁸⁸ If we take a bird's-eye view of the languages of the world we find that there are certain things that characterize them as a whole and that tend to mark them off somewhat from other forms of cultural behavior. In the first place we are struck by the marvelous completeness of formal development of each and every language that we have knowledge of.

⁸⁹ It is clear that if we are ever to relate the fundamental problems of linguistic science to those of human behavior in general – in other words, to psychology – we must learn to see language as possessed of certain essential characteristics apart from those of particular languages that we may happen to be familiar

O problema, ao linguista, em se limitar ao estudo da forma linguística, para Sapir, é o fato de esta ser a resultante de complexas relações históricas, tanto de ordem interna, relacionadas apenas a mudanças estruturais nos diversos sistemas linguísticos, ou de ordem externa, ligadas assim à própria história dos agentes que falam estas línguas. Ao ponderar sobre o que é uma língua humana, o linguista deve sobrepassar, desta maneira, a forma linguística, centrando-se no fato da linguagem enquanto meio psicológico de expressão e comunicação, meio este constituído por um conjunto de relações complexas entre elementos da experiência, transmitidos na linguagem via símbolos linguísticos. É do interesse do analista, neste caso, o mapa da linguagem (*'ground plan'*), comum à humanidade, e subjacente ao aspecto formal imediato, expresso nos enunciados concretos das línguas naturais.

Mesmo enquanto fato psicológico, Sapir não perde de vista que o objeto 'língua' se espalha também no universo das questões de ordem cultural, já que, a língua, a seu ver, é sempre essencialmente um fenômeno cultural e, portanto, não simplesmente um produto de ordem biológica. O dom da fala se manifesta primeiramente não porque estejamos fadados a falar, por conta de nossa genética, mas porque pertencemos a um grupo humano, e todos os grupos humanos possuem uma língua.

Em sua argumentação, assim explícito, a capacidade de falar é vista como adquirida culturalmente, dissociada, em um momento inicial, das funções instintivas, que são de natureza puramente orgânica, como começar a andar. Aprende-se a falar através da interação com os demais membros da sociedade, os outros seres humanos; locomover-se talvez independa deste estímulo:

Caminhar é um produto orgânico, uma função instintiva, (não, é claro, em si, um instinto); a fala é uma, função "cultural" não-instintiva, adquirida. (Sapir 1921: 2).⁹⁰

Para colocá-lo de forma concisa, a caminhada é uma função, inerente, biológica do homem. Não tanto é a língua. É claro que é verdade que, em certo sentido, o indivíduo está predestinado a falar, mas que é inteiramente devido à circunstância de que ele nasce não apenas na natureza, mas no colo de uma sociedade

with as rooted in some general soil of behavior that gives birth to other than strictly linguistic forms of expressions.

⁹⁰ Walking is an organic, an instinctive, function (not, of course, itself an instinct); speech is a non-instinctive, acquired, 'cultural' function

que está destinada, razoavelmente destinada, a conduzi-lo em suas tradições.
(Sapir 1921: 1)⁹¹.

É lógico que o autor defende ser necessária uma dotação corpórea que habilite a execução de sua fala. O argumento do autor, entretanto, vai em direção à insistência da retirada da sociedade da trajetória individual do ser: se lhe extraída, este jamais aprenderá a falar (Sapir 1921: 1).

No que se refira ao ser humano, se assim pudermos afirmar, Sapir reconhece haver pelo menos dois tipos de fenômenos: aqueles que são puramente biológicos, inatos, pois são ligados às funções orgânicas e independem da inserção do ser humano no universo cultural através de uma sociedade, tal como andar, respirar, alimentar-se, etc.; e aqueles que são essencialmente culturais, ou seja, são aprendidos dentro de uma sociedade específica, sendo um hábito gerado pelo curso deste agrupamento humano ao longo de sua história particular, e que não será aprendido caso inexista o convívio com tal grupo, ou será diferente se inserido em outro grupo, tal como falar, cultivar alimentos [e quais alimentos], vincular-se a um conjunto de crenças religiosas, etc.

O raciocínio sobre a caracterização dos fenômenos, se biológico ou cultural, desdobra-se em direção à função de cada ação humana em relação a seu próprio corpo, já que em princípio, as funções biológicas estão atreladas à função primordial dos órgãos [sua fisiologia], e as funções culturais resultam de uma utilização secundária destes. Assim, o autor exemplifica que dobrar o joelho em um movimento, tal como andar ou pular, é biológico, mas dobrar o joelho em uma genuflexão para adorar um ente, como na religião, é cultural, pois é ensinado pela sociedade e não é a função primordial do órgão específico. E então, conclui Sapir, afirmar que a língua é um fato biológico, seria tão errôneo quanto afirmar que os joelhos surgiram no ser humano para realizar genuflexões, já que além desta ser aprendida socialmente, não possui órgãos exclusivamente designados para o exercício de sua função. Os ‘assim chamados órgãos da fala’ (*so-called organs of speech*) desempenham primariamente funções biológicas, tal como deglutir e/ou respirar, e apenas devido à sua ociosidade na maior parte do tempo, em relação à deglutição, ou em consonância com seu funcionamento, tal como

⁹¹ To put it concisely, walking is an inherent, biological function of man. Not so language. It is of course true that in a certain sense the individual is predestined to talk, but that is due entirely to the circumstance that he is born not merely in nature, but in the lap of a society that is certain, reasonably certain, to lead him to its traditions

com a respiração, é que a fala faz uso de tais órgãos. O uso fisiológico destes órgãos, em suas palavras, é “*uma função sobreposta, ou, para ser mais preciso, um grupo de funções múltiplas*” (Sapir 1921: 6)⁹². É relevante notar que em outro trabalho (cf. Sapir 1949 [1927]), o autor reconhece que funções inerentemente biológicas podem vir a ser até certo ponto modificadas pelos hábitos culturais, como sua exemplificação em relação à respiração procura evidenciar abaixo:

É verdade que há um grande número de funções orgânicas que são difíceis de pensarmos em termos sociais, mas acho que até aqui o ponto de vista social, muitas vezes pode ser aplicada com sucesso. Poucos estudantes sociais estão interessados, por exemplo, na maneira exata pela qual um determinado indivíduo respira. No entanto, não é de se duvidar que os nossos hábitos de respiração são, em grande parte, condicionados por fatores convencionalmente classificados como sociais. Há maneiras educadas e mal-educadas de respirar. Há atitudes especiais que parecem caracterizar as sociedades que, sem dúvida, condicionam os hábitos de respiração do indivíduo que compõem estas sociedades. [...]. Assim, a respiração regularizada do iogue hindu, a respiração suave de quem está na presença de um companheiro falecido recentemente colocado em um caixão de longe e cercado por todo o ritual de observâncias do funeral, o estilo da respiração que se aprende com uma cantora de ópera que dá aulas sobre o controle adequado da voz, são, todos e cada um deles, capazes de isolamento, como modos de socialização de conduta que têm um lugar definitivo na história da cultura humana [...]. (Sapir 1927d [1927]: 545-546)⁹³

A inserção do ser humano no universo cultural é tamanha, que podemos observar então algumas correlações entre seus hábitos culturais e determinados aspectos de seu comportamento fisiológico, como a reconfiguração de sua respiração para propósitos específicos; no entanto, aqui somos forçados a refletir que Sapir não leva a

⁹² an overlaid function, or, to be more precise, a group of overlaid functions

⁹³ It is true that there are a great many organismal functions that it is difficult to think in social terms, but I think that even here the social point of view may often be applied with success. Few social students are interested, for instance, in the exact manner a given individual breathes. Yet it is not to be doubted that our breathing habits are largely conditioned by factors conventionally classified as social. There are polite and impolite ways of breathing. There are special attitudes which seem to characterize societies that undoubtedly condition the breathing habits of the individual who make up these societies. [...]. Thus, the regularized breathing of the Hindu Yogi, the subdued breathing of those who are in the presence of a recently deceased companion laid away in a coffin and surrounded by all the ritual of funeral observances, the style of breathing which one learns from an operatic singer who gives lessons on the proper control of the voice, are, each and every one of them, capable of isolation as socialized modes of conduct that have a definite place in the history of human culture [...].

ideia ao extremo, afirmando que as funções fisiológicas podem ser totalmente modificadas pela cultura. Por exemplo, o modo como o sangue circula em nosso corpo, o funcionamento de nossos rins, fígado ou estômago, o processamento de nossa visão, dentre inúmeros outros casos, ocorreriam [e de fato ocorrem] sem a presença da cultura. O argumento se restringe ao fato de que como possuímos cultura, podemos até certo ponto interferir em seu funcionamento: a circulação pode ser dificultada, por nossos maus hábitos alimentícios, aquém da saciedade, e assim também o funcionamento do estômago; rins e fígados podem ter seu funcionamento comprometido pelo consumo excessivo de substâncias em algum grau nocivas, como o álcool; a visão pode ser auxiliada através do uso de lentes, como com os óculos; seres humanos continuam fumando mesmo ao serem informados sobre os malefícios do cigarro, para citar alguns exemplos ligados à saúde, além, é claro, do desenvolvimento de áreas como a Medicina e a Farmácia, que auxiliam na cura de nossos males, através de tratamentos, que por sua vez, podem causar reações adversas ao efeito desejado. A todo o momento, a ação cultural pode estabelecer algum impacto em nossa dimensão biológica, ainda que não seja capaz de subjugar-la plenamente.

Enquanto animal, alguns seres humanos são forçados a aprender a controlar suas necessidades excretórias, pois não podem “aliviá-las” em qualquer lugar: construímos lugares especificamente designados para estas atividades. E poderíamos realizar outro trabalho, talvez até mais extenso que este, centrado apenas nesta questão. A conclusão válida neste momento é que Sapir, ao inserir a Linguística no domínio dos estudos culturais, defende que a tarefa do cientista que se ocupa destes campos intelectuais é transcender a evidente dimensão biológica que se apresenta diante de si, e retomar a ideia do ser humano como um ente dotado de cultura. E é nesta direção que a Linguística deve seguir: entendendo a língua como um fato cultural.

Ainda uma última consideração sobre a refutação da língua como uma função essencialmente biológica. No manual de 1921, Sapir discute se o cérebro pode ser considerado um órgão da fala. Nesse sentido, sua visão é aparentemente dualista, mantidas as mesmas ressalvas acima, pois dissocia ‘cérebro’ (*brain*) de ‘mente’ (*mind*). Visto ser a língua um fenômeno cultural, e os fenômenos culturais são constructos sociais da ‘mente’ dos seres humanos, a linguagem só pode estar no cérebro em um sentido mais amplo, pois este é o correlato físico da mente, e como todas as demais ações humanas, assim como rezar, cantar e/ou desenhar, estão a este vinculado, pois é sua função justamente coordenar o funcionamento dos demais órgãos, ao controlar o

comportamento fisiológico dos indivíduos visando à harmonia em sua operacionalização⁹⁴. O estudo do cérebro, a seu ver, não auxiliaria o entendimento do que seja a língua, visto ser a língua um fato mental, e localizada na mente do indivíduo. Nesse campo é, pois, o estudo da mente, de algum modo, o realmente aproveitável pelo linguista:

Se a língua, podemos dizer, está “localizada” no cérebro, é apenas no sentido geral e bastante inútil em que todos os aspectos da consciência, todo o interesse e atividade humana, pode-se dizer que esteja “no cérebro”. Portanto, não temos nenhum recurso, mas que aceitar a linguagem como um sistema funcional totalmente dentro do homem psíquico ou sua constituição “espiritual”. (Sapir 1921: 7)⁹⁵

Então, mantenhamos em mente que mesmo sendo o som em seu aspecto físico que é produzido durante a fonação, o que é de interesse do linguista, no pensamento de Sapir, são os sons em sua dimensão fonológica, pois são esses que se encontram na ‘psicologia do falante’. A oposição ao mecanicismo e a corroboração com a afirmação anteriormente exposta ficam mais bem ilustradas com o trecho abaixo:

Assim, deve ser claramente entendido que esta introdução ao estudo da fala não está preocupada com os aspectos da fisiologia e da psicologia fisiológica que subjazem à fala. Nosso estudo da língua não é para ser sobre a gênese e o funcionamento de um mecanismo concreto, mas ao invés, para ser uma investigação sobre a forma e função dos sistemas arbitrários de simbolismo que denominamos línguas. (Sapir 1921: 7-8)⁹⁶

A emergência do termo ‘arbitrário’ nos permite trazer ao debate todas suas eventuais implicaturas, e assinalar que Sapir, assim como outros autores, é um convencionalista. O símbolo linguístico, para ele também, não denota necessariamente

⁹⁴ Sapir não visa discutir quais são as funções do cérebro, nem problematiza as especificidades do sistema nervoso, como interessaria a um biólogo e/ou fisiologista. Apenas intenciona defender que o cérebro é a base da mente, e que a língua é um fato mental.

⁹⁵ If language can be said to be ‘localized’ in the brain, it is only in the general and rather useless sense in which all aspects of consciousness, all human interest and activity, may be said to be ‘in the brain’. Hence, we have no recourse but to accept language as a fully formed functional system within man’s psychic or ‘spiritual’ constitution.

⁹⁶ Accordingly, it must be clearly understood that this introduction to the study of speech is not concerned with those aspects of physiology and of physiological psychology that underlie speech. Our study of language is not to be one of the genesis and operation of a concrete mechanism; it is rather, to be an inquiry into the function and form of the arbitrary systems of symbolism that we term languages.

características e/ou propriedades de seus referentes, pois é fruto da convencionalidade social. O símbolo linguístico representa as diversas experiências humanas, servindo-nos como meio de expressão do pensamento. Não obstante, ao ser comparado nos inúmeros sistemas linguísticos, revela-se sempre o resultado de um acordo social, visando à inteligibilidade mútua entre os falantes daquele grupo específico. Mesmo que possua algum grau de motivação específico, o símbolo linguístico acaba por ser arbitrário, produto resultado dentro das diferentes trajetórias das comunidades sociais.

Algumas características universais das línguas são abordadas em seu artigo “*Language*” (Sapir 1933a [SW-ES]: 7-32)⁹⁷. Resumidamente, são: (i) o fato da linguagem estar presente em todos os grupos humanos, servindo-lhes de meio de comunicação e expressão, além de ser o fato cultural que tem forma mais desenvolvida, indubitavelmente, requisito para o desenvolvimento cultural (Sapir 1933a [SW-ES]: 7); (ii) a questão de todas as línguas fazerem uso de símbolos sonoros (Sapir 1933a [SW-ES]: 7), sendo também fonêmicas⁹⁸ (Sapir 1933a [SW-ES]: 8) em seu caráter; (iii) a despeito da impressionante diversidade estrutural, todas possuem um padrão, uma gramática (Sapir 1933a [SW-ES]: 8-9); (iv) são sistemas simbólicos, isto é, atribuem sentido à símbolos sonoros arbitrários que podem referenciar qualquer experiência humana (Sapir 1933a [SW-ES]: 10-13); (v) mudam, pois estão em um processo contínuo de mudança interna, denominado em outros momentos ‘*deriva*’ (Sapir 1933a [SW-ES]: 23-24); (vi) e portanto, podem ser estudadas genética e tipologicamente (Sapir 1933a [SW-ES]: 18-22).

4.1.2. ‘Fala’ (*Speech*)

Iniciamos esta análise retomando que o termo ‘*fala*’ é bastante saliente ao longo da leitura de Sapir. Fornecendo-nos uma indicação do ponto que desejamos ilustrar, temos que, em ao menos três momentos relevantes, nos quais provavelmente esperaríamos a presença apenas do termo ‘língua’, o termo ‘fala’ ocorre:

(i) no título do único manual de Sapir [*Language: an introduction to the study of speech*];

(ii) na abertura do manual [no primeiro capítulo, o primeiro enunciado é “*Speech is so familiar a feature of daily life that we rarely pause to define it.*”] e;

⁹⁷ cf. também Sapir 1921: 16-17.

⁹⁸ Termo do próprio autor

(iii) no título do segundo capítulo [*The elements of speech*].

Estes usos parecem indicar uma alternância, e uma falta de rigidez metalinguística por parte do autor. Esta aparente alternância entre ‘língua’ e ‘fala’ é bastante saliente e abundante nos diversos trabalhos de Sapir. No prefácio do *Language* (Sapir 1921), o próprio autor destaca que:

Evitei a maioria dos termos técnicos e todos os símbolos técnicos da academia linguística. Não há uma única marca diacrítica no livro. Sempre que possível, a discussão é baseada em material da língua inglesa. Era necessário, no entanto, para o esquema do livro, que estivesse incluída uma consideração sobre as formas mutáveis, nas quais o pensamento humano tem encontrado expressão, para citar alguns casos exóticos. (Sapir 1921: iii-iv)⁹⁹

Neste prefácio, alega Sapir ser seu objetivo explicar em linhas gerais o que ele concebe por ‘*language*’, mais que reunir fatos sobre este conceito. O autor reconhece que a língua varia no espaço e no tempo, e que o estudo da Linguística pode se relacionar a outras disciplinas, através das relações entre a língua e outros fatores, como o pensamento, a raça, a cultura e a arte, além de procurar investigar a natureza dos processos históricos referentes a tais questões. E novamente o termo ‘fala’ é utilizado, quando o autor menciona a ‘psicologia da fala’:

Este pequeno livro pretende dar alguma perspectiva sobre o tema da língua(gem,) em vez de reunir fatos sobre ela. Ele [=o livro] tem pouco a dizer sobre a última base psicológica da fala, e dá apenas o suficiente acerca dos fatos reais descritivos ou históricos das línguas particulares para ilustrar princípios. Seu principal objetivo é mostrar o que eu concebo como sendo a língua, qual é a sua variabilidade no espaço e tempo, e quais são as relações com outros interesses humanos fundamentais – o problema do pensamento, a natureza do processo histórico, raça, cultura, arte. (Sapir 1921: iii)¹⁰⁰

⁹⁹ I have avoided most of the technical terms and all of the technical symbols of linguistic academy. There is not a single diacritical mark in the book. Where possible, the discussion is based on English material. It was necessary, however, for the scheme of the book, which includes a consideration of the protean forms in which human thought has found expression, to quote some exotic instances.

¹⁰⁰ This little book aims to give a certain perspective on the subject of language rather than to assemble facts about it. It has little to say of the ultimate psychological basis of speech and gives only enough of the actual descriptive or historical facts of particular languages to illustrate principles. Its main purpose is to show what I conceive language to be, what is its variability in place and time, and what are the

Embora não seja fácil assumir que o uso dos termos por Sapir não é relativamente livre, notamos pelo cotexto, isto é, o ambiente que envolve a ocorrência do termo ‘fala’ adquire dois usos significativos. Primeiramente, a fala é vista como a expressão concreta – e individualizada ou não – da língua, sendo o comportamento humano específico que leva efetiva realização do ato linguístico:

A língua, então, é o que é, essencialmente, não, por causa de seu admirável poder expressivo, no entanto. A fala como um comportamento é uma mistura maravilhosamente complexa de dois sistemas de padrão, o simbólico e expressivo, nenhum dos quais poderiam ter desenvolvido a sua presente perfeição sem a interferência do outro. (Sapir 1933 [SW-ES]: 8-9).¹⁰¹

Entre o dialeto ou língua reconhecida como um todo, e a fala individualizada de um determinado indivíduo, encontram-se um tipo de unidade linguística que não é muitas vezes discutida pelo linguista, mas que é da maior importância para a psicologia social. (Sapir 1933 [SW-ES]: 15)¹⁰²

A ‘fala’ (*speech*) é literalmente o fluxo das palavras ditas, ou ainda, o sistema auditório de simbolismo discursivo, que também é objeto de estudo do linguista. A ‘fala’ é essencialmente um comportamento vocálico, isto é, que se utiliza dos símbolos fonéticos para sua realização. É por essa razão que Sapir fala em ‘órgãos da fala’, e não em ‘órgãos da língua’, quando se refere ao aparelho fonador. E sendo a ‘fala’ o próprio fluxo discursivo, é um de seus elementos básicos a ‘palavra’:

Nós havemos, mais de uma vez, nos referido aos “elementos da fala”, pelo qual entendemos, grosso modo, o que ordinariamente são chamadas de ‘palavras’. [...]. Os mais simples elementos da fala - e por “fala” nos referimos ao sistema auditivo do simbolismo discursivo [=da fala], o fluxo de palavras faladas [...]. (Sapir 1921: 17-18)¹⁰³

relations to other fundamental human interests – the problem of thought, the nature of historical process, race, culture, art.

¹⁰¹ Language, then, is what it is essentially, not because of its admirable expressive power in spite of it. Speech as behavior is a wonderfully complex blend of two pattern systems, the symbolic and expressive, neither of which could have developed to its present perfection without the interference of the other.

¹⁰² In between the recognized dialect or language as a whole and the individualized speech of a given individual lies a kind of linguistic unit which is not often discussed by the linguist but which is of the greatest importance to social psychology.

¹⁰³ We have more than once referred to the ‘elements of speech’, by which we understood, roughly speaking, what are ordinarily called ‘words’. [...]. The very simplest elements of speech – and by ‘speech’ we shall henceforth mean the auditory system of speech symbolism, the flow of spoken words.

Outra maneira de conceituar a ‘fala’ é enquanto discurso, visto aqui também como o ato linguístico concreto, enunciado por aquele que fala uma língua, quando ao executar esta ação. As línguas são desta maneira, diferentes formas de discurso, ou em outras palavras, ‘falares’ distintos:

Embora não possamos demonstrar uma unidade genética de todas as formas de fala humana, é interessante observar que existem vários traços fundamentais que todas as línguas têm em comum. (Sapir 1911 [CW-ES-1]: 50)¹⁰⁴

A ‘fala’ é tão herdada socialmente e cultural quanto à ‘língua’, mas se diferencia dela por ser mais concreta, mais acional, e mais oral, dado o seu aspecto comportamental de execução ou performance da língua, principalmente fazendo uso do aparelho fonador.

4.1.3. ‘Comunicação’ (*Communication*)

Sapir afirma que a língua é um meio utilizado pelos seres humanos para a expressão e comunicação (Sapir 1927d). Observemos mais atentamente sua concepção de ‘comunicação’ (*communication*):

A verdade da questão é que a língua é um meio essencialmente perfeito de expressão e comunicação entre todos os povos conhecidos. De todos os aspectos da cultura, é uma suposição justa de que a língua foi a primeira a receber uma forma altamente desenvolvida e que sua perfeição essencial é um pré-requisito para o desenvolvimento da cultura como um todo. (Sapir 1927d [CW-ES-1: 205])¹⁰⁵

A ‘comunicação’ parece ser a função primordial da língua, ou seja, sua finalidade. Pelo fato de possuir uma forma altamente desenvolvida, viabilizando a comunicação, é que os seres humanos desenvolvendo a cultura, tal como a conhecemos hoje. Então, a ‘comunicação’ pode ser vista como o compartilhamento de ideias entre os

¹⁰⁴ Although we cannot demonstrate a genetic unity of all forms of human speech, it is interesting to observe that there are several fundamental traits that all languages have in common.

¹⁰⁵ The truth of the matter is that language is an essentially perfect means of expression and communication among every known people. Of all aspects of culture, it is a fair guess that language was the first to receive a highly developed form and that its essential perfection is a prerequisite to the development of culture as a whole.

seres humanos. Nestas ideias estão incluídos seus conhecimentos, pensamentos, e tudo aquilo que necessitarem exprimir, pois a língua dá conta desta missão.

Na próxima passagem, temos que a ‘comunicação’ é um processo, um ciclo de expressão, realizado [primariamente¹⁰⁶] no domínio da fala, e que pressupõe, para sua execução plena, um falante e um ouvinte. Este ciclo de expressão se realiza pela utilização de sons, emitidos pelo falante, e decodificados pelo ouvinte. O sucesso deste processo é demonstrado pelo fato de falante e ouvinte se entenderem, isto é, haver uma correlação necessária entre o som emitido e a percepção auditiva do ouvinte:

[A] *Comunicação, que é o próprio objeto da fala, é realizada com sucesso apenas quando as percepções auditivas do ouvinte são traduzidas para o fluxo adequado e desejado de imagens, ou pensadas, ou ambas combinadas. Assim, o ciclo de expressão [= de fala], [...], começa e termina no reino de sons. A concordância entre a imagem auditiva inicial e as percepções auditivas finais é o selo ou garantia social da realização bem-sucedida do processo.* [grifos nossos]¹⁰⁷ Sapir (1921: 13)

Mas ‘comunicar-se’ não é apenas emitir sons. Se retomarmos a afirmação que conversar [*to talk*] é “*comunicar ideias de acordo com o sistema tradicional de uma sociedade particular*” (Sapir 1921: 1)¹⁰⁸, podemos então inferir que ‘conversar’ significa falar uma língua, isto é, produzir fala. Retornamos ao ponto da comunicação enquanto próprio objeto da fala. A língua e a fala são, por inferência, a comunicação de ideias de acordo com o sistema tradicional de uma sociedade particular.

‘Comunicar-se’, deste modo, pressupõe seguir um conjunto de regras, dadas por uma tradição específica. Aqui, não nos é claro se Sapir tem em mente apenas regras de conduta social ou regras gramaticais. Parece-nos possível pensar em ambas, pois no universo do falante, tais regras coocorrem, no geral, não havendo a aplicação ora de uma, ora da outra.

¹⁰⁶ Afirmamos ser “primariamente” visto que Sapir, em outros momentos (cf. Sapir 1921, 1927, 1933a) discorre sobre como falantes podem trocar o meio pelo qual executam a linguagem, sem prejuízo de comunicação, como quando passam da fala para a escrita, ou da escrita para o código Morse.

¹⁰⁷ Communication, which is the very object of speech, is successfully effected only when the hearer’s auditory perceptions are translated into the appropriate and intended flow of imagery or thought or both combined. Hence, the cycle of speech, [...], begins and ends in the realm of sounds. The concordance between the initial auditory imagery and the final auditory perceptions is the social seal or warrant of the successful issue of the process.

¹⁰⁸ [...] is to communicate ideas according to the traditional system of a particular society.

Embora inicialmente Sapir restrinja o termo ‘comunicação’ ao domínio da fala, em 1933 (cf. Sapir 1933a), o autor faz uma interessante reflexão sobre a ‘comunicação’ e o ‘pensamento’.

É geralmente dito que a função primária da língua seja a comunicação. Não pode haver nenhuma desavença quanto a isso, enquanto seja entendido que pode haver uma comunicação eficaz sem fala aberta, e que a linguagem é altamente relevante para situações que não são, obviamente, de um tipo de comunicação. Para dizer que o pensamento, que é quase impossível em qualquer sentido sustentado, sem a organização simbólica operada pela linguagem, é aquela forma de comunicação na qual o falante e o destinatário são identificados em uma pessoa, o que não está longe de desvirtuar a questão. (Sapir 1933a [SW-ES]: 15)¹⁰⁹

A função essencial da língua, nesta concepção, deixa de ser apenas a veiculação de sons, visando à transmissão de uma mensagem entre dois agentes humanos, e passa a ser, também, uma forma de comunicação intrapessoal. O pensamento aqui é concebido como um modo de comunicação pelo qual transmitimos mensagens a nós mesmos, sem a necessidade de utilização dos sons, neste caso. Esta maneira de comunicação, o pensamento [ou reflexão], é somente possibilitado pela língua e, portanto, por esta permeado. Talvez seja por esta razão que Sapir (cf. 1921) alega não ser possível o pensamento racional sem a língua: faltar-nos-ia um meio que possibilitasse esta comunicação do indivíduo consigo mesmo.

4.1.4. ‘Gramática’ (Grammar)

Em relação à concepção de Sapir sobre a língua, entender seu conceito de ‘gramática’ (*grammar*) parece-nos também essencial. Nesta primeira ocorrência, do artigo *Language* (Sapir 1933a), o autor definirá ‘gramática’ como o conjunto de procedimentos necessários para a construção de enunciados funcionais, segundo a perspectiva intuitiva do falante:

¹⁰⁹ The primary function of language is generally said to be communication. There can be no quarrel with this so long as it is distinctly understood that there may be effective communication without overt speech and that language is highly relevant to situations which are not obviously of a communicative sort. To say that thought, which is hardly possible in any sustained sense without the symbolic organization brought by language, is that form of communication in which the speaker and the person addressed are identified in one person is not far from begging the question.

Entre a palavra ou elemento de palavra significativo e inanalizável e o sentido integrado de discurso contínuo reside todo o campo complexo dos procedimentos formais que são intuitivamente empregados pelos falantes de uma língua, a fim de se construir sequências simbólicas satisfatórias, estético e funcionalmente, com base em unidades isoláveis, teoricamente. Estes procedimentos constituem a gramática, que pode ser definida como a soma total das economias formais intuitivamente reconhecidas pelos falantes de uma língua. (Sapir 1933a [SW-ES]: 9)¹¹⁰

A gramática elege determinadas propriedades do pensamento, adquiridas cultural e historicamente, pelo processo de experiencialização do mundo, dando-lhes expressão formal. No entanto, pelo próprio desenvolver da forma linguística, temos que conforme esta se expande, mesmos conceitos de pensamento [=categorias lógicas] podem ser expressos por diferentes processos formais [=categorias gramaticais]:

É claro desde o início, que nós temos que distinguir entre o que nós podemos chamar de tema ou conteúdo da morfologia e a mera forma pura e simples. Qualquer sistema gramatical dá expressão formal a determinados modos ou categorias de pensamento, mas a forma de expressão dessas categorias ou o método formal empregados pode variar muito, tanto para categorias diferentes e para diferentes línguas. Não com pouca frequência, a mesma categoria lógica pode ser expressa por diferentes métodos formais em uma mesma língua. (Sapir 1911 [CW-ES-1]: 60)¹¹¹

São estas variações na simbolização formal das categorias do pensamento que geram as diferenças gramaticais entre os diversos sistemas linguísticos existentes. No entanto, estas variações podem ocorrer em uma mesma língua:

[...] todas as línguas têm uma tendência inerente à economia de expressão. Fosse esta tendência totalmente inoperante, e não

¹¹⁰ Between the meaningful and unanalyzable word or word element and the integrated meaning of continuous discourse lies the whole complicated field of the formal procedures which are intuitively employed by the speakers of a language in order to build up aesthetically and functionally satisfying symbol sequences out of the theoretically isolable units. These procedures constitute grammar, which may be defined as the sum total of the formal economies intuitively recognized by the speakers of a language.

¹¹¹ It is clear at the outset that we have to distinguish between what we may call the subject-matter or content of morphology and the mere form pure and simple. Any grammatical system gives formal expression to certain modes or categories of thought, but the manner of expression of these categories or the formal method employed may vary greatly both for different categories and for different languages. Not infrequently the same logical category may be expressed by different formal methods in the same language.

haveria gramática. O fato da gramática, um traço universal da linguagem, é [ser] simplesmente uma expressão generalizada da sensação de que conceitos análogos e relações são mais convenientemente simbolizado em formas análogas. Fosse uma língua sempre completamente “gramatical”, e [a língua] seria um motor perfeito de expressão conceptual. Infelizmente, ou felizmente, nenhuma língua é tiranicamente consistente. Todas as gramáticas vazam. (Sapir 1921: 29)¹¹²

Um exemplo interessante, utilizado por Sapir, é a expressão da negação em inglês. Esta pode ocorrer pela prefixação [como em ‘*untruthful*’], sufixação [‘*hopeless*’] ou justaposição [‘*not good*’]. As formas gramaticais “*un-*”/ “*-less*”/“*not*” denotam a categoria da negação, nesta língua. Isto faz Sapir dizer que, embora as línguas aparentem ser plenamente lógicas, é fato que tal lógica seja relativa, uma vez as formas da língua são os produtos de diferentes estágios da língua, havendo desta maneira, nos sistemas linguísticos, muitas vezes, diversas formas que expressam uma mesma categoria, e por outro lado, diversas categorias sendo , o que demonstra que a relação “forma gramatical” vs. “categoria de pensamento” não é de maneira absoluta biunívoca:

Enquanto a mesma categoria lógica pode ser gramaticalmente expressa por diferentes métodos formais, é ainda mais evidente que o mesmo método geral formal pode ser utilizado para muitas categorias diferentes de pensamento. (Sapir 1911 [CW-ES-1]: 60)¹¹³

4.1.5. ‘Padrão’ (*Pattern*)

Em 1925, Sapir publicou um de seus mais famosos textos, intitulado “*Sound Patterns in Language*”. Sendo um texto programático, ou seja, no qual Sapir manifesta posições teóricas sobre qual deve ser o foco de estudo dos sons linguísticos, recomendando, assim, um método de trabalho ao analista, o autor procurou defender que o estudo destes sons transcende suas bases físicas ou articulatórias, devendo o linguista estudá-los dentro da ‘psicologia da língua’.

¹¹² [...] all languages have an inherent tendency to economy of expression. Were this tendency entirely inoperative, there would be no grammar. The fact of grammar, a universal trait of language, is simply a generalized expression of the feeling that analogous concepts and relations are most conveniently symbolized in analogous forms. Were a language ever completely “grammatical”, it would be a perfect engine of conceptual expression. Unfortunately, or luckily, no language is tyrannically consistent. All grammars leak.

¹¹³ While the same logical category may be grammatically expressed by different formal methods, it is even more evident that the same general formal method may be utilized for many different categories of thought.

Sua alegação baseia-se em considerar que, uma vez que mesmos sons podem apresentar funções diferentes nos diversos sistemas linguísticos, e sons distintos, por sua vez, podem ser conceitualizados como pertencentes a um mesmo som na ‘psicologia do falante’, ou seja, dentro de seu sistema linguístico, há a necessidade, por parte do linguista, em “[...] colocar-se por detrás dos dados dos sentidos, de qualquer tipo de expressão, a fim de compreender as formas intuitivamente sentidas e comunicadas, que dão significado a tal expressão” (Sapir 1925 [SW-ES]: 45)¹¹⁴.

Este trabalho é bastante significativo, e foi publicado no primeiro volume da revista *Language*, da então recém-criada *Linguistic Society of America* (cf. Cap. 3). No entanto, Sapir (1925) não apresenta definições intensionais para o termo ‘padrão’ (*pattern*), ao longo de seu texto, o que, em princípio, dificulta um pouco nossa tarefa de discorrer sobre seu conceito. Por esta razão, analisaremos as ideias propostas no artigo em questão, em um primeiro momento, e então faremos algumas considerações sobre o termo, com base em outras ocorrências.

Sapir inicia o texto afirmando que a impressão geral, mesmo entre os linguistas, é que a ‘psicologia da língua’ está mais ligada à sua morfossintaxe (traços gramaticais) que aos seus processos fonéticos. É interessante novamente notar que, neste momento, não se encontrava ainda consolidada a diferença entre Fonética e Fonologia, com a qual atualmente estamos bastante familiarizados, ao menos os linguistas:

Costumava haver, e de certa forma ainda há, uma sensação entre os linguistas que a psicologia de uma língua é mais particularmente preocupada com as suas características gramaticais, mas que os seus sons e seus processos fonéticos pertencem a um substrato mais grosseiramente fisiológico. [...] É o meu propósito neste artigo, tão brevemente quanto possa ser, indicar que os sons e processos sonoros da fala não podem ser adequadamente compreendidos em tais termos, simples e mecânicos. (Sapir 1925 [SW-ES]: 37).¹¹⁵

O objetivo deste artigo é, portanto, discorrer sobre a diferença entre a forma concreta do som, seu aspecto físico-fisiológico, e a forma ‘padrão’, presente na mente

¹¹⁴ [...] getting behind the sense data of any type of expression in order to grasp the intuitively felt and communicated forms which alone give significance to such expression

¹¹⁵ There used to be and to some extent still is a feeling among linguists that the psychology of a language is more particularly concerned with its grammatical features, but that its sounds and its phonetic processes belong to a grosser physiological substratum.[...] It is my purpose in this paper, as briefly as may be, to indicate that the sounds and sound processes of speech cannot be properly understood in such simple, mechanical terms.

do falante. Podemos inferir que os sons aos quais Sapir denomina relevantes à ‘psicologia da língua’ como sendo aqueles ligados à atual Fonologia, ou seja, os que são distintivos e aos quais o falante reconhece, até certo grau, como suas unidades sonoras em sua língua.

O movimento do autor é duplo: (a) primeiramente, critica o estudo puramente mecânico dos sons, que embora reconheça diferenças nas concretizações sonoras emitidas pelos falantes, não os vincula à produção dos significados nos sistemas linguísticos, isto é, centra-se mais na descrição articulatória do processo, que em sua relevância dentro do sistema linguístico; (b) ademais, Sapir visa propor que as unidades sonoras são tão internalizadas no falante quanto à gramática de sua língua.

Sapir percebe que, sendo a língua um sistema simbólico, cujos símbolos são as unidades sonoras, tais unidades não são, na realidade, tão objetivas quanto às análises fonéticas aparentavam demonstrar. A seu ver, é “[...] *evidente, quase imediatamente, que é um grande engano pensar na articulação de um som da fala como um hábito motor cuja intenção é meramente trazer um resultado significativo diretamente*” (Sapir 1925 [SW-ES]: 37)¹¹⁶. Por ser simbólico, o som não é apenas o que aparente ser, mas é a representação de algo mais, e por esta razão, distinguimos os sons que geralmente fazemos, em nosso cotidiano, dos sons da língua.

Comparando o som produzido pelo sopro de uma vela, que poderia ser equivalente ao “wh” em “wheel” em inglês, não fosse pelo fato do primeiro ser o resíduo de um “ato puramente funcional” – apagar a vela através do sopro –, e o segundo estar associado a outros sons, possuindo uma função dentro do sistema linguístico, o autor afirma que os estudos que levam em conta apenas fatores motossensoriais não poderiam dar conta da explicação destas associações. Os sons, a seu ver, pertencem a um conjunto no qual cada elemento possui uma articulação distintiva e ligeiramente variável, correspondendo também a uma imagem acústica (Sapir 1925 [SW-ES]: 39), e por pertencerem a este conjunto, simbolicamente relevante à ‘psicologia do falante’, é que são elementos da fala:

Segue-se que a psicologia dos processos fonéticos é ininteligível, a menos que o padrão geral dos sons da fala seja reconhecido. Esta padronização tem duas fases. Temos tido o cuidado especial de ver que os sons usados por uma língua

¹¹⁶ [...] evident almost at once that it is a great fallacy to think of the articulation of a speech sound as a motor habit that is merely intended to bring about a directly significant result.

formam um sistema autossuficiente, o que torna impossível identificar qualquer um deles com um som não-linguístico, produzido pelos “órgãos da fala”, não importando o quão grande seja a semelhança articulatória e acústica entre os dois. (Sapir 1925 [SW-ES]: 40)¹¹⁷

O posicionamento das unidades dentro do ‘padrão’, sistema de configuração de uma determinada língua, como intuído pelos falantes, deve ser deste modo o interesse do linguista. Temos, portanto, que a língua é um sistema relacional que possui uma configuração interna, descoberta pelo estudo de seus ‘padrões linguísticos’:

Há uma segunda fase de padronização sonora, que é mais elusiva e de significado correspondentemente maior para o linguista. Esta é a configuração interna do sistema de som de uma língua, a “colocação” intuitiva dos sons com referência um ao outro. (Sapir 1925 [SW-ES]: 41)¹¹⁸

E chega-se então a uma primeira concepção de ‘padrão’: o ‘padrão’ é o próprio sistema internalizado no falante, derivado da totalidade de relações entre os componentes ali necessários. Neste caso específico, referimo-nos aos sons, e, por conseguinte, ao sistema fonético. Uma pequena linha de Sapir corrobora com esta afirmação: “os sistemas fonéticos verdadeiros ou intuitivamente sentidos (padrão) de A e B, portanto, são [...]” (Sapir 1925 [SW-ES]: 40)¹¹⁹.

Sapir reconhece duas variações inerentes dentro deste sistema distintivo: (i) as variações individuais, ou seja, o fato de um mesmo som não ser pronunciado igualmente pelos falantes de uma mesma língua, mas que porém procuram mantê-los igualmente distintivos, dentro da ‘configuração’ do sistema linguístico, para não haver comprometimento da inteligibilidade (Sapir 1925 [SW-ES]: 41-42); e, (ii) variações comuns a todos os falantes, dependentes das condições fonéticas em que o som ocorre, isto é, o ‘ponto do padrão’ (Sapir 1925 [SW-ES]: 42-44).

Tem-se que aquilo acreditado pelos falantes ser um mesmo som, na verdade, varia consideravelmente, sendo, assim, uma gama de sons identificados sob uma mesma

¹¹⁷ It follows at once that the psychology of phonetic processes is unintelligible unless the general patterning of speech sounds is recognized. This patterning has two phases. We have been at particular pains to see that the sounds used by a language form a self-contained system which makes it impossible to identify any of them with a non-linguistic sound produced by the "organs of speech," no matter how great is the articulatory and acoustic resemblance between the two.

¹¹⁸ There is a second phase of sound patterning which is more elusive and of correspondingly greater significance for the linguist. This is the inner configuration of the sound system of a language, the intuitive “placing” of the sounds with reference to one another.

¹¹⁹ The true or intuitively felt phonetic system (pattern) of A and B, therefore, are: [...].

entidade distintiva, cujo reconhecimento sempre se dá em relação às demais entidades constitutivas de cada sistema linguístico. Em português, poderíamos pensar no fonema /t/, que quando sucedido por /i/, como em “tia”, tem diferentes pronúncias dependendo da região na qual é falado. No entanto, aparentemente todos os falantes do português reconhecem este som como o mesmo de “tatu” ou de “todo”, independente do modo como pronunciam “tia”:

“O ‘lugar’ A é intuitivamente encontrado para um som (o qual é aqui considerado como um verdadeiro ‘ponto no padrão’, e não uma simples variante condicional), em tal sistema devido a uma sensação geral de sua relação fonética resultante de todas as relações fonéticas específicas (tais como paralelismo, contraste, combinação, impermeabilidade a combinação, e assim por diante) para com todos os outros sons” (Sapir 1925 [SW-ES]: 41).¹²⁰

Aqui vemos que, ainda que por outros caminhos, Sapir chega à diferença entre a fonética – o estudo dos sons como realmente são produzidos – e a fonologia – o estudo dos sons que são distintivos dentro de um sistema linguístico. Embora os falantes acreditem haver unidades discretas, análises fonéticas [ou mecânicas, na denominação utilizada por Sapir] mostrariam a variação dentro destas unidades; entretanto, o falante desconsidera tais variações, “ouvindo” apenas as entidades que estão em sua mente, estas dadas pela ‘configuração’ (*patterning*) de seu sistema linguístico. Por essa razão, estudar os sons objetivamente, sem considerar a percepção mental do falante, acerca das unidades distintivas, não seria de muito valor ao linguista: *“em questões deste tipo, estimativas objetivas de semelhança ou diferença, com base tanto em hábitos linguísticos específicos ou em um sistema fonético generalizado, são totalmente falaciosos”* (Sapir 1925 [SW-ES]: 42)¹²¹.

A ‘configuração’ dos sons em um sistema linguístico é única. Mesmos sons podem estar presentes em diferentes sistemas linguísticos, mas assumirem posições diferentes em relação aos outros sons que compõem o sistema (Sapir 1925 [SW-ES]: 48). Um interessante exemplo do autor é o som /θ/ em inglês, como em “thought” oposto a /ð/, como em “though” e associado a /t/ em algumas variantes, enquanto em

¹²⁰ A ‘place’ is intuitively found for a sound (which is here thought of as a true ‘point in the pattern’, not a mere conditional variant) in such a system because of a general feeling of its phonetic relationship resulting from all the specific phonetic relationships (such as parallelism, contrast, combination, imperviousness to combination, and so on) to all other sounds.

¹²¹ in matters of this kind, objective estimates of similarity or difference, based either on specific linguistic habits or on a generalized phonetic system, are utterly fallacious

espanhol, /θ/ associa-se a /s/, como em “cena”, que pode ser pronunciado dos dois modos, dependendo da região, e de modo algum ligado a /ð/. Outro exemplo, no qual poderíamos pensar, seria a tão marcada diferença entre as consoantes oclusivas vozeadas e desvozeadas das línguas indo-europeias, como os pares /b/ e /p/ ou /g/ e /k/, dentre outros, cuja diferença não é tão saliente para falantes de inúmeras línguas asiáticas, como o coreano, nas quais são concebidas como um mesmo fonema, cuja utilização varia se a unidade aparece no começo ou no meio da palavra, mas que estão opostas a sons aspirados e a sons tensos. Assim, em coreano /p/ e /b/ são uma mesma unidade distintiva, oposta por sua vez a /p^h/ e a /pp/.

O linguista pode ser levado então a crer, se restrito a determinadas línguas indo-europeias, que vozeamento e desvozeamento sejam propriedades universais da linguagem, utilizadas da mesma maneira e na mesma intensidade em todos os sistemas linguísticos, quando não o são. Tal característica é aparentemente natural naqueles sistemas que fazem uso desta configuração, mas, não necessariamente em todos os outros. Cada sistema linguístico faz uma configuração específica dos sons, sempre uns em relação aos outros.

Isso nos permite retomar a leitura de Sapir tanto como um particularista, quanto como um universalista, já que não se nega a possibilidade de existência de características universais a linguagem: o que se enfatiza é o cuidado com a generalização apressada, com base em um grupo restrito de padrões – por exemplo, no caso exposto acima, asseverando que a relevância da oposição [+sonora]/[-sonora] é a mesma em todos os sistemas fonológicos das línguas humanas, baseados somente nas línguas românicas. Se propriedades universais do fenômeno linguístico não existissem, na visão de Sapir, não haveria então a necessidade de propor uma Linguística em bases tipológicas, e conseqüentemente relevância para o estudo dos diferentes padrões. Isto, a nosso ver, invalida a leitura do relativismo, ao menos em Sapir, como a negação ou o impedimento de estudos que busquem universais na linguagem. Novamente, o problema [e o alerta] é o cuidado que se deve ter antes de alegar que uma propriedade seja universal: antes, se faz necessária a descrição do maior número possível de sistemas linguísticos [e por essa razão, uma tipologia das línguas].

A tarefa do linguista, neste sentido, é aparentemente tripla:

- a) não apenas a descrição detalhada e exaustiva de cada unidade sonora de uma língua, mas também;

- b) o desvelamento de suas unidades simbólicas, e dos processos e relações inerentes entre si, e;
- c) a comparação dos diversos sistemas lingüístico, principalmente, em bases tipológicas.

Essa temática é novamente abordada em “*La réalité psychologique des phonèmes*” (Sapir 1933a), publicado também em inglês como “*The psychological reality of phonemes*” (Sapir 1933b). Neste trabalho, mais posterior, Sapir define ‘som’ ou ‘elemento fonético’ (*sound* ou *phonetic element*, equivalente ao fone para a atual Fonologia) e ‘fonema’ (*phoneme*):

O conceito de “fonema” (uma unidade funcionalmente significativa no padrão rigidamente definido ou configuração de sons peculiar de uma língua) como distinto do “som” ou “elemento fonético” tal qual (uma entidade definível objetivamente e totalidade da fala percebida e articulada), está se tornando mais e mais familiar aos linguistas. (Sapir 1949 [1933b]: 46)¹²²

O ‘fonema’ não apenas é uma abstração, mas, na defesa do autor, possui uma realidade, esta psicológica. Sua análise tem por foco a intuição do falante, visto que as diferentes produções mecânicas dos elementos fonéticos – suas ‘realizações’ (*actualities of speech*) cuja apreensão pode apenas consistir na observação sob a ótica da Física, atrelada essencialmente à chamada ‘realidade objetiva’ – são assim percebidas e agrupadas em fonemas, os pontos marcados no padrão.

Como o próprio título sugere, ocorre, portanto, a inversão das “realidades”, pois não é por conta da aparente realidade objetiva do elemento fonético que este seja mais real ou menos abstrato que o fonema, pois na mente do falante, segundo Sapir, o que existem apenas são os fonemas. Os fones seriam então as verdadeiras abstrações, uma vez que estão atrelados a pontos contrastivos específicos, pontos estes anteriores ao falante, por serem determinados pelo padrão lingüístico, e que por serem dinâmicos, estão em processo de contínua mudança formal:

¹²² The concept of “phoneme” (a functionally significant unit in the rigidly defined pattern or configuration of sounds peculiar to a language) as distinct from that of the “sound” or “phonetic element” as such (an objectively definable entity in the articulated and perceived totality of speech), is becoming more and more familiar to linguists.

To the naïve speaker and hearer, sounds (i.e., phonemes) do not differ as five-inch or six-inch entities differ, but as clubs and poles differ. If the phonetician discovers in the flow of actual speech something that is neither “club” nor “pole”, he, as phonetician, has the right to set up a “halfway between club and pole” entity. Functionally, however, such an entity is a fiction, and the naïve speaker or hearer is not only driven by its relational behavior to classify it as a club or a pole, but actually hears and feels it to be such. (Sapir 1949 [1933b]: 47)

A defesa contida no texto de 1933, já estava presente em 1925 (dentre outros momentos como verificaremos também mais adiante), ao afirmar que o estudo da estruturação da configuração fonética das diferentes línguas também explica porque as diferenças quando não fonológicas, passam despercebidas ao falante. Tal análise “*ajuda a explicar por que as pessoas acham difícil pronunciar determinados sons estrangeiros que eles possuem em sua própria língua*” (Sapir 1925 [SW-ES]: 50)¹²³.

Ao discutirmos qual parece ser a hipótese relativista contida na obra de Sapir – até este momento, o texto nos fornece uma indicação:

Aqui, novamente, muitas vezes os linguistas seguem cegamente o sentimento fonético de sua própria língua, em vez de determinar claramente o comportamento da língua estudada. A diferença, por exemplo, entre aua e awa é real para algumas línguas, e um fantasma para outras. (Sapir 1925 [SW-ES]: 44-45)¹²⁴

A criação do termo ‘padrão’, entretanto, não ocorre em 1925, já que o termo é bastante utilizado por Sapir, ao longo de sua carreira. Em seu manual *Language* (Sapir 1921), as ocorrências do termo são frequentes, não estando presentes apenas no terceiro capítulo do livro. No entanto, a concepção de padrão ali ultrapassa o aspecto fonológico contido no trabalho de 1925, já que Sapir utiliza ‘padrão’ em relação à forma, igualmente.

Com base nesta exposição, conclui-se que ‘padrão’ que pode ser definido como o princípio de organização das relações estruturais de um sistema linguístico (cf. Mandelbaum 1949: 3, Swiggers 2008: 153). O padrão linguístico faz com que diferentes unidades estruturais orbitem em torno de uma determinada relação entre si,

¹²³ helps to explain why people find it difficult to pronounce certain foreign sounds which they possess in their own language

¹²⁴ Here again linguists often blindly follow the phonetic feeling of their own language instead of clearly ascertaining the behavior of the language investigated. The difference, e.g., between aua and awa is a real one for some languages, a phantom for others.

seja através dos sons mecânicos, que se agrupam em torno de uma unidade distintiva de significados [posteriormente denominada ‘fonema’], seja na gramática, como na morfologia, se pensarmos nas diferentes formas que, como o plural em inglês [cat/cats; man/men; fish/fish; ox/oxen, e aí por diante], por exemplo. São as diferentes configurações estabelecidas dentro de um sistema linguístico que geram o padrão daquela língua.

Uma ocorrência de 1911 nos chama atenção, pela latência do conceito de padrão [ou de fonema], já naquele momento, quando Sapir menciona que a variação sonora é limitada e possui um centro bem definido:

[...] que uma certa quantidade de variação sonora existe em todas as línguas, mas é importante notar que tal variação é sempre muito limitada em alcance e sempre tem lugar sobre um centro bem definido. (Sapir 1911: 117)¹²⁵

4.1.6. ‘Comportamento’ (*Behavior*)

A língua é também um ‘comportamento’ dos humanos. Segundo Sapir, a língua não apenas é um dos conjuntos de fatos que permitem nossa caracterização enquanto espécie, mas talvez seja o comportamento específico que nos ensina como se portar enquanto humanos. Todos os seres humanos pertencem a um agrupamento específico, como visto anteriormente. Embora o termo comportamento (*‘behavior’*) seja bastante associado ao Behaviorismo [e ao também linguista norte-americano Leonard Bloomfield], é necessário lembrar que a psicologia que Sapir alega ser preferencial ao linguista é a *Gestalt* (Sapir 1924; cf. Cain 1980; Murray 1981). Além disto, ao longo de seus anos, Sapir interessou-se também pelos trabalhos de Sigmund Freud (1856-1939) e sua Psicanálise, e também a Psicologia Analítica de Carl Jung (1875-1961). Para confirmarmos este seu interesse, a observação das resenhas por Sapir escritas sobre estes outros autores em questão é de grande valia (cf. Mandelbaum 1949¹²⁶: 601-617). Tendo isto em mente, é necessário esclarecer que o sentido do termo ‘comportamento’, presente em sua obra, é em princípio, diferente do uso consagrado no Behaviorismo.

Um primeiro ponto é que encontramos Sapir definindo ‘língua’ como “*um comportamento vocal associado com a laringe*” (Sapir 1933 [SW-ES]: 7). É neste

¹²⁵ [...] that a certain amount of sound variation exists in every language, but it is important to note that such variation is always very limited in range and always takes place about a well-defined center.

¹²⁶ In Sapir 1949: *Selected Writings in Language, Culture and Personality* [em nosso texto, SW-ES]

sentido, o fonético, que uma primeira acepção de ‘comportamento’ pode ser lida em Sapir (cf. Sapir 1911, Sapir 1921, Sapir 1933). A língua é um conjunto de símbolos fonéticos, cujo objetivo é a expressão do pensamento (*‘thought’*) e do sentimento (*‘feeling’*) (Sapir 1933a [SW-ES]: 7).

O fato de o símbolo linguístico ser fonético, em sua essência, confere-lhe um estatuto especial, em relação aos demais sons produzidos pela laringe, já que este é sempre dotado de um sentido, transmitindo por sua vez um significado. Podemos pensar a língua como um comportamento desencadeado primariamente enquanto um fenômeno físico, produzido na laringe do falante, e cujo produto sonoro possui a capacidade de levar o outro agente, o interlocutor, a um comportamento também específico, a decodificação deste conjunto de sons. Este conjunto de comportamentos é, a nosso ver, a comunicação a que o autor se refere em outros momentos. E, por conseguinte, a língua gera nos humanos um comportamento que os leva a utilizar uma língua específica como o sistema preferencial para a sua comunicação:

A linguagem é essencialmente um sistema de símbolos fonéticos para a expressão do pensamento e do sentimento comunicáveis. Em outras palavras, os símbolos da linguagem são produtos diferenciados do comportamento vocal, que está associada com a laringe dos mamíferos superiores.(Sapir 1933a [SW-WS]: 7 – grifos nossos)¹²⁷

Retomada a citação anteriormente mencionada, observa-se, entretanto, que o ‘comportamento linguístico’, por sua vez, é apenas um dos demais comportamentos humanos.

O rastreamento do termo nos permite inferir outra leitura para ‘comportamento’ (*behavior*). Para Sapir, toda ação humana, tudo aquilo que um membro de nossa espécie pode ou efetivamente faz, é ‘comportamento’. E como todo ser humano, ligado a um grupo, possuímos uma história, pois não surgimos no vácuo. Pelo contrário, por pertencermos a um grupo, nascemos em um conjunto único, cuja trajetória exclusiva nos leva a atribuir significados ao mundo no qual vivemos, sejam significado estes individuais ou coletivos:

¹²⁷ Language is primarily a system of phonetic symbols for the expression of communicable thought and feeling. In other words, the symbols of language are differentiated products of the vocal behavior which is associated with the larynx of the higher mammals.

Na melhor das hipóteses, essas disciplinas pode exortar o linguista a se preocupar, de forma mais vital do que antes, com o problema de ver a história linguística no âmbito mais alargado do comportamento humano, no indivíduo e na sociedade. (Sapir 1929 [SW-ES]: 160 - grifos nossos)¹²⁸

O comportamento humano é sempre tanto social quanto individual, na leitura do autor. Em seu texto *The Unconscious Patterning of Behavior in Society*, de 1927, Sapir nos dá tanto indicações sobre o uso específico deste termo, em relação à sua visão sobre a polarização de fenômenos ditos individuais, por uma perspectiva, e fenômenos sociais por outro ângulo.

Isto o leva a alegar que estes dois polos – indivíduo e sociedade – são sempre artificiais diante da realidade, ainda que úteis metodologicamente. Afirmar, no entanto, que um fenômeno seja ora individual ora social, é a seu ver absurdo, por sermos sempre indivíduo e sociedade ao mesmo tempo. Esta é nossa história, estamos fadados a isto, seja por possuímos antepassados, que nos antecedem cronologicamente, seja porque a sociedade somente possa ser caracterizada na somatória dos indivíduos existentes:

“o ser humano se comportar individualmente em um momento e em outro socialmente é tão absurdo quanto declarar que a matéria segue as leis da química em um determinado momento e sucumbe às leis supostamente diferentes da física atômica em outro” (Sapir 1927d [SW-ES]: 545)¹²⁹.

Toda ação ou prática humana é, a seu ver, ‘comportamento’, simultaneamente individual e social. Para Sapir, o estudo do comportamento, seja social ou individual, se debruça sempre sobre os mesmos tipos de fenômenos mentais, isto é, envolve sempre os mesmos tipos de funcionamento da mente (Sapir 1927d [SW-ES]: 544). Considerado isto, o estudo do ‘comportamento humano’, se social ou individual é apenas uma questão de escopo, a ser utilizada pelo analista:

Em outras palavras, o comportamento social é apenas a soma, ou melhor, o arranjo de tais aspectos do comportamento individual, em referência aos padrões culturais que têm seu próprio contexto, não

¹²⁸ At best these disciplines can but urge the linguist to concern himself in a more vital manner than heretofore with the problem of seeing linguistic history in the larger framework of human behavior in the individual and in society.

¹²⁹ the human being behaves individually at one moment and socially at another is as absurd as to declare that matter follows the laws of chemistry at a certain time and succumbs to the supposedly different laws of atomic physics at another

em continuidades espaciais e temporais do comportamento biológico, mas em sequências históricas que são imputados ao comportamento real por um princípio de seleção. (Sapir 1927d [SW-ES]: 545)¹³⁰

Dois breves trechos podem também confirmar esta concepção de ‘comportamento’ como toda e qualquer ação ou conduta humana. Para tal constatação, basta substituírmos os itens sublinhados pelo termo ‘comportamento’, dentre as diversas ocorrências ao longo do trabalho:

Seria um exercício útil para nos forçar a ver qualquer ato humano de ambos os pontos de vista e tentar convencer-nos desta forma que é inútil para classificar os atos humanos, deste modo, como tendo um significado inerentemente individual ou social. (Sapir 1927d [SW-ES] 545 – grifos nossos)¹³¹

Por causa da facilidade com que as formas de conduta humana perdem ou modificam as suas funções originais ou assumem funções inteiramente novas, torna-se necessário para ver o comportamento social tanto de um ponto de vista formal quanto a partir de um ponto de vista funcional [...] (Sapir 1927d [SW-ES]: 547 – grifos nossos)¹³²

A persistência na defesa do comportamento humano como um mesmo processo, seja individual, seja social, será observada em outros trabalhos do autor, como o trecho extraído de um texto de 1938, intitulado *Why cultural anthropology needs the psychiatrist*, ilustra bem:

A análise verdadeiramente rigorosa de qualquer fase arbitrariamente selecionada do individualizado “comportamento social” ou “cultura” mostra duas coisas: primeiro, que não importa o quão flexível, o quão individualmente variável, pode [o comportamento], em primeira instância, ser pensado para ser, como de fato o complexo resultante de uma história cultural incrivelmente elaborada, em que muitos fios diversos se inter cruzam, naquele ponto do

¹³⁰ In other words, social behavior is merely the sum or, better, arrangement of such aspects of individual behavior as are referred to culture patterns that have their proper context, not in spatial and temporal continuities of biological behavior, but in historical sequences that are imputed to actual behavior by a principle of selection.

¹³¹ It would be a useful exercise to force ourselves to see any given human act from both of these points of view and to try to convince ourselves in this way that it is futile to classify human acts as such as having an inherently individual or social significance.

¹³² Because of the readiness with which forms of human conduct lose or modify their original functions or take on entirely new ones, it becomes necessary to see social behavior from a formal as well as from a functional point of view [...].

espaço e tempo, em que o julgamento individual ou preferência é expresso [esta terminologia é cultural]; em segundo lugar, que, ao contrário, não importa o quão rigorosamente necessário na prática o padrão analisado pode parecer, é sempre possível, em princípio, se não em fato experiencial, para o indivíduo solitário efetuar uma transformação na forma ou no significado que é capaz de comunicar aos outros indivíduos [esta terminologia é psiquiátrico ou personalista]. O que isto significa é que os problemas das ciências sociais diferem dos problemas de comportamento individual, no grau de especificidade, não em espécie.

(Sapir 1938 [SW-ES]: 572-573)¹³³

A opção por conduzir um estudo que opere no nível individual ou no nível social, é segundo Sapir, uma decisão metodológica apenas, visto que personalidade e cultura são fenômenos de mesma ordem: o indivíduo é absolutamente o *locus* de convergência dos dois fenômenos, sendo a cultura a somatória das individualidades, incluindo o compartilhamento, e as trocas realizadas entre estes entes. É principalmente a defesa deste ponto de vista que levará Sapir em seus últimos anos a se dedicar ao problema da personalidade na cultura, questão esta que deixamos de lado nesta exposição. Nosso interesse no termo ‘comportamento’ deveu-se, principalmente, por Sapir conceituar a língua como um ‘comportamento humano’, como já visto anteriormente.

4.2. As relações entre ‘Língua’ e ‘Pensamento’

Sapir vê ‘língua’ e ‘pensamento’ extremamente vinculados. A língua é a expressão do pensamento, e o pensamento, por sua vez, é o *modus operandi* da língua. Embora não sejam um mesmo conceito, nem se tratem do mesmo processo psíquico, língua e pensamento, a seu ver, estão inexoravelmente imbricados. Vejamos as considerações do autor sobre esta relação.

¹³³ A truly rigorous analysis of any arbitrarily selected phase of individualized “social behavior” or “culture” would show two things: First, that no matter how flexible, how individually variable, it may in the first instance be thought to be, it is as a matter of fact the complex resultant of an incredibly elaborate cultural history, in which many diverse strands intercross at that point in place and time at which the individual judgment or preference is expressed [*this terminology is cultural*]; second, that, conversely, no matter how rigorously necessary in practice the analyzed pattern may seem to be, it is always possible in principle, if not in experiential fact, for the lone individual to effect a transformation of form or meaning which is capable of communication to other individuals [*this terminology is psychiatric or personalistic*]. What this means is that the problems of social science differ from problems of individual behavior in degree of specificity, not in kind.

4.2.1. ‘Pensamento’ (*Thought*)

Como o autor havia afirmado no prefácio de seu manual de 1921 (Sapir 1921: iii-iv), o livro *Language* apresenta um breve debate sobre a relação ‘língua’ e ‘pensamento’, também em seu capítulo I. Sapir inicialmente rejeita a fusão dos dois termos, isto é, afirma que ‘língua(gem)’ e ‘pensamento’ são dois conceitos distintos. Nesta concepção, a língua é um instrumento que viabiliza o pensamento e sua expressão, enquanto o pensamento é a habilidade humana que nos habilita a utilizá-la [a linguagem]:

A linguagem pode ser observada como um instrumento capaz de executar uma gama de usos psíquicos. Seu fluxo não é apenas paralelo ao conteúdo interno da consciência, mas também é paralelo a ele em diferentes níveis, que vão desde o estado de espírito que é dominado por imagens específicas, até aquele o qual é normalmente chamado de raciocínio. Assim, apenas a forma exterior da linguagem é constante; seu significado interior, o seu valor psíquico de intensidade, varia livremente com a atenção ou o interesse seletivo da mente, também, não necessário dizer, com o desenvolvimento geral da mente. (Sapir 1921: 10).¹³⁴

A língua está presente em uma série de processos psíquicos, mas, estes processos, como o próprio nome sugere, pertencem ao domínio do pensamento. O pensamento, nesta visão, é maior que a língua. Por sua vez, a língua é composta por um conjunto de símbolos, mas que sem a habilidade de pensar, são inócuos:

Do ponto de vista da linguagem, o pensamento pode ser definido como a conteúdo da fala mais potencial ou latente, o conteúdo que é obtido através da interpretação de cada um dos elementos no fluxo da língua, como revestido por seu valor máximo conceitual. Disto se segue que a linguagem e o pensamento não são estritamente coincidentes. No melhor, a linguagem pode ser a faceta externa do pensamento sobre o mais alto, mais generalizado, nível de expressão simbólica. (Sapir 1921: 10)¹³⁵

¹³⁴ Language may be looked upon as an instrument capable of running a gamut of psychic uses. Its flow not only parallels that of inner content of consciousness, but parallels it on different levels, ranging from the state of mind that is dominated by particular images to that in which is ordinarily termed reasoning. Thus the outward form only of language is constant; its inner meaning, its psychic value of intensity, varies freely with attention or the selective interest of the mind, also, needless to say, with the mind's general development.

¹³⁵ From the point of view of language, thought may be defined as the highest latent or potential content of speech, the content that is obtained by interpreting each of the elements in the flow of language as possessed of its very fullest conceptual value. From this it follows that language and thought are not

Sapir nos oferece uma metáfora interessante, que esclarece bastante o ponto ao qual deseja chegar, afirmando (Sapir 1921: 11) que ninguém confundiria o raciocínio matemático e suas proposições com os símbolos arbitrários utilizados no cálculo, ou seja, a linguagem matemática. A habilidade de efetuar cálculos independe destes símbolos. No entanto, seria extremamente dificultoso desenvolver este raciocínio sem a utilização deste instrumento. Seu ponto principal do argumento, deste modo, é justamente a capacidade de refinamento do pensamento através do uso da língua.

A questão fundamental deixa de ser se a língua domina o pensamento, cuja resposta latente parece ser negativa, ou se o pensamento domina a linguagem, já que sem o pensamento não existe a interpretação dos símbolos linguísticos, e passa a ser a dinâmica interativa entre as duas instâncias, pois todos os seres humanos pensam e possuem ao menos uma língua:

O produto [=pensamento] cresce, em outras palavras, com o instrumento [=língua], e o pensamento pode não ser mais concebível, na sua gênese e na prática diária, sem a fala, tal como é o raciocínio matemático possível sem a alavanca de um simbolismo apropriado à matemática. (Sapir 1921: – interpolações nossas)¹³⁶

Para dizer que o pensamento, que é quase impossível em qualquer sentido sustentado, sem a organização simbólica operada pela linguagem, é aquela forma de comunicação na qual o falante e o destinatário são identificados em uma pessoa, não está longe de desvirtuar a questão. (Sapir 1933a [SW-ES]: 15)¹³⁷

A língua é o único caminho para chegarmos ao pensamento, argumenta Sapir. De fato, não é através da abertura de um crânio que podemos observar o pensamento se concretizando. Mais fácil, e sem dúvida mais eticamente, é através do uso linguístico que observamos seu funcionamento, já que é assim que expressamos nossos pensamentos. Além do mais, se fazemos outros usos para a expressão do pensamento,

strictly coterminous. At best language can but be the outward facet of thought on the highest, most generalized, level of symbolic expression.

¹³⁶ The product [=pensamento] grows, in other words, with the instrument [=língua], and thought may be no more conceivable, in its genesis and daily practice, without speech than is mathematical reasoning practicable without the lever of an appropriate mathematical symbolism.

¹³⁷ To say that thought, which is hardly possible in any sustained sense without the symbolic organization brought by language, is that form of communication in which the speaker and the person addressed are identified in one person is not far from begging the question.

como gestos e trejeitos faciais, certamente estes são complementares, ou ao menos não tão utilizados, como quanto pela fala.

A língua é o meio pelo qual adentramos na cultura, e é o meio pelo qual expressamos tudo aquilo que necessitemos enquanto indivíduos. O raciocínio lógico certamente seria mais dificultoso sem a língua(gem), e talvez, por essa razão, os seres humanos sejam notáveis, dentre os seres vivos, por possuírem uma capacidade de pensar altamente desenvolvida, juntamente com sua linguagem. Em nossa situação atual, pensamento e linguagem se desenvolvem juntos, mutuamente, em um complexo processo de interdependência: *“o instrumento torna o produto possível, o produto refina o instrumento”* (Sapir 1921: 12)¹³⁸.

Uma vez criado o conceito, diz o autor, nos apropriamos dele, inserindo-o em nosso universo cognitivo. Os símbolos linguísticos, vistos então como conceitos, interiorizados em nossas redes conceituais, ligam-se ao pensamento de modo a nos levar a reflexões e ações [comportamento] específicas: *“Seríamos tão dispostos a morrer pela “liberdade”, a lutar pelos “ideais”, se as próprias palavras não estivessem tocando dentro de nós? E a palavra, como sabemos, não é apenas uma chave, mas também pode ser um obstáculo”* (op. cit.: 13)¹³⁹.

Sapir também relembra que o inconsciente faz uso constante do simbolismo em seus processos. Esse “psicologismo” do estudo da língua(gem) defendido por Sapir, certamente faz parte de sua agenda, e pode ser facilmente verificado em diversos momentos. Embora, como já mencionado, seu trabalho mais clássico sobre o estudo dos padrões linguísticos seja o *“Sound Patterns”*, de 1925, neste trabalho, de 1921, já se constata tal interesse:

A facilidade com que o simbolismo de fala pode ser transferido de um para o outro senso, de técnica em técnica, por si só indica que os meros sons da fala não são o fato essencial da linguagem, que se encontra mais na classificação, na padronização formal, e em a matéria de conceitos. Uma vez mais, a língua, como uma estrutura, é na sua face interior o molde do pensamento. É esta língua abstrata, bem mais do que os fatos físicos da fala, que esta a nos preocupar em nosso inquérito. (Sapir 1925 [SW-ES]: 16)¹⁴⁰.

¹³⁸ The instrument makes possible the product, the product refines the instrument

¹³⁹ Would we be so ready to die for ‘liberty’, to struggle for ‘ideals’, if the words themselves were not ringing within us? And the Word, as we know, is not only a key; it may also be a fetter

¹⁴⁰ The ease with which speech symbolism can be transferred from one sense to another, from technique to technique, itself indicates that the mere sounds of speech are not the essential fact of language, which

O trecho acima novamente trás à discussão a questão sobre a inconsciência do processo mecânico de produção da linguagem, uma vez que as pessoas pensam sob influência dos padrões, isto é, dos pontos de configuração específicos dados pela língua que falam. Logo, estudar o quê ou como os seres humanos realmente falam, é bastante diferente de estudar o que pensam que estão falando.

O estudo das línguas, a Linguística, deve então transcender aquilo que é aparentemente físico, para o autor em questão. Este trecho acima também clarifica ao leitor familiarizado com as proposições gerativistas de Noam Chomsky (1928-) o porquê este não se interessou [tendo até mesmo criticado] pelo Estruturalismo *bloomfieldiano*, mas demonstrou respeito pelo pensamento de Sapir: ambos [Chomsky e Sapir] defendem haver uma linguagem mais abstrata por trás da produção [mecânica] da fala. Interessantemente, seu ponto de convergência parece ser também seu ponto de ruptura, já que a maneira como ambos concebem esta linguagem subjacente é muito diferente, mas a avaliação destas proposições seguramente são objetos de outro estudo. O importante é perceber que para Sapir, este estudo se dá pela investigação dos padrões linguísticos, verdadeira tarefa da Linguística.

Esta Linguística que Sapir propõe sempre leva em consideração o contexto, como parece claro em seu artigo *Language*, de 1933:

É porque ela é aprendida cedo e aos poucos, em constante associação com a cor e as exigências dos contextos reais, que a língua, apesar de sua forma quase matemática, raramente é uma organização puramente referencial. [...]. A fala comum é diretamente expressiva e o padrão puramente formal de sons, palavras, formas gramaticais, frases e sentenças devem ser sempre pensados como composto por simbolismos intencionais ou não-intencionais de expressão, para que possam ser plenamente compreendidos a partir do ponto de vista do comportamento. A escolha das palavras em um contexto particular pode transmitir o oposto do que elas significam na superfície. A mesma mensagem externa é diferentemente interpretada, de acordo com se o falante tem este ou aquele estado psicológico [...]. (Sapir 1933a [SW-ES]: 12)¹⁴¹.

lies rather in the classification, in the formal patterning, and in the relating of concepts. Once more, language, as a structure, is on its inner face the mold of thought. It is this abstracted language, rather more than the physical facts of speech, that is to concern us is our inquiry.

¹⁴¹ It is because it is learned early and piecemeal, in constant association with the color and the requirements of actual contexts, that language, in spite of its quasi-mathematical form, is rarely a purely referential organization. [...]. Ordinary speech is directly expressive and the purely formal pattern of

O reconhecimento de que há sentidos que são construídos através de contextos específicos, a despeito do que o enunciado parece querer dizer, leva Sapir a afirmar haver duas espécies isoláveis de padrão: os padrões de referência e os padrões de expressão.

Toda a discussão sobre o fenômeno linguístico em Sapir, e sua inter-relação com o pensamento, só fazem sentido se considerarmos que o problema do significado está presente em sua discussão: as estruturas, os padrões, as formas veiculam significados, cujo funcionamento é tarefa do linguista explicar. É neste ponto que se faz necessária a exposição de seu conceito de simbolismo.

4.2.2. ‘Simbolismo’ (*Symbolism*)

Em seu curto artigo de 1934 para a *Encyclopedia of the Social Sciencies*, Sapir discorre exclusivamente sobre um dos termos mais frequentes em seus trabalhos, o termo ‘simbolismo’ (*symbolism*), fornecendo-nos pistas sobre sua concepção acerca deste conceito:

O simbolismo termo abrange uma grande variedade de modos aparentemente diferentes de comportamento. Em seu sentido original era restrito a objetos ou marcas destinadas a recordar ou direcionar atenção especial a uma pessoa, objeto, ideia, evento ou atividade projetada, associada apenas vagamente ou em nada com o símbolo, em qualquer sentido natural. (Sapir 1934b [SW-ES]: 564)¹⁴².

Definido o termo, o autor reconhece que o conceito engloba coisas tão distintas como, por exemplo, estrelas e punhais indicando ao leitor uma nota de rodapé, e também bandeiras e sinais luminosos, ou ainda, sistemas de referência como a notação escrita e a matemática. O ponto em comum entre tais coisas distintas, a seu ver, é o fato

sounds, words, grammatical forms, phrases and sentences are always to be thought of as compounded by intended or unintended symbolisms of expression, if they are to be understood fully from the standpoint of behavior. The choice of words in a particular context may convey the opposite of what they mean on the surface. The same external message is differently interpreted according to whether the speaker has this or that psychological status [...].

¹⁴² The term symbolism covers a great variety of apparently dissimilar modes of behavior. In its original sense it was restricted to objects or marks intended to recall or to direct special attention to some person, object, idea, event or projected activity associated only vaguely or not at all with the symbol in any natural sense.

de que sua significação está vinculada à necessidade de reconhecimento do símbolo por parte daquele que o interpreta, isto é, o símbolo em si mesmo, em sua forma, não possui significado algum, e “*pode ter significado apenas para aqueles que sabem como interpretá-los em termos de que a que se referem*”¹⁴³, uma vez que o símbolo não exige de modo absoluto qualquer relação de iconicidade com seu referente, ainda que esta possa existir. De fato, neste trabalho Sapir não discute a possível questão da iconicidade, parecendo mais preocupado em defender o aspecto arbitrário e convencional dos símbolos, como quando, em sua exemplificação, alguém faz uma reverência cerimonial à outra pessoa – a reverência não é direcionada a pessoa em si, mas ao status que a pessoa possui ou representa:

Em meio à grande variedade de sentidos em que a palavra é usada, parecem emergir duas características constantes. Uma delas é que o símbolo é sempre um substituto para algum tipo de forma mais estreita de intermediação do comportamento, de onde se segue que todo o simbolismo implica significados que não podem ser obtidos diretamente, a partir dos contextos da experiência. A segunda característica do símbolo é que este expressa uma condensação de energia, estando o seu significado real fora de proporção com a aparente trivialidade do sentido sugerido pela sua forma simples.
(Sapir 1934b [SW-ES]: 564)¹⁴⁴

Há então símbolos que representam e significam todo o universo da experiência humana comunicável, tornando a comunicação mais viável [*economical devices*], pois poupam o ser humano de dever possuir consigo, por exemplo, um cavalo, cada vez que deseje comunicar algo sobre cavalos, e conseqüentemente, todas as outras coisas que necessitemos referir. O símbolo é um substituto nas relações comunicativas, por ser capaz de representar tudo o que podemos conceber. Outra questão interessante é como comunicaríamos coisas que não tem referência no mundo real, como os medos, fantasias, e criações do imaginário, sem fazer uso de símbolos. E toda esta gama de símbolos seria os símbolos referenciais.

¹⁴³ can have significance only for those who know how to interpret them in terms of that to which they refer

¹⁴⁴ Amid the wide variety of senses in which the word is used there seem to emerge two constant characteristics. One of these is that the symbol is always a substitute for some more closely intermediating type of behavior, whence it follows that all symbolism implies meanings which cannot be derived directly from the contexts of experience. The second characteristic of the symbol is that it expresses a condensation of energy, its actual significance being out of proportion to the apparent triviality of meaning suggested by its mere form.

Ao inserirmos este símbolo, inicialmente neutro, no nosso universo de valores, opiniões, crenças e sentimentos, este pode se atrelar às emoções. Chegamos ao que Sapir denomina por símbolos condensativos. Imaginemos, hipoteticamente, que em uma dada cultura, creiamos sermos descendentes dos cavalos. O símbolo “cavalo” terá, portanto, outro significado, com um valor diferente, de uma cultura na qual fomos massacrados pelos “cavalos”. Os símbolos se ligam às emoções, e até hoje, muitos nomeiam esta a ‘dimensão simbólica da linguagem’:

Parece útil distinguir dois tipos principais de simbolismo. O primeiro deles, o que pode ser chamado de simbolismo de referência, abraça formas como o discurso oral, a escrita, o código telegráfico, as bandeiras nacionais, as bandeiras de sinalização e outras organizações de símbolos que são acordados como dispositivos econômicos para fins de referência. O segundo tipo de simbolismo é igualmente econômico e pode ser chamado de simbolismo de condensação, pois é uma forma altamente condensada de comportamento substitutivo para expressão direta, permitindo a liberação imediata da tensão emocional de forma consciente e inconsciente. [...]. No comportamento real, ambos os tipos de estão geralmente misturados. [...] Se escrever apenas fosse um simbolismo de referência, as reformas ortográficas não seriam tão difíceis de serem trazidas. (Sapir 1934b [SW-ES]: 565, grifos nossos)¹⁴⁵

Sapir afirma que toda linguagem [e toda língua] é simbólica, pois faz uso de símbolos. No entanto, contemporaneamente, costumamos utilizar “dimensão simbólica da linguagem” apenas no caso que Sapir denomina por ‘*simbolismo condensativo*’, ou seja, o uso simbólico é aquele no qual nos afastamos de uma suposta visão mais objetiva dos conceitos. Os símbolos, que em um primeiro momento apenas substituem nossa experiência direta do mundo, passam a interagir com nossa própria experiência, sendo assim parte delas, o que fica mais evidente em um trecho de seu artigo “*Language*”:

Outra característica psicológica da linguagem é o fato de que, enquanto ela se refere aos outrora substitutos para a experiência direta, não importa se o comportamento real se separa ou permanece

¹⁴⁵ It seems useful to distinguish two main types of symbolism. The first of these, which may be called referential symbolism, embraces such forms as oral speech, writing, the telegraph code, national flags, flag signaling and other organizations of symbols which are agreed upon as economical devices for purposes of reference. The second type of symbolism is equally economical and may be termed condensation symbolism, for it is a highly condensed form of substitutive behavior for direct expression, allowing for the ready release of emotional tension in conscious and unconscious form. [...]. In actual behavior both types are generally blended. [...] Were writing merely a referential symbolism, spelling reforms would not be so difficult to bring about.

paralelo à experiência direta, pois a língua se interpenetra completamente com ela. Isso é indicado pelo sentimento generalizado, especialmente entre os povos primitivos, da identidade virtual ou estreita correspondência entre a palavra e coisa que leva às magias. [...]. Para a pessoa normal, cada experiência, real ou potencial, está saturado com verbalismo.(Sapir 1933a [SW-ES]: 11)¹⁴⁶

Os símbolos além de referirem o mundo objetivo, se misturam as nossas emoções:

É essa interação constante entre a língua e a experiência que remove a língua do status puro e simplesmente frio dos sistemas simbólicos, como no simbolismo matemático ou na sinalização de bandeira. Esta interpenetração não é apenas um fato íntimo associativo, é também contextual. É importante perceber que a língua não só pode se referir a experiência como até mesmo moldá-la, interpretá-la e descobri-la, e que ela [=a língua] também a [=a experiência] substitui, no sentido de que nessas sequências de comportamento interpessoal, que formam a maior parte da nossa fala cotidiana, complementam-se uma à outra, e fazem o trabalho de cada uma, em uma rede de padrão ininterrupto. (Sapir 1933a [SW-ES]: 11-12)¹⁴⁷.

Sapir tem em vista, nesta passagem, que poderia ser considerada bastante “relativista” [se aderirmos à leitura contemporânea], a questão da intencionalidade do falante. Sua exemplificação (op. cit: 12), adaptado ao português, é a seguinte: se alguém me pede um real, posso entregar sem dizer nada ou posso responder “toma aí”; posso dizer “não tenho” ou ainda “amanhã eu te dou”. Se observarmos os dois grupos de respostas, do ponto de vista do que Sapir denomina ‘*padrão comportamental mais amplo*’, e nós interpretamos como intencionalidade, verificamos que elas são equivalentes estruturalmente, mas revelam situações contextuais e/ou intencionais distintas.

¹⁴⁶ A further psychological characteristic of language is the fact that while it refers to the otherwise substitutes for direct experience, it does not as a matter of actual behavior stand apart from or run parallel to direct experience but completely interpenetrates with it. This is indicated by the widespread feeling, particularly among primitive people, of that virtual identity or close correspondence of word and thing which leads to the magic spells. [...]. For the normal person every experience, real or potential, is saturated with verbalism.

¹⁴⁷ It is this constant interplay between language and experience which removes language from the cold status of such purely and simply symbolic systems as mathematical symbolism or flag signaling. This interpenetration is not only an intimate associative fact; it is also a contextual one. It is important to realize that language may not only refer to experience or even mold, interpret, and discover experience, but that it also substitutes for it in the sense that in those sequences of interpersonal behavior which form the greater part of our daily lives speech and action supplement each other and do each other's work in a web of unbroken pattern.

Retornando a seu texto de 1934 sobre o simbolismo, é interessante observar que parece ser o simbolismo o fato gerador dos padrões. Se analisarmos o pensamento de Sapir como um todo, veremos que o pensamento é requisito para a linguagem, e o simbolismo parece ser requisito para o desenvolvimento dos padrões, conforme a língua se torna cada vez mais autônoma:

Outra condição para o rico desenvolvimento do simbolismo referencial não deve ser esquecida - a complexidade aumentada e homogeneidade do material simbólico. Este é o caso surpreendente da língua, em que todos os sentidos são expressos em padrões formais, decorrentes de sequências aparentemente arbitrárias de sons unitários. Quando o material de um sistema simbólico se torna suficientemente variado, e ainda homogêneo em espécie, o simbolismo se torna mais e mais ricamente estampado, criativo e significativo em seus próprios termos, e os referentes tendem a ser fornecidos por um ato retrospectivo de racionalização. (Sapir 1934b [SW-ES]: 566)¹⁴⁸

O simbolismo é interessante por reconfigurar o modo como interagimos com o mundo real e social, através da cultura. Por exemplo, qual é a resposta para a pergunta “quem tem mais?”, se analisarmos: (i) uma pessoa com quatro moedas, de 25 centavos; e (ii) uma pessoa com três moedas, de 50 centavos. Embora a pessoa com quatro moedas possua mais em quantidade numérica, por conta do simbolismo inerente a seu valor, a pessoa com três moedas possui mais, em nosso universo sociocultural.

4.3. As relações entre Língua e Cultura

Nesta terceira parte, apresentaremos o conceito de cultura em Sapir, e algumas questões tangentes entre a relação ‘língua’ e ‘cultura’. Para a busca de sua definição sobre ‘cultura’, centramo-nos no trabalho *Culture, genuine and spurious* (Sapir 1949 [1924b]), no qual Sapir discute três conceituações do termo mais recorrentes em sua época, para então apresentar a sua própria definição. Sapir acredita que a cultura não é um fenômeno apenas social ou individual, uma vez que esta pode ser vista como o conjunto de práticas relacionadas aos interesses e desejos que tomam por ponto de partida o indivíduo enquanto agente no grupo social. Complementando a discussão,

¹⁴⁸ A further condition for the rich development of referential symbolism must not be overlooked – the increased complexity and homogeneity of symbolic material. This is strikingly the case in language, in which all meanings are consistently expressed by formal patterns arising out of the apparently arbitrary sequences of unitary sounds. When the material of a symbolic system becomes sufficiently varied and yet homogeneous in kind, the symbolism becomes more and more richly patterned, creative and meaningful in its own terms, and referents tend to be supplied by a retrospective act of rationalization

abrimos esta exposição com a mostra de uma definição de cultura extraída de seu livro *Language*, do capítulo X, capítulo este que versa sobre a questão da língua, da raça e da cultura, na qual Sapir apresenta uma definição mais consensual sobre o termo, visto como o todo que permeia a vida do indivíduo, por sua inserção em um meio social. Encerramos a discussão sobre o conceito de ‘cultura’ ainda isolado do conceito de ‘língua’

4.3.1. ‘Cultura’ (*Culture*)

O capítulo X do manual “*Language*” (Sapir 1921: 170-182) dedica-se à discussão sobre as relações entre língua, cultura e raça, que segundo o autor, eram as “*três rubricas*” sob as quais os antropólogos vinham estudando o ser humano naquele período (Sapir 1921: 171).

Sapir afirma que a “*língua não existe separada da cultura, isto é, do conjunto socialmente herdado de práticas que determina a textura de nossas vidas*”¹⁴⁹ (Sapir 1921: 170-171). Aqui, pode-se retomar a noção da língua como um fato cultural, pois a seu ver a língua é uma prática herdada socialmente inerente ao nosso cotidiano (Sapir 1921). A cultura é social, e antecedente ao indivíduo, ente este que a herda, ou seja, adquire-a junto aos demais membros de sua comunidade. Ela também é determinística, em alguma medida, pois nos fornece o conjunto de práticas que seguiremos ao longo de nossa vida: alimentação, vestuário, língua, religião, e outros tantos aspectos da vida humana, que são adquiridos socialmente. Por fim, a cultura é tudo aquilo que um ser humano faz e aprende a fazer.

O artigo *Culture, genuine and spurious* (Sapir 1924b) é bastante interessante para a reconstrução deste termo, pois foi um dos poucos trabalhos no qual Sapir voltou sua atenção exclusivamente para a conceituação do termo ‘cultura’. O objetivo do autor neste trabalho é apresentar ao público geral¹⁵⁰ uma concepção “verdadeiramente” [sua concepção, claro] antropológica de cultura, que fosse diferente das acepções mais

¹⁴⁹ Again, language does not exist apart from culture, that is, from the socially inherited assemblage of practices and beliefs that determines the texture of our lives.

¹⁵⁰ Embora o artigo completo tenha sido publicado no *Journal of Sociology*, em 1924, o texto deve ter sido escrito em 1918 (cf. Darnell & Irvine 1999: 43), visto que trechos foram anteriormente publicados na revista *The Dial*, em 1919, e em *The Dalhousie Review*, em 1922.

comuns do período, e que não diferenciassse o funcionamento das culturas primitivas daquele verificado nas chamadas sociedades complexas.

A seu ver, o estudo das sociedades primitivas serve não apenas para descrevê-las, como uma simples forma de erudição acadêmica, mas também para entendermos o funcionamento de nossa própria sociedade, já que o princípio de operação geral é o mesmo. Tal defesa nos recorda da utilização deste mesmo argumento, em outros momentos (cf. Sapir 1911, 1921, 1933a), visando a justificar o estudo da língua destes povos, que também nos auxiliaria na complexa tarefa de tentar entender o funcionamento de nossas próprias línguas.

O autor reconhece que em seu tempo há ao menos três concepções para cultura com a qual os antropólogos estão trabalhando. A primeira, muito similar à definição extraída de seu manual, é a de ‘cultura’ como sinônimo de ‘herança social’, ou seja, o conjunto que *“encompota qualquer elemento socialmente herdado na vida do homem, material e espiritual”*¹⁵¹ e que é *“coincidente com o próprio homem, até mesmo para a vida mais humilde e selvagem, em um universo social, caracterizado por uma complexa rede de hábitos tradicionalmente conservados, usos e atitudes”*¹⁵² (Sapir 1924b [SW-ES]: 309).

Esta definição de cultura já permite clarificar que não cabe ao antropólogo – nem ao leitor não-especializado – hierarquizar ou julgar as diferentes culturas, seja em relação ao seu grau de complexidade, seja em relação a seus elementos, pois a progressão histórica dos diversos agrupamentos humanos não é nem constituída de estágios, nem unilinear, como defendiam os evolucionistas (cf. Cap. 3), por exemplo. Cada agrupamento humano é o produto de uma trajetória histórica particular, apenas coocorrente às outras trajetórias, dos demais grupos. Esta ressalva se faz necessária, segundo Sapir, pois esta visão de cultura é mais bem expressa pelo termo ‘civilização’. E a despeito do grau de desenvolvimento tecnológico de um determinado grupo social, todos os agrupamentos humanos são civilizações, sob a ótica do antropólogo.

A segunda concepção do termo ‘cultura’ está ligada a seu étimo, advindo, deste modo, da ideia de cultivar: cultura é aquilo que foi cultivado. Esta visão é semelhante à da linguagem cotidiana, registrada também na língua portuguesa, como quando falamos em “cultura da cana-de-açúcar” ou “cultura do café”, no sentido de plantação. Sua

¹⁵¹ [...] embody any socially inherited element in the life of man, material and spiritual.

¹⁵² [...] coterminous with man himself, for even the lowliest savage life in a social world characterized by a complex network of traditionally conserved habits, usages, and attitudes

diferença, em relação ao uso de cultura enquanto civilização reside na inserção da ideia de sofisticação e refinamento na prática em questão, como quando dizemos que alguém é uma “pessoa culta”:

A segunda aplicação do termo [...] refere-se a um ideal bastante convencional de refinamento individual, construído sobre certa quantidade de conhecimento e experiência assimilados, mas formado principalmente por um conjunto de reações típicas que têm a aprovação de uma classe e de uma tradição de longa data.
(Sapir 1924b [SW-ES]: 309)¹⁵³

Esta forma de cultura é sempre idealizada, e está ligada a uma tradição, aqui vista como uma longa ligação com determinados traços do passado, considerados pela geração atual como nobres ou gloriosos, e assim venerados pelo presente. Além do mais, a sofisticação acaba elegendo somente algumas práticas específicas a serem refinadas, e não todas.

A terceira concepção de cultura com a qual os antropólogos trabalham é semelhante ao de ‘*Kultur*’ na tradição romântica alemã (Darnell & Irvine 1999: 43), pois está ligada ao ‘espírito’ (‘*spirit*’ em Sapir; ‘*Geist*’ naquela tradição) ou o ‘gênio’ (*genius*) de um povo. Sapir diz que esta terceira acepção compartilha semelhanças com os outros dois usos do termo cultura. Com o primeiro, compartilha a visão de cultura como um fenômeno mais pertencente ao domínio do grupo que do indivíduo. Já com o segundo uso, a semelhança se encontra na ênfase em salientar algumas práticas, dentre o conjunto de todas as práticas culturais existentes em um grupo humano.

Esta conceituação de cultura reside na questão da identificação de alguém como parte de um grupo social, ou seja, na diferenciação subjetiva que nos leva a crer sermos parte desta cultura, e não de outra, pela maneira como realizamos determinadas ações, e também no significado que estas práticas adquirem dentro deste contexto cultural específico, que costuma ser diferente quando em outro contexto:

Podemos talvez vir mais próximo da marca, dizendo que a concepção de cultura que estamos agora tentando entender pretende abarcar em uma única forma essas atitudes gerais, visões da vida e as manifestações específicas da civilização, que dão a um povo particular o seu lugar de destaque no mundo. A

¹⁵³ The second application of the term [...] refers to a rather conventional ideal of individual refinement, built up on a certain modicum of assimilated knowledge and experience but made up chiefly of a set of typical reactions that have the sanction of a class and of a tradition of long standing.

ênfase é colocada não tanto sobre o que é feito e acreditado por um povo, mas sim sobre como o que é feito e acreditado funciona, em toda a vida daquele povo, sobre qual significado isso tem para eles. (Sapir 1924b [SW-ES]: 311)¹⁵⁴

Para clarificar este conceito de cultura assentado na identificação subjetiva das práticas como diferenciadoras das culturas, Sapir analisa os franceses e os russos. A identificação é gerada pela motivação instaurada pelo modo como uma civilização específica vê a si própria, isto é, seu gênio, que leva a determinadas práticas com propósitos específicos, ou seja, a cultura, fazendo com que tais práticas adquiram significância determinada.

Assim, ao analisar a cultura francesa, Sapir salientará, dentre outros exemplos, o formalismo do gênero dramático clássico francês, a insistência da educação francesa no estudo de sua língua e sua literatura, e a tendência à burocracia em sua administração (Sapir 1924b [SW-ES]: 312-313)¹⁵⁵. Tais práticas são significativas por se relacionarem àquilo que se acredita caracterizar a sua própria cultura, o que é a si pertencente. No caso da França, nas palavras de Sapir, esta seria guiada pelo ideal de “*clareza, sistematização lúcida, equilíbrio, cuidado na escolha dos meios, e bom gosto*” (Sapir 1924b [SW-ES]: 312).

O ponto principal do artigo de Sapir, entretanto, não é discorrer sobre estas formas de culturas ilustradas acima. Seu objetivo é duplo, ao apresentar a ideia de ‘cultura genuína’ (*genuine culture*): defender que o desenvolvimento cultural independe da ideia de civilização, podendo ocorrer em qualquer grupo social, sem qualquer (cor)relação com possíveis estágios de desenvolvimento ou de complexidade social; e defender a ação do indivíduo no todo cultural, translocando-o da posição de simples paciente da cultura, para ser visto como um agente nela.

É espúria [falsa; *spurious*, no original] a ideia que apenas as grandes civilizações possuem cultura, assim como também, dentro destas “grandes civilizações”, apenas determinadas parcelas de sua população, como uma elite econômica ou intelectual, sejam as detentoras de formas culturais válidas, que mereçam tal designação. Como sintetizam Darnell & Irvine (1999: 44), a cultura genuína se relaciona a “*habilidade de*

¹⁵⁴ We may perhaps come nearest the mark by saying that the cultural conception we are now trying to grasp aims to embrace in a single form those general attitudes, views of life and specific manifestations of civilization that give a particular people its distinctive place in the world. Emphasis is put not so much on what is done and believed by a people as on how what is done and believed functions in the whole life of that people, on what significance it has for them.

¹⁵⁵ Seleccionamos aqui apenas alguns dos exemplos expostos por Sapir.

qualquer sistema cultural em satisfazer as necessidades intelectuais, emocionais e estéticas dos indivíduos vivendo sob seu domínio”.

O ponto de partida do autor é a visão de cultura como ‘molde’ [terceira definição de cultura] de uma civilização [primeira definição de cultura] atrelada à ideia de ‘forma ideal’ presente na concepção de refinamento cultural [segunda definição de cultura] objetivando enfatizar a igualdade das culturas diante da sua plenitude de satisfação dos propósitos individuais:

Uma cultura genuína não pode ser definida como a soma de extremidades abstratamente desejáveis, como um mecanismo. Deve ser encarada como um crescimento resistente da planta, na qual cada folha e galho remotos são organicamente sentidos pela seiva no núcleo. E este crescimento não é aqui entendido como uma metáfora para o grupo, unicamente, e se destina a aplicar também para o indivíduo. Uma cultura que não se constrói para fora dos interesses centrais e desejos dos seus portadores, que funciona a partir de fins gerais para o indivíduo, é uma cultura externa. A palavra “externa”, que tantas vezes, instintivamente escolhida para descrever uma cultura, é apropriada. A cultura genuína é interna, funcionando desde o indivíduo até as extremidades. (Sapir 1924b [SW-ES]: 316)¹⁵⁶

O funcionamento da cultura, portanto, é o mesmo se analisado do ponto de vista social ou individual, primeiramente porque esses seriam dois possíveis polos de um fenômeno que depende diretamente da sua coexistência para ocorrer: toda ação é realizada por indivíduos que pertence a um grupo, e se reconhecem enquanto tal. Não existe um sem o outro, no que se refira aos seres humanos:

Não há oposição real, em última análise, entre o conceito de uma cultura de grupo e o conceito de uma cultura individual. Os dois são interdependentes. Uma cultura nacional saudável nunca é uma herança passivamente aceita do passado, mas implica a participação criativa dos membros da comunidade;

¹⁵⁶ A genuine culture cannot be defined as a sum of abstractly desirable ends, as a mechanism. It must be looked upon as a sturdy plant growth, each remotest leaf and twig of which is organically felt by the sap at the core. And this growth is not here meant as a metaphor for the group only; it is meant to apply as well to the individual. A culture that does not build itself out of the central interests and desires of its bearers, that works from general ends to the individual, is an external culture. The word ‘external’, which is so often instinctively chosen to describe such a culture, is well chosen. The genuine culture is internal, it works from the individual to ends.

implica, em outras palavras, a presença do indivíduo aculturado.(Sapir 1924b [SW-ES]: 321)¹⁵⁷

O funcionamento da cultura também é o mesmo se analisado nas sociedades ditas complexas, e nas outras chamadas primitivas. O desenvolvimento da cultura, como já destacado, independe do desenvolvimento econômico e/ou tecnológico de um grupo social. Os produtos culturais diferentes são incomensuráveis entre si, por serem por um lado equivalentes funcionalmente quando comparados, e por outro, por adquirirem significação apenas em relação a todos os demais elementos que caracterizam o que se especifica por cultura.

Todas as culturas atingem seu propósito, que é a satisfação das necessidades intelectuais, emocionais e estéticas dos indivíduos. Nesta perspectiva, o avanço e o progresso são conceitos mais restritos a campos como a economia e a tecnologia, pois as culturas e as sociedades são sempre produtos de diferentes pontos de partida, diferentes trajetórias históricas, como já bastante mencionado:

Já vimos que não há correlação necessária entre o desenvolvimento da civilização e da veracidade genuinidade da cultura que constitui a sua essência espiritual. (Sapir 1924b [SW-ES]: 316)¹⁵⁸

[...] Ainda que saibamos que um milhão multiplicado por zero dá zero, tão eficazmente como um multiplicado por zero, a verdade é que a sofisticação, que é o que normalmente quer dizer com o progresso da civilização, é, no longo prazo, um conceito meramente quantitativo que define as condições externas para o crescimento e decadência da cultura. Estamos certos em ter fé no progresso da civilização. Estamos errados em supor que a manutenção ou mesmo o avanço da cultura seja uma função de tal progresso. Uma leitura dos fatos da etnologia e história cultural prova claramente que o máximo da cultura tem sido frequentemente atingido em níveis mais baixos de sofisticação; [...]. A civilização, como um todo, passa, a cultura vem e vai. (Sapir 1924b [SW-ES]: 317)¹⁵⁹

¹⁵⁷ There is no real opposition, at last analysis, between the concept of a culture of the group and the concept of an individual culture. The two are interdependent. A healthy national culture is never a passively accepted heritage from the past, but implies the creative participation of the members of the community; implies, in other words, the presence of cultured individual.

¹⁵⁸ We have already seen that there is no necessary correlation between the development of civilization and the relative genuineness of the culture which forms its spiritual essence.

¹⁵⁹ [...] Yet we know that one million multiplied by zero gives us zero quite as effectively as one multiplied by zero. The truth is that sophistication, which is what we ordinarily mean by the progress of civilization, is, in the long run, a merely quantitative concept that defines the external conditions for the

É nesse relativismo cultural que se insere o entendimento de uma cultura, e a possibilidade do analista reconstruir a concepção desta sobre a escravidão, por exemplo, independentemente do que se considere ético. Ou ainda, uma cultura que tenha a necessidade de erguer templos e adorar símbolos, e outra que não tenha, na exemplificação do autor. Portanto, é necessário ao analista levar todos estes fatores em consideração, para entender um sistema cultural. Também é necessário saber que a cultura do indivíduo e de uma sociedade é a mesma, assim como a cultura de uma sociedade complexa e a de uma sociedade primitiva, já que são todas diferentes manifestações de um mesmo fenômeno. O que desconsidere isto seria uma visão errônea sobre o fenômeno:

On the other hand, what may be by contrast called 'spurious' cultures are just as easily conceivable in conditions of general enlightenment as in those of relative ignorance and squalor. The genuine culture is not of necessity either high or low; it is merely inherently harmonious, balanced, self-satisfactory. It is the expression of a richly varied and yet somehow unified and consistent attitude toward life, an attitude which sees the significance of any element of civilization in its relation to all other. It is, ideally speaking, a culture in which nothing is spiritually meaningless, in which no important part of the general functioning brings with a sense of frustration, of misdirected or unsympathetic effort. (Sapir 1924b [SW-ES]: 314-315)

Toda esta reação tem causa certa: ignora-se a ação do indivíduo na cultura, destacando-a apenas no que se considera “grandes gênios” ou “grandes personalidades”. Esta genialidade atribuída a alguns é para o autor apenas só uma facilidade na demonstração do impacto da ação individual sobre o grupo, neste caso, pelo exagero daquele que reconta os fatos. Todo ser humano é dotado de cultura, independente se notoriamente reconhecido por isso ou não. Ideias semelhantes já apareciam em trabalhos anteriores, como neste de 1917, intitulado “*Do we need a superorganic*”:

Por isso é que a influência determinante de indivíduos é mais facilmente demonstrada nos níveis mais altos que os mais

growth and decay of culture. We are right to have faith in the progress of civilization. We are wrong to assume that the maintenance or even advance of culture is a function of such a progress. A reading of the facts of ethnology and culture history proves plainly that maxima of culture have frequently been reached in lower levels of sophistication; [...] Civilization, as a whole, moves on; culture comes and goes.

baixos da cultura. Basta a pessoa pensar seriamente sobre o que personalidades como Aristóteles, Jesus, Maomé, Shakespeare, Goethe, Beethoven significam na história da cultura para hesitar em se comprometer com uma interpretação completamente não-individualista da história. Eu não acredito por um momento que essas personalidades são apenas joguetes ou desvios culturais. [...] Se tal interpretação do significado do indivíduo introduz um elemento repugnante de “acidente” na história da cultura, tanto pior para os cientistas sociais, que temem o “acidente”. (Sapir 1917 [CW-ES-3]: 36)¹⁶⁰

Também se nota que mais uma vez Sapir não opta pela dicotomização do fenômeno, isto é, na existência da cultura apenas no grupo social, ou ora apenas no indivíduo. O limite entre as duas instâncias é muito tênue, sendo sua relação de troca contínua, pois sua existência é sempre conjunta, como ele mesmo destaca neste texto: *“Acho que é absolutamente inconcebível desenhar uma linha nítida e eternamente divisória entre eles. Claramente, então, reações “individuais” constantemente espalham-se nas reações “sociais”, dando-lhes cor. (Sapir 1917 [CW-ES-3]: 35)¹⁶¹*.

Este será o principal ponto de discordância entre Sapir, e seu colega Alfred Kroeber (cf. Kroeber 1917), sobre a proposição de um nível superorgânico, visando o entendimento do ser humano e da(s) cultura(s):

Eu não acredito que o Dr. Kroeber tenha justamente aproveitado a verdadeira natureza da oposição entre as ciências históricas e as não- históricas. A analogia é falsa, porque, enquanto o orgânico pode ser demonstrado objetivamente consistindo do inorgânico com um incremento de origem e natureza obscura, o social é apenas uma certa seleção filosoficamente arbitrária, mas humanamente imensamente significativa da massa total de fenômenos idealmente passíveis de resolução, em processos inorgânico, orgânicos e psíquicos. O social é apenas um nome para essas reações ou tipos de reação que dependem de uma técnica cumulativa de transferência, para a sua perpetuação, que a conhece como herança social. Esta técnica, no entanto, não depende, para o seu funcionamento, de qualquer “força” especificamente nova,

¹⁶⁰ Hence it is that the determining influence of individuals is more easily demonstrated in the higher than in the lower levels of culture. One has only to think seriously of such personalities as Aristotle, Jesus, Mahomet, Shakespeare, Goethe, Beethoven mean in the history of culture to hesitate to commit oneself to a completely non-individualistic interpretation of history. I do not believe for a moment that such personalities are merely the cat's-paws of general cultural drifts. [...]. If such an interpretation of the significance of the individual introduces a repugnant element of 'accident' into the history of culture, so much the worse for the social scientists who fear the 'accident'.

¹⁶¹ I find it utterly inconceivable to draw a sharp and eternally dividing line between them. Clearly then, 'individual' reactions constantly spill over into and lend color to 'social' reactions.”

mas, tanto quanto nós podemos dizer no momento, implica apenas uma intensificação dos fatores psíquicos. (Sapir 1917 [CW-ES-3]: 36)¹⁶²

Entender um fenômeno como psicológico ou cultural, é a seu ver, uma opção do analista, visto que todos os fenômenos sociais tem a mente como seu lócus, isto é, implicam o indivíduo. O autor também enfatiza que isto não implica uma psicologia social de todos os fenômenos, mas que apenas se deve ter esta ideia [que sempre há o indivíduo presente nas relações] em consideração, ao avaliar os fenômenos de natureza social. A construção e constituição de disciplinas como a Psicologia de um lado, e a Antropologia e a Sociologia de outro, não se faz devido à naturalidade da existência destes conceitos, mas por razões históricas, sendo estes, portanto, procedimentos teórico-analíticos, criados pelos seres humanos, para melhor tentar explicar a si mesmos: ora focando em uma dimensão, ora focando em outra. Mas ao final, sempre o que existe é o indivíduo inserido em seu grupo, em concomitância.

4.3.2. ‘Gênio’ (*Genius*)

Aproveitaremos este momento para melhor analisar o metatermo ‘gênio’, utilizado em alguns momentos no manual de 1921, e em outros trabalhos do autor. Sapir nos apresenta uma definição de ‘gênio’ (*genius*)¹⁶³ também em seu trabalho *Culture: Genuine and Spurious*, de 1924.

Deste modo, conceitua gênio como um “*o fundo psicológico, ou pseudo-psicológico de uma civilização nacional*” (Sapir 1924b [SW-ES]: 311)¹⁶⁴. O gênio é, portanto, uma visão de um povo sobre si mesmo. A cultura vai além do gênio, pois este último é apenas um ideal socialmente compartilhado; a cultura congrega as manifestações mais concretas às quais um grupo social acredita lhe serem peculiar, ou seja, particular de sua forma de vida. O perigo e o problema do conceito de ‘gênio’ é

¹⁶² I do not believe that Dr. Kroeber has rightly seized upon the true nature of the opposition between history and non-historical science. The analogy is a false one because, while the organic can be demonstrated to consist objectively of the inorganic plus an increment of obscure origin and nature, the social is merely a certain philosophically arbitrary but humanly immensely significant selection out of the total mass of phenomena ideally resolvable into inorganic, organic, and psychic process. The social is but a name for those reactions or types of reaction that depend for their perpetuation on a cumulative technique of transference, that knows as social inheritance. This technique, however, does not depend for its operation on any specifically new ‘force’, but, as far as we can tell at present, merely implies a heightening of psychic factors.

¹⁶³ E esta definição se aplica também às línguas, como procuraremos evidenciar adiante.

¹⁶⁴ psychological, or pseudo-psychological, background of a national civilization

sua ligação ao suposto conceito de raça, pois quando se fala em gênio, em sua época, costuma-se realizar, se assim pudermos chamar, a “biologização” do conceito, isto é, seu atrelamento ao conceito de raça [e a posterior defesa da superioridade racial].

Sapir chama atenção novamente ao fato de ‘raça’ ser um conceito mais cultural que biológico, atrelado a concepções idealizadas e não confirmadas sob a ótica da investigação biológica, pois são produtos do desencadeamento das ações humanas no eixo temporal, em sua história:

A suposição corrente de que o chamado “gênio” de um povo é, em última análise, redutível a certos traços hereditários inerentes de natureza biológica e psicológica, na maior parte, não resulta de um exame muito sério. Com frequência suficiente, o que se presume ser uma característica inata racial acaba por ser a resultante de causas puramente históricos. Um modo de pensamento, um tipo diferente de reação, é estabelecido no decurso do complexo desenvolvimento histórico complexo, como é típico, como é normal, servindo então como um modelo para o trabalho ao longo de novos elementos da civilização. De numerosos exemplos de tais modos distintos de pensamento ou tipos de reação um gênio básico é abstraído. (Sapir 1924b [SW-ES]: 311)¹⁶⁵

Devido a esta ligação com o conceito de raça, que se revela falacioso do ponto de vista biológico, embora presente no imaginário humano como um conceito verdadeiro, deste modo, Sapir opta pelo termo ‘cultura’, como definido anteriormente. O gênio seria mais um aspecto psicológico [ou psicossocial], da maneira como uma cultura pensa sobre si mesma. Esta leitura nos clarifica, portanto, trechos como “*para colocá-lo um pouco diferente, o significado cultural de qualquer elemento da civilização da França está na luz que lança sobre o gênio francês*” (Sapir 1924b [SW-ES]: 312)¹⁶⁶.

Ainda que ao refletir sobre a diferença entre estes dois termos, Sapir apresente as conclusões expostas acima, o termo ‘gênio’ é utilizado em alguns momentos em seu

¹⁶⁵ The current assumption that the so-called ‘genius’ of a people is ultimately reducible to certain inherent hereditary traits of a biological and psychological nature does not, for the most part, bear very serious examination. Frequently enough what is assumed to be an innate racial characteristic turns out to be the resultant of purely historical causes. A mode of thinking, a distinctive type of reaction, gets itself established in the course of a complex historical development, as typical, as normal; it serves then as a model for the working over of new elements of civilization. From numerous examples of such distinctive modes of thinking or types of reaction a basic genius is abstracted.

¹⁶⁶ to put it somewhat differently, the cultural significance of any element in the civilization of France is in the light it sheds on the French genius

manual *Language*, e seu uso parece um pouco distinto do averiguado neste seu texto sobre cultura, acima apresentado:

A palavra é apenas uma forma, uma entidade definitivamente moldada, que leva tanto ou tão pouco do material conceitual de todo o pensamento como o gênio da língua se preocupa em permitir. (Sapir 1921: 24 – grifos nossos)¹⁶⁷

Chefe delas é o acento. Em muitas línguas, talvez na maioria, uma única palavra é marcada por um acento unificador, uma ênfase em uma das sílabas, para as quais as restantes são subordinadas. A sílaba especial que está a ser tão distinta é dependente, desnecessário dizer, do gênio especial da língua. (Sapir 1921: 27 – grifos nossos)¹⁶⁸.

O latim e o eskimo, com suas formas altamente flexionadas, prestam-se a uma estrutura elaborada periódica que seria chata em inglês. O inglês permite, ou até mesmo demanda, uma frouxidão que seria insípida em chinês. E chinês, com as suas palavras não modificados e sequências rígidas, há um tamanho compacto de frase, um paralelismo conciso, e uma sugestividade silenciosa que seria muito azedo, e também matemático, para o gênio inglês. (Sapir 1921: 187 – grifos nossos)¹⁶⁹

Como se pode perceber, o uso no manual *Language* parece bastante diferente da definição apresentada na abertura desta seção. Seu uso, nos exemplos em língua assemelha-se muito ao de padrão, enquanto princípio de organização das relações estruturais de um sistema linguístico.

Nestes exemplos, é evidente que Sapir utiliza ‘gênio’ como fazia a tradição germânica romântica. Ambos os usos compartilham, deste modo, a propriedade de serem do domínio psicológico. Aparentam se diferir, no entanto, especificamente quanto à necessidade da presença de uma nação, em relação à língua, visto que qualquer língua apresenta ‘gênio’, mas nem todas as culturas possuem a ideia de nação, se

¹⁶⁷ The word is merely a form, a definitely molded entity that takes in as much or as little of the conceptual material of the whole thought as the genius of the language cares to allow.

¹⁶⁸ Chief of these is accent. In many, perhaps in most, languages the single word is marked by a unifying accent, an emphasis on one of the syllables, to which the rest are subordinated. The particular syllable that is to be so distinguished is dependent, needless to say, on the special genius of the language.

¹⁶⁹ Latin and Eskimo, with their highly inflected forms, lend themselves to an elaborately periodic structure that would be boring in English. English allows, even demands, a looseness that would be insipid in Chinese. And Chinese, with its unmodified words and rigid sequences, has a compactness of phrase, a terse parallelism, and a silent suggestiveness that would be too tart, too mathematical, for the English genius.

entendermos nação como um conceito presente apenas nas sociedades ditas complexas, por implicar um Estado. O uso de gênio aplicado à língua, assim sendo, parece semelhante ao conceito de ‘padrão’, termo que consideramos mais neutro. A ideia de nação pode ser resgatada abaixo, quando Sapir fala sobre as nacionalidades:

A “nacionalidade” é um grupo grande, sentimentalmente unificado. Os fatos históricos que levam à sensação de unidade nacional são vários – político, cultural, linguístico, geográfico, e às vezes especificamente religioso. Verdadeiros fatores raciais também pode entrar, embora o acento em ‘raça’ tenha geralmente um valor mais estritamente biológico que psicológico. (Sapir 1921: 176)¹⁷⁰

Um último uso mais específico, ainda presente no mesmo *Language*, relaciona ‘gênio’ à ‘temperamento’. Sapir define ‘temperamento’ (*temperament*) como um termo difícil de se utilizar, pois *“uma grande parte do que é vagamente acusado de ‘temperamento’ nacional realmente não é nada mais que o comportamento habitual, o efeito de ideais tradicionais de conduta”* (Sapir 1921: 179)¹⁷¹. Assim, leremos nesta mesma obra (Sapir 1921: 175) a seguinte passagem:

Nós não precisamos cogitar seriamente a ideia de que o inglês ou o grupo de línguas a qual pertença seja, em qualquer sentido inteligível, a expressão da raça, pois não estão embutidos nela qualidades que reflitam o temperamento ou “gênio” de uma determinada raça de seres humanos.¹⁷²

Este último uso, em conjunção com a definição de ‘temperamento’ apresentada acima, parece retornar ao primeiro uso do termo ‘gênio’, como um pano de fundo [pseudo]psicológico de uma civilização.

A questão que emerge com esta discussão é a refutação plena de correlações absolutas, ou determinísticas, entre a língua e a cultura:

¹⁷⁰ A ‘nationality’ is a major, sentimentally unified, group. The historical facts that lead to the feeling of national unity are various – political, cultural, linguistic, geographic, sometimes specifically religious. True racial factors also may enter in, though the accent on ‘race’ has generally a psychological rather than a strictly biological value.

¹⁷¹ a great deal of what is loosely charged to national ‘temperament’ is really nothing but customary behavior, the effect of traditional ideals of conduct

¹⁷² We need not seriously entertain the idea that English or the group of languages to which it belongs is in any intelligible sense the expression of race, that there are embedded in it qualities that reflect the temperament or ‘genius’ of a particular breed of human beings.

Particularmente em níveis mais primitivos, onde o secundário poder unificador do ideal nacional não surge para perturbar o fluxo do que poderíamos chamar de distribuições naturais, é fácil mostrar que a língua e a cultura não são intrinsecamente associadas. (Sapir 1921: 176)¹⁷³

4.3.3. Interface ‘Língua’ e ‘Cultura’

O posicionamento de Sapir sobre a relação ‘língua’ e ‘cultura’ parece ser flexível, a depender da questão que lhe é colocada (Darnell 1990a: 375). Mesmo assim, a leitura das próximas passagens nos levará a observar a independência da forma linguística em relação à cultura. Isto significa dizer que mesmo sendo a língua um produto da cultura, por conta de sua estrutura formal relativamente fechada, a língua ao longo da história se dissocia da cultura, não sendo possível defender uma relação intrínseca entre as duas, como uma espécie de correlação biunívoca, justamente por conta de sua estrutura altamente formalizada.

Em 1911, Sapir apresentou, em uma conferência realizada na Associação Antropológica Americana, o texto “Linguagem e Ambiente”, que viria a ser posteriormente publicado no periódico *American Anthropologist*, em 1912. Neste texto, o autor reflete sobre a possibilidade de influências do ambiente sobre a linguagem, e das tentativas, no contexto intelectual de sua época, em explicar todo traço cultural como decorrente da influência daquele fator.

O texto inicia refutando a possibilidade de explicação de todo traço cultural advindo da ação do ambiente físico sobre os seres humanos. É importante mais uma vez salientar, como fizemos ao longo do texto, que assim como os demais descritivistas norte-americanos, Sapir tem por objetivo central desenvolver um método que viabilizasse a descrição das línguas e das culturas indígenas, e também combatesse interpretações etnocêntricas, que afirmassem haver culturas ditas “primitivas”, e consequentemente inferiores à cultura do chamado “homem civilizado”. Sapir, embora não cite qualquer autor que adote tal visão, rejeita estas ideias, ao afirmar:

Propriamente falando, o ambiente pode atuar diretamente apenas em um indivíduo, e nos casos em que nós achamos que uma influência puramente ambiental é responsável por uma

¹⁷³ Particularly in more primitive levels, where the secondarily unifying power of the national ideal does not arise to disturb the flow of what we might call natural distributions, it is easy to show that language and culture are not intrinsically associated.

característica comum, esse traço comum deve ser interpretado como uma somatória de processos distintos de influências ambientais sobre os indivíduos. Tal, porém, não é, obviamente, a forma típica em que encontramos as forças do ambiente trabalhando em grupos humanos. (Sapir 1912: 226)¹⁷⁴

E prossegue, admitindo que parece haver nos grupos humanos, de fato, uma certa influência ambiental, ainda que de caráter mais simples, mas que no entanto, é sempre vinculadas aos interesses sociais: *“o ponto importante é que na sociedade real, mesmo a mais simples influência ambiental ou é suportada ou transformada pelas forças sociais”* (Sapir 1912: 226)¹⁷⁵.

Tal subordinação aos interesses sociais de um grupo ocorre uma vez que todas as atividades humanas estão inseridas e submetidas às forças sociais: nossos códigos de conduta, de vestimenta, e de alimentação, por exemplo, são sempre acordos tácitos anteriores ao indivíduo, e que quando alterados, o são concretizados sempre necessariamente na coletividade.

Deste modo, operam as criações lexicais e, também mais vagarosamente, as mudanças linguísticas, pois, caso criemos uma palavra, ou utilizemos determinada estruturação gramatical, é necessário que o outro aceite – tacitamente – e reconheça aquela forma de linguagem como válida, já que ao contrário seríamos tomados por demasiadamente excêntricos. O problema ao cientista é recuperar a maneira como estes acordos se deram, pois este momento também é anterior a nós, hoje. Igualmente, deve o cientista romper com seus juízos etnocêntricos, uma vez que seus valores são igualmente frutos de sua convencionalidade social. As variações culturais, nas diversas sociedades humanas, se devem a diferentes convenções, portanto, mais que a estrita influência do ambiente (Sapir 1912: 227-228).

As influências ambientais, subjugadas à primazia do interesse social, poderiam, em princípio, incidir na língua sobre o léxico (Sapir 1912: 228-231), a fonologia (Sapir 1912: 232-236), e a gramática ou aspectos morfossintáticos (Sapir 1912: 236-238). Ao refletir sobre a fonologia, o autor refuta a possibilidade de influência do ambiente neste nível, pois *“[o analista] sente-se inclinado a atribuir a falta de correlação entre o*

¹⁷⁴ Properly speaking, environment can act directly only on an individual, and in those cases where we find that a purely environmental influence is responsible for a communal trait, this common trait must be interpreted as a summation of distinct processes of environmental influences on individuals. Such, however, is obviously not the typical form in which we find the forces of environment at work on human groups.

¹⁷⁵ The important point remains that in actual society even the simplest environmental influence is either supported or transformed by social forces

sistema fonético e meio ambiente ao caráter relativamente accidental de um sistema fonético em si” (Sapir 1912: 236)¹⁷⁶. Igualmente arbitrária é a relação entre a gramática e o ambiente, por haver diferenças morfológicas entre línguas vizinhas e/ou filiadas geneticamente, e estruturas semelhantes entre línguas distantes (Sapir 1912: 237).

Contudo, o léxico de uma língua é *“que mais claramente reflete o ambiente físico e social dos falantes”* (Sapir 1912: 228)¹⁷⁷. Não é possível haver uma palavra para “rei” em uma cultura que não tenha este modo de organização sociopolítica. Por outro lado, não se espera um conhecimento extensivo sobre plantas de alguém que viveu sua vida em um grande centro urbano, sem interesse nisso. Alguns inventários lexicais serão mais especializados que outros, sempre em determinados aspectos, de acordo com as necessidades de expressão daquela etnia.

Por estarmos inseridos em nosso ambiente sociocultural, não temos consciência desses fatos, e o senso comum pode ser levado a interpretar a cultura do outro como inferior, por desconhecer determinado conceito, esquecendo que aquele grupo talvez não tenha a necessidade de exprimi-lo. É tarefa do cientista observar estes fatos, trazendo à consciência os eventuais juízos que lhes são inconscientes, ao refletir sobre a sua cultura, e igualmente, sobre a do outro (Sapir 1912: 230).

Ao linguista cabe também perceber que algumas formas já se encontram tão modificadas pelo uso, que muitas vezes temos dificuldades em reconhecer sua origem. Poderíamos pensar que sincronicamente, *“professor”* é aquele que leciona a um grupo de estudantes. Por outro lado, diacronicamente, podemos pensar que aí existe uma composição morfológica da base *“professar”* e o sufixo *“-or”*, e concluir que *professor* é *aquele que professa algo*. Porém, nenhum falante do português hoje parece fazer tal

O estudo linguístico de determinadas formas, tais como os nomes de lugar, permite ao analista não apenas reconstruí-las, mas também até certo ponto resgatar determinados aspectos motivacionais ligadas a momentos culturais específicos daquele grupo, em princípio, ou seja, permitindo-nos captar determinadas dimensões da cultura daquela sociedade.

A tese central do autor, neste texto, é que *“embora as formas de linguagem não possam mudar tão rapidamente como as da cultura, é, sem dúvida, verdadeiro que um ritmo anormal da mudança cultural é acompanhado por um correspondente taxa*

¹⁷⁶ One feels inclined to attribute a lack of correlation between phonetic system and environment to the comparatively accidental character of a phonetic system in itself

¹⁷⁷ That most clearly reflects the physical and social environment of its speakers

acelerada de mudança de linguagem” (Sapir 1912: 241-242)¹⁷⁸. Por ser dinâmica, a língua encontra-se em um contínuo processo de mudança, a qual Sapir denomina “deriva” em outros textos (Sapir 1921, por exemplo). As formas linguísticas, a seu ver, não mudam tão rapidamente quanto à cultura, mas profundas mudanças culturais são assimiladas pela linguagem. Exemplificando seu raciocínio, podemos perceber que com a invenção de novas tecnologias, constantemente observarmos a incorporação de novos vocábulos no inventário lexical das línguas naturais, tal como o vocabulário geral da computação (computador, *internet*, *tablet*), recentemente incorporado em nossos idiomas.

Tem-se uma primeira justificativa sobre a dissociação de uma visão estrita que correlacione a língua e a cultura de modo imperativo: as formas linguísticas e culturais, no estado atual, não se desenvolvem paralelamente. Mudanças culturais podem ter impacto na língua, mas nem todas as mudanças linguísticas geram impacto na cultura. A apresentação de mais alguns trechos nos auxiliará um pouco mais neste problema.

Outra interessante análise sobre as relações entre língua e cultura se encontra no Capítulo IX, do manual *Language*, intitulado “*How languages influence each other*” (Sapir 1980 [1921]: 158-170)¹⁷⁹. Neste capítulo, Sapir aborda o problema das influências linguísticas devido ao contato entre povos, os empréstimos e mudanças resultantes deste processo, e a possível resistência dos sistemas linguísticos a determinadas mudanças, em síntese. Apresentaremos brevemente as ideias contidas neste escrito.

O texto inicia-se afirmando que seria difícil citar um exemplo de língua ou dialeto completamente isolado, reconhecendo que o contato entre línguas tem sido a regra, e não exceção. O autor relata também que frequentemente a influência é unilateral, defendendo a irradiação de traços culturais e linguísticos, como do chinês na Ásia. Sapir afirma que cinco línguas funcionaram preponderantemente como veículos de cultura, na história da humanidade: o chinês clássico, o sânscrito, o árabe, o grego e o latim. Deste modo, afirma ser o empréstimo o tipo mais simples de influência, sempre presente quando há trocas culturais.

¹⁷⁸ Though the forms of language may not change as rapidly as those of culture, it is doubtless true that an unusual rate of cultural change is accompanied by a corresponding accelerated rate of change in language

¹⁷⁹ Os trechos com indicação “Sapir 1980” são traduções de Mattoso Câmara Jr., tido como “pai” da Linguística brasileira, pelas gerações posteriores, foi o principal pesquisador brasileiro a se interessar pelos trabalhos de Sapir. Os trechos originais foram conferidos.

Inúmeros exemplos sobre influências do francês sobre o inglês são oferecidos, centrados basicamente na fonologia e na morfologia derivacional destas línguas. Sapir reconhece que a fonologia, o léxico e a morfologia derivacional podem ser emprestados, mas conclui que:

Daí, é-nos lícito tirar uma conclusão dentre muitas: a de que uma influência morfológica realmente séria talvez não seja impossível, mas que a sua ação é tão lenta que dificilmente tem oportunidade de registrar-se na porção relativamente pequena da história linguística franqueada ao nosso exame [...]. Às vezes pode-se admitir que a semelhança seja proveniente de mera convergência, que o traço morfológico semelhante se tenha desenvolvido independentemente em cada uma das línguas. Certas distribuições morfológicas, entretanto, são de caráter tão específico que não se prestam a essa solução cômoda. Deve haver no fundo um fator histórico qualquer. (Sapir 1980 [1921]: 160)

Sapir, assim como outros estruturalistas, enfatizou a diversidade e a autonomia dos sistemas linguísticos em relação aos outros demais sistemas, linguísticos ou não. Por essa razão, embora o autor reconheça que a fonética, o léxico e alguns aspectos da morfologia são mais passíveis de sofrerem influências que outros, como a gramática (morfossintaxe, no trecho acima, influência morfológica realmente séria e lenta), acaba por reafirmar que “a língua é provavelmente, de todos os fenômenos sociais, o mais senhor de si, o de mais maciça resistência.” (Sapir 1980 [1921]: 161). Ainda sim, para finalizarmos, afirma que:

A teoria do “empréstimo” parece de todo inadequada para explicar esses caracteres fundamentais de estrutura ocultos no próprio âmago do complexo linguístico [...]. É lícito ir mais longe e reconhecer que segundo todas as probabilidades, certas línguas adotaram novas feições estruturais em virtude da influência sugestiva de línguas vizinhas. O exame de tais casos, porém, quase sempre revela significativamente que se trata de adições superficiais ao núcleo morfológico da língua. (Sapir 1980 [1921]: 161).

Até aqui, tentamos desenvolver dois pontos: (I) se houver influências na língua causadas pela cultura, esta ocorre geralmente no léxico, devido ao interesse social do grupo em criar palavras para designar tais conceitos e; (II) o contato entre povos, com

culturas e línguas diferentes pode causar mudanças nas línguas, isto é, influências; neste caso, se observa mudanças de natureza cultural, mas muito provavelmente, as mudanças linguísticas sejam causadas por fatores de natureza interna, relacionado ao padrão de cada uma destas línguas. A relação entre língua e cultura neste caso não se dá em uma relação causal, mas se admite que mudanças culturais possam causar mudanças linguísticas, não em uma relação estritamente necessária e determinante.

O problema para Sapir é que estes fenômenos, quando melhor analisados, independem absolutamente da inserção de uma cultura diferente para se concretizarem, visto que também podem ocorrer em grupos cuja cultura seja a mesma, e podem não ocorrer em grupos cujas culturas sejam dessemelhantes, mas a língua a mesma. É absolutamente difícil estabelecer uma relação biunívoca entre língua e cultura como causa para explicação destes fenômenos, como este trecho do capítulo X, do manual *Language* (Sapir 1921) permite afirmar:

Que um grupo de línguas não precisam de modo algum corresponder a uma raça ou uma área de cultura pode ser facilmente demonstrado. Podemos até mostrar como em uma única língua há intercruzamentos com a raça e as linhas de cultura. O idioma inglês não é falado por uma raça unificada. Nos Estados Unidos, há vários milhões de negros que não sabem outra língua. É a sua língua materna, a vestimenta formal de seus mais secretos pensamentos e sentimentos. É tanto sua propriedade, tão inalienavelmente “deles”, quanto do rei da Inglaterra. (Sapir 1921: 172)¹⁸⁰

Se indagado diretamente sobre a influência da raça ou da cultura sobre a língua, como visto, Sapir rejeitaria uma defesa estrita deste tipo de influência, seja pela configuração formal (*patterning*) dos sistemas linguísticos, seja pelo processo de mudança linguística contínua [a deriva de Sapir] que independe de mudanças culturais, seja pelo fato de povos com culturas diferentes poderem falar uma mesma língua.

Diante de todos os pontos que procuramos analisar nas seções anteriores, faz necessário então, concluir, que se há uma hipótese do relativismo linguístico contida na obra de Edward Sapir, qual seria esta, então? Observemos as ocorrências ao termo ‘relativismo’ na próxima subseção.

¹⁸⁰ That a group of languages need not in the least correspond to a racial or a culture area is easily demonstrated. We may even show how a single language intercrosses with race and culture lines. The English language is not spoken by a unified race. In the United States there are several millions of negroes who know no other language. It is their mother-tongue, the formal vesture of their inmost thoughts and sentiments. It is as much their property, as inalienably “theirs”, as the King of England’s

4.4. ‘Relativismo’ (*Relativity*)

Finalizaremos esta exposição mencionando as ocorrências ao termo ‘relativismo’, levantadas nos trabalhos investigados. Deste modo, pretendemos verificar as menções textuais do termo em questão, que levam as gerações atuais a falar de um “Sapir precursor do relativismo linguístico”, ocorrências estas que nos permitirão, dentro de nossa hipótese de trabalho, situar os demais termos analisados neste capítulo, delineados na apresentação acima exposta.

Inicialmente, é pertinente retomarmos que tais ocorrências nos permitem observar especificamente a inter-relação entre a questão do relativismo, neste autor, e o contexto histórico da institucionalização da Linguística enquanto disciplina acadêmica, nos Estados Unidos, já que, intrinsecamente, os textos nos quais o termo relativismo é mencionado discorrem sobre a busca por uma Linguística autônoma, que justificasse não apenas o fomento à sua pesquisa, dedicada ao objeto de investigação ‘língua’, mas que se mostrasse original e necessária em relação aos demais campos do saber, como a Antropologia e/ou a Psicologia, e que ainda tivesse sob seu escopo o falar dos povos considerados primitivos naquele momento, não os ignorando enquanto objeto de investigação válidos.

A questão da igualdade dos povos não foi apenas uma bandeira do programa *boasiano*: a nosso ver, foi também uma das maneiras pela qual a Linguística pôde ganhar autonomia sobre a Filologia, sua rival acadêmica, na disputa pelo objeto de estudo ‘língua’, já que a última era então responsável pelo estudo das línguas naquele momento.

Como visto no capítulo anterior, é através da Filologia [Germânica] que Sapir adentra a reflexão sobre o modo como os homens de seu tempo concebem uma língua humana. O ponto é que a Filologia então se dedicava apenas às línguas de cultura, aquelas que possuíam ‘literatura’. Sob esta perspectiva, a literatura demandava textos escritos, o que não era a realidade da maior parte dos povos considerados primitivos naquele momento, cujas línguas eram ágrafas. Os *boasianos* observaram que embora ágrafas, os povos primitivos possuíam também narrativas, e que muitas vezes sabiam falar sobre sua história, mesmo quando esta se apresentava codificada sob a forma de mitos.

As menções ao termo ‘relativismo’ acontecem em três textos, dentro de nosso levantamento, cujas datas de publicação são bastante próximas (Sapir 1924, Sapir 1929 e Sapir 1931). Os dois primeiros abordam principalmente o problema da Linguística enquanto disciplina autônoma, o que já é notável em seus títulos:

- Sapir 1924: O gramático e a língua;
- Sapir 1929: O estatuto da Linguística como disciplina.

E assim, nos dois textos, verificamos Sapir discorrendo sobre o papel da Linguística dentro do quadro das ciências humanas, além de possíveis contribuições interdisciplinares, isto é, possíveis trocas entre a Linguística e estas outras ciências.

Optamos por apresentar os textos nos quais o termo ‘relativismo’ ocorre, separados dos demais termos neste capítulo analisados, por acreditamos que sua apresentação textual seja mais bem feita separadamente, uma vez que boa parte dos termos acima expostos se encontra agrupada, coocorrendo, ao longo das citações. Com a apresentação que se segue, cremos que ficará mais justificada ao leitor nossa opção analítica, em rastrear os demais termos apresentados nas outras subseções, uma vez que o conteúdo destes três textos permite-nos delinear a problematização dos conceitos mencionados.

4.4.1. Sapir 1929: “*The status of Linguistics as a Science*”

O texto “*The status of Linguistics as a Science*” é o mais famoso trabalho de Sapir, ou ao menos o mais citado contemporaneamente, ao lado de seu manual “*Language*” (Sapir 1921). O retorno a este trabalho certamente se deve ao fato de ser nele que se encontra a mais reproduzida contribuição de Sapir para uma suposta hipótese Sapir-Whorf, isto é, o trecho no qual se encontraria formulada a alegada ‘hipótese do relativismo linguístico’, como discutido pelas gerações posteriores.

Este trabalho, cujo título em português é “A posição da Linguística como ciência”, foi proferido em uma reunião conjunta da Sociedade Linguística da América (LSA), da Associação Antropológica Americana, e das seções H e L da Associação Americana pelo Progresso da Ciência, em 28 de dezembro de 1928, e publicado posteriormente no periódico *Language*, da LSA, em 1929. Na ocasião, Sapir discursava não apenas para linguistas, mas para sociólogos e antropólogos também – e

possivelmente, alguns psicólogos. Isto nos permite retomar que o texto não era dirigido apenas a linguistas, mas também aos demais pesquisadores das ciências sociais. Além disto, o texto também parece ser um balanço da “recém-autônoma” disciplina, fornecendo um breve panorama sobre os trabalhos realizados na década de 1920.

O objetivo da comunicação, que pode ser confirmado também no resumo ou síntese do artigo (Sapir 1929: 207¹⁸¹) é firmar a posição [privilegiada, segundo Sapir] da Linguística no estudo científico das sociedades humanas, no quadro das ciências sociais, além da reafirmação de seu estatuto científico:

É o objetivo principal deste trabalho, no entanto, não insistir no que a Linguística já realizou, mas sim de apontar algumas das conexões entre a Linguística e outras disciplinas científicas, e acima de tudo, para levantar a questão sobre em qual sentido a Linguística pode ser chamada de “ciência”. (Sapir 1929: 208-209)¹⁸²

Como visto antes, no capítulo anterior, alega-se que o trecho, abaixo reproduzido, tenha sido utilizado por Whorf, como epígrafe ao seu texto (Whorf 1941). Como demonstrado anteriormente, entretanto, na realidade, este trecho era a epígrafe da seção na qual o trabalho de Whorf estava inserido (cf. Cap. 3), em conjunto com todos os demais trabalhos. E assim sendo, se o trecho é válido para o texto de Whorf, também o é para todos os demais textos ali apresentados, por conseguinte:

A língua é um guia para a “realidade social”. Embora a língua não seja normalmente considerada como de interesse essencial para os estudantes de ciências sociais, ela condiciona poderosamente todo o nosso pensamento sobre os problemas e processos sociais. Os seres humanos não vivem no mundo objetivo por si só, nem apenas no mundo da atividade social, como comumente entendido, mas estão muito à mercê da língua particular que se tornou o meio de expressão para sua sociedade. É bem uma ilusão imaginar que alguém ajuste à realidade essencialmente sem o uso da língua e que a língua seja apenas um meio incidental de resolver problemas específicos de comunicação ou reflexão. O fato da questão é que

¹⁸¹ Embora este trabalho esteja contido na seleção de Mandelbaum (Sapir 1929 [SW-ES]: 160-166), optamos por utilizar a versão original, extraída do periódico “Language”, uma vez que estas duas versões apresentam uma pequena diferença, sendo que na coletânea, o resumo aqui exposto foi suprimido. Desta maneira, a referência às páginas seguirá a numeração contida naquela edição da “Language”.

¹⁸² It is the main purpose of this paper, however, not to insist on what linguistics has already accomplished, but rather to point out some of the connections between linguistics and other scientific disciplines, and above all to raise the question in what sense linguistics can be called a ‘science’

o “mundo real” é, em grande medida, inconscientemente construído sobre os hábitos linguísticos do grupo. Não há duas línguas que sejam sempre suficientemente semelhantes para serem consideradas como representando a mesma realidade social. Os mundos em que diferentes sociedades vivem são mundos distintos, não apenas o mundo mesmo com rótulos diferentes anexados.

A compreensão de um simples poema, por exemplo, envolve não apenas a compreensão das simples palavras em sua significância média, mas uma compreensão plena de toda a vida da comunidade, uma vez que isto está espelhado nas palavras, ou como é sugerido por suas conotações. Mesmo relativamente simples atos de percepção estão muito mais à mercê dos padrões sociais chamados palavras do que poderíamos supor. Se alguém desenha algumas dúzias de linhas, por exemplo, de diferentes formas, percebê-las divisíveis em categorias como ‘reta’, ‘torto’, ‘curva’, ‘zigzag’ é devida ao fato da sugestividade classificatória dos próprios termos linguísticos. Vemos, ouvimos e experimentamos de outra forma, em grande parte como o fazemos, porque os hábitos de linguagem da nossa comunidade predispõem certas escolhas de interpretação. (Sapir 1929: 209-210, grifos nossos)¹⁸³

Como defendido anteriormente, a despeito do conteúdo desta longa citação, a nosso ver, se há uma hipótese Sapir-Whorf, apenas pela interpolação deste trecho ao trabalho de Whorf, deveria haver também tantas hipóteses “Sapir-demais-autores-com-trabalho” na seção do livro em questão. Além disso, os trechos sublinhados são quase sempre suprimidos, exatamente como foram apresentados pela primeira vez em Spier et al. (1941).

¹⁸³ *Language is a guide to 'social reality'. Though language is not ordinarily thought of as of essential interest to the students of social science, it powerfully conditions all our thinking about social problems and processes. Human beings do not live in the objective world alone, nor alone in the world of social activity as ordinarily understood, but are very much at the mercy of the particular language which has become the medium of expression for their society. It is quite an illusion to imagine that one adjusts to reality essentially without the use of language and that language is merely an incidental means of solving specific problems of communication or reflection. The fact of the matter is that the 'real world' is to a large extent unconsciously built up on the language habits of the group. No two languages are ever sufficiently similar to be considered as representing the same social reality. The worlds in which different societies live are distinct worlds, not merely the same world with different labels attached. The understanding of a simple poem, for instance, involves not merely an understanding of the single words in their average significance, but a full comprehension of the whole life of the community as it is mirrored in the words, or as it is suggested by their overtones. Even comparatively simple acts of perception are very much more at the mercy of the social patterns called words than we might suppose. If one draws some dozen lines, for instance, of different shapes, one perceives them as divisible into such categories as 'straight', 'crooked', 'curved', 'zigzag' because of the classificatory suggestiveness of the linguistic terms themselves. We see and hear and otherwise experience very largely as we do because the language habits of our community predispose certain choices of interpretation*

Alinhamos nossa leitura a Leavitt (2006: 63), defendendo que tais supressões dão ao trecho um caráter “determinista”. Uma leitura aqui mais atenta, e completa, revela-nos que Sapir, neste escrito, considera a língua como parte de uma realidade social, assim como o pensamento também é, e que devem, portanto, ser estudados [língua e pensamento] em sua totalidade, sempre inseridos neste contexto [realidade social].

Não há no trecho citado qualquer alusão à impossibilidade da tradução dada à incomensurabilidade dos sistemas linguísticos, nem que os seres humanos interpretam literalmente a suposta realidade objetiva diferentemente, a ponto de verem biologicamente um mesmo referente de modo distinto, por não falarem a mesma língua. O ponto parece ser que para expressar esta realidade objetiva, a expressão é que não é tão objetiva assim, pois quando necessitam, o fazem por meio das categorias de sua língua. O ser humano vive inserido em uma realidade social acima da realidade objetiva, e esta realidade social lhe é dada linguisticamente.

O que Sapir está a defender é novamente a agenda *boasiana* que diferencia a percepção da apercepção¹⁸⁴ (Sahlins 2003 [1976]: 74). A ideia, neste ponto, é que embora sejamos seres dotados de percepção, esta sempre é submissa a nossa cultura, o que nos gera a apercepção. Deste modo, a suposta realidade objetiva seria um ideal, pois o que os seres humanos vivenciam é sempre uma realidade social, mediada pela cultura (cf. Sapir 1933a; Sapir 1934d), uma vez que as pessoas, em seu dia-a-dia, não diferenciam estas duas concepções possíveis sobre a realidade: a suposta realidade objetiva é sempre a realidade social, em nossa experiência.

A maior parte das análises também costuma suprimir os dados contextuais deste trabalho, pensando aqui em seu contexto interno, ou seja, o texto do qual foi extraído, e seu contexto externo, refletindo sobre o clima de opinião [conjuntura intelectual] no qual foi produzido e a quem estas palavras se destinavam originalmente.

Para Sapir, a forma de acesso à cultura e à realidade social de um agrupamento humano é primeiramente conduzida pelo estudo de sua língua. O autor não defende que o estudo da linguagem é a única maneira de acesso à cultura, mas relembra aos antropólogos (Sapir 1929: 209-210) e sociólogos (Sapir 1929: 210), que desprezam o estudo linguístico, que não lhes é possível investigar uma sociedade sem entender como ela se comunica e como ela constrói sua realidade sociocultural.

¹⁸⁴ Agradecemos a Prof.^a Dr.^a Margarida Maria Moura, do Departamento de Antropologia desta faculdade, por chamar nossa atenção para a relevância do conceito de apercepção no contexto do pensamento boasiano, e pelos esclarecimentos sobre a aplicação deste dentro dos trabalhos de Boas. Já a aplicação desta noção ao trabalho de Sapir é uma interpretação nossa.

Ao estabelecer as possíveis relações entre a Linguística e a Psicologia (Sapir 1929: 211-212), provavelmente devido à amplitude de seus interesses, os estudos linguísticos, para Sapir, não se limitam apenas às descrições de formas gramaticais, tendo também a Linguística por missão entender o ‘aspecto simbólico da linguagem’, já que é nesta dimensão que podemos correlacionar o indivíduo a seu grupo social, depreendendo inúmeros fatos sociais, tais como as crenças, os sistemas de valores e a ideologia, compartilhados por ele, com sua comunidade.

Seres humanos não falam apenas sons e sentenças, ou seja, formas isoladas, mas em sua interação comunicativa, produzem enunciados completos, e é nessa instância – a do ‘discurso’ (*speech*: fala ou discurso) – que vivem e se comunicam [mesmo que alguns enunciados possam ser apenas um único som ou uma única sentença]. Sapir propõe que a Linguística tem especial valor para os estudos da Psicologia Configuracional [‘*Gestalt*’], ao afirmar que a língua desenvolve seus padrões internos [ou sua configuração], isoladamente das demais formas de cultura:

Podemos suspeitar que a Linguística está destinada a ter um valor muito especial para a psicologia configurativa (‘Gestalt’), pois, de todas as formas de cultura, parece que a linguagem é aquela que desenvolve seus padrões fundamentais com desprendimento relativamente mais completo que outros tipos de padrão cultural. A Linguística pode, assim, aguardar se tornar uma espécie de guia para a compreensão da “geografia psicológica” da cultura, no geral. Na vida comum, os simbolismos básicos de comportamento são densamente cobertos por padrões multifuncionais de uma variedade desconcertante. É por todo ato isolado no comportamento humano ser o ponto de encontro de muitas configurações distintas que é tão difícil para a maioria de nós chegar à noção de forma contextual e não-contextual no comportamento. A Linguística parece ter um valor muito peculiar para os estudos configurativos pois a padronização da linguagem é em muito apreciável extensão auto-suficiente e não de forma significativa [está] à mercê de cruzamentos padrões de um tipo não-linguístico. (Sapir 1929: 212)¹⁸⁵

¹⁸⁵ We may suspect that linguistics is destined to have a very special value for configurative psychology (‘Gestalt psychology’), for, of all forms of culture, it seems that language is that one which develops its fundamental patterns with relatively the most complete detachment from other types of cultural patterning. Linguistics may thus hope to become something of a guide to the understanding of the ‘psychological geography’ of culture in the large. In ordinary life the basic symbolisms of behavior are densely overlaid by cross-functional patterns of a bewildering variety. It is because every isolated act in human behavior is the meeting point of many distinct configurations that it is so difficult for most of us to arrive at the notion of contextual and non-contextual form in behavior. Linguistics would seem to have a very peculiar value for configurative studies because the patterning of language is to a very appreciable extent self-contained and not significantly at the mercy of intercrossing patterns of a non-linguistic type.

O autor também estabelece relações entre a Linguística e a Filosofia (Sapir 1929: 212), afirmando que os filósofos não devem se enganar com suas categorias lógicas, estas centradas nas categorias linguísticas específicas de suas línguas; e também há relações entre a Linguística e as Ciências Naturais, destacando o estudo da fonética articulatória, e as relações com a Biologia, através da Fisiologia (Sapir 1929: 213).

É interessante perceber que se hoje, quando relacionamos a Linguística à Biologia, o fazemos por conta dos seres humanos serem, primordialmente, também seres vivos, e, portanto, uma espécie única, caracterizada devido à possibilidade de reprodução, através do compartilhamento e transmissão de nossos genes, Sapir, quando reflete sobre a dimensão biológica da linguagem, apenas considera o aspecto fisiológico da fonação, e conclui que a Linguística é uma ciência social, já que são a mente e a cultura universais humanos e estudados pelas chamadas ‘Ciências Sociais’ (Sapir 1929: 213-214), portanto, ultrapassando o escopo dos estudos fisiológicos e ou físicos, como já abordado anteriormente:

Por trás da aparente ilegalidade dos fenômenos sociais há uma regularidade de configuração e tendência que é tão real quanto a regularidade dos processos físicos em um mundo mecânico, embora seja uma regularidade de rigidez infinitamente menos aparente e de outro modo de apreensão, por nossa parte. A língua é principalmente um produto cultural ou social e deve ser entendida como tal. Sua regularidade e desenvolvimento formal residem em considerações de natureza biológica e psicológica, certamente. Mas essa regularidade e nossa subjacente inconsciência de suas formas típicas não fazem da Linguística um simples complemento à Biologia ou à Psicologia. Melhor do que qualquer outra ciência social, a Linguística demonstra, por seus dados e métodos, necessariamente mais facilmente definidos, que os dados e métodos de qualquer outro tipo de disciplina que lide com o comportamento socializado, são passíveis de um estudo verdadeiramente científico da sociedade que não remede os métodos nem tente adotar os conceitos não-revistas das ciências naturais.

(Sapir 1929: 213-214)¹⁸⁶

¹⁸⁶ Behind the apparent lawlessness of social phenomena there is a regularity of configuration and tendency which is just as real as the regularity of physical processes in a mechanical world, though it is a regularity of infinitely less apparent rigidity and of another mode of apprehension on our part. Language is primarily a cultural or social product and must be understood as such. Its regularity and formal development rest on considerations of a biological and psychological nature, to be sure. But this regularity and our underlying unconsciousness of its typical forms do not make of linguistics a mere adjunct to either biology or psychology. Better than any other social science, linguistics shows by its data and methods, necessarily more easily defined than the data and methods of any other type of discipline

A metáfora que o autor tem em mente parece novamente ser que diferentes pontos de configuração no padrão funcionam como diferentes coordenadas geométricas em um plano, levando o falante a perceber mais determinados aspectos da realidade que outros, ao utilizar as categorias de sua língua.

4.4.2. Sapir 1924: *The Grammarian and his Language*

Alguns anos antes de escrever a famosa “citação” do texto de 1929, Sapir publica em um periódico não especializado o artigo “*The Grammarian and his language*” (O Gramático e a sua língua), no ano de 1924, no que parece ser sua primeira filiação ao ‘relativismo’, ou ao menos a primeira mais saliente em seus textos, na percepção das gerações posteriores.

Sapir, neste texto cujo objetivo é também discutir a Linguística enquanto ciência e sua possível contribuição para as demais disciplinas, utiliza explicitamente o termo ‘relativismo’, centrando-se, essencialmente, na defesa da igualdade dos sistemas linguísticos, devido à sua plenitude formal, ou seja, a potencialidade de expressão de qualquer conteúdo em todos [ou quaisquer] sistemas linguísticos existentes, que possibilita a qualquer falante abordar todo conteúdo que deseje, qualquer seja o sistema linguístico utilizado.

Para abordar a questão do ‘relativismo’, nas considerações finais, Sapir retoma, novamente, a importância de estudarmos as línguas consideradas “exóticas”. Para o não linguista, ingenuamente, o estudo de uma língua apenas se justifica na medida em que aquela língua possui uma utilidade, tais como bons textos escritos nela, sendo que o estudo de línguas “extravagantes”, aparentemente, só corroboraria para a confirmação da inferioridade destes povos, dado às estranhezas presentes em suas falas:

Há duas maneiras, ao que parece, para dar à Linguística sua dignidade necessária enquanto uma ciência. Ela pode ser tratada como história ou pode ser estudada descritivo e comparativamente como uma forma. Nenhum dos pontos de vista é um bom presságio para o despertar do interesse americano. A história tem sempre de ser outra coisa antes de ser levada a sério. Caso contrário, é história “simples”. Se pudéssemos mostrar que certas mudanças linguísticas gerais estão correlacionados com os estágios de evolução cultural,

dealing with socialized behavior, the possibility of a truly scientific study of society which does not ape the methods nor attempt to adopt unrevised the concepts of the natural sciences.

ficaríamos mais perto sensivelmente de garantir à Linguística uma audiência, mas as modificações lentas que comem na substância e na forma de expressão, e que, gradualmente, a remodelam inteiramente não parecem executar, em paralelo, qualquer esquema de evolução cultural já proposto.(Sapir 1924 [SW-ES]: 151)¹⁸⁷

O autor defende que as diferenças estruturais presentes nas mais diversas línguas, portanto, são resultados de mudanças em suas estruturas internas, sem qualquer necessária correlação com o progresso cultural daquele povo. Por estarem em um processo contínuo de mudança interna, ao qual Sapir denominou ‘deriva’ (‘*drift*’), as línguas são sempre estruturas dinâmicas, a seu ver (cf. Sapir 1921: 120-140). Sapir reconhece, igualmente, que o linguista não se interessa apenas pelas formas das línguas, mas também por suas funções (Sapir 1924 [SW-ES]: 152).

Os falantes podem expressar qualquer enunciado que desejem, e qualquer conteúdo pode ser traduzido em diferentes línguas, mesmo que seja necessário algum ajuste, como, por exemplo, a invenção de algum item lexical:

O fato notável sobre qualquer língua é sua completude formal [...]. Para colocar esta questão da completude formal da fala em palavras, um pouco diferentes, podemos dizer que a língua é construída de modo que não importa o que qualquer falante queira comunicar, não importa o quão original ou bizarra sua ideia ou sua fantasia sejam, a língua está preparada para fazer o seu trabalho [...] o mundo das formas linguísticas, realizada no âmbito de uma dada língua, é um sistema completo de referência quantitativa [...]. (Sapir 1924 [SW-ES]: 154)¹⁸⁸

Mas não é absurdo dizer que não há nada nas peculiaridades formais de hotentote ou de esquimó algo que obscureça a clareza ou oculte a profundidade do pensamento de Kant [...]. Se essas línguas não têm o vocabulário kantiano requisitado, não é das línguas a culpa, mas dos esquimós e os hotentotes eles próprios. As línguas, como tal, são

¹⁸⁷ There are two ways, it seems, to give linguistics its requisite dignity as a science. It may be treated as history or it may be studied descriptively and comparatively as a form. Neither point of view augurs well for the arousing of American interest. History has always to be something else before it is taken seriously. Otherwise it is “mere” history. If we could show that certain general linguistic changes are correlated with stages of cultural evolution, we would come appreciably nearer securing linguistics a hearing, but the slow modifications that eat into the substance and the form of speech and that gradually remold it entirely do not seem to run parallel to any scheme of cultural evolution yet proposed.

¹⁸⁸ The outstanding fact about any language is its formal completeness [...]. To put this matter of the formal completeness of speech in somewhat different words, we may say that language is so constructed that no matter what any speaker of it want to communicate, no matter how original or bizarre his idea or his fancy, the language is prepared to do his work [...] The world of linguistic forms, held within the framework of a given language, is a complete system of quantitative reference [...]

bastante hospitaleiras para a adição de uma carga filosófica em seu equipamento lexical.(Sapir 1924 [SW-ES]: 154)¹⁸⁹

Na passagem sobre Kant, Sapir parece ser irônico com aqueles que têm apreço ou apego à beleza e à profundidade das palavras e formas de uma língua específica. A lição que fica, é que a genialidade tal como exercidas na poesia ou na filosofia podem ser potencialmente exercitadas em qualquer língua [ao contrário do que muitos pensavam, ou ainda pensam], devido à plenitude formal de todos os sistemas linguísticos. Para tanto, basta os falantes terem interesse por isso.

As estruturas linguísticas são intuitivas, uma vez que sabemos falar, mas a maior parte das pessoas não tem consciência de como a linguagem se estrutura em sua fala, como falam. Quando falamos, nos atentamos ao conteúdo gerado pela forma, e a Linguística é a ciência que pode explicar [ou trazer a consciência] tal estruturação:

Toda língua, podemos concluir, possui uma orientação psicológica satisfatória formal completa, mas essa orientação só é sentida no inconsciente de seus falantes - não é, na verdade, isto é, conscientemente sabido por eles [...]. O tipo de processos mentais que agora estou me referindo, naturalmente, do tipo atraente e pouco compreendido, para o qual o nome “intuição” foi sugerido. (Sapir 1924 [SW-ES]: 155-156)¹⁹⁰

No entanto, aqueles que usualmente pensam sobre as formas linguísticas, estudando criticamente a linguagem, tal como os filósofos e os gramáticos [filólogos e/ou linguistas, em sua época também], devem tomar cuidado para não “caírem em sua própria armadilha”:

Para uma extensão muito maior do que o filósofo tem percebido, é provável que ele se torne o brinquedo de seu discurso de formas, o que equivale a dizer que o molde de seu pensamento, que é tipicamente um molde linguístico, está apto a ser projetado em sua concepção do mundo. Assim inocentes categorias linguísticas podem assumir a

¹⁸⁹ But it is not absurd to say that there is nothing in the formal peculiarities of Hottentot or of Eskimo which would obscure the clarity or hide the depth of Kant's thought [...]. If these languages have not the requisite Kantian vocabulary, it is not the languages that are to be blamed but the Eskimo and the Hottentots themselves. The languages as such are quite hospitable to the addition of a philosophical load to their lexical stock-in-trade.

¹⁹⁰ Every language, we may conclude, possesses a complete psychologically satisfying formal orientation, but this orientation is only felt in the unconscious of its speakers – is not actually, that is, consciously, known by them [...]. The kind of mental processes that I am now referring to are, of course, of that compelling and little understood sort for which the name “intuition” has been suggested.

aparência formidável de absolutos cósmicos. (Sapir 1924 [SW-ES]: 157)¹⁹¹

Neste ponto observamos como a língua pode aprisionar o falante: ela é uma fôrma (*'mould'*) para o pensamento, uma fôrma linguística. A ideia, que não é exclusiva de Sapir, é que uma vez que aprendemos a falar, sempre o faremos de acordo com as regras presentes em nossa língua, nos dada por nossa comunidade de fala, que pode ser muito diferente dos demais sistemas linguísticos, assim como nossa cultura. É necessário tomar cuidado com as implicações destas afirmações. Como sabido, Sapir [assim como Boas] refuta a correlação absoluta entre forma linguística e cultura. Sua hipótese parece mais ir ao ponto que uma vez inserido em nós um sistema linguístico, o padrão deste sistema é que dominará o modo como executaremos nossa comunicação pelo restante de nossas vidas. Esta ideia se desdobra abaixo.

Sapir prossegue o texto efetuando comparações entre categorias gramaticais em diferentes línguas (p. 157-158). Um exemplo seria a categoria artigo, obrigatória em línguas como o inglês, ou em português, na qual temos que falar “O rapaz chegou”, que por sua vez é diferente de “Um rapaz chegou”, mas em russo ou em latim simplesmente “Rapaz chegou”. Assim como refuta o etnocentrismo, Sapir adverte o gramático para que tome cuidado com as estruturas de sua língua, ressaltando que esta forma de relativismo é a mais facilmente ignorada:

Seria possível continuar indefinidamente com tais exemplos de análises incomensuráveis de experiência em diferentes línguas. O resultado de tudo isso seria fazer muito real para nós uma espécie de relativismo que é geralmente escondida de nós por nossa aceitação ingênua de hábitos fixos da fala como guias para uma compreensão objetiva da natureza da experiência. Este é o relativismo dos conceitos ou, como pode ser chamado, o relativismo da forma de pensamento. Não é tão difícil de entender como a relatividade física de Einstein nem é tão preocupante para o nosso senso de segurança como a relatividade psicológica de Jung, que está apenas começando a ser entendida, mas é talvez mais facilmente evadido do que estas. Para a sua compreensão os dados comparativos da linguística são condição sine qua non. É a valorização do relativismo da forma de pensamento que resulta do estudo de linguística, que é talvez a coisa mais liberalizante sobre isso. O

¹⁹¹ To a far greater extent than the philosopher has realized, he is likely to become the dupe of his speech-forms, which is equivalent to saying that the mould of his thought, which is typically a linguistic mould, is apt to be projected into his conception of the world. Thus innocent linguistic categories may take on the formidable appearance of cosmic absolutes.

que aprisiona a mente e entorpece o espírito é sempre a aceitação obstinada de absolutos. (Sapir 1924 [SW-ES]: 159)¹⁹²

Sapir fala de um ‘relativismo da forma do pensamento’. Não é um relativismo do pensamento apenas, mas um relativismo gerado pelas diferentes que podemos exprimir uma mesma experiência. A ênfase recai, portanto, no fato de nossas línguas codificarem, seja no léxico, seja em suas gramáticas, diferentes maneiras de denotar um mesmo item da experiência. Por esta razão, a menção ao termo ‘relativismo’ aparece justamente após a exposição de algumas diferenças estruturais entre sistemas linguísticos, como o exemplo dos artigos acima apresentado.

4.4.3. Sapir 1931: Conceptual Categories in Primitive Languages

Já no breve resumo intitulado “*Conceptual Categories in Primitive Languages*”, de 1931, observamos no título outra temática abordada, embora este pareça ser o relato disponível mais “forte” do autor sobre sua concepção de ‘relativismo’. Esta ilustração de um ‘Sapir relativista’ aqui se dá através de um curto resumo [apenas uma página], resultada da sinopse de uma palestra proferida pelo autor no encontro da “*National Academy of Sciences*”, em New Haven, ocorrida entre os dias 16 e 18 de novembro de 1931 (Sapir 1931 [CW-ES-1]: 475).

Neste trabalho, o autor afirma que a relação entre a linguagem e a experiência é geralmente mal interpretada, uma vez que a língua não é apenas “*um inventário mais ou menos sistemático dos vários itens de experiência*”^{193/194}, mas também um sistema simbólico contido em si mesmo:

¹⁹² It would be possible to go on indefinitely with such examples of incommensurable analyses of experience in different languages. The upshot of it all would be to make very real to us a kind of relativity that is generally hidden from us by our naïve acceptance of fixed habits of speech as guides to an objective understanding of the nature of experience. This is the relativity of concepts or, as it might be called, the relativity of the form of thought. It is not so difficult to grasp as the physical relativity of Einstein nor it is as disturbing to our sense of security as the psychological relativity of Jung, which is barely beginning to be understood, but it is perhaps more readily evaded than these. For its understanding the comparative data of linguistics are sine qua non. It is the appreciation of the relativity of the form of thought which results from linguistic study that is perhaps the most liberalizing thing about it. What fetters the mind and benumbs the spirit is ever the dogged acceptance of absolutes.

¹⁹³ Dada à concisão deste texto de Sapir, dispensaremos neste momento a indicação numérica de página da qual o trecho foi extraído.

¹⁹⁴ A more or less systematic inventory of the various items of experience

“[A língua é] *uma organização simbólica criativa e auto-suficiente, que não se refere apenas à experiência adquirida em grande parte sem a sua ajuda, mas realmente define experiência para nós em razão de sua completude formal e por causa de nossa projeção inconsciente de suas expectativas implícitas no campo da experiência.*” (Sapir 1931 [CW-ES-1]: 475)¹⁹⁵

Mesmo que um resumo apresente as ideias em um nível alto de concisão, o que leva o autor a exposições amplas, que podem aparentemente carecer de comprovação, Sapir acaba defendendo que as categorias codificadas nos sistemas linguísticos, resultadas da experiência, terminam se impondo em nossa vivência, devido ao “domínio tirânico que a forma linguística”, em sua completude, exerce sobre nós. Sapir afirma também que as realidades simbólicas presentes nas línguas são, de fato, incomensuráveis, e ressalta ainda que este fenômeno apenas se torna “*inteiramente claro quando se comparam línguas de estruturas extremamente diferentes, como no caso das nossas línguas indo-europeias, línguas indígenas norte-americanas e as línguas nativas da África*”¹⁹⁶.

Ao longo de sua obra é constante a defesa do estudo destas línguas (não Indo-europeias) e destes povos, principalmente, como uma maneira de enriquecermos o conhecimento sobre nós mesmos, pela aquisição de uma visão mais ampla e detalhada de um conjunto de respostas que utilizamos para tentar caracterizar o fenômeno humano, isto é, o que significa ser parte desta espécie. Entretanto, nos utilizando não de uma perspectiva biológica, a seu ver sempre ‘fisiologicista’ e/ou excessivamente ‘anatômica’, mas pela ótica da cultura, criação essencialmente humana. Ser ‘humano’ não significa apenas ter um coração pulsante em sua caixa torácica, ou um encéfalo altamente desenvolvido em sua caixa craniana, mas também fazer parte de uma comunidade e de uma trajetória histórica compartilhadas, que experiencializam não apenas os elementos existentes na natureza exterior, mas que pode interiorizá-los e ir além, até mesmo criando outros tantos elementos em seu universo imaginativo que não têm existência autônoma no mundo real.

Nesta esteira, o homem primitivo não é absolutamente primitivo, e tampouco semelhante ao homem civilizado apenas em seu aspecto biológico: também o é por

¹⁹⁵ [Language is] a self-contained, creative symbolic organization, which not only refers to experience largely acquired without its help but actually defines experience for us by reason of its formal completeness and because of our unconscious projection of its implicit expectations into the field of experience.

¹⁹⁶ [...] entirely clear when one compares languages of extremely different structures, as in the case of our Indo-European languages, native American Indian languages and native languages of Africa

possuir cultura. As diferenças entre os seres humanos se dão por suas trajetórias históricas particulares, que não podem e não devem ser comensuradas. A ideia, pois, é que não somos melhores, somos apenas diferentes. E caberia às ciências humanas explicar justamente nossas semelhanças através da análise deste conjunto de diferenças. Torna-se assim indesejada a ideia de uma ‘Sociologia’ que estuda o homem civilizado, e a ‘Antropologia’ que estuda o homem primitivo, ou ainda uma ‘Filologia’ que estude as línguas com tradição literária, e uma ‘Linguística’ que estuda as línguas ágrafas, como verificamos nos primórdios destas disciplinas.

CAPÍTULO V

CAPÍTULO V

Sapir, Relativismo e a Historiografia da Linguística

5.1. Considerações sobre o ‘Sapir Relativista’

Dentre todas as questões levantadas ao longo da exposição dos demais capítulos, desejamos neste momento sintetizar algumas das ideias lançadas, na tentativa de discutir o relativismo de Sapir. Abrimos esta discussão com [...]

O primeiro ponto é acreditarmos que o relativismo linguístico em Sapir de maneira alguma deve ser lido como a negação da existência de universais linguísticos, como a leitura de alguns manuais poderia nos levar a crer. A discussão contida em Sapir, a nosso ver, se dá no modo como os universais serão obtidos, isto é, qual será o ponto de partida para a investigação destes universais, e não a negação da sua existência. Preocupado em construir uma Linguística não apenas em bases genéticas, como fez o século XIX, sob o escopo da Filologia e da Gramática Comparada, as proposições de Sapir vão rumo à construção de uma Linguística tipológica, como também desejava seu mestre Franz Boas. E desta maneira, os autores defendiam que seria necessário primeiramente estudar as diferentes línguas do mundo, incluindo as ditas primitivas, para então se falar em propriedades universais mais amplas.

Além do mais, o relativismo também é, até certo ponto, uma advertência metodológica ao linguista, ou a qualquer pessoa que se aventure a estudar outra língua que não a sua própria. Boas (1911) criticou a anterior tradição gramatical descritivista advinda da Europa, afirmando que tais obras costumavam buscar as categorias gramaticais das línguas indo-europeias nas línguas ameríndias, e por essa razão advogava tão insistentemente que as gramáticas deveriam considerar apenas as categorias linguísticas existentes na língua descrita, sem qualquer pré-concepção acerca de categorias obrigatoriamente necessárias *a priori*. O pensamento de Sapir, neste ponto, vai nesta mesma direção.

Contextualmente, a temática do relativismo se insere principalmente na justificativa de uma Linguística autônoma, em relação a outras ciências, enquanto disciplina que possa formar pesquisadores sob seu domínio, que possa congrega estes pesquisadores em departamentos e associações específicas, que possua seus próprios meios de divulgação para suas pesquisas, como periódicos e encontros científicos, e

principalmente, que possa ser financiada, isto é, receber dinheiro para as pesquisas, em um período economicamente turbulento nos Estados Unidos. Lembremos que a geração de Sapir enfrentava tanto o contexto das I e II Guerras Mundiais, como da severa crise da bolsa de Nova Iorque, de 1929, o que certamente significava escassez de recursos. Então, se faz necessária a explicação do porquê desta nova ciência, e também a justificativa da importância em se estudar, e se investir dinheiro, deste modo, em povos que eram considerados inferiores naquele momento.

Não é apenas porque esta vertente da Linguística contemporânea nasceu na Antropologia que ela se interessava pelos povos ameríndios, mas principalmente porque esta era a grande bandeira, o grande engajamento, da ciência *boasiana*. Como visto, o particularismo histórico constituía o cerne epistemológico da Antropologia *boasiana*, é dizer, a defesa de que cada agrupamento humano percorre uma trajetória individual exclusiva [ou particular], que não deve ser sobreposta às demais sob uma perspectiva evolutiva, por sua incomensurabilidade em relação às demais trajetórias. Esta alegação se justificava pela razão que todos os povos conhecidos sempre são dotados de cultura, de língua e de arte, características essencialmente humanas, independente de seu grau de evolução material.

O mérito se dava não somente por ser justo com estes povos, menosprezados pelas sociedades industriais, e esta até poderia ser uma leitura destacada, se consideramos que, pessoalmente, Boas e Sapir, por serem de famílias judaicas, puderam vivenciar de alguma maneira a repugnância do racismo. O interesse destes agentes vai mais além: se as Ciências Humanas têm por objetivo a observação e análise do objeto “ser humano”, o alcance de suas explicações, a seu ver, seria imensamente reduzido se as generalizações estivessem centradas apenas nas sociedades ditas complexas. Estudar os povos primitivos era uma necessidade, deste modo, para o refinamento das explicações até então fornecidas sobre os fenômenos humanos. O estudo destes povos não visava entendê-los “aos outros” somente, mas também nos entender e explicar, pois as explicações sobre a cultura, a arte e a língua que a eles se aplicassem, a nós também se aplicam.

O movimento aqui é perceber que as diferentes culturas atribuem significação distinta aos diversos elementos de sua realidade social, por conta de suas trajetórias independentes, e dissociadas de qualquer correlação com seu desenvolvimento no eixo temporal. Assim, nota-se que significações semelhantes podem ocorrer em culturas distantes, e significações divergentes em culturas muito próximas e afins. Diante destes

diferentes universos construídos pela potencialidade humana, a ênfase da ciência *boasiana* recaiu sobre a diversidade dos elementos em detrimento de sua generalização. O ponto, novamente, é que recair significa enfatizar, e não necessariamente negar sua existência ou possibilidade. Principalmente Boas considerava ser esta uma etapa necessária e anterior à generalização. Analiticamente, [e neste ponto sim é possível tecer críticas metodológicas, caso se acredite necessário], o procedimento seria descrever as diferentes realidades, em um momento I, e partir para as generalizações posteriormente, no momento II.

O segundo ponto é observar que os três textos no qual a temática do relativismo se desenvolve explicitamente, ou seja, com a menção ao termo, eram dirigidos ao público geral: “O gramática e a língua” (Sapir 1924) é publicado em um periódico não especializado, de divulgação, a revista *The Dial*. Já “O estatuto da Linguística enquanto ciência” (Sapir 1929) e “Categorias gramaticais nas línguas primitivas” (Sapir 1931) são textos dirigidos a pesquisadores de áreas diferentes da Linguística, proferidos em encontros, em duas reuniões científicas. É este ponto que nos permite falar sobre um tom propagandista da temática.

Se o objetivo era mesmo propagar a Linguística, despertando o interesse do público, retomemos que até os dias atuais, o relativismo linguístico costuma ser mencionado justamente nos cursos de introdução à Linguística, ainda que não seja feita a menção a este rótulo. O exemplo clássico [e conhecidíssimo] seria o das várias palavras para neve na língua Inuit, popularmente chamada de esquimó. Curiosamente, este exemplo é bom e ruim para discutirmos o relativismo linguístico. Ruim porque é um mito, como afirmam Martin (1986) e Pullum (1991). Há tantas palavras para neve em inuit quanto em português ou em inglês. O erro do exemplo assenta-se justamente sobre o problema do conceito de palavra. E é então que o exemplo se torna interessante. Mas antes de detalharmos como o exemplo se torna bom, façamos uma breve observação. Afirmar que o exemplo é ruim, não significa negar que possa haver uma maior quantidade de itens lexicais em uma dada língua, por influência da cultura, como o exemplo da neve nos leva a afirmar. O problema é que particularmente este dado não pode ser utilizado para justificar a afirmação, por ser improcedente, ou seja, ainda que o fato [a existência de um número maior de itens lexicais em uma língua específica que em outras] seja verdadeiro, o exemplo das inúmeras palavras em inuit é falso, e há então que se trocar o dado. Mas o problema do conceito de palavra é bastante feliz para a ilustração do que consideramos o relativismo linguístico apontado por Sapir. Nosso

exemplo é extraído de Rosa (2006), ao discorrer sobre o problema da definição de ‘palavra’, em seu manual de introdução à morfologia:

“Até aqui usamos o termo palavra num sentido pré-teórico, isto é, sem defini-lo, enfim, sem enquadrá-lo no âmbito da teoria. Como palavra é um termo que existe no uso cotidiano da língua, pode parecer, a princípio, uma tarefa muito simples defini-lo. Não é bem assim. [...]. [...] A despeito do contínuo sonoro existente na oralidade, os falantes conseguem abstrair parte das características físicas de um enunciado e desenvolver, a partir da mais tenra infância, algum tipo de estratégia que lhes permite segmentar esse contínuo em unidades menores, com base no ritmo do input nativo, seja ele acentual, silábico ou moraico. Pesquisas com línguas diferentes têm demonstrado que há estratégias que não são universais, mas dependentes das características rítmicas específicas da primeira língua, ou da língua dominante no caso de bilíngues, para a apreensão dessa unidade a que estamos denominando intuitivamente palavra (Cutler, 1994).”
(Rosa 2006: 73)

O erro das inúmeras palavras sobre neve em inuit tem justamente haver com o choque entre o que é considerado uma palavra em inglês e uma nesta língua ameríndia: “[*Eskimo words*] are the products of an extremely synthetic morphology in which all word building is accomplished by multiple suffixation.” (Martin 1986: 419). Por conta do padrão linguístico desta língua, para mencionarmos um termo bastante utilizado por Sapir, temos que “*the structure of Eskimo grammar means that the number of "words" for snow is literally incalculable, a conclusion that is inescapable for any other root as well*” (Martin 1986: 419).

Mesmo línguas tipologicamente mais próximas, como o inglês e o francês, divergem em sua especificidade na configuração do que é concebido como palavra por seus falantes. Cutler (1994, apud Rosa 2006) argumenta em seu estudo que falantes do inglês fazem uso de um padrão acentual para o reconhecimento das palavras, enquanto o francês de um padrão silábico. Já uma língua mais distante, como o japonês, por exemplo, faz uso de um padrão moraico. Nota-se que cada língua então opta por uma estratégia diferente para a caracterização de um fenômeno funcionalmente semelhante. E muito possivelmente, se prosseguíssemos esta investigação, notaríamos que línguas

correlacionadas geneticamente talvez apresentem inúmeros contrastes, por um lado, enquanto línguas geneticamente afastadas podem apresentar inúmeros fenômenos semelhantes. Por isso a defesa de um estudo linguístico que transcenda a base genética, e adentre a investigação tipológica, necessariamente translinguística, por parte de Sapir [e de Boas também], além da adversidade da generalização apressada, em um primeiro momento.

Observemos mais três breves exemplos, extraídos de trabalhos de pesquisadores que se dedicam aos atuais estudos tipológicos.

Kilby (1981) discute a terminologia utilizada no estudo dos marcadores de caso, afirmando que o tratamento dado atualmente pelos diversos trabalhos não tem sido satisfatório, a seu ver, ao analisar diferentes línguas, independente da perspectiva teórica adotada pelo eventual autor, por sempre serem centrados em certos modelos de análise de viés tradicionalista. Seu objetivo, neste estudo, é mostrar que conceitos como ‘caso morfológico’ ou ‘adposição’ além de serem baseados em descrições gramaticais específicas, são fenômenos particulares de determinadas línguas conhecidas, e que caso desejemos construir uma teoria universal da linguagem, deveríamos lançar mão deste tipo de conceituação. O problema que Kilby aponta é analisarmos as diversas línguas humanas como apresentando ou não a marcação de uma determinada característica gramatical específica, para os diversos fenômenos linguísticos, já que muitas vezes esse mesmo fenômeno pode ser irrelevante dentro do sistema gramatical da língua em estudo.

Du Bois (1987) afirma que o conceito de ergatividade constitui um problema para a teoria linguística, já que os autores o definem em função do conceito de sujeito, como concebido nas línguas de alinhamento nominativo-acusativo e, conseqüentemente, a definição de ergatividade é sempre mais obtusa em relação a anterior, considerada mais natural ou prototípica.

Hengeveld & Mackenzie (2009) ao estudarem propostas tipológicas para a questão do alinhamento, entendido por eles como a “*designação do mapeamento de unidades pragmáticas e semânticas em unidades morfossintáticas*” (ibid.: 185), propõem que não se deve tomar por *universal* categorias localizadas no nível morfossintático, tais como sujeito e objeto, considerado que muitas vezes outras propriedades são mais salientes na organização gramatical de um determinado sistema linguístico específico, isto é, afirmando que não se deve privilegiar apenas a sintaxe de uma língua, mas também seus demais aspectos, presentes nos outros níveis de análise

linguística. Os autores reconhecem ainda que tais critérios classificatórios se caracterizam mais como tendências, pois é de fato inviável defender absolutos determinísticos na possibilidade de classificação pura das diversas línguas faladas ao redor do mundo.

Os três estudos acima mencionados compartilham o questionamento ao modo como se há tratado a questão dos universais linguísticos: as categorias consideradas universais, que vem utilizadas e pesquisadas por inúmeros linguistas, tomam sempre por ponto de partida as categorias presentes nas línguas indo-europeias.

Ora, estas alegações nos parecem bastante parecidas com as advertências de Sapir. Poderíamos falar então em uma ‘hipótese Sapir-Whorf-Kilby-Du Bois-Hengeveld-Mackenzie’, e quantos mais autores criticassem a maneira como algumas concepções em Linguística vêm sendo formuladas, chamando atenção ao fato que algumas línguas têm recebido tratamento privilegiado, já que aparentam ser as detentoras das categorias mais universais [ou atenuadamente, o ponto de partida para a elaboração destas categorias]? Ou poderíamos considerar estes autores todos também relativistas?

Vimos anteriormente que o interesse na relação entre linguagem e cultura não é exclusivo de Sapir e nem de Whorf, mas remete a uma tradição mais antiga até do que apresentamos aqui (cf. Gonçalves 2008), o que leva a alguns autores a falar em “hipótese Vico-Herder-Humboldt-Sapir-Whorf”, ou como outros sugerem, “hipótese Nietzsche-Korzybski-Sapir-Whorf” ou ainda em outra leitura “hipótese Humboldt-Steinthal-Boas-Sapir-Voegelin-Hymes-Darnell” (Koerner 1999).

Retomando uma proposição de Gonçalves (2008), que nos é válida para os exemplos citados, parece mesmo haver uma tensão, na história das ciências da linguagem, entre aqueles que desejam explicar as estruturas subjacentes comuns à linguagem humana enquanto capacidade exclusiva de nossa espécie, em uma orientação dita mais racionalista, e aqueles que vivenciam a descrição de línguas ágrafas, trabalhando com dados em uma perspectiva considerada por ele mais empirista.

Sobre a indagação se consideraríamos todos os autores cujos trabalhos foram acima mencionados todos relativistas, nossa resposta seria negativa, essencialmente por duas razões principais. A primeira, mais evidente, é que nenhum destes autores, até onde pudemos verificar, menciona o termo ‘relativismo’ – algo que Sapir faz. E para o segundo, fazemos menção a um importante trecho de Hymes & Fought (1981 [1975]):

We must, then, distinguish clearly between the existence and the centrality of an interest or line of work. Indeed, to set the terminus a quo of our subject in the early years of this century is implicitly to recognize centrality, not merely existence. There were synchronic grammars by linguists, and of American Indian languages in fact, before Boas (e.g. Gatschet's Klamath, Riggs' Dakota), but Boas made the analysis of grammar central to the tasks and theoretical interests of a fledging discipline. We may indeed, then, witness a terminus ad quem of 'American structuralism' in our lifetimes, in the sense of centrality.

(Hymes & Fought 1981 [1975]: 22)

Faz-se necessária então a distinção entre: (i) teorias que mencionam a existência de um determinado fato; e (ii) teorias centradas no determinado fato. Aqui, tomamos por fato a característica 'ser relativista'. Nenhum dos trabalhos expostos acima é considerado relativista por não estar centradas na temática do relativismo. E só poderíamos constatar que as teorias mencionam a existência do relativismo, se considerarmos 'relativismo' como sinônimo de 'ênfase na diversidade estrutural dos sistemas linguísticos'. E se, de fato, o relativismo for esta tal ênfase, então há muitos mais estudos linguísticos que podem ser inseridos, mesmo que periféricamente, no rótulo 'relativista'. Estamos longe de dar uma solução definitiva ao problema, e talvez nem seja nosso objetivo, mas abordamos esta tortuosa questão mais como um convite à reflexão conjunta.

E o que tudo isto tem a ver com Sapir?

Primeiramente, está explícito em Sapir que toda língua pode expressar qualquer conteúdo: o que as diferencia é a maneira como veiculam estes mesmos conteúdos, por conta das diferenças entre suas formas gramaticais. O alerta que o autor faz é àqueles que se prendem à análise das formas, para que não se deixem ser tomados em suas descrições/reflexões por suas próprias categorias gramaticais, como viemos insistindo. A língua é o meio pelo qual veiculamos e transmitimos nosso conhecimento, e de certa forma, cada língua imprime em nossa mente, durante nossa infância, a maneira como desempenharemos essa habilidade [de nos comunicarmos e de expressarmos pensamentos] pelo resto de nossas vidas. Por qual outra razão temos tanta dificuldade em aprender línguas muito diferentes, quando adultos?

A metodologia de descrição gramatical que Sapir propõe visa o reconhecimento destas diferenças, por serem os sistemas linguísticos autônomos entre si. Muitas descrições gramaticais até hoje não são feitas por falantes nativos da língua a ser delineada, devendo ter o descritor muito cuidado em suas proposições, para não forjar categorias de sua própria língua nos dados que coleta.

Sobre o problema da ‘visão de mundo’, presente nos trechos no qual há menção ao termo ‘relativismo’, notaremos que a suposta hipótese é mais um axioma ou uma premissa, no pensamento do autor, do que realmente uma hipótese de investigação. Até onde pudemos verificar, o termo relativismo é mencionado apenas três vezes pelo autor, uma amostra excessivamente pequena, quando contraposta à quantidade de trabalhos publicados por Sapir. Tem-se então que nem mesmo a teoria linguística de Sapir é centrada na temática do relativismo, portanto. Isto é, a questão do relativismo linguístico em Sapir aparece periféricamente, em alguns trechos esparsos, e se encontra diluída em um quadro metodológico específico, cuja depreensão de outros conceitos sempre é necessária:

Boas observed that grammatical meaning could only be understood in terms of the system of which it is part. Sapir also warned against the temptation to treat language as a set of labels on a pre-existing, noncultural (or “objective”) world. Such a move would inevitably lead to treating linguistic and cultural forms as reflexes of timeless, universal meanings, which could only prevent the ethnographer or linguist from understanding formal patterns in another culture or language. The famous passage from “The status of linguistics as a science” needs to be understood in this light

(Hill & Mannheim 1992: 386)

E temos novamente o problema do termo ‘visão de mundo’, devido a sua amplitude. O ponto de Sapir que parece efetuar leva em conta o fato do ser humano comum não dissociar a realidade objetiva de uma realidade subjetiva, como pretende a prática científica: *“Sapir’s phrase ‘real world’ is an ironic reminder that the naturalized world of our everyday experience is no more culturally unmediated than that of any other culture”* (Hill & Mannheim 1992: 386). Nesta defesa, é sempre pela cultura que acessamos a suposta realidade objetiva.

A língua, por ser tanto responsável pela comunicação, como pela exteriorização dos pensamentos, e também por como adentramos nossa comunidade sociocultural, parece ser o ponto de convergência entre a cultura e a personalidade. A veiculação de nossos pensamentos *via linguagem* é um comportamento que desencadeia outros comportamentos nos demais seres humanos com os quais alguém se comunica, permitindo a transmissão de conceitos resultados da experiência, e viabilizando respostas por parte do indivíduo ao meio em que vive, seja este de ordem sociocultural, seja este concebido exclusivamente enquanto o meio natural. A veiculação destes enunciados é feita por regras determinadas pela língua, em conjunto com um código de conduta estipulado pela sociedade em questão.

Sobre a centralidade das teorias, nosso posicionamento, portanto, é defender que o Sapir relativista seja lido não como um proponente de incomensurabilidades entre os sistemas linguísticos, que impossibilitam o exercício da tradução, e a comunicação entre membros de diferentes culturas, ou que dominam a percepção literal da realidade, mas como o grande tipologista que foi, e que advertia aos demais linguistas sobre as armadilhas que nossa própria língua pode nos impor, e também nossos demais hábitos culturais, por ser seu funcionamento inconsciente a nós, especialmente quando ao lidar com outras línguas e culturas.

A relação não é biunívoca, ou seja, para cada língua uma cultura, e vice-versa, mas sempre circunstanciada pela história do grupo em questão. Como afirma Sapir em seu manual *Language*, diferentes culturas podem possuir mesmas línguas, e mesmas culturas línguas diferentes. O que estas situações apresentam em comum é o fato da língua utilizada por aquele grupo social, de alguma forma, sempre ser o meio dominante pelo qual aquele conjunto de seres humanos veiculará seus pensamentos e compartilhará seu conhecimento mútuo, seja pelos padrões impostos ao falante, seja pelas construções simbólicas realizadas no interior de suas culturas.

Chega-se então a pergunta latente que, acreditamos nós, inclui as diferentes visões até aqui expostas. Sobre os diferentes padrões linguísticos, o que significa experienciar um determinado fato como x, na língua A, ou y, na língua B? Na exemplificação de Sapir (1924), qual é a implicatura em nossa mente ao falarmos “a pedra cai” [*the stone falls*], ou “ele pedra para baixo” [*it stones down*]. Sobre a dimensão simbólica construída por meio da linguagem, por exemplo, por que acreditamos, no Ocidente, que as noivas devem se vestir de branco, cor que simboliza a pureza neste sistema de representação, enquanto as noivas chinesas se vestem de

vermelho, cor naquela cultura associada à vida? O ponto de intersecção entre ambas as perguntas é sermos sempre o produto de uma cultura cuja trajetória histórica é exclusiva, como defendido por Boas, e seu particularismo histórico.

A língua é também um fato cultural, pois faz parte da totalidade de comportamentos executados pelos seres humanos. E enquanto fato cultural, a língua está sujeita à variabilidade intrínseca a este tipo de fenômeno. Embora haja algumas propriedades universais entre as línguas, na visão de Sapir, é necessário conhecer os diferentes sistemas linguísticos antes de procedermos às generalizações. Esta é a missão do linguista: desvelar os diferentes padrões linguísticos existentes, e posteriormente, analisá-lo translinguisticamente, com vistas a contribuir às demais ciências sociais, e ao entendimento geral do ser humano enquanto objeto de estudo.

Por ser um comportamento inconsciente, isto é, cujo funcionamento não é necessariamente monitorado pelo falante, para a viabilização de sua concretização, a língua aprisiona o falante: este sempre faz uso das categorias que lhe são dadas pelo padrão linguístico que lhe é fornecido, via de regra, pela comunidade social na qual se encontra inserido. O padrão é que regula a gramática, conjunto de regras inconscientes que visam à produção de enunciados aceitos pelo falante, viabilizando a comunicação entre os falantes.

E justamente por ser um comportamento inconsciente, é que o linguista deve ser bastante zeloso ao estudar outras línguas, pois sempre corre o risco de sobrepor suas próprias categorias linguísticas na outra língua, seja pela busca de itens lexicais cujo recorte é distinto na outra língua, seja pela utilização de estratégias gramaticais diferentes. Devido à existência destas inúmeras diferenças é que a existência de uma Linguística autônoma se faz necessária.

Autonomia não significa de modo algum isolamento, e na defesa de Sapir, a Linguística e as demais ciências humanas devem sempre estabelecer um processo de troca contínua, pois todas têm por último objetivo dissertar acerca da natureza humana, ao propor questões relacionadas aos fatos humanos

5.2. Vida Útil, Rótulos e Recepção de Teorias: a hipótese Sapir-Whorf

Nossa última consideração neste capítulo é aplicar o modelo teórico de Cram (2007) ao rótulo ‘hipótese Sapir-Whorf’. Enquanto termo, este é utilizado contemporaneamente, principalmente pelos manuais, como sinônimo de ‘hipótese do

relativismo linguístico’. Os autores destes trabalhos têm justificado o uso do rótulo por afirmarem ser Sapir e Whorf os maiores proponentes da tal hipótese, como visto no capítulo 1. Recordemos que a ideia subjacente é que as teorias apresentam datas de validade e vidas úteis, isto é, são reconhecidas por um período enquanto válidas ou não, podendo ser resgatadas a qualquer momento, como livros em uma prateleira.

Se retornarmos ao que aqui chamaremos de momento I, a criação do termo, observamos que Hoijer, em 1954, apresenta um trabalho, cujo objetivo é discutir as ideias de Whorf, com base no texto “*The relation of habitual thought and behavior to language*” (Whorf 1941). Hoijer intitulou sua apresentação “*Sapir-Whorf hypothesis*”. O trabalho em questão, como já dito, foi publicado em uma coletânea em homenagem a Sapir, então recém-falecido. Neste trabalho, utilizam epígrafes de textos de Sapir em cada seção. O que Hoijer faz é mencionar o trecho de Sapir na abertura de seu trabalho, e passa então a exposição e debate das ideias de Whorf. Neste primeiro momento, a inserção do nome de Sapir é uma homenagem a seu mestre [de Whorf e de Hoijer], como fonte inspiradora dos trabalhos. Isto significa que as ideias de Sapir, e as de Whorf também, ainda estão em alta, com uma data de validade boa para utilização.

Em um segundo momento, o que verificamos é a recepção das ideias relativistas, havendo um debate sobre a pertinência e/ou validade de tais proposições. Neste período de transição, a discussão é feita através do termo, tomando-se por válida a alegada contribuição de Sapir para a hipótese de Whorf. Já se começa a perder o contexto original de exposição dos trechos mencionados, e as discussões via releituras parecem se intensificar. A data de validade da teoria se aproxima, e outras teorias, com datas de validade melhor estão continuamente surgindo.

Em seguida, no terceiro momento, nota-se a cristalização do termo e os problemas de circularidade das informações. Já não há mais dúvidas entre os pesquisadores que busquem pela teoria, que Sapir e Whorf criaram a hipótese, foram seus maiores proponentes. As ideias de Sapir e de Whorf já são parte da história, e parece haver explicações mais satisfatórias sobre este mesmo fenômeno, cuja vida útil é aparentemente mais longa. A data de validade das ideias de Sapir e Whorf se encontra expiradas nesta etapa. E este é o momento dos manuais, que veiculam a leitura consagrada deste período, amalgamada aos problemas levantados pelos críticos. Por serem os manuais de História, em certa medida, textos de divulgação ou difusão das ideias de um momento, será esta leitura que entrará, na maior parte das vezes, na formação dos novos pesquisadores naquela disciplina.

O momento IV, no qual nos inserimos, é o momento de reavaliação do termo. As teorias concorrentes parecem não haver dado conta suficientemente da temática, e suas datas de validade parecem estar próximas. As ideias, anteriormente “expiradas”, continuam a intrigar outros pesquisadores. As atenções retornam aos trabalhos originais de Sapir e Whorf, e debate-se novamente a pertinência do rótulo ‘hipótese Sapir-Whorf’, visto que ao retornar a seus trabalhos, e contrapô-los aos textos posteriores, notam-se algumas incongruências. Decide-se então que as ideias ainda são válidas, e atuais, o que significa que suas datas de validade ainda não expiraram, apesar da impressão anterior. Com o resgate, automaticamente se atribui uma nova data de validade a estas teorias.

Sintetizamos esta exposição no quadro abaixo:

Momento I	Criação do rótulo	Homenagem a Sapir, via Whorf
Momento II	Discussão via rótulo	Avaliação sobre a contribuição de Sapir para a hipótese
Momento III	Cristalização do rótulo	Sapir e Whorf criaram a hipótese
Momento IV	Rediscussão do rótulo	Reavaliação sobre o papel de Sapir na hipótese

O funcionamento do rótulo ‘relativismo’ é bastante parecido. Como especificamente este termo foi utilizado por uma série de pesquisadores ao longo do século XX, criamos um momento a mais, desdobrado em duas partes, além dos quatro momentos expostos acima.

O que pudemos observar é que no primeiro momento, tem-se Sapir mencionando o termo ‘relativismo’, com todas as implicações expostas na seção anterior, em alguns de seus trabalhos de divulgação. Sapir escolhe ‘relativismo’ por se tratar de um termo axiologicamente positivo, utilizado por outros pesquisadores, como Einstein e Jung. O rótulo ‘relativismo’ parece “fresquinho”, “saído do forno”, isto é, sua data de validade parece longínqua.

O segundo momento é o da utilização do rótulo por Whorf, em seu texto. Neste caso, esta utilização já é uma aplicação do uso anteriormente dado por Sapir em seus trabalhos, o que de certa forma, não deixa de ser já uma discussão sobre as ideias de seu professor. A data de validade da ideia ainda é boa.

O terceiro momento é o da cristalização do rótulo ‘relativismo linguístico’, em concorrência [ou alternância] com o rótulo ‘hipótese Sapir-Whorf’. Neste caso, esta utilização já é uma aplicação do uso anteriormente dado por Sapir em seus trabalhos, o que de certa forma, não deixa de ser já uma discussão sobre as ideias de seu professor. A data de validade da ideia já não é tão boa assim, havendo teorias mais recentes, com datas de validade melhores.

O quarto momento é o da expiração da validade do rótulo, seja pela aplicação do termo relativismo em outros contextos que não apenas o da Linguística, seja por ressignificação, como sinônimo de “tudo é válido”. Se antes o termo parecia possuir um valor axiológico positivo, neste momento ele é predominantemente negativo. Notamos aqui dois processos coocorrentes: (i) novamente a aplicação do termo ‘relativismo’ em outros campos do saber; (ii) a recepção destes ‘relativismos’, e a depreciação do termo por parte dos críticos. Especificamente na Linguística, o relativismo neste momento parece mais um dado de uma teoria ultrapassada, que uma proposta séria a ser buscada.

O quinto momento é o da reatribuição de uma nova data de expiração para o rótulo, através do resgate das ideias dos autores em questão, exatamente como no momento IV do rótulo ‘hipótese Sapir-Whorf’, pelas mesmas razões.

Momento I	Utilização do rótulo	Sapir menciona ‘relativismo’
Momento II	Discussão via rótulo	Whorf discute o ‘relativismo’
Momento III	Cristalização do rótulo	Críticos [positivos/negativos] discutem o ‘relativismo Sapir-Whorf’
Momento IVa	Redefinição do rótulo	Discussão de outros ‘relativismos’ em um quadro mais amplo
Momento IVb	Depreciação do rótulo	Relativismo se torna sinônimo de ‘tudo é válido’ ou ‘teoria fantasiosa’
Momento V	Rediscussão do rótulo	Resgate dos trabalhos dos autores chamados relativistas

Se a análise aqui apresentada é procedente, e possível ser aplicada a outros casos, como acreditamos, retornamos ao problema do desenvolvimento e do progresso nas ciências da linguagem.

Teorias somem e são resgatadas, de tempos em tempos, por conta dos problemas que suas rivais não conseguem solucionar. É nesta disputa pelo objeto de investigação que teorias vão e vêm, são consideradas boas ou ruins, são aplicadas ou aposentadas.

O que a teoria de Cram juntamente com os rótulos analisados nos demonstra é que o processo de “expiração” de uma teoria não é estanque, estando esta ora em alta, e logo em seguida em baixa. O processo é gradativo, e diferentes leituras vão se inserindo e sendo agregadas às proposições originais, de modo que o presente seleciona alguns destes dados em seu processo de cristalização de uma ideia considerada passada. Diferentes leituras podem ser realizadas em um mesmo autor, a depender da vida útil de suas proposições. Esta vida útil não é atribuída ou causada pelo próprio autor, sendo um fator de natureza plenamente contextual, cujo alcance não é possível ao cientista.

Observando o funcionamento dos rótulos e da vida útil das teorias, qual tarefa é lícita ao historiógrafo da Linguística? Como Cram mesmo coloca, a tarefa essencial do pesquisador que se dedique a reconstruir um determinado período histórico, é vincular as leituras do presente e do passado, não de modo valorativo, visando causar deslumbramento ou decepção em relação a quem entre em contato com o estudo produzido pelo historiógrafo, mas em termos de entendimento, visando fazer com que o pesquisador não-historiógrafo entenda as ideias do passado em conjunção a como foram concebidas, desprovido de suas pré-concepções presentistas, isto é, seu horizonte de leitura atual.

Foi isto que tentamos fazer com a “hipótese Sapir-Whorf”. Tentamos demonstrar que embora muito se fale [ou se tenha falado, já que a teoria não tem sido mais tão discutida, atualmente] sobre o relativismo linguístico de Sapir, pouco tem sido trazido sobre ele. Lendo Sapir, verificaríamos que acusar o relativismo de errôneo, alegando que se verdadeiras estas ideias, o exercício da tradução seria impossível, é no mínimo desatento com o que Sapir passou defendendo, em inúmeros momentos de sua carreira. Como vimos, o ponto do nosso autor sempre foi dizer que a língua potencialmente pode exprimir qualquer fato que um ser humano deseje falar. Sua forma dá conta disto.

Entretanto, mais que apontar eventuais divergências, o nosso principal objetivo foi demonstrar que o uso do rótulo “hipótese Sapir-Whorf” é desorientador não por descrédito às ideias de Whorf, mas porque ele resulta não de uma análise sobre as continuidades e descontinuidades entre Sapir e Whorf, mas de uma série de fatos não-científicos, ou seja, mais contextuais, como o uso de Hoiijer da epígrafe do livro no qual Whorf publica o artigo sempre discutido, e que acaba sendo reproduzido por muitas e

muitas vezes, além de levar o leitor a crer que foi Whorf quem escolhera o trecho em questão. Tem-se, como inúmeras vezes, mais um caso no qual os fatos de ordem não teóricos acabam por dominar a discussão teórica.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Sapir como um Humanista

Dentre todas as maneiras possíveis de ler o autor Edward Sapir, e as que apresentamos ao longo destas páginas, há uma que desde os primeiros meses trabalhando nesta investigação sempre nos foi bastante convidativa. Regna Darnell, autora bastante citada ao longo desta dissertação, por ser biógrafa de Sapir, intitulou esta biografia, sobre o linguista norte-americano, de “Edward Sapir: linguista, antropólogo e humanista”. Naquele primeiro momento, não nos era muito clara esta opção de Darnell, quanto ao uso do termo “humanista”. Reavaliando estas impressões iniciais, agora na etapa de encerramento deste mestrado, observamos o quanto nos é excessivamente saliente, e apropriado, afirmar que Sapir é, acima de tudo, um humanista.

Sapir, em termos de titulação, foi filólogo e antropólogo. Formou-se em Filologia na graduação e mestrado, e doutorou-se em Antropologia, com uma tese que nada mais era que a descrição de uma língua indígena norte-americana, o que nos dias atuais, ao menos no contexto brasileiro, mas certamente também em muitos outros países, render-lhe-ia um título em Linguística. Seu filho J. David Sapir afirma que seu pai considerava-se linguista, e antropólogo apenas amador.

O fato é que mesmo sem titulações em Linguística, por haver vivido seus anos de formação antes do surgimento de programas de doutorado neste campo do saber, Sapir foi um linguista brilhante. Além de suas proposições serem bastante atuais, ainda que Sapir tenha falecido em 1939, e de Sapir haver abordado – mesmo que muito brevemente, diversas vezes – inúmeros dos temas sobre os quais as gerações posteriores de linguistas se debruçaram ao longo do século XX, Sapir pode como poucos oscilar entre a prática – descrevendo línguas estranhas a seu ouvido – e a teoria – refletindo acerca destes dados, na tentativa de conceituar o que uma língua humana vem a ser.

Enquanto cientista que batalhava por uma Linguística autônoma, e principalmente, científica, Sapir dedicou-se, em inúmeros textos, a apresentar o que a língua vem a ser, e por qual motivo se fazia interessante e necessário o estudo da Linguística. E demonstrou ao longo de suas análises, que o cientista deve desconfiar da suposta objetividade da realidade aparente, pois enquanto seres humanos, nossa realidade é sempre social.

Sapir também nos ensina que há duas maneiras de se fazer uma ciência social: i) uma mais descritiva, observando um comportamento humano característico de um determinado grupo social; ii) uma mais explicativa, que pondera e avalia os resultados coletados na descrição. Com base nas observações é que o analista pode proceder à busca por universais humanos. Antes desse passo necessário, a observação de cada caso único, corre risco de impor fatos não procedentes àquele conjunto específico, pois as relações humanas são permeadas pela História, e a História nunca é determinística.

Mas a maior lição de Sapir, no entanto, é utilizar a Linguística como subterfúgio para responder a pergunta “o que é ser humano?”. Além de um excelente linguista, Sapir também tinha sólidos conhecimentos em Antropologia e Psicologia, o que nos relembra que, se a geração de Sapir almejava a profissionalização, a nossa conta com uma profissionalização por vezes excessiva, que gera profissionais que não conseguem dialogar entre si, quando seus objetos são muitas vezes convergentes. E nestas lições, Sapir nos ensina que ser humano é ser capaz de dar significação às coisas do mundo, seja ao transformar barulhos em sons comunicáveis, materiais em instrumentos, e movimentos corporais em expressões. Mais do que sermos apenas os únicos animais a fazer uso de sistemas linguísticos, nós somos os únicos animais capazes de atribuir sentido às nossas vidas. Seres humanos são animais cheios de “significados”.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- AARSLEFF, H. 1982. *From Locke to Saussure: essays on the study of language and intellectual history*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- ALFORD, D. K. H. 1978. The Demise of the Whorf Hypothesis: A Major Revision in the History of Linguistics. *Proceedings of the 4th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 485-499. Berkeley, California.
- ALTMAN, C. 1998. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas.
- _____. 2001. *Historiografias Linguísticas: três questões em produção linguística brasileira. Tomo I: texto crítico*. Texto crítico apresentado para o concurso de Livre-Docência do Departamento de Linguística, FFLCH-USP.
- AMSTERDAMSKA, O. 1987. *Schools of thought: the development of Linguistics from Bopp to Saussure*. Dordrecht, Boston: D. Reichel.
- ANDERSON, S. R. 1985. *Phonology in the Twentieth Century*. Chicago: University of Chicago Press.
- ANDRESEN, J. T. 1990. *Linguistics in America 1769-1924. A Critical History*. Londres, New York: Routledge.
- APRESJAN, J. D. 1980. *Idéias e métodos da linguística estrutural contemporânea*. Trad. de Lucy Seki do orig. russo. São Paulo: Cultrix.
- ARAÚJO, I. L. 2004. *Do signo ao discurso: introdução à Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Parábola.
- ARENS, H. 1975. *La Linguística: sus textos e su evolución desde la antigüedad hasta nuestros días*. Trad. de J. M. Dáz-Regañón. Madrid: Gredos.
- AU, T. K. 1983. Chinese and English counterfactuals: the Sapir-Whorf hypothesis revisited. *Cognition*, 15, 155-187.
- AUROUX, S. (ed.) 1990. *Histoire des idées linguistiques. Tome I: La naissance des métalangages en Orient et Occident. Tome II: Le développement de la grammaire occidentale*. Brussels: Pierre Mardaga.
- _____. 2009. *Filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola.
- BAKER, M. C. 2001. *The Atoms of Language*. New York: Basic Books.
- BARRIO, A. B. E. 2007. *Manual de antropologia cultural*. Recife: Massangana.
- BATISTA, R. de O. *A recepção à gramática gerativa no Brasil (1967-1983): um estudo historiográfico*. Tese de doutoramento. DL/FFLCH/USP, 2007.
- BEAUGRANDE, R. 1991a. Complexity and Linguistics in the evolution of three paradigms. *Theoretical Linguistics* 17: 43-73.
- _____. 1991b. Edward Sapir. *Linguistic theory: the discourse of fundamental works*. London & New York: Longman.
- BENNARDO, G. 2002. Mental Images of the Familiar: Cultural Strategies of Spatial Representation in Tonga. In: *Representing Space in Oceania: Culture in Language and Mind*. Ed. G. Bennardo. Canberra: Pacific Linguistics, The Australian National University.
- BENVENISTE, E. 2005. *Problemas de linguística geral I*. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 5ª ed.
- _____. 2006. *Problemas de linguística geral II*. Trad. de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 2ª ed.

- BERLIN, B.; KAY, P. 1969. *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*. Berkeley: University of California Press.
- BERTHELOT, J.M. 2005. *Sociologia, História e Epistemologia*. Ijuí: Editora Unijuí.
- BERTHOFF, A. E. 1988. Sapir and the two tasks of language. *Semiotica*, 71, 1-47.
- BLACK, M. 1969. Some Troubles with Whorfianism. *Language and Philosophy: a Symposium*. Ed. de Sidney Hook, 30-35. New York: New York University Press.
- BLOOM, A. H. 1981. *The Linguistic Shaping of Thought: a Study on the Impact of Language on Thinking in China and in the West*. Hillsdale, N.J.: Laurence Erlbaum.
- _____. 1984. Caution – the words you use may affect what you say: a response to Au. *Cognition*, 17, 275-287.
- BLOOMFIELD, L. 1922. Review of Sapir (1921). *Classical weekly* 15: 142-143.
- _____. *Language*. New York: Henry Holt & Co.
- BOAS, F. 1894. "Classification of the Languages of the North Pacific Coast". *Memoirs of the International Congress of Anthropology*, 339-346. Chicago: Schulte. (Repr. in Boas 1974. 159-166).
- _____. The Limitations of the Comparative Method of Anthropology. *Science*, 4, 901-908.
- _____. 1889. On Alternating Sounds. *American Anthropologist* 2 (o.s.): 47-53.
- _____. 1904. "The History of Anthropology". *Science* 20. 513-524.
- _____. 1906. "Some Philosophical Aspects of Anthropological Research". *Science* 23. 641-645.
- _____. 1910. "Psychological Problems in Anthropology". *Journal of Psychology* 21. 371-384.
- _____. 1911a. "Introduction". *Handbook of American Indian Languages*, Part I (= Bureau of American Ethnology, *Bulletin* 40), 1-83. Washington, D.C.: Government Printing Office.
- _____. 1911b. *The Mind of Primitive Man*. New York: Macmillan. (Rev. ed., 1938; repr. New York: The Free Press, 1965.).
- _____. 1939. Edward Sapir. *IJAL* 10: 58-59.
- _____. 1940. *Language, race and culture*. Londres: Collier-MacMillan, 1940.
- BORGES, L. C. 1990. As máscaras da conveniência. *ABRALIN* 10: 175-186.
- BORGES NETO, J. 1980. Apontamentos para uma tipologia dos modelos linguísticos. *Letras* 29: 75-87.
- _____. 1982. O Linguista: profissão e mercado de trabalho. *ABRALIN* 3: 12-17.
- _____. 1986. Linguística no Brasil: mera importação de modelos estrangeiros? *ABRALIN* 8: 77-82.
- _____. 1987. Filosofia da Linguística. Trabalho apresentado no Simpósio *Filosofia da Linguística*, SBPC, 39ª Reunião Anual, Brasília, MS.
- _____. 1988. A incomensurabilidade e a "compatibilização" de teorias. Trabalho apresentado na 40ª Reunião Anual da SBPC, São Paulo, MS.
- _____. 2004. *Ensaio de filosofia da Linguística*. São Paulo: Parábola.
- BUNGE, M. 1980. *Ciência e desenvolvimento*. Trad. de Cláudia Junqueira do orig. espanhol. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.

- BRIGGS, C. L. 2002. Linguistic Magic Bullets in the Making of a Modernist Anthropology. *American Anthropologist* 104 (2), pp. 17-78
- BRIGHT, J. O.; et BRIGHT, W. 1965. Semantic structures in northwestern California and the Sapir-Whorf hypothesis. *American Anthropologist*, 67, 249-258.
- BUNZL, M. 1996. Franz Boas and the Humboldan tradition: from *Volksgeist* and *Nationalcharakter* to an anthropological concept of culture. In: Stocking, G. W., Jr. (ed.) *Volksgeist as a method and ethic: essays on Boasian ethnography and the German anthropological tradition*. Madison, WI: University of Wisconsin Press.
- CAIN, M. 1980. Edward Sapir and Gestalt Psychology. *Anthropological Linguistics*, 22, 141-150.
- CAROLL, J. B. 1956. Introduction. In: Carroll, J. B. (ed.), *Language, thought and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge, MA: The MIT Press, pp. 1-34.
- CASAGRANDE, J. B. 1954. The ends of translation. *International Journal of American Linguistics*, 20, 335-340.
- CASSON, R. W. (ed.). 1981. *Language, culture and cognition: anthropological perspectives*. New York: Macmillan.
- CASTRO, C. 2004. Apresentação. In BOAS, F. 2004. *Antropologia Cultural*.
- CHOMSKY, N. 1972 [1966]. *Linguística cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista*. Trad. de Francisco M. Guimarães. Petrópolis e São Paulo: Vozes e Edusp.
- _____. 1973. *Linguagem e pensamento*. Petrópolis: Vozes.
- COLLINS, H. (ed.). 1982. *Sociology of scientific knowledge*. Bath: Bath University Press.
- COSTA, C. 2005. *Sociologia. Introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna.
- COWAN, W ; FOSTER, M.; KOERNER, E. F. K. (dir.). 1986. *New Perspectives in Language, Culture and Personality*. Amsterdam, Philadelphie : John Benjamins, 1986. SiHoLS, 41. Proceedings of the Edward Sapir Centenary Conference (Ottawa, 1-3 October 1984). Studies in the History of the Language Sciences.
- CRAM, D. 2007. Shelf life and time horizons in the Historiography of Linguistics. *Historiografia Linguística* 34, 2/3: 189-212.
- CRYSTAL, D. 1997. *The Cambridge encyclopedia of language*. New York, NY: Cambridge University Press, 2^a ed.
- DARNELL, R. 1986a. The Emergence of Edward Sapir's mature thought. In: COWAN ET AL. 1986.
- _____. 1986b. Personality and culture: the fate of the Sapirian alternative. In: Stocking, G. (ed.), *Malinowski, Rivers, Benedict and others: essays on culture and personality*. Madison, WI: University of Wisconsin Press, pp. 156-183.
- _____. 1990a. *Edward Sapir: linguist, anthropologist, humanist*. Berkely & Los Angeles: University of California Press.
- _____. 1990b. Franz Boas, Edward Sapir, and the Americanist Text Tradition. *Historiographia Linguística*, 17, 129-144.
- _____. 1998. *And along came Boas: continuity and revolution in Americanist anthropology*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- _____. 2006. Benjamin Lee Whorf and the Boasian foundations of contemporary ethnolinguistics. In: JOURDAN & TUIE, 2006.

- DARNELL, R.; IRVINE, J. T. 1997. *Edward Sapir (1884-1939): Biographical Memoirs*. Washington D.C.: National Academies Press, p. 281- 299. Disponível em: <http://www.nap.edu/html/biomems/esapir.pdf>.
- DASCAL, M. (org.). 1982. *Fundamentos metodológicos da Linguística*. Campinas: IEL/Unicamp.
- DASCAL, M.; BORGES NETO, J. (coords.). 1991. Do que trata a Linguística afinal? *HEL* 13: 1.13-50.
- DRECHSEL, E. J. 1988. Wilhelm von Humboldt and Edward Sapir: analogies and homologies in their linguistic thought. In: Shipley, W. F. (ed.) *In honor of Mary Haas: from the Haas festival conference on Native American linguistics*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, pp. 225-264.
- DUBOIS, J. et alii. 2005 [1973]. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix.
- DURANTI, A. (ed.) 2001. *Key Terms in Language and Culture*. Malden, MA: Blackwell.
- _____. (ed.). 2006. *Linguistic anthropology: a reader*. Malden: Blackwell, 2006.
- DUTRA, L. 1998. *Introdução à teoria da ciência*. Florianópolis: Editora da UFSC.
- ECO, U. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- EGGAN, F. 1986. "An overview of Edward Sapir's career". In : COWAN, William ; FOSTER, Michael et KOERNER, E. F. Konrad (dir.). *New Perspectives in Language, Culture and Personality*. Amsterdam, Philadelphie : John Benjamins, p. 1-16. SiHoLS, 41.
- FERRAREZI JÚNIOR, C. 1997. *Nas águas dos itenês: um estudo semântico com a língua moré*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas.
- FOLEY, W. A. 1997. *Anthropological linguistics: an introduction*. Malden: Blackwell.
- FOUCAULT, M. 1966. *Les mots et les choses: une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard.
- FOUGHT, J. 1995. American Structuralism. In: KOERNER & ASHER 1995.
- FRANÇA, A. M. R. *Texto e contexto nos escritos linguísticos de Mattoso Câmara (1938-1954)*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo.
- FRANCHI, C. 1992 [1977]. Linguagem – atividade constitutiva. In: *Cadernos de estudos linguísticos*, jun-jul/1992. Campinas: Papirus.
- GOLDFARB, A. M.; MAIA, C. (coords.). 1995. *História da ciência*. São Paulo: Edusp.
- GOLLA, V. 1984. *The Sapir-Kroeber Correspondence, 1905-1925*. Berkeley Survey of California and other Indian languages.
- GONÇALVES, R. T. 2006. Humboldt e o Relativismo Linguístico. *Estudos Linguísticos* (São Paulo), 35, 1700-1709.
- _____. 2008. *Perpétua prisão órfica ou Ênio tinha três corações: o relativismo lingüístico e o aspecto criativo da linguagem*. Tese de doutoramento. Universidade Federal do Paraná.
- GOODWIN, C. 1996. Practices of Color Classification. In: *Ninchi Kagaku (Cognitive Studies: Bulletin of the Japanese Cognitive Science Society)*. 3(2): 62-81.
- GOODENOUGH, W. 1964 [1957]. Cultural anthropology and linguistics. In: Hymes, D. H. (ed.), *Language in culture and society: a reader in linguistics and anthropology*. New York: Harper & Row, pp. 36-39.
- GOODY, J.; WATT, I. 1968. The consequences of literacy. In: Goody, J. (ed.) *Literacy in traditional societies*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 27-68.

- GRANGER, G. G. 1980. Sobre a unidade da ciência. Trad. de Maria Beatriz Nizza da Silva. *Ciência e Filosofia* 2: pp. 7-25.
- GREENBERG, J. H. 1966. Language universals. In: Sebeok, T. A. (ed.), *Current trends in linguistics. Vol. III: Theoretical foundations*. The Hague: Mouton, pp. 61-112.
- GUMPERZ, J. J.; LEVINSON, S. C. (eds.) 1996. *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HARRIS, M. 2008 [1979]. *El desarrollo de la teoría antropológica: una historia de las teorías de la cultura*. Trad. de Ramón V. del Toro. Madrid: Siglo XXI de España Editores.
- HARRIS, Z. S. 1944. Yokuts structure and Newman's grammar. *IJAL* 10: 196-211.
- _____. 1945. Navaho phonology and Hoijer's analysis. *IJAL* 11: 196-211.
- _____. 1951. Review of Mandelbaum (1949). *Language* 27: 288-303.
- HAUGEN, E. 1977. Linguistic relativity: myths and methods. In: McCormack, W. et Wurm, S. (eds.), *Language and thought: anthropological issues*. The Hague: Mouton, pp. 11-28.
- HEYNICK, F. 1983. From Einstein to Whorf: space, time, matter and reference frames in physical and linguistic relativity. *Semiotica*, 45, 1/2, 35-64.
- HILL, J. H.; MANNHEIM, B.. 1992. Language and World View. *Annual Review of Anthropology* 21: 381-406.
- HOCKETT, C. F. 1954. Two Models of Grammatical Description. *Word*, 10, 210-231.
- HOËM, I. 1993. Space and Morality in Tokelau. In: *Pragmatics* 3(2): 137- 154.
- HOIJER, H. 1953. The relation of language to culture. In: Kroeber, A. L. (ed.), *Anthropology today*. Chicago: University of Chicago Press, pp. 554-573.
- _____. 1954. The Sapir-Whorf hypothesis. In: Hoijer, H. (ed.) *Language in culture: proceedings of a conference on the interrelations of language and other aspects of culture*. Chicago: University of Chicago Press, 92-105.
- _____. 1964. Linguistic and cultural change. *Language in culture and society: a reader in linguistics and anthropology*. New York: Harper & Row, pp. 455-462. (Reimpresso de *Language*, 1948, 24, 335-345).
- HOLLAND, D.; QUINN, N. (eds.). 1987. *Cultural models in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOPPER, P. J.; THOMPSON, S.A. 1980. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language* 56: 251-99.
- _____. 1984. The Discourse Basis for Lexical Categories in Universal Grammar. In: *Language*, 60, 4: 703-52.
- HYMES, D. 1964. *Language in culture and society: a reader in linguistics and anthropology*. New York: Harper & Row.
- _____. 1966. Two Types of Linguistic Relativity. In: *Sociolinguistics*. Edited by W. Bright, pp. 114-67. The Hague: Mouton.
- _____. 1970. Linguistic Method in Ethnography. In: GARVIN, P. L. 1970. *Methods and theory in Linguistics*. The Hague: Mouton, p. 249-325.
- _____. 1983. Traditions and paradigms. In: *Essays in the history of linguistic anthropology*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 345-383.
- HYMES, D.; FOUGHT, J. 1981 [1975]. *American Structuralism*. The Hague: Mouton.
- ILARI, R. 2003. *Linguagem, atividade constitutiva: idéias e leituras de um aprendiz*. Revista Letras, Curitiba, v. 61, n. Especial, p. 45-76.

- ITKONEN, E. 1991. What is methodology (and history) of linguistics good for, epistemologically speaking? *HEL* 13: 1.51-75.
- IVIC, M. 1965 [1959]. *Trends in Linguistics*. Trad. de Muriel Heppell. The Hague: Mouton.
- JAKOBSON, R. 1944. Franz Boas' approach to language. *International Journal of American Linguistics*, 10, 188-195.
- _____. 2003 [1959]. A concepção de significação grammatical Segundo Boas. In JAKOBSON, R. 2003. *Linguística e Comunicação*. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix.
- JESPERSEN, O. 1938. *Growth and structure of English language*. Oxford: Basil Blackwell.
- JORDAN, D. K. 1982. [Review of A. Bloom, *The linguistic shaping of thought: a study in the impact of language on thinking in China and the West*]. *American Anthropologist*, 84, 747-748.
- JOSEPH, J. E. 1996. The immediate sources of the "Sapir-Whorf Hypothesis". *Historiographia Linguistica*, 23, 3, 365-404.
- JOURDAN, Christine; TUIE, Kevin (ed.). 2006. *Language, culture and society*. New York, NY: Cambridge University Press.
- KATZ, J. (ed.). 1985. *The Philosophy of Linguistics*. Oxford: Oxford Univ. Press.
- KAY, P.; KEMPTON, W. 1984. What is the Sapir-Whorf hypothesis? *American Anthropologist*, 86, 65-79.
- KAY, P.; MAFFI, L. 2000. Color Appearance and the Emergence and Evolution of Basic Color Lexicons. *American Anthropologist* 101: 743-60.
- KETTEL, E. 1991. *The historiography of grammatical concepts*. Amsterdam: Rodopi.
- KOERNER, E. F. K. 1978. *Toward a Historiography of Linguistics: selected essays*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- _____. (ed.) 1984. *Edward Sapir: appraisals of his life and work*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- _____. 1989. *Practicing linguistic historiography: selected essays*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- _____. 1991. *First person singular II: autobiographies by North American scholars in the language sciences*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- _____. 1992. The Sapir Whorf Hypothesis: a preliminary history and bibliographical essay. *Journal of Linguistic Anthropology*, 2, 173-198.
- _____. 1995. *Professing linguistic historiography*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.
- _____. 1999. The immediate and not so immediate sources of the "Sapir-Whorf Hypothesis". In: Koerner, E. F. K. *Linguistic historiography. Projects & prospects*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- _____. 2004. *Essays in the History of Linguistics*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.
- KOERNER, E. F. K.; ASHER, R. E. (eds.). 1995. *Concise history of the language sciences: from the sumerians to the cognitivists*. Oxford & New York: Pergamon Press.
- KOERNER, E. F. K.; AROUX, S.; NIEDEREHE, H. J., VERSTEEG, K. (eds.). 2001. *History of the Language Sciences: an international handbook on the evolution of the study of language from the beginning to the present*. Berlin; New York: Walter de Gruyter.
- KROEBER, A. L. 1917. The Superorganic. *American Anthropologist*, 19, 163-213.

- _____. 1984 [1959]. Reflections on Edward Sapir, scholar and man. In: Koerner, E. F. K. (ed.) 1984. *Edward Sapir: appraisals of his life and work*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, pp. 131-139.
- KUHN, T. 2000. *A estrutura das revoluções científicas*. Trad. de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira do orig. em inglês de 1962. 5ª Ed. São Paulo: Perspectiva.
- KRISTEVA, J. 1980. *História da linguagem*. Trad. de Maria M. Barahona do orig. francês. Lisboa: Edições 70.
- LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (eds.) 1970. *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix/Edusp.
- LAKATOS, I. 1978. *The methodology of scientific research programmes*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 1999. *Falsificação e metodologia dos programas de investigação científica*. Trad. de Emília Marinho Mendes. Lisboa: Edições 70.
- LANDAR, H. 1966. *Language and culture*. New York: Oxford University Press.
- LANGACKER, R. W. 1976. Semantic representations and the linguistic relativity hypothesis. *Foundations of language* 14, 3: 307-357.
- LAUDAN, L. 1977. *Progress and its problems*. Berkeley: Berkeley University Press.
- _____. 1993. Mudança científica: modelos filosóficos e pesquisa histórica. *Estudos avançados*, v. 7, nº 19, pp. 7-89. Dossiê Filosofia da Ciência. Trad. de Caetano Ernesto Platino. Texto originalmente publicado em *Synthese* 69, pp. 141-223.
- LAW, V. 2003. *The history of Linguistics in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEAVITT, J. 2006. Linguistic relativities. In: JOURDAN, Christine; TUIE, Kevin (ed.). *Language, culture and society*. New York, NY: Cambridge University Press, 2006, p. 47-81.
- LEE, P. 1994. New work on the Linguistic Relativity question. *Historiographia Linguistica*, 21, 1/2, 173-191.
- _____. 1996. *The Whorf theory complex: a critical reconstruction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- LEITE, Y. 1975. Linguística e Antropologia. *Ciência e cultura* 27: 12. 1281-1292.
- LENNEBERG, E. H. 1967. *Biological foundations of language*. New York: Wiley.
- LEPSCHY, G. C. 1975. *A Linguística estrutural*. Trad. de Nites Therezinha Feres do orig. italiano. São Paulo: Perspectiva.
- _____. 1994. *History of Linguistics*. 4 vol. London: Longman.
- LEROY, M. 1971. *As grandes correntes da Linguística moderna*. Trad. de Isidoro Blinkstein e J. P. Paes do orig. francês. São Paulo: Cultrix.
- LEVINSON, S. C. 2000. Dnye and the Theory of Basic Color Terms. *Journal of Linguistic Anthropology* 10.1: 3-55.
- LOWIE, R. H. 1984 [1956]. Comments on Edward Sapir, his Personality and Scholarship. In: KOERNER 1984.
- LUCCHESI, D. 2004. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da Linguística moderna*. São Paulo: Parábola.
- LUCY, J. A. 1985. The historical relativity of the linguistic relativity hypothesis. *The Quarterly Newsletter of the Laboratory of Comparative Human Cognition*, 7, 103-108.
- _____. 1992a. *Language Diversity and Thought: A Reformulation of the Linguistic Relativity Hypothesis*. Cambridge: Cambridge University Press.

- _____. 1992b. *Grammatical Categories and Cognition: A Case Study of the Linguistic Relativity Hypothesis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 1997. Linguistic Relativity. *Annual Review of Anthropology*, 26, 291-312.
- LUCY, J. A.; SHWEDER, L. A. 1979. Whorf and His Critics: Linguistic and Nonlinguistic Influences on Color Memory. *American Anthropologist* 81: 581-615.
- LYONS, J. 1972 [1969]. *Introduction to theoretical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 2009. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Trad. de Marilda Winkler Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC.
- MACKERT, M. 1993. The Roots of Franz Boas' View of Linguistic Categories as a Window to the Human Mind. *Historiographia Linguistica*, 20, 2/3, 331-351.
- MALKIEL, Y. 1968. History and Histories of Linguistics. *Romance Philology* 22: 530-566.
- MALMBERG, B. 1974. *As novas tendências da Linguística*. Trad. de Francisco B. Silva da edição francesa. São Paulo: Cia. Ed. Nacional.
- MARCONDES, D. 2010. *Textos básicos de linguagem. De Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MARTIN, L. 1986. Eskimo Words for Snow: A Case Study in the Genesis and Decay of an Anthropological Example. *American Anthropologist* 88: 418-23.
- MARTIN, R. 2003. *Para entender a Linguística*. São Paulo: Parábola.
- MATTOSO CÂMARA Jr., J. 1954. Prefácio. In: Sapir 1954.
- _____. 1961. Do tradutor para o leitor. In: Sapir 1961.
- MERTON, R. 1949. *Social theory and social structure*. Glencoe: Free Press.
- MITHUN, M. 2003. The value of Linguistic Diversity: Viewing Other Worlds through North American Indian Languages. In A. Duranti (Ed.) *A Companion to Linguistic Anthropology* Blackwell.
- MOULINES, C. U. 1980. A concepção kuhneana da ciência e a revolução newtoniana em mecânica. Trad. de João Paulo Monteiro, s.d., *Ciência e Filosofia* 2: pp. 37-48.
- MOUNIN, G. 1970. *História da Linguística: das origens ao século XX*. Porto: Despertar.
- _____. 1972. *A Linguística do século XX*. São Paulo: Martins Fontes.
- MOURA, M. M. 2004. *Nascimento da Antropologia Cultural: a obra de Franz Boas*. São Paulo: Hucitec.
- MURRAY, S. O. 1981. Sapir's Gestalt. *Anthropological Linguistics*, 23, 8-12.
- _____. 1985. A pre-Boasian Sapir? *Historiographia Linguistica*, 12, 267-269.
- _____. 1986. Edward Sapir and the Chicago School of Sociology. In.: COWAN ET AL. 1986.
- _____. 1993. *Theory Groups and the study of language in North America: a social history*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- MURRAY, S. O.; DYNES, W. R. 1986. Edward Sapir's Coursework in Linguistics and Anthropology. *Historiographia Linguistica*, 13, 125-130.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). 2004. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez.
- NARO, A. J. 1976. *Tendências atuais da Linguística e Filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

- NEWMAN, S. S. 1951. Review of Mandelbaum (1949). *IJAL* 17: 180-186.
- _____. Toward a history of American linguistics. *Historiographia Linguistica* 9: 1/2. 135-143.
- NEWMeyer, F. J. 1983. *Grammatical theory. Its limits and its possibilities*. Chicago: The University of Chicago Press.
- _____. 1986. *Linguistic Theory in America: the first quarter-century of transformational-generative grammar*. New York: Academic Press.
- _____. 1996. *Generative Linguistics: a historical perspective*. London; New York: Routledge.
- OCHS, E. 1984. Clarification and Culture. In: *Georgetown University Round Table in Languages and Linguistics*. Eds. D.Shiffirin, pp. 325-41. Washington DC: Georgetown University Press.
- OLIVA, A. 2003. *Filosofia da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- PALMER, G. B. 1996. *Toward a theory of cultural linguistics*. Austin: The University of Texas Press.
- PARRET, H. 1976. *History of Linguistic thought and contemporary Linguistics*. Berlin; New York: Walter de Gruyter.
- PAVEAU, M.; SARFATI, G. 2006. *As grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática*. São Carlos: Claraluz.
- PENN, J. 1972. Linguistic relativity versus innate ideas: the origins of the Sapir-Whorf hypothesis in German thought. *Janua Linguarum, series minor*, 120. The Hague: Mouton.
- PERCIVAL, W. K. 1976. The applicability of Kuhn's paradigms to the history of Linguistics. *Language* 52.2: 285-294.
- _____. 1996. "Sapir, Edward". In : STAMMERJOHANN, Harro (dir.). *Lexicon grammaticorum*. Tübingen: Max Niemeyer, p. 822-823.
- PINKER, S. 1994. *The language instinct: how the mind creates language*. New York: William Morrow and Company.
- _____. 2004. *Tábula rasa. A negação contemporânea da natureza humana*. Trad. de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. 2007. *The stuff of thought: language as a window into human nature*. New York: Viking – Penguin Group.
- PINXTER, R. (ed.) 1976. *Universalism versus Relativism in language and thought: proceedings of a colloquium on the Sapir-Whorf hypotheses[sic]*. The Hague: Mouton.
- POPPER, K. 1972. *Conjecturas e refutações*. Brasília: UnB.
- _____. 1975. *Lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix.
- _____. 1977. *Autobiografia intelectual*. São Paulo: Cultrix.
- RAJAGOPALAN, K. 2003. *Para uma Linguística crítica*. São Paulo: Parábola.
- ROBINS, R. H. 1967. *A short history of linguistics*. London: Longman.
- RORTY, R. 1984. "The historiography of philosophy: four genres". *Philosophy in history: essays on the historiography of philosophy*. Ed. by Richard Rorty, J[erome] B. Schneewind & Quentin Skinner, 49-75. Cambridge & New York: Cambridge University Press.
- ROSA, M. C. 2010. *Introdução à (Bio)linguística: linguagem e mente*. São Paulo: Contexto.

- ROSCH, E. 1987. Linguistic relativity. *ETC.: A Review of General Semantics [et cetera]*, 44, 254-279.
- RUBEN, V. R. 1995. Estilo, Historiografia e Linguagem: o estilo sobre o estilo. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* 5: 103-144. Campinas.
- RUMSEY, A. 1990. Wording, meaning, and linguistic ideology. *American Anthropologist*, 92, 346-361.
- SAHLINS, M. 2003 [1976]. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- SAMPSON, G. 1965. *Schools of Linguistics*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- SANTOS, B. de S. 1988. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos Avançados* 2: 2. pp. 46-71.
- SAPIR, E. 1907. Herder's *Ursprung der Sprache*. *Mod. Philol.* 5:109-42.
- _____. 1911. The history and variety of human speech. *Popular Science Monthly* 79: 45-67
- _____. 1912. Language and environment. *American Anthropologist* 14: 226-242.
- _____. 1916. *Time Perspective in Aboriginal American Culture: A Study in Method*. Canada Department of Mines, Geological Survey, Memoir 90. Anthropological Series, No. 13.
- _____. 1917. Do we need a superorganic? *Am. Anthropol.* 19:441-47.
- _____. 1921. *Language: An Introduction to the Study of Speech*. New York: Harcourt Brace.
- _____. 1922. *The Takelma language of Southwestern Oregon*. In: Boas 1922, p. 1-296.
- _____. 1923. An approach to symbolism (Review of Ogden & Richards). *The Freeman* 7: 572-573.
- _____. 1924. The Grammarian and his language. *American Mercury* 1: 149-155.
- _____. 1925. Sound patterns in language. *Language* 1:37-51.
- _____. 1927a. Anthropology and sociology. In *The Social Sciences and Their Interrelations*, ed. W. F. Ogburn and A. Goldenweiser, pp. 97-113. Boston: Houghton Mifflin.
- _____. 1927b. Language as a form of human behavior. *The English Journal* 16: 421-433.
- _____. 1927c. Speech as a personality trait. *Am. J. Soc.* 32:892-905.
- _____. 1928. The unconscious patterning of behavior in society. In *The Unconscious: A Symposium*, ed. E. S. Dummer, pp. 114-42. New York: Knopf.
- _____. 1929. The Status of Linguistics as a Science. *Language* 5: 207-14.
- _____. 1930. The Southern Paiute language: Southern Paiute, a Shoshonean language; Texts of the Kaibab Paiutes and Uintah Utes; Southern Paiute dictionary. *Proc. Am. Acad. Arts Sci.* 65(1):1-296; (2):297-536; (3):537-730.
- _____. 1932. Cultural anthropology and psychiatry. *J. Abnorm. Soc. Psychol.* 27:229-42.
- _____. 1933a. Language. *Encyclopaedia of Social Sciences* 9: 155-169.
- _____. 1933b. La réalité psychologique des phonèmes. *J. Psychol. Norm. Pathol.* 30:247-65.
- _____. 1934a. The emergence of the concept of personality in a study of cultures. *J. Soc. Psychol.* 5:408-15.
- _____. 1934b. Symbolism. *Encyclopaedia of Social Sciences* 14: 492-495.
- _____. 1947. The relation of American Indian linguistics to general linguistics. *Southwest. J. Anthropol.* 1-14.

- _____. 1949. *Selected Writings of Edward Sapir in Language, Culture and Personality*, ed. D. G. Mandelbaum. Berkeley: University of California Press
- _____. 1954 [1938]. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Trad. e apêndice de J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- _____. 1961. *Linguística como ciência: ensaios*. Seleção, trad. e notas de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- _____. 1999. *The collected works of Edward Sapir. 3. Culture*. Edit. por Regna Darnell et alii. Berlin: Walter de Gruyter.
- _____. 2008. *The collected works of Edward Sapir. 1. General linguistics*. Edit. por Pierre Swigers et alii. Berlin: Walter de Gruyter.
- SAPIR, J. D. 1985. Introducing Edward Sapir. *Language in Society*, Vol. 14, N° 3: 289-297.
- SAUSSURE, F. 2003 [1916]. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.
- SWADESH, M. 1939. Edward Sapir. *Language* 15: 132-135.
- SCHAFF, A. 1991. *História e verdade*. Trad. de Maria Paula Duarte do orig. francês. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. 1993. *História do falar e história da Linguística*. Trad. de Fernando Tarallo do orig. alemão. Campinas: Ed. da Unicamp.
- SEARLE, J. 1977. *La revolución de Chomsky em Linguística*. Trad. de Carlos Manzano do orig. inglês. Barcelona: Anagrama.
- SEBEEK, T. A. (ed.) 1975. *Current trends in Linguistics. Vol. XIII: Historiography of Linguistics*. Paris: Mouton.
- SEUREN, P. A. M. 1998. *Western Linguistics : a historical introduction*. Oxford (UK); Massachussets (USA): Blackwell.
- SIMONE, R. 1975 [1973]. "Théorie et histoire de la linguistique". *Historiographia linguistica* 2, 353-378.
- SLOBIN, D. I. 1996. From 'Thought and Language' to 'Thinking for Speaking.' In: *Rethinking Linguistic Relativity*. Eds. J. J. Gumperz and S. C. Levinson, pp. 70-96. Cambridge: Cambridge University Press.
- SPIER, L.; HALLOWELL, A. I.; NEWMAN, S. S. [eds.] 1941. *Language, Culture and Personality: essays in memory of Edward Sapir*. Menasha: Sapir Memorial Publication Fund.
- STAM, J. H. 1980. An historical perspective on "Linguistic relativity". In: Rieber, R. W. (ed.), *Psychology of language and thought: essays on the theory and history of psycholinguistics*. New York: Plenum, pp. 239-262.
- STOCKING Jr., G. W. 2004 [1999]. Os pressupostos básicos da Antropologia de Boas. In: BOAS, F. 2004. *A formação da Antropologia Americana*. Rio de Janeiro : Contraponto/ Ed. UFRJ.
- SWIGGERS, P. 1979. Note épistémologique sur le statut de l'historiographie de la linguistique. *Histoire, Epistémologie, Langage*. 1: 1. 61-63.
- _____. 1981. The history writing of Linguistics: a methodological note. *General Linguistics* 21: 1. 11-16.
- _____. 1983a. La méthodologie de l'historiographie de la Linguistique. *FLH* 4: 55-79.
- _____. 1983b. Qu'est-ce qu'une théorie (en) linguistique. *Modèles Linguistiques* V.1: 3-15.

- _____. 1990. Reflections on (models for) Linguistic Historiography. In: Hüllen, Werner (ed.). *Understanding the historiography of linguistics. Problems and projects*. Symposium at Essay, 23-25 nov. 1989, Münster: Nodus, 1990. p. 21-34.
- _____. 1996. XXth-Century theories of language: an epistemological diagnosis. *Linguistica XXXVI*: 3-15.
- _____. 1997. *Histoire de la pensée linguistique: analyse du langage et réflexion linguistique dans la culture occidentale, de l'Antiquité au XIXe siècle*. Paris: PUF.
- _____. 2005. Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la Lingüística. In: *Nuevas aportaciones a la historiografía Lingüística*. Actas del IV congreso internacional de la SEHL. La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003, 113-145.
- TALMY, L. [1983]2000. How Language Structures Space. In: *Toward a Cognitive Semantics, Vol. I: Conceptual Structuring Systems*, pp. 177-254. Cambridge, MA: MIT Press.
- VANDRESEN, P. 2004. Mattoso Câmara – 100 anos. *Anais do 6º encontro do CELSUL*.
- VOEGELIN, C. F. 1949. Linguistics without meaning and culture without words. *Word*, 5, 36-42.
- _____. 1966 [1952]. “Edward Sapir”. In: SEBEEK, Thomas Albert (dir.). *Portraits of Linguists. A Biographical Source Book for the History of Western Linguistics, 1746-1963 (vol. 2)*. La Haye, Paris: Mouton, 1966, p. 489-492. From Eduard Sievers to Benjamin Lee Whorf.
- WEEDWOOD, B. 2001. *História concisa da Lingüística*. Trad. de Marcos Bagno do orig. inglês. São Paulo: Parábola.
- WHALEY, L. J. 1997. *Introduction to Typology: the unity and diversity of language*. London: Sage.
- WHORF, B. L. 1938. Some Verbal Categories of Hopi. *Language* 14: 275-86.
- _____. 1941. The Relation of Habitual Thought and Behavior in Language. In: *Language, Culture, and Personality: Essays in Honor of Edward Sapir*. Eds. L. Spier, A. I. Hallowell, and S. S. Newman, pp. 75-93. Menasha, WI: Sapir Memorial Publication.
- _____. 1940. Science and Linguistics. *Technological Review* 42: 229-31, 247-48.
- _____. 1950. An American Indian Model of the Universe. *International Journal of American Linguistics* 16:67-72.
- _____. 1956a. *Language, thought and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. (ed. J. B. Carroll). Cambridge, MA: The MIT Press.
- _____. 1956b. A Linguistic Consideration of Thinking in Primitive Communities. In: Whorf 1956a
- _____. 1956c. Grammatical Categories. In: Whorf 1956a
- WITHERSPOON, G. 1980. Language in culture and culture in language. *International Journal of Anthropological Linguistics*, 46, 1-13.